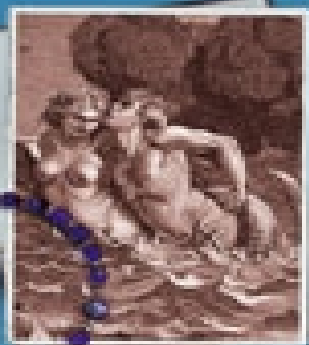


ROMANCE

VENCEDOR DO QUILL AWARD PARA FICÇÃO
EM 2005 E NOMEADO PARA O IMPAC DUBLIN
LITERARY AWARD EM 2006.



Sue Monk Kidd

a ilha das Garças



EDIÇÃO
ASA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

A ILHA DAS GARÇAS

Sue Monk Kidd

TÍTULO ORIGINAL: “THE
MERMAID CHAIR”

TRADUZIDO DO INGLÊS POR
ISABEL ALVES

ASA LITERATURA

1ª edição: Novembro de 2007

Para Scott Taylor e Kellie Bayuzick Kidd com muito amor

AGRADECIMENTOS

É um privilégio agradecer àqueles que tornaram este livro possível. Começo pela minha fantástica revisora de texto, Pamela Dor-man. Nunca será de mais salientar a importância do seu excelente trabalho de revisão nem o enorme apoio que me prestou, tanto a mim como ao meu trabalho.

Estou grata à minha agente literária, Jennifer Rudolph Walsh. Um escritor não poderia desejar guia mais genial nem defensora mais acérrima. Agradeço também profundamente a Virginia Bar-ber, agente literária de extraordinária valia que desde o princípio me concedeu o seu apoio.

Estou grata a todas as maravilhosas pessoas da Viking Penguin: Susan Peterson Kennedy, Clare Ferraro, Kathryn Court, Francesca Belanger, Paul Buckley, Leigh Butler, Rakia Clark, Carolyn Cole-burn, Tricia Conley, Maureen Donnelly, John Fagan, Hal Fessen-den, Bruce Giffords, Victoria Klose, Judi Powers, Roseanne Serra, Nancy Sheppard, Julie Shiroishi e Grace Veras. Agradeço também ao fabuloso departamento de vendas: Dick Heffernan, Norman Lidofsky, Mike Brennan, Phil Budnick, Mary Margaret Callahan, Hank Cochrane, Fred Huber, Tim McCall, Patrick Nolan, Don Redpath, Katya Shannon, Glenn Timony e Trish Weyenberg.

Tenho uma dívida de gratidão para com as seguintes pessoas por se disponibilizarem para responder às minhas perguntas: Greg Reidinger, por ter partilhado comigo os seus conhecimentos sobre barcos e pelas suas ideias úteis; Dr^a Deborah Milling, pela sua generosidade em ajudar-me nas questões médicas do livro; Tim Currie, por me ter ajudado a compreender as complexidades de atar tarrafas manualmente; Trenholm Walker, pela informação de fundo sobre a legislação ambiental; Dr. Frank Morris, que amavelmente me fez traduções do latim.

Não consigo imaginar a escrita deste livro sem o carinho dos amigos que me ofereceram sabedoria e encorajamento: Terry Hel-wig, Susan Hull Walker, Carolyn Rivers, Trisha Sinnott, Curly Clark, Lynne Ravenel, Carol Graf e Donna Farmer.

Estou grata a Jim Helwig pela amizade e boa disposição. Agradeço a Patti Morrison por ter estado sempre disponível com a sua ajuda e excelente café.

Gostaria de agradecer à minha família. A minha filha, Ann Kidd Taylor, ajudou-me na pesquisa, oferecendo conselhos perspicazes e ideias para a história. Não há dúvida de que A Ilha das Garças é um romance melhor graças à Ann. Scott Taylor, o meu genro, foi um excelente consultor informático e da Internet, um poderoso promotor do meu trabalho que me ajudou a encontrar informação sobre tudo, desde o baseball à verdadeira cor do camarão. O meu filho, Bob Kidd e a minha nora, Kellie Kidd, sempre me incentivaram com grande entusiasmo e apoio. Roxie Kidd e Ben Taylor entraram ambos na minha vida durante a escrita deste romance e recordam-me todos os dias aquilo que verdadeiramente importa. Os meus pais, Leah e Ridley Monk foram perfeitos paladinos do meu trabalho e encheram a minha vida de amor e generosidade.

Dedico o meu mais profundo amor e gratidão ao meu marido, Sandy. Durante a escrita deste livro, nunca deixou de me dar amor, humor, perspectiva, bons conselhos, paciência e o melhor dos seus talentos culinários, ameaçando apenas uma vez inscrever-se num grupo de apoio a Cônjuges de Escritores.

*Não te amo como se fosses uma rosa de sal, topázio ou flecha de cravos
que propagam o fogo: amo-te como se ama certas coisas obscuras,
secretamente, entre a sombra e a alma.*

Pablo Neruda

*Os amantes não se encontram por fim em qualquer lado. Estão dentro
um do outro desde o princípio.*

Rumi.

PRÓLOGO

A meio do meu casamento, quando eu era sobretudo a mulher do Hugh e a mãe da Dee, uma dessas mulheres sem ambiguidade nem desejo de perturbar o universo, apaixonei-me por um monge beneditino.

Aconteceu durante o Inverno e a Primavera de 1988, embora só agora, um ano depois, me sinta pronta a falar sobre isso. Diz-se que uma pessoa aguenta qualquer coisa desde que consiga contar uma história sobre ela.

Chamo-me Jessie Sullivan. Estou na proa de um ferry, contemplando BulPs Bay até à ilha de Egret, uma pequena ilha-barreira ao largo da costa da Carolina do Sul onde cresci. Vejo-a a um quilómetro e meio de distância na água, uma pequena curva castanho-avermelhada e verde. No vento paira a fragrância da minha juventude, na água uma tonalidade azul ultramar, cintilando como tafetá. Olhando em direcção à ponta noroeste da ilha, ainda não vejo a flecha da igreja do mosteiro mas sei que está lá, perfurando a tarde branca.

Espanta-me o quão dócil eu era antes de o conhecer, como me adaptava ao mais pequeno espaço possível, os meus dias do tamanho de pequenas contas que me passavam desapaixonadamente por entre os dedos. São tão poucas as pessoas que sabem aquilo de que são capazes. Aos quarenta e dois anos, nunca tinha feito nada que considerasse arrabatador, e agora suponho que isso fazia parte do problema – a minha incapacidade crónica para me surpreender.

Acreditem, ninguém me julga mais severamente do que eu própria; provoquei uma derrocada aparatosa. Há quem diga que caí em desgraça; esses são amáveis. Não caí, mergulhei.

Há muito tempo, quando eu e o meu irmão remávamos a sua pequena chata através do labirinto de pequenos canais de água salgada da ilha, no tempo em que eu ainda vivia ao ar livre e andava com barba-de-velho entrançada no cabelo, criando penteados compridos e alarmantes, o meu pai dizia-me que viviam sereias nas águas em redor da ilha. Afirmava que as vira uma vez do barco dele – nas horas róseas da manhã, quando o sol repousava sobre a água como uma framboesa

flutuante. Disse que as sereias nadaram até ao barco como golfinhos, surgindo com as ondas e mergulhando.

Eu acreditava em todas as coisas bizarras que ele dizia.

– Sentam–se em penedos e penteiam o cabelo? – perguntei–lhe. Não fazia diferença que não tivéssemos penedos em redor da ilha, apenas as ervas pantanosas que se transformavam ao longo do ano – de verdes em castanhas, depois em amarelas e novamente em verdes –, o duradouro ciclo da ilha, que também girava dentro do meu corpo.

– Sim, as sereias sentam–se nos penedos e aperaltam–se – respondeu o meu pai. – Mas a principal missão delas é salvar seres humanos. Foi por isso que se aproximaram do meu barco... para estarem por perto se eu caísse ao mar.

No fim, as sereias não o salvaram. Mas interrogo–me se não me terão salvo a mim. Uma coisa sei: as sereias acabaram por vir ao meu encontro nas horas róseas da minha vida.

São a minha consolação. Por elas mergulhei de braços abertos, a minha vida fluindo atrás de mim, um salto contra tudo o que era correcto, contra todas as expectativas, mas um salto que foi, de algum modo, redentor e necessário. Como poderei alguma vez explicá–lo ou justificá–lo? Mergulhei e surgiu simplesmente um par de braços invisíveis, braços magnânimos, como a musculatura da graça que de súbito se revela. Apanharam–me depois de eu transpor a água, transportando–me, não à superfície mas ao fundo, e só então puxando–me para cima.

À medida que o ferry se aproxima da doca da ilha, o vento fustiga–me, carregado de mil coisas: do odor a peixe, do alvoroço dos pássaros, da brisa das folhas verdes dos palmitos, e já sinto a história espreitar, como uma estranha criatura que do fundo da água sobe à tona. Talvez acabe agora com ela. Talvez me perdoe a mim mesma e a história me ampare como um par de braços enquanto viver.

O capitão toca a sua buzina, anunciando a chegada, e eu penso: Sim, estou a regressar aqui, a mulher que desceu ao fundo e subiu à tona. Que quis nadar como os golfinhos, galgando as ondas e mergulhando. Que apenas quis pertencer a si própria.

CAPÍTULO 1

No dia 17 de Fevereiro de 1988, abri os olhos e ouvi uma procissão de sons: primeiro, o telefone a tocar do outro lado da cama, acordando-nos às 5h04 da manhã, para aquilo que só podia ser uma calamidade, depois a chuva a martelar no telhado da nossa velha casa vitoriana, avançando na sua enxurrada furtiva até à cave e, por fim, pequenas baforadas de ar vindas do lábio inferior do Hugh, perfeitamente cadenciadas como um metrónomo.

Vinte anos destas baforadas. Tinha-as ouvido mesmo quando ele não estava a dormir, quando estava sentado na sua poltrona de orelhas de couro depois do jantar, a ler as publicações sobre Psiquiatria que se empilhavam no chão, e parecia ser a cadência que constituía o pano de fundo de toda a minha vida.

O telefone voltou a tocar e eu esperei que o Hugh atendesse, certa de que seria um dos seus doentes, provavelmente o esquizofrénico paranóico que tinha ligado na noite anterior, convencido de que a CIA o encurralara num edifício federal no centro de Atlanta.

Um terceiro toque e o Hugh procurou às apalpadelas o auscultador.

– Estou? – disse ele, numa voz que saiu roufenha, ainda com vestígios de sono.

Nesse momento, virei-me para o lado contrário e olhei para a luz débil e aguada na janela, lembrando-me de que era Quarta-Feira de Cinzas e sentindo o inevitável acesso de culpa.

O meu pai morrera numa Quarta-Feira de Cinzas, quando eu tinha nove anos e, de um modo convoluto, um modo que só para mim fazia sentido, a culpa fora, pelo menos em parte, minha.

O barco dele começara a arder, uma explosão no depósito de combustível, disseram. Semanas mais tarde, tinham dado à costa fragmentos do barco, incluindo uma secção da popa com o nome Jessie escrito. Ele dera o meu nome ao barco, não o do meu irmão, Mike, ou sequer o da minha mãe, que adorava, mas o meu, Jessie.

Fechei os olhos e vi as labaredas oleosas e uma luz laranja e feroz. Um artigo no jornal de Charleston referira-se à explosão como sendo suspeita, e tinha havido uma investigação, embora nada tivesse sido

apurado – coisas que eu e o Mike descobríamos unicamente porque tínhamos surripiado o recorte da gaveta do toucador da minha mãe, um lugar estranho e secreto repleto de terços partidos, medalhas de santos abandonadas, santinhos e uma pequena estátua de Jesus sem o braço esquerdo.

Ela nunca imaginara que nos atrevêssemos a mexer em todos aqueles destroços sagrados.

Durante mais de um ano, visitei quase todos os dias esse terrível santuário e li obsessivamente o artigo, em particular a frase: "A polícia especula que uma faúlha do seu cachimbo pode ter ateado fogo a uma fuga de combustível."

Fora eu que lhe oferecera o cachimbo no Dia do Pai. Até então ele nunca tinha sequer fumado.

Ainda não conseguia separar o meu pai da palavra "suspeito", separá-lo deste dia, uma vez que se tornara cinza no próprio dia em que as pessoas por toda a parte, incluindo eu, o Mike e a minha mãe, ungiam a testa de cinza na igreja. Mais uma naquilo que era um conjunto negro de ironias.

– Sim, claro que me recordo de si – ouvi o Hugh dizer ao telefone, fazendo-me regressar à chamada, à manhã turva. – Sim, estamos todos bem. E por aí, como estão as coisas?

Não parecia ser um doente. E não era a nossa filha, a Dee, tinha a certeza. Percebi pelo tom formal da sua voz. Pensei se seria um dos colegas do Hugh. Ou um interno do hospital. Por vezes telefonavam para o consultar sobre algum caso embora não fosse normal que o fizessem às cinco da manhã.

Saí da cama e aproximei-me, descalça, da janela do outro lado do quarto, tentando perceber até que ponto a chuva poderia inundar novamente a cave e apagar a chama piloto no esquentador da água. Observei o nevoeiro azulado, a chuva torrencial e gelada, a rua já submersa em água, e estremeci, desejando que a casa fosse mais fácil de aquecer.

A minha insistência na compra desta casa enorme e pouco prática quase enlouquecera o Hugh e, embora já aqui vivêssemos há sete anos, ainda me recusava a criticá-la.

Adorava o pé-direito de quase cinco metros e as bandeiras das janelas em vitral. E o torreão, meu Deus... adorava o torreão. Quantas casas tinham um assim? Era preciso subir as escadas interiores em espiral para chegar ao meu atelier, umas águas-furtadas convertidas no terceiro andar, com um tecto muito inclinado e uma clarabóia – tão remoto e encantador que a Dee lhe tinha posto o nome de "torre da Rapunzel". Estava sempre a arreliar-me por causa dele. "Eh, mãe, quando relaxas?"

Era a Dee a ser brincalhona, a ser ela própria, mas ambas sabíamos o que ela queria dizer – que eu me tinha tornado demasiado austera e ciosa do meu espaço. Demasiado convencional. No último Natal, quando ela estava em casa, eu prendera com um íman um cartoon do Gary Larson no frigorífico que me proclamava a MELHOR MAMÃ DO MUNDO.

Mostrava duas vacas num pasto idílico. Uma anunciava à outra: "Não me interessa o que dizem. Eu não estou contente." Uma pequena piada para a Dee.

Recordei agora como o Hugh se tinha rido dele. O Hugh, que interpretava as pessoas como se fossem Rorschachs humanos, mas não vira nele nada de sugestivo. A Dee, que o estudara durante imenso tempo, lançou-me então um olhar esquisito. Não tinha achado graça nenhuma.

Para ser franca, andava a sentir-me inquieta. Tinha começado no Outono esta sensação do tempo a passar, de adiamento, de confinamento, de não querer subir ao atelier.

Por vezes a sensação surgia de repente, como os detritos do fundo do oceano – como o inesperado descontentamento das vacas na sua pastagem. Um constante ruminar.

Com o Inverno, a sensação tinha-se intensificado. Via uma vizinha a correr pelo passeio diante da casa, a treinar, imaginava eu, para a escalada do Kilimanjaro, ou uma amiga no meu clube de leitura a fazer um relato minucioso do seu bungee jump de uma ponte na Austrália, ou – e este era o pior de todos – um programa televisivo sobre alguma mulher intrépida a viajar sozinha na paisagem azul da Grécia, e sentia-me submergida pelo pequeno rio de centelhas que parecia fluir por baixo de tudo isso, pelo sangue/seiva/ vinho, pela energia, o que quer que

fosse. Encheira-me de um sentimento de privação da imensidão do mundo, das coisas extraordinárias que as pessoas faziam das suas vidas – embora, no fundo, eu não desejasse fazer nenhuma dessas coisas em particular. Não sabia então o que desejava, mas o anseio era palpável.

Senti-o nessa manhã, junto da janela, a forma rápida e furtiva como se insinuou, e não fazia ideia do que dizer a mim mesma sobre ele. O Hugh parecia pensar que o meu desalento, ou o que quer que fosse que me invadia, se devia à ida da Dee para a universidade, o cliché do ninho abandonado e tudo isso.

No Outono passado, depois de a instalarmos em Vanderbilt, eu e o Hugh voltáramos a correr para casa para ele poder jogar no Waverly Harris Câncer Classic, um torneio de ténis para o qual se andara a preparar durante todo o Verão. Passara três meses a praticar duas vezes por semana, sob o sol tórrido da Geórgia, com uma excelente raquete de grafite Prince. Eu viera o caminho todo desde Nashville a chorar. Estava constantemente a imaginar a Dee à porta da residência universitária a dizer adeus enquanto nos afastávamos. Tocou no olho, no peito, e depois apontou para nós – uma coisa que fazia desde pequenina. Olho. Coração. Vocês. Fiquei arrasada. Quando chegámos a casa, apesar dos meus protestos, o Hugh contactou o parceiro dele nas partidas de pares, o Scott, para que o substituísse no torneio e ficou em casa a ver um filme comigo. Oficial e Cavalheiro. Fez um esforço enorme para fingir estar a gostar.

A profunda tristeza que senti no carro nesse dia durara ainda duas semanas, mas acabara por passar. Sentia, sim, saudades da Dee – claro que sentia –, mas não acreditava que fosse essa a verdadeira razão.

Naquela altura, o Hugh insistira comigo para que consultasse a Dr^a Ilg, uma das psiquiatras do hospital. Eu recusara, invocando que ela tinha um papagaio no consultório.

Sabia que a resposta ia pô-lo louco. Não era a verdadeira razão, naturalmente – não tenho nada contra o facto de as pessoas terem papagaios, excepto o facto de os terem em gaiolas pequenas. Mas servi-me dela como uma forma de lhe mostrar que não levava a sério a sugestão. Foi uma das raras ocasiões em que não acedi a um desejo dele.

– Pronto, tem um papagaio, e depois? – tinha ele dito. – Ias gostar dela. – Talvez sim, mas não tinha coragem de ir tão longe, de remexer na

sopa de letras da infância, esperando formar frases esclarecedoras que explicassem por que razão as coisas eram como eram. Evocava em mim uma certa rebelião.

Mas a verdade é que, por vezes, cheguei a representar mentalmente sessões imaginárias com a Dr^a Ilg. Falava-lhe do meu pai e, entre resmungos, ela tomava notas num pequeno bloco – não parecia fazer mais nada. Imaginei a ave dela como uma catatua de um branco ofuscante, empoleirada nas costas da cadeira dela, gritando opiniões flagrantes e repetindo-se como um coro grego: "Sentes-te culpada, sentes-te culpada, sentes-te culpada."

Não há muito tempo – não sei o que me deu – falara ao Hugh destas sessões imaginadas com a Dr^a Ilg, incluindo o pássaro, e ele sorrira: – Se calhar devias ir ver só o pássaro – disse ele.

– A tua Dr^a Ilg parece uma idiota.

Agora, do outro lado do quarto, o Hugh escutava a pessoa ao telefone, murmurando: – Hum, hum. – A sua expressão fixara-se naquilo que a Dee chamava "a Grande Carranca", as feições crispadas num estado de atenção grave e intensa, em que quase se viam os vários pistões do seu cérebro a subir e a descer: Freud, Jung, Adler, Horney, Winnicott.

O vento fustigava o telhado e eu ouvi a casa começar a cantar – como habitualmente acontecia – com uma voz operática muito à Beverly "Shrill", como nós gostávamos de dizer. Havia também portas que se recusavam a fechar, casas de banho antigas onde os autoclismos se negavam subitamente a funcionar ("As retretes estão outra vez com prisão de ventre!" gritava a Dee) e eu tinha de estar constantemente alerta para impedir o Hugh de exterminar os esquilos voadores que viviam no fogão de sala do escritório dele. Se alguma vez nos divorciássemos, gracejava ele, seria por causa de esquilos.

Mas, sinceramente, eu adorava tudo aquilo. Eram apenas as inundações da cave e as correntes de ar no Inverno que odiava. E agora, com a Dee no primeiro ano em Vanderbilt, o vazio – odiava o vazio.

O Hugh estava sentado do lado dele da cama, com os cotovelos apoiados nos joelhos, as saliências da espinha visíveis sob o pijama.

– Compreende que se trata de uma situação grave, não compreende? – disse ele. – Ela tem de falar com alguém... um psiquiatra, digo eu.

Nesse momento, tive a certeza de que era um interno do hospital embora desse realmente a impressão de que o Hugh estava a falar com ele num tom superior, o que não era nada típico dele.

Através da janela, o bairro parecia inundado, como se as casas – algumas do tamanho de arcas – pudessem separar-se dos alicerces e flutuar pela rua abaixo. Desagradava-me a ideia de enfrentar o mau tempo mas tinha de sair, claro. Iria de carro ao Sagrado Coração de Maria, em Peachtree, ungir a testa com cinzas. Quando era pequena, a Dee tinha chamado à igreja por engano o "Assustado Coração de Maria". Por vezes, ainda nos referíamos as duas à igreja nestes termos e ocorreu-me então que o nome era de facto apropriado. Quero eu dizer, se Maria estava entre nós, como tantas pessoas pensavam, incluindo a minha insaciavelmente católica mãe, talvez o seu coração andasse realmente assustado. Talvez fosse porque se encontrava num pedestal tão alto e inatingível – Mãe Consumada, Boa Esposa, Paradigma Absoluto da Perfeição Feminina.

Provavelmente estava lá em cima a espreitar pelo lado, a desejar uma escada, um pára-quedas, qualquer coisa que a tirasse dali.

Desde a morte do meu pai, não houve uma vez em que tivesse deixado de ir à igreja na Quarta-Feira de Cinzas. Nem quando a Dee era bebé e eu tinha de a levar comigo, envolvida numa grossa trouxa de cobertores, munida de chupetas e biberões de leite materno. Não sei por que razão continuei a sujeitar-me àquilo, ano após ano, no Sagrado Coração de Maria. O padre com a sua monótona lengalenga. "Lembra-te que és pó e em pó te tornarás". A mancha de cinza na minha testa.

Sabia apenas que assim fora, toda a minha vida, uma maneira de ter o meu pai comigo.

O Hugh estava agora em pé.

– Quer que eu lhe diga? – perguntou, olhando para mim, e eu senti o terror a avolumar-se. Imaginei uma onda cintilante de água a percorrer a rua, a dobrar a esquina onde a velha Mrs. Vandiver construía um belveder demasiado próximo do caminho de casa dela; a onda, não colossal como um tsunami, mas uma força reluzente a avançar na minha direcção, arrastando o ridículo belveder, caixas de correio, casotas de cães, postes de electricidade, azáleas. Uma vaga certa e destruidora.

– É para ti – disse o Hugh. Inicialmente não me mexi e ele chamou pelo meu nome. – Jessie. A chamada... é para ti.

Estendeu-me o auscultador, sentado ali com o cabelo espesso despenteado na parte de trás da cabeça como o de uma criança, com um ar sério e constrangido, e a janela submersa numa chuva copiosa, um milhão de gotas plúmbeas a cair no telhado.

CAPÍTULO 2

Peguei no roupão pendurado na coluna da cama. Pondo-o pelos ombros, peguei no telefone enquanto o Hugh se deixava ficar por ali, sem saber se havia de sair. Tapei o bocal.

– Não morreu ninguém, pois não?

Ele abanou a cabeça.

– Vai-te vestir. Ou volta para a cama – disse-lhe eu.

– Não, espera... – disse ele, mas eu já estava a falar ao telefone e ele virou-se e encaminhou-se para a casa de banho.

– Coitadinha, acordei-te de madrugada – disse uma voz de mulher. – Mas quero que saibas que não foi de propósito. Estou a pé há tanto tempo que me esqueci simplesmente das horas.

– Peço desculpa – disse eu. – Quem fala?

– Meu Deus, sou uma porcaria de uma optimista, pensei que me reconhecias. É a Kat. A Kat da ilha de Egret. A tua madrinha Kat. A Kat que te mudou as malditas fraldas.

Os meus olhos fecharam-se automaticamente. Era a melhor amiga de sempre da minha mãe – uma mulher pequena, na casa dos sessenta, que usava meias com dobra, debruadas a renda, com sapatos de saltos altos, sugerindo uma velhinha delicada e excêntrica cuja capacidade para inspirar terror encolhera com os ossos, o que era profunda e perigosamente enganador.

Sentei-me na cama, sabendo que só havia uma razão para ela telefonar. Tinha a ver com a minha mãe, a célebre louca Nelle Dubois, e, a julgar pela reacção do Hugh, não devia ser nada de bom.

A minha mãe vivia na ilha de Egret onde, noutro tempo, tínhamos sido uma família – diria uma família "normal" se não vivêssemos ao

lado de um mosteiro beneditino.

Não se pode ter trinta ou quarenta monges como vizinhos e achar que é normal.

Os detritos da explosão do barco do meu pai tinham ido parar à propriedade deles. Vários monges trouxeram a prancha com Jes–Sea escrito e apresentaram-na à minha mãe como se fosse uma bandeira militar. Ela acendeu em silêncio um fogo na lareira e depois chamou a Kat e a Hepzibah, o outro membro da trindade. Juntamente com os monges, ficámos a assistir enquanto a minha mãe lançava cerimoniosamente a prancha às chamas. Eu observei as letras a enegrecer enquanto a madeira se consumia.

Por vezes, quando acordava a meio da noite, recordava-me disso, o que também aconteceu durante a cerimónia do meu casamento. Não tinha havido funeral nem serviço religioso, havia apenas esse momento para evocar.

Foi depois disso que a minha mãe começou a ir preparar o almoço dos monges, uma prática que já durava há trinta e três anos. Estava mais ou menos obcecada com eles.

– Se queres saber, acho que a nossa pequena ilha podia afun–dar–se no mar e tu ficavas na mesma – disse a Kat. – Quanto tempo passou? Cinco anos, seis meses e uma semana desde a última vez que aqui estiveste?

– É possível – respondi. A minha última visita, por ocasião do septuagésimo aniversário da minha mãe, tinha sido um desastre de proporções bíblicas.

Levara comigo a Dee, que tinha então doze anos, e tínhamos oferecido à minha mãe um fantástico pijama de seda vermelha do Saks, muito oriental, com um dragão chinês bordado na parte de cima. Ela recusara-se a aceitá-lo. E por uma razão perfeitamente estúpida, por causa do dragão, a que se referiu alternadamente como "besta", "demónio" e uma "figura de torpeza moral". Santa Margarida de Antioquia tinha sido engolida por Satanás na forma de um dragão, afirmou. Como é que eu podia esperar que ela dormisse com tal coisa?

Quando ficava assim não adiantava argumentar com ela. Atirou o pijama para o balde do lixo e eu fiz as malas.

A última vez que vi a minha mãe, estava ela no alpendre a gritar:

– Se te fores embora, escusas de voltar! – E a Dee, pobre Dee, que só queria uma avó um bocadinho normal, estava lavada em lágrimas.

A Kat levou-nos ao ferry, nesse dia, no seu carro de golfe – o que ela conduzia como uma doida pelas estradas de terra batida da ilha. Passou a viagem a tocar a buzina para distrair a Dee da choradeira.

Agora, do outro lado da linha, a Kat continuou a repreender-me em tom de brincadeira pela minha ausência da ilha, uma ausência que eu me habituara a prezar e a proteger.

Ouvi a água do chuveiro na casa de banho começar a correr. O som sobrepôs-se ao da chuva, que batia com força contra as janelas.

– Como está a Benne? – perguntei. Estava a ganhar tempo, tentando ignorar a sensação de que havia algo sobre a minha cabeça prestes a abater-se sobre mim.

– Óptima – disse a Kat. – Ainda a traduzir todos os pensamentos do Max.

Apesar da minha ansiedade crescente, soltei uma gargalhada. A filha da Kat, que devia ter agora quarenta anos, nunca tinha "regulado" muito bem, como a Kat dizia, desde que nascera. A expressão correcta era "deficiente mental", mas a Benne era também estranhamente dotada, dada a premonições de arrepiante exactidão. Havia coisas que simplesmente sabia, captando-as do ar por meio de misteriosas antenas que nenhum de nós possuía. Constava que era especialmente exímia a decifrar os pensamentos do Max, o cão da ilha que pertencia a todos e a ninguém.

– Que diz então o Max actualmente?

– O costume... "Preciso de coçar as orelhas. Preciso de lambar os tomates. A que propósito é que julgas que quero ir buscar esse teu pau idiota?"

Imaginei a Kat na casa dela, assente em altas palafitas como todas as casas da ilha. Era cor de limão. Vi-a sentada à mesa comprida de carvalho na cozinha onde, ao longo dos anos, ela, a Hepzibah e a minha mãe tinham partido e separado a carne de dez mil caranguejos azuis. "As Três Egreteiras", tinha-lhes chamado o meu pai.

– Ouve, estou a ligar por causa da tua mãe. – Pigarreou. – Tens de cá vir ver como ela está, Jessie. Não tens desculpa.

Recostei-me na cama. Senti-me como uma tenda a desmoronar-se, perdendo a estaca central, o pano a esvoaçar.

– A minha desculpa – disse eu – é que ela não me quer aí. E...

– Impossível, eu sei. Mas não podes fazer de conta que não tens mãe.

Quase me ri. Não podia fazer de conta que não tinha mãe como o mar não podia fazer de conta que não tinha sal. A minha mãe existia na minha vida, e de que maneira.

Por vezes a sua voz reverberava nos meus ossos, levantando-me praticamente do chão.

– Convidei a minha mãe para passar cá o último Natal – disse eu. – Ela veio? Claro que não. Mandeí-lhe coisas pelos anos, no Dia da Mãe... coisas sem dragões, diga-se desde já... e nem um pio dela ouvi.

Senti-me satisfeita por o Hugh ainda estar no chuveiro e não ouvir. Tive a certeza que acabara de gritar.

– Ela não precisa dos teus presentes e das tuas chamadas... precisa de ti.

De mim.

Porque se reduzia sempre a isto, a mim, à filha? Porque é que ela não ligava ao Mike na Califórnia e lhe azucrinava os ouvidos? Da última vez que eu falara com ele, disse que se tinha convertido ao budismo. Como budista teria decerto mais paciência com ela.

Instalou-se um silêncio entre nós. Ouvi a torneira do chuveiro a fechar e o estalar dos canos.

– Jessie – disse ela –, a razão pela qual liguei... Ontem a tua mãe cortou um dedo com um cutelo. O dedo indicador direito.

Tenho sempre reacções tardias às más notícias; as palavras entram, mas não o seu significado. Pairam no canto da sala por algum tempo, sobem ao tecto enquanto o meu corpo faz os ajustes necessários.

– Ela está bem? – perguntei.

– Há-de ficar bem mas tiveram de lhe operar a mão no hospital de Mount Pleasant. Claro que ela fez uma das suas famosas birras e recusou-se a passar lá a noite e por isso trouxe-a ontem para minha casa. Neste momento está na cama da Benne, a dormir sob o efeito de analgésicos, mas assim que acordar há-de querer voltar para casa.

O Hugh abriu a porta da casa de banho e uma baforada de vapor invadiu o quarto.

– Estás bem? – perguntou em surdina e eu assenti.

Ele fechou a porta e ouvi-o bater com a lâmina de barbear no lavatório. Três vezes, como sempre.

– O problema é que... – A Kat calou-se e respirou fundo. – Ouve, não me vou pôr com rodeios. Não foi um acidente. A tua mãe foi à cozinha do mosteiro e cortou o dedo. De propósito.

Nesse momento atingiu-me... com toda a força, em todo o seu horror. Apercebi-me de que uma parte de mim esperava há anos que ela cometesse um acto de loucura. Mas não isto.

– Mas porquê? Porque é que ela fez uma coisa dessas? – Senti uma ligeira náusea.

– É complicado, mas o médico que a operou disse que podia estar relacionado com falta de sono. Há dias, semanas talvez, que a Nelle andava a dormir mal.

Senti uma violenta contracção no estômago e larguei o telefone na cama, passando a correr pelo Hugh, que estava diante do lavatório com uma toalha à volta da cintura.

O suor escorria-me pelo peito e, tirando o roupão, debrucei-me sobre a retrete. Depois de vomitar o pouco que tinha no estômago, continuei a vomitar em seco.

O Hugh passou-me um pano molhado frio.

– Sinto muito – disse ele. – Queria ser eu a dizer-te mas ela insistiu. Não devia ter permitido.

Apontei para a cama.

– Preciso de um momento, mais nada.

Deixei-a pendurada ao telefone.

Ele foi pegar no auscultador enquanto eu passava o pano molhado pela nuca. Deixei-me cair na cadeira de verga no quarto, à espera que as convulsões no meu estômago parassem.

– Está a custar-lhe a digerir – ouvi-o dizer.

A minha mãe sempre fora o que se pode chamar beata, obrigando-nos, a mim e ao Mike, a deitar moedas em garrafas de leite vazias para "bebés pagãos", acendendo todas as sextas-feiras as velas do Sagrado Coração de Jesus, nos copos altos, e ajoelhando-se no chão do quarto, onde rezava o terço inteiro, beijando o crucifixo em que a figura de Jesus

estava gasta de tanta devoção. Mas muitas pessoas faziam isso. Não significava que fossem dementes.

Foi depois do incêndio no barco que a minha mãe se transformou na Joana d'Arc – mas sem exército nem guerra, apenas as estranhas compulsões religiosas. Mas mesmo então eu achava-a uma louca normal, apenas uns graus acima de beata. Quando começou a usar tantas medalhas de santos presas ao soutien que tilintava ao andar, e a cozinhar no mosteiro, comportando-se como se fosse dona dele, dissera a mim mesma que não passava de uma católica exacerbada, obcecada com a sua própria salvação.

Aproximei-me e estendi a mão para o telefone que o Hugh me passou.

– Isso não é um caso extremo de insónia – disse eu à Kat, interrompendo o que ela estava a dizer ao Hugh. – Agora enlouqueceu de vez.

– Não tornes a dizer uma coisa dessas – retorquiu rispida-mente a Kat. – A tua mãe não é louca. É uma pessoa atormentada. Há uma diferença. O Vincent Van Gogh cortou a orelha... achas que ele era louco?

– Acho, por acaso até acho.

– Pois há muita gente bem informada que acha que ele era uma criatura atormentada – disse ela.

O Hugh ainda estava ao meu lado. Fiz-lhe sinal para se ir embora, incapaz de me concentrar com ele tão próximo. Abanando a cabeça, dirigiu-se ao quarto de vestir.

– E o que é que atormenta a minha mãe? – quis saber. – Não me digas por favor que é a morte do meu pai. Já passaram trinta e três anos.

Sempre pensei que a Kat possuía um segredo qualquer sobre a minha mãe que me era vedado, um muro que escondia uma sala atrás. A Kat não respondeu imediatamente e perguntei-me se era desta vez que ela mo iria contar.

– Queres uma razão – disse ela. – E isso não ajuda. Não altera o presente.

Suspirei no mesmo momento em que o Hugh saiu do quarto de vestir com uma camisa clássica azul, de manga comprida, abotoada até ao

pescoço, um par de boxers brancos e peúgas azul-marinhas. Deteve-se a apertar o relógio no pulso, emitindo o som – a baforada – com a boca.

A cena pareceu-me quase cíclica – metódica, diária, permanente – uma cena a que eu assistira um milhar de vezes sem uma ponta de revolta, mas agora, neste momento implausível, precisamente quando esta crise com a minha mãe me caía nos braços como um bebé a chorar, senti o familiar descontentamento que crescera dentro de mim durante todo o Inverno. Avolumou-se com tal intensidade que tive a sensação de que alguém me tinha agredido fisicamente.

– Então – disse a Kat –, vens ou não?

– Vou, claro que vou.

Assim que pronunciei as palavras, senti um alívio enorme. Não por ir à ilha de Egret lidar com a grotesca situação – isso não me proporcionava qualquer alívio, apenas uma grande dose de ansiedade. Não, apercebi-me de que esta extraordinária sensação de alívio resultava do facto de ir para for'a, ponto final.

Sentei-me na cama com o telefone na mão, surpreendida comigo mesma e envergonhada. Porque, por mais terrível que esta situação com a minha mãe fosse, quase me sentia feliz com ela. Proporcionava-me algo que até àquele momento não sabia que desejava ardentemente: uma razão para partir. Uma razão excelente, correcta e até nobre de abandonar o meu belo pasto.

CAPÍTULO 3

Quando desci, o Hugh estava a fazer o pequeno-almoço. Ouvi o crepitar das salsichas Jimmy Dean antes de chegar à cozinha.

– Não tenho fome – disse eu.

– Mas tens de comer – replicou ele. – Não vais voltar a vomitar. Acredita.

Sempre que estalava uma crise, o Hugh fazia estes pequenos-almoços substanciais. Parecia acreditar no seu poder de nos reviver – ficar.

Antes de descer, marcara-me uma passagem de ida para Char-leston e cancelara os doentes do princípio da tarde para poder levar-me ao aeroporto.

Sentei-me ao balcão do pequeno-almoço, afastando determinadas imagens do pensamento: o cutelo, o dedo da minha mãe.

O frigorífico abriu com um leve ruído de sucção e depois fechou. Observei o Hugh a partir quatro ovos. Diante do fogão, mexeu-os numa frigideira com uma espátula.

Os caracóis castanhos e húmidos roçavam-lhe a parte de cima do colarinho. Preparava-me para lhe dizer que precisava de cortar o cabelo, que parecia um hippie idoso, mas contive-me, ou antes, o impulso morreu-me simplesmente na língua.

Dei antes comigo a fixá-lo. As pessoas estavam sempre a olhar para o Hugh – nos restaurantes, nas filas para o teatro, nos corredores das livrarias. Apanhava-as a olhar furtivamente, sobretudo as mulheres. O seu cabelo e os seus olhos possuíam essa intensa coloração outonal que lembra cornucópias e milho e tinha uma atraente covinha no queixo.

Uma vez tinha-me metido com ele, dizendo que quando entrávamos juntos numa sala ninguém reparava em mim porque ele era muito mais bonito e ele sentiu-se obrigado a dizer-me que eu era bela. Mas a verdade era que não me comparava com o Hugh. Ultimamente a pele junto aos meus olhos adquirira um desenho de finas linhas entrecruzadas e, por vezes, dava comigo ao espelho a repuxar as têmporas para trás com os dedos. O meu cabelo tivera sempre uma incrível tonalidade de noz-moscada, mas estava agora salpicado de fios cinzentos. Pela primeira vez, sentia a mão do tempo a impelir-me em direcção à misteriosa morada das mulheres na menopausa. A minha amiga Rae já lá residia e só tinha quarenta e cinco anos.

O Hugh parecia estar a envelhecer mais pacificamente, os seus atractivos ganhando maturidade, mas não era tanto isso como a combinação de inteligência e generosidade no seu rosto que atraía as pessoas. Fora o que me cativara no início.

Inclinei-me mais sobre o balcão, sentindo a frieza do granito sarapintado nos cotovelos, recordando como nos tínhamos conhecido, precisando de recordar como fora a nossa relação. Como nós tínhamos sido.

Ele aparecera na minha primeira suposta exposição de arte, que teve lugar numa tenda mal-amanhada que eu alugara na feira da ladra de Decatur. Tinha acabado de me formar na Agnes Scott com uma

licenciatura em Arte e ideias grandiosas sobre a venda do meu trabalho, tornando-me uma artista genuína. No entanto, ninguém olhava verdadeiramente para as minhas caixas artísticas, à exceção de uma mulher que estava sempre a referir-se-lhes como "caixas de sombra".

O Hugh, no segundo ano do seu internato de Psiquiatria em Emory, foi nesse dia à feira da ladra comprar legumes. Ao passar em frente da minha tenda, os seus olhos pousaram na minha caixa "O Beijo dos Gansos". Era uma estranha criação mas, de certo modo, era a minha favorita.

Tinha pintado o interior com o cenário de uma sala de estar vitoriana – papel de parede com rosas inglesas e candeeiros com quebra-luzes de franjas – e depois colocara na caixa um sofá de veludo de bonecas com dois gansos de plástico colados aos coxins, posicionados de forma a parecerem estar a beijar-se com os bicos.

Fora inspirada por um artigo de jornal sobre um ganso selvagem que se tinha separado do bando durante a migração para poder ficar ao lado da fêmea, que se ferira no parque de estacionamento de um centro comercial. Um empregado de balcão tinha levado a ave ferida para um refúgio mas o macho andara a deambular pelo parque durante mais de uma semana, a grasnar desoladamente, até que o empregado o levou também para o refúgio. O artigo dizia que lhes tinha sido atribuído o mesmo "quarto".

Usara o recorte do jornal para forrar o exterior da caixa e prendera uma buzina de bicicleta em cima, das que têm uma bola vermelha que produz o som de um grasnido de ganso. Só cerca de metade das pessoas que viram a caixa apertaram a buzina. Para mim, isso dizia qualquer coisa sobre elas. Que eram mais brincalhonas do que as pessoas comuns, menos reservadas.

O Hugh debruçou-se sobre a caixa e leu o artigo enquanto eu esperava para ver o que ele fazia. Apertou a buzina duas vezes.

– Quanto quer por ela? – perguntou.

Não respondi de imediato, ganhando coragem para pedir vinte e cinco dólares.

– Chegam quarenta? – perguntou, tirando a carteira.

Voltei a hesitar, espantada que alguém pagasse tanto dinheiro por gansos a beijar-se.

– Cinquenta? – disse ele. Mantive-me séria. – Está bem, cinquenta.

Sáímos juntos nessa mesma noite. Quatro meses mais tarde casámo-nos. Durante anos ele teve o "Beijo dos Gansos" no toucador e mais tarde levou-o para uma estante no escritório. Há dois anos, fui encontrá-lo à secretária a colar de novo meticulosamente todas as peças.

Um dia confessou que tinha pago aquele dinheiro todo para me aliciar a sair com ele mas a verdade era que adorava a caixa, e o facto de ter apertado a buzina tinha realmente dito qualquer coisa sobre ele, sugerindo uma faceta do Hugh que poucas pessoas conheciam. Pensavam sempre no seu intelecto prodigioso, na sua capacidade para dissecar e anatomizar, mas ele gostava de se divertir e por vezes sugeria as coisas mais inesperadas: Podíamos ir celebrar o Dia da Independência do México, ou preferes ir às Corridas de Colchões? Passáramos uma tarde de sábado numa competição em que os participantes prendiam rodas a camas e corriam pela Baixa de Atlanta.

Também era raro as pessoas notarem como ele sentia as coisas com profundidade e plenitude. Ainda chorava quando um doente se suicidava e entristecia-o por vezes ver as pessoas escapar para refúgios escuros e dolorosos.

No Outono passado, ao guardar a roupa engomada, encontrei o guarda-jóias do Hugh no fundo da gaveta da sua roupa interior. Talvez não devesse tê-lo feito, mas sentei-me na cama e abri-o. Tinha os dentes de leite todos da Dee, minúsculos e amarelecidos como grãos de pipocas, e vários desenhos que ela tinha feito no bloco de receitas dele. Havia o alfinete do pai de Pearl Harbor, o relógio de bolso do avô, os quatro pares de botões de punho que eu lhe oferecera em vários aniversários. Tirei o elástico de um pequeno maço de papéis e descobri uma fotografia minha amarrotada, durante a nossa lua-de-mel nas montanhas de Blue Ridge, a posar diante da cabana que tínhamos alugado. O resto eram cartões e pequenas mensagens de amor que eu lhe enviara ao longo dos anos. Tinha guardado tudo.

Foi sempre ele o primeiro dos dois a dizer amo-te. Duas semanas depois de nos termos conhecido, ainda antes de fazermos amor. Estávamos num restaurante, próximo do campus universitário de Emory, a tomar o pequeno-almoço numa mesa junto da janela.

– Não sei muito sobre ti mas amo-te. – E desde então a sua dedicação tem sido inabalável. Ainda hoje era raro passar um dia em que ele não mo dissesse.

No início sentia uma sofreguidão por ele, uma espécie de desejo voraz que continuou até a Dee nascer. Só então começou a acalmar e a amansar. Como animais arrancados ao ambiente selvagem e colocados em agradáveis habitats simulados, onde se tornam complacentes, sabendo exactamente de onde chega a refeição seguinte. A busca e a surpresa eliminadas.

O Hugh pousou o prato com ovos e salsichas à minha frente.

– Aí tens – disse ele.

Comemos lado a lado, as janelas ainda mergulhadas numa obscuridade matinal. Ainda se ouvia o rumor da chuva nas caleiras e também o que me pareceu uma portada a bater à distância. Pousei o garfo e pus-me à escuta.

– Na ilha, quando se aproximava uma tempestade, as nossas portadas de segurança batiam assim contra a casa – observei, os meus olhos começando a encher-se de lágrimas.

O Hugh parou de mastigar e olhou para mim.

– A minha mãe estendia um lençol sobre a mesa da cozinha e enfiava-se debaixo dela comigo e com o Mike e lia-nos em voz alta à luz da lanterna. Prendia um crucifixo à parte inferior do tampo e nós deitávamo-nos no chão e olhávamos para ele enquanto ela lia. Chamávamos-lhe a "tenda da tempestade". Achávamos que nada podia fazer-nos mal ali em baixo.

O Hugh estendeu o braço e o meu ombro deslizou para o seu peito enquanto a minha cabeça repousava junto ao seu pescoço, um movimento oleado e automático, tão velho como o nosso casamento.

Ficámos assim sentados, encostados um ao outro, enquanto os ovos arrefeciam e as pancadas continuavam, até eu começar a sentir o pesado entrelaçamento das nossas vidas – incapaz de dizer onde terminava o ombro dele e começava a minha cabeça. Era a mesma sensação que eu tinha em criança quando o meu pai encostava o dedo dele ao meu a todo o comprimento. Ao roçarem um contra o outro, pareciam ser um dedo só.

Afastei-me, endireitando-me na cadeira do balcão.

– Não consigo acreditar no que ela fez – disse eu. – Meu Deus, Hugh, achas que tem de ser internada?

– Não sei sem falar com ela. Dá ideia que é um distúrbio obsessivo.

Vi o Hugh a olhar para o meu regaço. Eu torcera o guardanapo à volta do dedo como se estivesse a tentar estancar uma hemorragia. Desenrolei-o, embaraçada por o meu corpo ser tão comunicativo quando eu não queria que fosse.

– Porquê o dedo? – perguntei. – Logo o dedo?

– Não há necessariamente nenhum sentido nisso. É próprio das obsessões... são geralmente irracionais. – Levantou-se. – Ouve, e se eu fosse contigo? Cancelo os meus compromissos. Vamos os dois.

– Não – disse eu. Um pouco enfaticamente de mais. – Ela nunca há-de falar contigo sobre isto, já sabes. E não podes deixar os teus doentes aqui.

– Está bem, mas não quero que enfrentes isto sozinha. – Bei-jou-me na testa. – Liga à Dee. Diz-lhe onde vais estar.

Depois de ele sair para o consultório, fiz a mala, pu-la à porta e em seguida subi ao meu atelier para me certificar de que o telhado não tinha deixado entrar água outra vez.

Acendi um candeeiro e uma mancha de luz de um amarelo-pálido espalhou-se sobre a minha mesa de trabalho... uma enorme preciosidade em carvalho que eu encontrara numa loja de peças usadas. Em cima estava uma caixa artística parcialmente montada, coberta de pó. Deixara de trabalhar nela em Dezembro passado, quando a Dee veio a casa passar o Natal, e por qualquer razão nunca mais voltara cá acima.

Estava a inspeccionar o soalho à procura de poças de águas quando o telefone sem fios tocou. Atendi e ouvi a voz da Dee.

– Adivinha – disse ela.

– O quê?

– O pai mandou-me mais dinheiro e eu comprei um sobretudo azul-marinho.

Imaginei-a sentada de pernas cruzadas na cama da residência universitária, o cabelo comprido a roçar-lhe os ombros. As pessoas diziam que era parecida com o Hugh.

Tinham o mesmo aspecto reluzente.

– Um sobretudo, hein? Por favor, diz-me que isso quer dizer que renunciaste ao blusão Harley-Davidson.

– E tu Tinhas aquele casaco de camurça vermelho com a franja à cowboy.

Sorri, embora ao pensar na minha mãe a leveza que eu sentia sempre com a Dee começasse a desvanecer-se.

– Ouve, querida, ia ligar-te esta manhã. Vou partir hoje para a ilha para visitar a tua avó. Ela não está bem. – Como me ocorreu que a Dee pudesse pensar que ela estava a morrer, disse-lhe a verdade.

As primeiras palavras que lhe saíram da boca foram:

– Oh, foda-se.

– Dee! – disse eu. Um pouco indignada de mais, suponho, mas ficara genuinamente chocada. – Essa palavra não é digna de ti.

– Eu sei – respondeu ela. – E aposto que tu nunca a disseste em toda a vida.

Soltei um profundo suspiro.

– Ouve, não quis pregar-te nenhum sermão.

Ela ficou momentaneamente calada.

– Pronto, não devia ter dito isso, mas o que a avó fez é uma loucura. A que propósito é que foi fazer uma coisa dessas?

A Dee, perspicaz em tudo o resto, sempre foi cega a respeito da avó, pintando-a como uma velhinha amorosa e excêntrica. Calculei que isto fosse desfazer, de uma vez por todas, qualquer ilusão que ela tivesse.

– Não faço ideia – respondi. – Quem me dera saber.

– Vais olhar por ela, não vais ?

Fechei os olhos e vi a minha mãe na tenda da tempestade quando lá fui encontrá-la depois da morte do meu pai. Estava um maravilhoso dia de sol.

– Vou tentar – disse à Dee.

Quando desliguei, sentei-me à mesa de trabalho e olhei para os pedaços de espelho e casca de ovo que tinha estado a colar na caixa ignorada antes de a abandonar.

Eu tinha dito a palavra. Em Dezembro passado, quando a Dee estava em casa, eu estava a tomar um duche e o Hugh entrou na casa de banho, despiu-se e pôs-se atrás de mim, assustando-me de tal maneira que eu

saltei para a frente e derrubei o frasco do champô da prateleira pendurada no suporte.

– Foda-se – disse então. O que não era nada típico em mim. A palavra não constava do meu vocabulário e não sei quem ficou mais estupefacto, se eu ou o Hugh.

Depois de uma pausa, o Hugh soltou uma gargalhada.

– Nem mais. Foder era precisamente o que eu tinha em mente.

Não disse nada, nem me virei. Os dedos dele avançaram pelas minhas costelas e roçaram a ponta dos meus seios. Ouvi-o soltar um leve gemido. Tentei desejá-lo mas não pude deixar de me sentir importunada. Rígida, de pé debaixo do chuveiro, devo ter parecido um tronco de árvore, uma árvore a petrificar-se em silêncio.

Ao cabo de uns momentos, a porta do chuveiro abriu-se e fechou-se. Ele tinha-se ido embora.

Subsequentemente, andei dias a fio a fazer um profundo e genuíno esforço. Entrei para o duche com o Hugh não uma mas duas vezes, contorcendo-me em extraordinárias posturas de ioga. Da segunda vez saí com a marca vermelha da torneira nas costas. Uma tatuagem extremamente parecida com uma ave amachucada.

Um dia, quando a Dee tinha ido com as amigas aos saldos que se seguiram ao Natal, apareci no consultório do Hugh depois do último doente, sugerindo que fizéssemos amor no sofá, e acho que teríamos feito se o bipe dele não tivesse tocado. Alguém tentara suicidar-se. Eu voltei para casa, cansada de tentar. No dia seguinte, a Dee regressou à faculdade. Vi o carro dela transpor o acesso e percorrer a rua. Assim que ela dobrou a esquina, voltei a entrar em casa ao encontro de uma tranquilidade desconcertante de tão intensa que era.

A mesma tranquilidade invadia agora o atelier. Levantei os olhos para a clarabóia. Estava coberta de folhas de ulmeiro e de uma luz espessa e obscura. A chuva e o vento tinham parado e pela primeira vez ouvi o silêncio, a forma como se solidificava na minha cabeça.

Lá fora, os pneus do Volvo do Hugh entraram no caminho de acesso. A porta do carro dele bateu e eu senti a vibração percorrer as paredes. Ao descer as escadas, os anos entre nós pareciam acumular-se por toda a parte, enchendo a casa, e pareceu-me estranho como o amor e o hábito se confundiam tão completamente para criar uma vida.

CAPÍTULO 4

Hesitei ao embarcar no ferry, um pé na doca flutuante e outro no barco, banhada subitamente pela luz que incidia sobre Bull's Bay. Meia dúzia de grandes garças-brancas levantaram voo das ervas pantanosas nas proximidades, com os seus gritos graves e guturais. Entrei a bordo e observei-as pelas janelas de plástico, a familiar linha curva que desenhavam ao atravessar a baía, virando em uníssono para a ilha de Egret.

O ferry era na verdade um velho pontão chamado Tidal Run. Encostei a mala ao lado de um frigorífico branco sujo, por baixo de dois mareógrafos em cartão vermelho pregados à parede. Sentei-me num banco. O Hugh tratara do meu transporte do aeroporto para o embarcadouro em Awendaw. Cheguei mesmo a tempo da última travessia do dia. Eram quatro horas.

Só havia mais cinco passageiros, talvez por ser Inverno e os turistas não terem ainda afluído em massa. Geralmente chegavam na Primavera e no Verão para ver o pântano pulular de garças que se juntavam em massas brilhantes nas árvores ao longo das ribeiras. Alguns turistas – os fanáticos de História que chegavam de Charleston a conta-gotas – vinham realizar a Grande Visita Guiada Gullah da Hepzibah, que incluía uma passagem pelo cemitério dos escravos. A Hepzibah era a guardiã da cultura da ilha, como ela gostava de se intitular, a contadora de histórias africana. Conhecia um milhar de contos populares e falava Gullah perfeito, uma língua que os escravos tinham criado com base no inglês e nas suas línguas africanas nativas.

Estudei os passageiros, pensando se haveria entre eles insulares que eu conhecesse. Pouco menos de cem pessoas, para além dos monges, ainda viviam na ilha e a maioria era do meu tempo de menina. Concluí que todos no barco eram turistas.

Um tinha uma T-shirt do Hard Rock Café de Cancún e um lenço vermelho atado ao pescoço. Calculei que devia estar enregelado. Ele reparou que eu estava a olhar para ele e perguntou:

– Já alguma vez ficou no Island Dog?

– Não, mas é simpático. Vai gostar – respondi, vendo-me obrigada a levantar a voz por cima do ruído do motor do barco.

Uma casa azul-clara de dois andares com portadas de segurança brancas. Era a única casa de hóspedes da ilha. Interroguei-me se a Bonnie Langston ainda seria a proprietária.

Ela era o que a Hepzibah chamava uma comya, o nome em Gullah para uma pessoa oriunda de outro lugar. Se os antepassados fossem originários da ilha, então a pessoa era uma binya. Os comyas eram raros em Egret mas existiam. O meu único objectivo, depois dos dez anos, tinha sido abandonar a ilha.

– Quero ser uma goya – tinha eu declarado à Hepzibah um dia e ela começara por rir mas depois calara-se e olhara para mim, penetrando o cantinho obscuro da minha alma que me fazia desejar partir. – Não podes abandonar a tua terra – disse na sua voz mais branda. – Podes ir para outros sítios, claro... podes viver na outra ponta do mundo, mas nunca podes deixar a tua terra.

Achava agora que a tinha desenganado.

– Não deixe de comer no Max's Café – disse eu ao turista. – Peça o camarão com sêmola.

A verdade é que, se ele quisesse comer, o café era a única opção. Como a casa de hóspedes, tinha o nome do Max, o Labrador preto cujo pensamento a Benne alegadamente sabia ler. Ia esperar o ferry duas vezes por dia sem falhar e era uma espécie de celebridade local. Em tempo quente, quando as mesas enchiam o passeio, passeava-se por ali com um sentido adquirido de posse canina, proporcionando aos pobres seres humanos a oportunidade de os adorarem. As pessoas pegavam nas máquinas fotográficas como se a Lassie tivesse entrado em cena. Era famoso não só por ir esperar o ferry com extraordinária pontualidade mas também pela sua imortalidade. Constava que tinha vinte e sete anos. A Bonnie jurava que assim era, mas a verdade é que o Max actual era o quarto de uma sucessão deles. Desde miúda, tinha amado vários Maxes.

Havia um areal na parte da frente da ilha chamado praia de Boné Yard, que devia o nome à madeira que dava à costa, que formava enormes esculturas distorcidas. Mas quase ninguém se aventurava ali porque as correntes a tornavam demasiado perigosa para tomar banho e

pululava de mosquitos. Bastava lá ir para perceber que um dia o oceano acabaria por engolir a ilha.

A maior parte dos turistas era atraída pela visita guiada ao mosteiro, a abadia de Santa Senara. Devia o nome a uma santa celta, que tinha sido sereia antes de se converter, e inicialmente tinha funcionado como um simples posto avançado – ou, como os monges diziam, "uma casa filha" – de uma abadia na Cornualha, em Inglaterra.

Os monges tinham-no construído nos anos trinta, num terreno doado por uma família católica de Baltimore que o usou como um acampamento de pesca no Verão. Nessa altura

era um lugar tão pouco popular que os habitantes de Egret – todos eles protestantes – lhe chamavam St. Sin. Agora os protestantes estavam mais ou menos extintos na ilha.

Os guias turísticos locais descreviam o mosteiro como uma pequena atracção das Terras Baixas, principalmente por causa do trono da sereia existente numa capela lateral da igreja. Um "trono fascinante", como diziam os livros, e de facto era. Era uma réplica de um trono muito antigo, bastante famoso, que se encontrava na abadia mãe.

Os braços tinham sido esculpidos na forma de duas sereias aladas, pintadas com cores de pedras preciosas – caudas de peixe cor de cinábrio, asas brancas, cabelo cor de laranja dourado.

Em crianças, eu e o Mike costumávamos entrar sub-repticiamente na igreja, quando não estava lá ninguém, atraídos naturalmente pela excitação dos mamilos dos seios descobertos das sereias, quatro brilhantes granadas incrustadas. Eu fazia a vida negra ao Mike por se sentar com as mãos sobre eles. Esta recordação fez-me rir e levantei os olhos para ver se os outros passageiros tinham reparado.

Se os turistas tivessem sorte e o acesso à capela não estivesse vedado, podiam sentar-se no trono da sereia e rezar uma oração a Senara, a sereia santa. Por qualquer razão, as preces de quem se sentasse na cadeira eram atendidas. Pelo menos era essa a tradição) No fundo, era o equivalente a lançar moedas numa fonte e formular desejos mas, de tempos a tempos, via-se um verdadeiro peregrino, alguém numa cadeira de rodas a sair do ferry ou alguém com uma pequena garrafa de oxigénio.

O ferry avançava lentamente através dos canais de água salgada, passando por ilhotas pantanosas cobertas de capim-marinho amarelecido que o vento agitava. A maré estava baixa, descobrindo quilómetros de bancos de ostras. Tudo tinha um aspecto despido exposto.

A medida que os canais se alargavam, desembocando na baía, o barco ganhou velocidade. Voavam ao nosso lado formações de pelicanos castanhos, ultrapassando a embarcação.

Concentrei-me nele e, quando desapareceram, foquei a atenção nas cordas de salvação penduradas em rolos descuidados no interior do ferry. Não queria pensar na minha mãe. No avião vinha aterrorizada, mas aqui desanuviei um pouco, talvez devido ao vento e à sensação de liberdade!

Encostei a cabeça à janela e inalei o odor sulfuroso do pântano. O comandante do barco, com a sua boina vermelha descolorida e óculos de sol de lentes panorâmicas e aros de metal, começou a falar a um microfone. A sua voz foi transportada através do pequeno altifalante, sobre a minha cabeça, numa lengalenga memorizada destinada aos turistas. Informou-os onde alugar os carrinhos de golfe em que podiam deslocar-se na ilha e fez-lhes uma curta prelecção sobre a colónia de garças e os barcos de pesca de aluguer.

Terminou com a mesma piada que eu tinha ouvido na minha última visita: – Meus senhores, não se esqueçam que há crocodils na ilha. Duvido que vejam algum nesta época do ano mas, se viren lembrem-se de que não é possível ser mais veloz que um crocodilo. Tratem antes de ser mais velozes que as pessoas com quem estiverem Os turistas riram-se e acenaram com a cabeça uns aos outros vendo de súbito a aventura numa ilha-barreira na Carolina a uma nova luz, com a promessa de possíveis perigos.

Quando o ferry entrou nos estreitos canais de água que entrecruzam o pântano, levantei-me e saí para o convés. O barco deslizava por torrentes de água da cor de chá escuro. Olhando para a esteira, para a distância que tínhamos percorrido, apercebi-me de como crescera isolada numa ilha sem uma ponte. Vivera completamente cercada de água e, contudo, nunca me sentira só até ter entrado para o liceu no continente. Lembrei-me do Shem Watkins que levava as crianças, talvez

menos de meia dúzia, através de Bull's Bay todas as manhãs, no seu barco camaroeiro, indo buscar-nos à tarde. Nós chamávamos-lhe o "autocarro do camarão".

Eu e o Mike tínhamo-nos imaginado como os Robinson suíços, ele a remar a sua chata pelas ribeiras, parando para apanhar uças nos pântanos, que vendíamos como isco a cinquenta cêntimos o meio quilo no cais do ferry. Conhecíamos todos os canais e bancos de areia, sabíamos onde os declives de conchas podiam danificar o fundo do barco na maré vazia. No Verão em que eu tinha nove anos, antes de tudo ruir, fomos destemidos, esquadrinhando os trilhos dos perus e os rastos dos crocodilos.

A noite, com os palmitos a ranger violentamente em redor da casa, esgueirámo-nos pela janela e fomos ao cemitério dos escravos, desafiando corajosamente os fantasmas a sair.

Para onde tinha ido essa rapariga? Contemplando as águas escuras, senti saudades dela.

Surpreendeu-me o peso da memória, o contágio tremendo da família e do lugar. Recordei o meu pai no seu Cbris-Craft de seis metros, o cachimbo com boquilha de sepiolite que eu lhe tinha oferecido preso entre os dentes e eu entre o seu peito e o leme. Quase o ouvia gritar: "Jessie, olha os golfinhos", e via-me a correr para a amurada, à escuta do esguicho da respiração deles, vendo-os romper a superfície.

Quando o lado noroeste da ilha surgiu à vista, já estava a pensar na explosão do seu barco. No recorte da gaveta da minha mãe: "A polícia especula que uma faúlha do seu cachimbo pode ter ateado fogo a uma fuga de combustível." Deixei os meus olhos varrer a água, recordando onde tinha acontecido, e depois desviei o olhar.

Percorri toda a amurada do ferry e observei a ilha a aproximar-se. Só tinha oito quilómetros de comprimento e quatro de largura, mas do barco parecia ainda mais pequena. Os telhados das lojas por detrás do cais do ferry surgiram à vista, sobrevoados pelas gaivotas aos gritos, e para lá deles as viçosas matas de carvalhos, palmeiras e murta que formavam o coração verdejante da ilha.

O motor abrandou à medida que o pontão se aproximava da doca. Alguém lançou uma corda e eu ouvi o ranger de madeira velha quando fomos puxados com força contra a estacaria.

No molhe, algumas pessoas em cadeiras de lona pescavam perca à linha. Mas nenhum sinal da Kat ou da Benne. A Kat tinha prometido que me iam esperar. Voltei para dentro do barco, peguei na mala e postei-me à janela enquanto os outros passageiros desembarcavam.

Momentos depois, apareceram as duas, apressadamente, com o Max a trotar atrás. Vinham de mãos dadas e a Benne parecia arras-tar a Kat, que tinha os sapatos de salto alto calçados com as meias finas. O cabelo estava apanhado no alto da cabeça com um laço vermelho-escuro, uma cor a que a minha mãe chamava "vinho do Porto". Algumas madeixas começavam a soltar-se junto ao seu rosto.

Pararam na ponta do cais e olharam para o barco. O Max sentou-se entre elas, a agitar apenas metade da cauda, como se fosse articulada.

Quando a Kat me avistou à janela, empertigou-se.

– Então, não fiques aí especada. Desce! – gritou.

A Benne irrompeu numa jiga cómica, levantando os pés e marchando sem sair do sítio.

– Jessie, Jessie – entoou e o Max começou a ladrar, o que pôs as gaivotas em revoada ao longo do cais. Os outros passageiros detiveram-se a ver e depois olharam uns para os outros, embaraçados.

A minha terra natal. Não havia outro remédio senão pegar na mala e avançar.

Por baixo dos olhos da Kat haviam-se formado meias-luas, sombras pálidas e amareladas. Ela abraçou-me no mesmo instante em que senti o aroma da ilha, uma poderosa combinação de sedimentos, velhas nassas de caranguejos, ar salgado e lodaçais negros e viscosos, vivos e a fervilhar de criaturas pungentes.

– Chegaste – disse a Kat e eu sorri-lhe.

A Benne encostou a cara redonda à manga do meu casaco e agarrou-se a mim como uma lapa. Pus o braço à sua volta e dei-lhe um apertão.

– Não querias vir – disse ela. – Detestas cá vir.

A Kat pigarreou.

– Pronto, Benne, chega.

Mas a Benne não tinha acabado.

– A mamã está em cima da mancha de sangue – disse ela.

Baixei os olhos. Baixámos todas. Sob o sapato da Kat, ainda se via a mancha escura, rodeada de salpicos. Imaginei a corrida febril que

deviam ter feito para o cais do ferry, a viagem de barco, a mão d minha mãe envolta numa toalha de banho JC Penney.

A Kat retirou o pé e, num momento de absoluta tranquilidade naquele fim de tarde, ficámos a olhar para o sangue da minha mãe.

CAPÍTULO 5

Entrámos para o carrinho de golfe da Kat, estacionado ao fundo do molhe. A Benne sentou-se atrás com a minha mala e eu subi para o assento da frente, lançando, de quando em quando, um olhar receoso à buzina, enquanto pensava na minha última e infernal viagem no carro dela.

– Não te aflijas – disse a Kat. – Só uso a buzina se algum maluco se meter à minha frente.

– Detesto essa coisa odiosa – declarei.

– Pois, podes odiar à vontade, mas já salvou a vida a inúmeros turistas.

– A mamã tentava acertar nos turistas – disse a Benne.

– Não tentava nada.

– Acho impossível a Benne dizer uma mentira – disse eu, e a Kat bufou enquanto encostava ao passeio estreito.

Em cima o céu estava a tornar-se cor de laranja. Eu sentia a escuridão a avolumar-se, a acumular-se atrás da luz. Ao passarmos pelas lojas da ilha, ninguém falou, nem sequer a Benne.

Em frente a todas as lojas, incluindo a minúscula estação dos correios, havia floreiras repletas de amores-perfeitos lilases. A Bait & Tackle do Shem tinha sido pintada num tom de dióspiro e o pelicano esculpido em madeira à porta do minimercado Caw Caw tinha agora uma sela de pónei para, imaginei, as crianças se sentarem.

Passámos por um punhado de turistas em frente às Egret Expeditions a inscrever-se em excursões de barco e caminhadas ornitológicas. Mesmo no auge do Inverno, a terra parecia cheia de vida.

Apontei para uma pequena loja entalada entre o Max's Café e a casa de hóspedes Island Dog. Tinha um toldo às riscas azuis e brancas e um

letreiro na montra que dizia THE MERMAID'S TALE. – Não havia ali uma peixaria?

– Fechou portas – elucidou a Kat.

– Agora é a loja da mamã – disse a Benne.

– A sério? És a dona? Daquela loja de recordações? – Fiquei surpreendida. Toda a vida conhecera a Kat e ela nunca manifestara o mais leve interesse pelo comércio.

Depois de o marido morrer – há pelo menos vinte anos – ela e a Benne tinham vivido com tranquilidade da pensão dele e de alguma ajuda da Segurança Social.

– Abri-a na Primavera passada – disse a Kat.

– Quem está agora a tomar conta da loja?

– Quando eu lá estou está aberta, quando não estou está fechada – explicou.

– Gosto do nome – disse-lhe eu.

– Queria chamar-lhe "Fin Fatale", mas a tua mãe vetou o nome. Não tem sentido de humor.

– Nunca teve.

– Não é verdade. Antigamente tinha um sentido de humor fantástico – disse a Kat.

A toda a velocidade, conduziu em direcção à luz colorida. Vi-a inclinar-se para a frente como se quisesse obrigar o carro a ultrapassar o limite de trinta quilómetros por hora, e veio-me a memória uma infinidade de coisas – fragmentos do riso da minha mãe, momentos em que ainda éramos normais e felizes. A Kat tinha razão, a minha mãe já tivera um sentido de humor fantástico. Pensei na ocasião em que ela fez camarões com coco e os serviu vestida com uma saia de palha havaiana. O Mike tinha então oito anos e ficou com o pobre do pénis entalado numa lata de Coca-Cola quando urinou para dentro dela – por razões que nunca nenhum de nós compreendeu. Digamos que o pénis dele aumentou um pouco depois de entrar. A minha mãe tentou mostrar-se preocupada mas inventou a rir. Disse-lhe: "Mike, vai sentar-te no teu quarto e pensa na Madre Teresa que o teu pénis sai daí num instantinho."

– Os artigos que se vendem mais na loja são uns letreiros que dizem "Mermaid Xing" – estava a Kat a dizer. – E os nossos livrinhos sobre a

sereia. Lembras-te do padre Dominic? Escreveu para nós a história de Santa Senara e nós mandámo-la imprimir num livrinho com o título O Conto da Sereia, como o nome da loja. Estão permanentemente esgotados. O Dominic está sempre a aparecer com aquele seu chapéu idiota para autografar exemplares. Eu digo-lhe: "Por amor de Deus, Dominic, deve estar convencido que é o Pat Conroy."

Ri-me. Em criança, esbarrara muitas vezes com o padre Dominic quando brincava nos jardins do mosteiro, à espera que a minha mãe acabasse o trabalho na cozinha; estava sempre a contar piadas. Mas havia um outro lado nele, um lado sombrio que nunca consegui definir. Foi um dos monges que apareceu em nossa casa naquele dia com os destroços do barco do meu pai e que ficou a ver a minha mãe queimar as tábuas na lareira.

– Ele ainda usa o chapéu de palha?

– O mesmo. A palha está a começar a apodrecer – respondeu ela.

Caímos em silêncio ao contornarmos a extremidade posterior da ilha, na sua maioria um emaranhado selvagem de árvores podadas pelo vento. Passámos uma curva onde as árvores davam lugar a uma pradaria de ervas cor de caramelo e, atrás delas, o oceano. A água tingia-se de púrpura e esta imagem trouxe-me de novo tudo à memória, a razão por que ali estava, o que a minha mãe tinha feito com o cutelo. A vida dela tornara-se terrivelmente tortuosa e confusa.

Perguntei-me se isto teria acontecido caso eu tivesse sido melhor filha. Não devia tê-lo previsto? Tanto quanto sabia, ela podia estar agora em casa a cortar o resto dos dedos.

Pensei: porquê o dedo? Porquê o dedo?

A Benne cantarolava entre dentes no banco de trás. Inclinei-me para a Kat.

– O que aconteceu ao dedo? O que ela cortou?

– Está num frasco de maionese na mesa-de-cabeceira dela – respondeu num tom perfeitamente neutro.

A flecha da igreja da abadia surgiu à vista no momento em que a estrada pavimentada acabou. A Kat não se deu ao trabalho de abrandar e saltámos trinta centímetros no ar ao entrarmos na terra batida e dura. Levantou-se uma poeirada.

– Segura-te – gritou ela à Benne.

O cabelo da Kat soltou-se completamente dos ganchos e esvoaçou atrás dela ao passarmos a toda a brida pelo portão do mosteiro. Imediatamente ao lado ficava a capela Star of the Sea, a capela paroquial de madeira branca onde os monges celebravam a missa para os insulares e onde todas as crianças da ilha de Egret, incluindo eu, haviam frequentado a escola primária. Todas as turmas tinham sido simultaneamente leccionadas pela Anna Legare, que me disse sem rodeios, tinha eu dez anos, que eu era uma artista nata. Quando eu tinha onze anos pendurou os meus intermináveis desenhos de destroços de barcos na parede da capela e convidou toda a ilha para a "exposição". A Kat comprou um por 25 cêntimos.

– Que é feito daquele meu desenho que compraste e penduraste na cozinha?

– Ainda o tenho. Agora está pendurado na Mermaid's Tale.

Ao passarmos pelo caminho privado de casa dela, reparei no letreiro MERMAID XING pregado a um poste ao lado da caixa do correio.

Alguns segundos depois, abrandámos em frente à casa da minha mãe, construída ao estilo de uma casa costeira da década de 1820, como a maioria das casas da ilha.

Assentava em palafitas numa floresta de palmitos, com lucarnas e portadas pretas e um alpendre largo que corria ao longo da frontaria.

A casa sempre fora de um tom de verde exuberante, mas agora era de um verde-água deslavado. O quintal estava infestado de cerdas de iuca e acariçoba e, no meio, erguia-se a horrível gruta da minha mãe, feita com uma banheira.

Há mais de uma década, ela pedira ao Shem que enterrasse uma banheira no solo até meio, na vertical e, não percebendo bem o que ela queria, Shem deixara de fora a extremidade da banheira com as torneiras. Mesmo assim, a minha mãe levou o projecto avante e colocou uma estátua de betão da Virgem Maria dentro da abóbada de porcelana. Agora a banheira exibia manchas de ferrugem e uma espécie de flor de plástico amarrada à torneira.

Quando vi a banheira pela primeira vez, disse à minha mãe que todas as lágrimas que as estátuas de Maria alegadamente derramavam se deviam à profunda falta de gosto dos seus devotos. A Dee, naturalmente, achara a Madona da Banheira espectacular.

Quando parámos e a Benne saltou das traseiras, vi a Hepzibah no alpendre. Usava uma das suas indumentárias africanas, um vestido solto de batik em tons de escarlate e açafrão que lhe dava pelos tornozelos, e tinha um tecido a condizer enrolado na cabeça. Ali em pé, o seu ar era altivo e resplandecente.

– Olhem só a nossa rainha hotentote – disse a Kat, acenando-lhe. Pôs a mão no meu braço. – Jessie, se a tua mãe disser que os peixes voam, diz que sim. Não discutas com ela, ouviste?

– Há peixes que voam – retorquiu a Benne. – Vi uma fotografia num livro.

A Kat ignorou-a. Não tirava os olhos da minha cara.

– Não a apoquentes.

Desviei o olhar.

– Não tenciono apoquentar ninguém.

A Hepzibah veio ao meu encontro a meio dos degraus, trazendo consigo o aroma da sopa de quiabo, e eu percebi que nos tinha preparado o jantar.

– Que bom ver-te – disse ela, começando a falar Gullah como era seu hábito sempre que me cumprimentava.

Sorri e olhei para a janela atrás dela, iluminada do interior. Fixei o caixilho de madeira, reparando que estava a estalar ligeiramente e vendo uma pequena mancha que reluzia na vidraça, e vieram-me as lágrimas aos olhos, o suficiente para não conseguir disfarçá-las.

– Então, que é isso? – disse a Hepzibah, apertando-me contra o padrão atordoante do seu vestido.

Afastei-me dela. A pergunta pareceu-me absurda. Podia ter respondido: Bem, para começar, há um frasco de maionese em casa com o dedo da minha mãe lá dentro, mas isso teria sido rude e injusto e, além disso, não era na minha mãe que eu estava a pensar mas no meu pai.

A última vez que eu vira Joseph Dubois ele estava sentado àquela janela a descascar uma maçã sem quebrar a casca – uma pequena proeza no seu conhecido repertório de habilidades. Estava a fazer uma "menina dançarina". Eu estava sentada no chão, nessa noite, banhada pela luz artificial, e pusera-me a observar a forma irresistível como a casca se desprendia da lâmina da faca, receosa que ele não chegasse ao fim sem a partir. Tinha-me posto de joelhos quando ele chegou à última volta. Se

conseguisse, eu podia pendurar a espiral vermelha na janela do meu quarto com as outras meninas dançarinas que ele tinha criado, todas suspensas com linha de costura, a oscilar na vidraça em diferentes estádios de encorilhada podridão.

– Uma menina dançarina para a minha Menina Dançarina – tinha ele dito, tratando-me pela alcunha carinhosa e largando a casca nas minhas mãos estendidas.

Foram as últimas palavras que me dirigiu.

Eu corri para o meu quarto sem olhar para trás, sem lhe dizer que o que mais adorava no seu ritual era o momento em que ele me chamava a sua Menina Dançarina e eu me imaginava uma das suas criações perfeitas, as cascas de maçã na minha janela constituindo um estranho fotograma de auto-retratos.

Vendo as minhas lágrimas, a Kat subiu os degraus, os saltos altos a matraquear, e pairou sobre mim a gesticular aflita. Fez-me lembrar uma galinha-d'água, uma ave muito grande e das mais ruidosas do pântano, e eu senti a fúria contra ela dissipar-se antes de ela falar.

– Jessie, sou uma fala-barato e só digo disparates. Claro que não vais pôr-te a apoquentar a tua mãe. Eu...

– Não te aflijas – disse eu. – Não foi isso. Palavra.

A Benne subiu pesadamente os degraus, carregando a minha mala. Pousou-a ao pé da porta. Agradei às duas e disse que podiam ir-se embora, que ia correr tudo bem.

Disse que as lágrimas tinham sido do cansaço, mais nada.

Elas partiram no carrinho de golfe, galgando uma série de raízes de árvores – "as lombas da ilha", como lhes chamava a Kat. Disse a mim mesma que devia entrar mas permaneci mais alguns minutos no alpendre, sentindo uma brisa que entretanto arrefecera e escurecera, impregnada do odor do pântano, e deixando passar o que me invadira antes – esse pequeno baptismo de tristeza.

CAPÍTULO 6

Irmão Thomas

Ele jazia prostrado no chão da igreja com os braços abertos, em forma de cruz, o castigo pelas coisas que escrevera num pequeno caderno encadernado a couro. O padre Sebastian, prior do mosteiro, tinha-o encontrado no balcão da loja de recordações da abadia, onde ele o deixara por alguns momentos enquanto indicava a um turista os lavabos ao fundo da loja e respondia em seguida às perguntas de outro a respeito das tarrafas que aí se vendiam. Há quanto tempo os monges as faziam? Tinham aprendido a arte com os insulares ou tinham-na trazido da Cornualha? Vendiam-nas realmente em número suficiente para sustentar o mosteiro? Agora só queria não ter perdido tanto tempo com o homem.

Era Fevereiro, Quarta-Feira de Cinzas, e ele sentia o chão frio, um pouco húmido até, através do hábito preto. Estava deitado na coxia entre os cadeirais do coro que ficavam de cada lado da nave, voltados um para o outro, e ouvia os monges a rezar as vésperas. O irmão Timothy entoava como um cantor romântico: – Ó adorada, ó doce Virgem Maria.

Quando terminaram a salve-rainha, ouviu o ranger dos assentos de cada cadeira ao serem levantados e depois um arrastar cansado de pés quando os monges formavam uma fila para serem aspergidos com água benta pelo abade. Por fim, as luzes apagaram-se, excepto a que se encontrava junto da cadeira do abade, e o irmão Thomas foi abandonado na escuridão quase total, num silêncio intenso.

Era o monge mais jovem, com quarenta e quatro anos, e também o mais recente, um monge principiante, por assim dizer, com votos temporários. Faltavam apenas quatro meses para fazer os votos solenes – usque ad mortem, até à morte. O que é que lhe tinha dado – fazer uma prelecção ao homem na loja como se tivesse passado metade da sua vida na ilha? Não se tinha calado sobre as tarrafas.

Ali deitado, maldisse a sua vida. Tinha dado ao padre Sebastian, que na realidade devia ter sido fuzileiro naval e não monge, o ensejo de folhear o caderno e ficar alarmado com o estado da sua alma. O padre Sebastian levava-o ao abade, que era da velha escola e um irlandês de gema. Thomas fora chamado ao seu gabinete, ao temível recinto papal, como por vezes pensava nele. Agora estava ali no chão.

O abade já o admoestara pelo menos uma dúzia de vezes mas esta era a primeira vez que era punido e, para ser franco, não era! assim

muito mau estar ali prostrado.

Continuaria ali até o abade entender que tinha meditado o suficiente sobre os perigos da dúvida e mandar alguém libertá-lo. Estava assim há uma hora, talvez; mais.

O pavimento da igreja cheirava a produto de limpeza e a outra coisa acre com uma ligeira sugestão de estrume, que ele percebeu tratar-se de uma mistura de lama seca do pântano e adubo do jardim. Estava solidificada e endurecida em fissuras microscópicas nas tábuas do soalho, trazida pelos sapatos dos monges ao longo dos últimos cinquenta anos.

Aqui, neste lugar rarefeito, onde todos eles se imaginavam marinar em santidade durante as suas intermináveis rondas de cânticos e orações, estavam todos estes excrementos de vaca e esta lama escondidos. Dificilmente se adivinharia o prazer que o facto lhe causava. O irmão Thomas tinha sonhado uma vez com os pés de Cristo – não com a sua crucificação, ressurreição ou sagrado coração, mas com os pés.

O odor que emanava do soalho da igreja, mesmo os pés de Deus no seu sonho, levavam-no, por qualquer razão, a alimentar pensamentos mais nobres sobre a religião.

Os outros monges, Sebastian por exemplo, teriam considerado a acumulação nas fissuras do soalho profana mas Thomas, ali deitado, soube de súbito que o odor que lhe chegava era uma fina patina da mais inviolável beleza, e infinitamente sagrada. Estava a cheirar a terra.

Thomas estava na abadia de Santa Senara, na pequena ilha da Carolina do Sul, há quase cinco anos, cada um deles um osso de trevas que havia roído. E por enquanto nenhuma medula de luz, pensou, embora ocasionalmente sentisse um feixe irromper do nada e atingi-lo. Exactamente como um momento antes, quando sentira o odor.

Depois de a sua outra vida ter acabado, a vida com a mulher e a criança por nascer, sentira-se irremediavelmente impelido. Por isso a sua demanda parecia impossível, como um olho a tentar olhar para trás e a ver-se a si mesmo. Tudo quanto discernira até então fora que Deus parecia um ser vulgar que rondava sub-repticiamente.

O seu verdadeiro nome era Whit O'Conner. Antes, na sua outra vida, exercera advocacia em Raleigh, frustrando os planos de investidores imobiliários e poluidores industriais em nome de vários grupos

ecológicos e ambientalistas. Houve uma casa de tijolo com um jardim arranjado e a mulher, Linda, grávida de sete meses e meio.

Ela trabalhava como chefe de escritório num consultório de ortodontia mas, apesar de isso estar fora de moda, queria ficar em casa e criar a filha de ambos. Era um traço que lhe agradava nela – o facto de não ser uma pessoa moderna. Tinham-se conhecido em Duke, casado no domingo à tarde a seguir à formatura dela, na pequena igreja metodista da sua família, perto de Fiat Rock, Carolina do Norte, e nunca se tinham separado até o pneu ter saído do camião diante do carro dela na 1-77. O

médico que compareceu no local do acidente disse-lhe vezes sem conta que ela teve uma morte rápida, como se o facto de ter morrido mais cedo o consolasse.

A sua sensação de abandono fora abissal – não apenas por Linda e pela promessa de uma família, mas por Deus, em quem sinceramente acreditara. Aquele acreditar genuíno que precede um imenso sofrimento.

Linda ligara-lhe do trabalho no dia em que morreu para lhe dizer que tinha a certeza de que iam ter uma menina. Até esse momento, ela não tivera preferência, embora pessoalmente ele se tivesse convencido desde o início de que seria um rapaz. A impressão assaltara Linda quando ela estava no duche nessa manhã. Tocara no ventre e simplesmente soubera. Ao recordar isto agora, sorriu e os seus lábios roçaram o chão. Depois do funeral, soube pelo médico-legista que ela não se enganara.

Não se lembrava com exactidão quando lhe ocorrera vir para o mosteiro pela primeira vez, mas fora cerca de um ano após a morte dela. Enviara as suas certidões de baptismo e crisma, recomendações de dois padres e uma longa carta, cuidadosamente redigida. E mesmo assim, todos, incluindo o abade, tinham dito que ele estava a fugir à dor. Não faziam ideia do que diziam. Tinha acarinhado a sua dor ao ponto de a amar. Tinha-se recusado a renunciar-lhe durante muito tempo porque esquecê-la era como esquecê-la a ela.

Por vezes não era capaz de explicar como decidira partilhar a sua sorte com estes homens de idade. Alguns eram rezingões ao ponto de ele se desviar do seu caminho para os evitar, e pelo menos quatro deslocavam-se lentamente de andarilhos e viviam permanentemente na

enfermaria. Havia um monge, o irmão Fabian, que estava sempre a escrever cartas de protesto ao Papa sobre coisas que os outros faziam e a afixar cópias nos corredores. O irmão Basil tinha um tique bizarro, gritando "Mipe!"

durante o coro ou noutros momentos estranhos e sacrossantos. Mipe. Que queria dizer? A princípio, aquilo exasperara Thomas. Mas Basil, pelo menos, era bondoso, ao contrário de Sebastian.

Thomas não era daquelas pessoas que idealizavam os mosteiros e, se tivesse sido, essa ilusão ter-se-ia evaporado na primeira semana.

A sua dor tinha-se simplesmente aberto num abismo maior.

"Não vim para aqui para encontrar respostas", tinha ele escrito no seu caderno no primeiro ano, "mas para encontrar uma forma de viver num mundo que não as tem."

Para ser franco, tinha sido rejeitado três vezes em três anos antes de o abade Dom Anthony finalmente o aceitar. Thomas tinha a certeza de que não fora porque o abade mudara de ideias mas porque acabara por desgastá-lo. E também porque precisavam de um homem mais novo, alguém capaz de subir a escada para os botaréis de madeira da igreja e mudar as lâmpadas, alguém que entendesse de computadores – que soubesse que a palavra "reboot" não significava necessariamente voltar a calçar as botas, como alguns monges pareciam pensar. Principalmente, precisavam de alguém capaz de conduzir o pequeno barco do mosteiro pelos canais, capaz de medir os ovos das garças, contar os filhotes chocados e tirar a salinidade da água – trabalho que o mosteiro tinha sido contratado para fazer para o Departamento de Recursos Naturais da Carolina do Sul, permitindo-lhe receitas adicionais. Thomas executava estas tarefas de bom grado. Adorava perder-se na colónia de garças.

Os seus braços começaram a doer um pouco na zona dos cotovelos. Mudou de posição e virou a cabeça para o outro lado. Via a igreja da perspectiva de um rato. De um escaravelho. Revirou os olhos para o tecto sem mexer a cabeça e sentiu que estava no fundo do mundo, olhando para cima. O ponto onde começam todas as escadas – não o dissera Yeats? Tinha passado ali muito do seu tempo a ler – sobretudo os poetas, explorando sistematicamente as obras existentes na biblioteca. Yeats era o seu preferido.

Sentia-se menos importante estendido no chão e ocorreu-lhe que todas as pessoas presunçosas – no Congresso, no Vaticano, na companhia dos telefones, talvez – deviam passar algum tempo ali deitadas. Deviam deitar-se ali, levantar os olhos e ver como tudo parecia diferente.

Admitia que dera a si próprio uma importância excessiva antes de vir para o mosteiro. Os processos que defendera – muitos deles mediáticos – haviam-no levado com frequência às primeiras páginas dos jornais estaduais e por vezes ainda recordava essa vida com nostalgia. Lembrava-se da ocasião em que impedira uma grande empresa de terraplanagem de trazer despejos de esgotos da cidade de Nova Iorque, tendo, por causa disso, figurado no New York Times e dado inúmeras entrevistas à televisão.

Deliciara-se com isso.

No barco, no dia em que chegara, pensara no rio Estige, no barqueiro a conduzi-lo através do último limiar. Tinha-se imaginado a morrer para a sua vida antiga e a aportar a uma nova, uma vida escondida na água, escondida do mundo. Era tolo e excessivamente dramático, mas a analogia agradara-lhe. Mais tarde, apercebeu-se de que não era tanto a água mas as árvores que o impressionavam, os ramos retorcidos e vergados em extravagantes espirais pelos ventos oceânicos. Assim que os vira, compreendera que era um lugar de inclemência. De resistência.

Adoptara naturalmente o nome de irmão Thomas por ser o residente incrédulo, o que era praticamente um cliché, mas, mesmo assim, adoptara-o. Duvidava de Deus. Talvez viesse a descobrir que nunca existira nenhum Deus. Ou viria a perder um Deus e a encontrar outro. Não sabia. Apesar disso, sentia Deus do mesmo modo que os monges artríticos sentiam nas articulações a iminência de chuva. Sentia apenas o prenúncio d'Ele.

Na primeira página do caderno, tinha escrito: "Questões em Aberto", em honra de Thomas Merton, o monge que escrevera um livro com esse título. Chamara a atenção de Dom Anthony para o facto como uma espécie de defesa, mas de nada lhe valera. Para ser herege e impune era necessário estar morto há tempo suficiente para as pessoas esquecerem a heresia e redescobrirem o herege.

Tentou recordar as passagens mais incriminatórias do caderno. Provavelmente as questões que não o deixavam dormir à noite. Sentado com a janela aberta, ouvindo as bóias ao largo de Bull's Bay produzir a sua música ressonante, tomara nota de todas elas. Questões acerca do Mal e se este poderia existir sem a convivência de: Deus, acerca da afirmação de Nietzsche de que Deus está morto, teorias de que Deus não é um ser no Céu mas simplesmente um lado orientador na personalidade humana.

Sentiu alguma consternação ao imaginar o abade a ler isto. Teve vontade de se levantar e ir à procura dele para explicar. Mas o que lhe diria?

Lá fora levantou-se um vento da baía que abanou o telhado. Imaginou-o a rasgar a superfície da água. O sino do mosteiro repicou, chamando os monges a recolher, dizendo-lhes que ia começar o Grande Silêncio, e ele interrogou-se se o abade se teria esquecido dele.

A igreja enchera-se de sombras, as longas fendas de vidro pálido nas janelas completamente escuras. Pensou na capela atrás do altar—mor onde o trono da sereia se encontrava sobre um estrado alcatifado. Por vezes gostava de ir sentar-se no trono quando não andavam por ali turistas. Sempre se interrogara por que razão Senara, I a famosa santinha do mosteiro, fora esculpida no cadeirão na sua forma de sereia e, como se não bastasse, uma sereia seminua. Não punha objecções à maneira como fora retratada: até a apreciava. Mas era muito pouco característico dos beneditinos dar realce aos seus seios.

Assim que vira o trono da sereia, ficara a gostar de Senara, não apenas pela sua vida mítica no mar mas por ter alegadamente ouvido as preces dos habitantes da ilha de Egret e os ter salvo, não só de furacões mas de campos de golfe.

No início sentara-se no trono da sereia e pensara na mulher, nos momentos em que fazia amor com ela. Agora passavam semanas em que não pensava nela. Por vezes, quando pensava em fazer amor, era simplesmente com uma mulher, uma mulher em geral, e não com Linda.

Quando chegara como postulante, não lhe custara renunciar ao sexo. Nessa altura, não se considerava capaz de fazer amor com ninguém a não ser Linda. O cabelo dela espalhado pelo travesseiro, o perfume dela — tudo isso desaparecera. O sexo desaparecera. Deixara-o para trás.

Sentiu uma tensão na virilha. Como era ridículo imaginar que podia esquecer o sexo. As coisas escondiam-se num lugar subterrâneo durante algum tempo, afundavam-se como os pequenos pesos que os monges atavam às suas tarrafas, mas não ficavam eternamente no fundo. Tudo o que desce acaba por subir. E depois quase se riu do trocadilho que tinha feito sem querer.

Nos últimos meses, pensara demasiado em sexo. Passar sem ele tinha-se tornado um verdadeiro sacrifício mas não lhe transmitia uma sensação de santidade, apenas de

negação, como um monge normal que o celibato impacientava. Em Junho, faria os votos solenes. E poria um ponto final no assunto.

Quando finalmente se ouviram os passos, fechou os olhos. Voltou a abri-los quando o som se calou. Viu as biqueiras de duas sapatilhas Reebok e a bainha de um hábito a cobri-las.

O abade falou no seu sotaque irlandês, perfeitamente inalterado ao fim de tantos anos.

– Espero que tenha sido um tempo frutuoso.

– Foi, reverendo padre.

– Não foi então muito penoso?

– Não, reverendo padre.

Thomas não sabia que idade tinha Dom Anthony mas a olhar para baixo parecia um ancião, a pele do rosto descaída junto ao queixo e as faces muito frouxas. Por vezes dizia coisas que pareciam brotar de um mundo antigo e intemporal. Uma vez, durante uma reunião do capítulo de domingo de manhã, sentado na sua imponente cadeira com o báculo na mão, dissera:

– Ao mesmo tempo que S. Patrício expulsou as cobras da Irlanda, transformou todas as velhas pagãs em sereias. – Thomas achara a afirmação pitoresca e um pouco bizarra.

O abade acreditaria realmente naquilo?

– Agora vá deitar-se – disse Dom Anthony.

Thomas levantou-se do chão e saiu da igreja para uma noite assolada pelo vento. Enfiou o capuz na cabeça e atravessou o claustro central em direcção às casas de dois andares dispersas sob os carvalhos retorcidos junto ao pântano.

Seguiu o caminho para a casa que partilhava com o padre Dominic. Dominic era o abade bibliotecário e também o brincalhão do mosteiro ("Todas as cortes têm o seu bobo", Dominic gostava de dizer.) Queria ser escritor e não deixava Thomas dormir de noite com o ruído do teclado. Thomas não fazia ideia daquilo que ocupava Dominic, do outro lado da casa, mas tinha a sensação de que talvez fosse um romance policial – um abade irlandês que aparece morto no refeitório, estrangulado com o seu próprio rosário. Qualquer coisa desse género.

Ao longo do caminho havia placas de cimento anunciando as estações da Via Sacra e Thomas passou rapidamente por elas através do nevoeiro esporádico que o vento soprava do mar, pensando agora em Dominic, que uma vez desenhara caretas sorridentes em várias. Claro que Dom Anthony o tinha obrigado a esfregar as placas e depois os cadeirais do coro enquanto os outros viam Música no Coração na televisão. Porque é que não era capaz de se meter em sarilhos como Dominic por coisas engraçadas e cómicas?

Porque é que tinha de ser por causa dos disparates existenciais que escrevia no seu caderno?

Durante algum tempo pensara que talvez viesse a arranjar problemas devido ao cromo de baseball que usava para marcar as páginas no livro de orações mas, pelos vistos, ninguém, incluindo o abade, pareceu importar-se. Thomas surpreendia-se com as saudades que sentia de pequenas coisas como o baseball. De tempos em tempos conseguia assistir a um jogo na televisão mas não era a mesma coisa. Dale Murphy tinha marcado quarenta e quatro home runs no ano passado e ele só vira um.

Linda oferecera-lhe o cromo de baseball no último Natal que tinham passado juntos. Eddie Matthews, 1953 – sabia-se lá quanto teria pago por ele.

Invejava Dominic, que devia ter pelo menos oitenta anos e ia para todo o lado, excepto para o coro, com um chapéu de palha amassado. Fora ele a convencer o abade a colocar um televisor na sala de música. Um dia Dominic batera à porta de Thomas depois do Grande Silêncio e tentara convencê-lo a ir até lá sorrateiramente ver um programa sobre a edição especial "fatos-de-banho" da Sports Illustrated. Thomas não foi. Ainda hoje lamentava o facto.

Estava quase a chegar a casa quando estacou abruptamente, pensando ter ouvido uma voz, uma voz de mulher a chamar à distância. Olhou para leste, na direcção da colónia de garças, o hábito a bater-lhe contra as pernas.

Soou o canto de um noitibó. A mulher Gullah da ilha, Hepzi-bah Postell, a que tratava do cemitério dos escravos, tinha-lhe dito uma vez que os noitibós eram os espíritos finados dos entes queridos. Claro que não acreditava nisso e tinha praticamente a certeza de que ela também não, mas agradava-lhe pensar que era Linda que estava ali fora a cantar. Que era a voz dela a chamar à distância.

Thomas imaginou a mulher – ou seria simplesmente a mulher em sentido lato? – a posar em fato-de-banho. Imaginou o interior das suas coxas, logo acima dos joelhos, aquele ponto macio. Imaginou-se a beijá-lo.

Parou debaixo de uma árvore vergada, no Grande Silêncio, e pensou em mergulhar na vida e depois em voar alto sobre ela. Ouviu-a então novamente – uma voz de mulher a chamar. Não o canto de um pássaro nem o gemer do vento mas uma mulher.

CAPÍTULO 7

O aroma da sopa de quiabo pairava dentro de casa em espessas baforadas, tão espessas que eram quase tangíveis. Pousei a mala no tapete bege e avancei pelo corredor para o quarto da minha mãe. Chamei:

– Mãe. Sou eu, a Jessie. – A minha voz soou turva e cansada.

Ela não estava na cama. O cobertor estava atirado para trás e os lençóis brancos amarrotados, como se tivessem estado crianças a saltar, entusiasmadas, em cima deles.

A porta da casa de banho estava fechada e a luz fluorescente escapava pelo fundo da porta. Enquanto esperava que a minha mãe saísse, estiquei os ombros e o pescoço doridos. Um par de chinelos de felpo gastos tinha sido largado de pernas para o ar no tapete, que era bege como o da sala de estar. A minha mãe não acreditava em tapetes que não fossem beges. Nem em paredes e cortinas de outra cor que não

fosse branco, creme e marfim. Acreditava em tinta verde no exterior, sim, mas no interior as coisas tinham de ter mais ou menos a cor da água da torneira. A cor de uma vida completamente aziada.

esvaziada.

Contemplei o toucador antigo com o folho – seria bege ou era branco e já muito velho? No centro do toucador, a Virgem Maria de faiança da minha mãe segurava um Menino Jesus rechonchudo contra a anca e exibia uma expressão de depressão pós-parto. Ao lado estava uma fotografia do meu pai no barco dele. A água era azul-marinha e estendia-se atrás dele até perder de vista.

Não pensei no facto de estar tudo demasiado silencioso atrás da porta da casa de banho; estava absorvida pela sensação de voltar! a entrar na vida dela, neste quarto, de estar imersa nas contradições que ela sempre despertava em mim, nesse misto de amor e ódio. Inspeccionei a mesa-de-cabeceira: o seu velho rosário de contas vermelhas, dois frascos de remédio, um rolo de gaze, fita adesiva, tesoura, um relógio digital. Apercebi-me de que estava à procura do frasco de maionese. Não o vi em sítio nenhum.

– Mãe?

Bati à porta da casa de banho. Respondeu-me o silêncio e depois uma leve e persistente ansiedade invadiu-me. Rodei o puxador! e entrei. A minúscula casa de banho estava vazia.

Dirigi-me à cozinha – uma divisão de tal modo imutável que parecia magicamente suspensa no tempo; entrar ali era como regressar aos anos 50. O mesmo abre-latas fixo à parede, as latas com o motivo de um galo, a chaleira de cobre, a caixa do pão de metal,! as miseráveis colheres de chá montadas num suporte de madeira,! O relógio de parede ao lado do frigorífico era um gato preto cuja cauda era um pêndulo oscilante. O imortal Félix. Contava ver a minha mãe sentada à mesa de fórmica a comer a sopa mas também a cozinha estava vazia.

Atravessei a sala de jantar a correr, espreitei nos outros dois quartos – o meu antigo quarto e o do Mike. Ela tinha de estar em casa enquanto a Hepzibah cá esteve há... dez minutos? Voltei para a cozinha e verifiquei o número da Hepzibah mas, ao levar a mão ao telefone, reparei que a porta das traseiras estava entreaberta.

Pegando numa lanterna, dirigi-me às escadas das traseiras e varri o quintal com o feixe de luz. O cinto do roupão de banho azul da minha mãe estava enrolado no degrau do fundo. Desci e apanhei-o. O vento, que agora soprava com mais força, arrancou-me o cinto da mão. Vi-o agitar-se e desaparecer na escuridão.

Onde é que ela se teria metido?

Recordei a ocasião em que a Dee, com cinco anos, me tinha fugido no centro comercial de North Lake, o ataque de pânico que senti,! seguido de uma calma quase sobrenatural, de uma voz qualquer dentro de mim a dizer-me que a única forma de encontrar a Dee era pensar como ela. Sentei-me num banco e pensei como ela, depois dirigi-me sem hesitação à sapataria infantil, onde a fui encontrar! e as sapatilhas da Rua Sésamo, a tentar apertar os atacadores do Egas e do Becas nos pés pequeninos. Só sabia de uma coisa de que a mãe gostava tanto como a Dee gostara do Egas e do Becas. Descobri o caminho ao fundo do quintal que levava ao mosteiro, Não era um caminho comprido mas ziguezagueava por baixo duma arcada de árvores da cera, loureiros e silvas de amoreiras, os monges tinham criado uma abertura tosca para a minha mãe na parede do mosteiro para ela não ter de dar a volta até à entrada quando ia cozinhar para eles. Chamavam-lhe o "Portão da Nelle". A minha mãe, claro, adorou. Tinha-me falado dele pelo menos cinquenta vezes.

Ao transpô-lo, chamei pelo seu nome. Ouvi a restolhada de um animal qualquer na vegetação e depois um noitibó e, quando o vento acalmou momentaneamente, a ondulação distante do mar, a percussão incessante que produz.

A minha mãe tinha marcado um trilho até ao caminho principal que corria entre o claustro e as casas dos monges. Segui-o, detendo-me uma ou duas vezes para chamar por ela, mas o vento parecia devolver-me imediatamente a minha voz. A lua tinha surgido. Pairava baixa, ao longe sobre o pântano, um globo surpreendente de luz vidrada.

Quando vi as traseiras do enclave do claustro, desliguei a lanterna e larguei a correr, deixando tudo para trás – os pequenos indicadores das estações da Via Sacra, a neblina, o vento do mar e o solo irregular. Passei a correr pela casa de estuque onde os monges coziavam as redes, o letreiro por cima da porta que dizia FORTUNA, ÁRIA, RETIA

NOSTRA – Abençoa as Nossas Redes, Maria. A estátua de Santa Senara erguia-se num jardim cercado ao lado da igreja. Transpus o portão, entrando num denso refúgio de roseiras, de ramos nus e altos, que projectavam sombras alongadas no muro oposto. Os monges tinham concebido o jardim com a estátua de Santa Senara ao centro e seis caminhos regularmente espaçados confluindo nela. Ela parecia o centro de uma magnífica roda floral. Em criança, eu costumava brincar ali . Enquanto a minha mãe trabalhava arduamente na cozinha do mosteiro, eu vinha para ali e arrancava dezenas de rosas do caule, enchendo um cesto de erva-doce com pétalas de uma profusão de cores, que utilizava em cerimónias secretas, lançando-as para o pântano atrás da igreja, em redor dos troncos de certos carvalhos venerandos, e para o assento do trono da sereia, sendo este, por qualquer razão, o local mais digno. Era o meu funeral de brincar, uma solene representação a que me entregava depois da morte do meu pai. As pétalas eram as cinzas dele, e eu achava que aquilo que eu estava a fazer era uma despedida, mas pode ter sido exactamente o contrário: a minha tentativa de não o deixar partir, de o abrigar em lugares secretos que só eu conhecia,! Semanas mais tarde encontrava as pétalas, pedacinhos castanhos de rosas secas.

A noite parecia agora mais pálida, como se o vento tivesse levado um pouco da escuridão. Parada, deixei os meus olhos percorrer as copas das roseiras, ao longo dos caminhos banhados pelo luar. Não havia sinais da minha mãe.

Desejei então ter ligado à Hepzibah e à Kat em lugar de largar a correr para aqui, perdendo este tempo todo. Mas sentira-me tão segura de que ela estaria aqui, mais ainda do que quando procurava a Dee na sapataria. A minha mãe tornara-se na Guardiã da Estátua por volta da mesma altura em que começara a trabalhar na cozinha Munida de um balde de água com sabão, vinha frequentemente limpá-la dos excrementos das aves e, quatro vezes por ano, encerava-a com uma pasta que cheirava a casca de laranja e lima. Aqui confidenciava os vários tormentos da sua vida em lugar de os comunicar a Deus na igreja. Senara não era praticamente ninguém na hierarquia dos santos mas a minha mãe tinha fé nela.

Adorava relatar a história do meu nascimento como prova do poder de Senara, como eu me virei ao contrário dentro do seu útero e fiquei

encravada durante o parto.

Ela rezou a Senara, que imediatamente me rodou e eu finalmente irrompi no mundo de cabeça.

Aqui no meio do jardim, a estátua tinha a aparência de um estame projectando-se do centro de uma enorme flor atacada pela geada. Ocorreu-me que a santa presidira da mesma forma à minha infância, a sua sombra pairando sobre o vazio que se instalara quando tinha nove anos.

O pior castigo que eu e o Mike alguma vez recebemos foi por termos vestido a estátua com um biquini e lhe termos posto óculos de sol e uma cabeleira loura. Cortámos a parte de baixo do biquini ao meio para a podermos prender à volta das ancas de Senara. Alguns monges acharam graça à indumentária mas a minha mãe ficou indignada com a nossa falta de respeito e obrigou-nos a escrever o Agnus Dei quinhentas vezes por dia durante uma semana inteira: Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós. Em lugar de me sentir arrependida, senti-me simplesmente confusa com tudo, como se tivesse traído Senara e a tivesse ao mesmo tempo libertado.

Parada no fundo do jardim, tentando pensar no que fazer a seguir, uma vez que era claro que a minha mãe não estava ali, ouvi um leve raspar vindo das imediações da estátua de Senara, como uma ave pequena a esgaravatar o solo à procura de vermes e insectos. Aproximei-me por detrás da estátua e ali estava ela, sentada no chão com o frasco de maionese, o cabelo branco uma mancha de claridade no escuro.

Vestira o casaco azul-marinho de todos os dias por cima de um roupão de felpo comprido, e estava sentada com as pernas abertas, como uma criança poderia sentar-se enquanto brincava na areia. Cavava a terra com a mão esquerda, usando o que parecia ser uma concha da sopa em aço inoxidável. A ligadura na mão direita parecia do tamanho de uma luva de baseball de criança e estava salpicada de terra.

Não me viu; estava completamente absorvida no que estava a fazer. Fixei a sua silhueta por alguns segundos, o meu alívio ao encontrá-la transformando-se num novo terror.

– Mãe, sou eu, a Jessie – disse eu.

Ela virou-se para trás com um sobressalto e a concha caiu-lhe no colo.

– Deus do Céu! – exclamou. – Pregaste-me um susto de morte! Que estás aqui a fazer?

Sentei-me ao lado dela.

– Vim aqui à tua procura – respondi, tentando soar normal, calma. Tentei mesmo sorrir.

– Pronto, já me encontraste – disse ela, pegando na concha e retomando o trabalho no pequeno buraco que tinha cavado na base da estátua.

– Muito bem, já determinámos o que eu estou aqui a fazer. E tu, que estás a aqui a fazer? – perguntei.

– Não é nada que te diga respeito.

Quando encontrei a Dee naquele dia na sapataria, agarrei-a pelos ombros, cheia de vontade de lhe gritar por me ter assustado, e agora a mesma raiva irracional explodiu dentro de mim. Apetecia-me sacudir a minha mãe até os dentes lhe caírem.

– Como é que podes dizer isso? – perguntei. – A Hepzibah deve ter-te dito que eu tinha chegado e tu resolveste desaparecer antes mesmo de eu entrar em casa. Tu também me pregaste um susto de morte a mim.

– Por amor de Deus, não te quis pregar nenhum susto. Precisava simplesmente de tratar disto.

Isto. Que era isto? Acendi a lanterna e aponte o feixe para o frasco de maionese. Lá dentro estava o dedo desmembrado dela. Tinha um aspecto muito limpo e a unha parecia ter sido limada. Elevando o frasco ao nível do meu nariz, vi a pele mirrada na ponta cortada, com um pedaço de osso branco de fora.

Percorreu-me uma sensação agonizante, semelhante à minha náusea dessa manhã. Fechei os olhos e não falei, e a minha mãe continuou a esgaravatar o solo frio. Por fim eu disse:

– Não sei o que estás aqui a fazer mas não andas bem e tens de te levantar e voltar para casa comigo.

Senti, de súbito, uma grande exaustão.

– Não ando bem, como? – perguntou ela. – Estou perfeitamente bem.

– Ai estás! Desde quando é que cortar um dedo de propósito é estar perfeitamente bem? – Suspirei. – Meu Deus!

Nesse momento, ela virou-se para mim com brusquidão.

– Porque não invocas alguém que conheças? – disse ela num tom cáustico. – Ninguém te pediu para voltares.

– Pediu a Kat.

– A Kat devia meter-se na vida dela.

Bufei, incrédula.

– Só se for quando as galinhas tiverem dentes.

Ouvi uma gargalhada formar-se-lhe no fundo da garganta, um som raro e comovente que eu não ouvia há muito tempo e que, por qualquer razão, derrubou o meu pequeno muro de raiva.

Chegando-me para ela de modo que os nossos ombros se tocassem, pus a minha mão sobre a sua, a que ainda segurava na concha, e pensei que ela talvez a afastasse mas não o fez. Senti os minúsculos ossos salientes da sua mão, o suave reticulado de veias – Sinto muito. Por tudo – disse eu. – A sério.

Ela virou-se e olhou para mim e eu notei que tinha os olhos rasos de lágrimas, reflectindo como espelhos. Ela era a filha e eu era a mãe. Tínhamos revertido a ordem natural das coisas e eu não era capaz de as resolver, não era capaz de inverter os papéis. A ideia atingiu-me como um murro.

– Diz-me, está bem? – pedi. – Diz-me porque é que fizeste isto a ti própria?

– O Joe, o teu pai – disse ela, o seu queixo descaindo como se o nome dele fosse demasiado pesado para a sua boca. Olhou para mim e tentou novamente. – O padre Dominic...

– disse ela, mas a voz sumiu-se-lhe.

– O quê? O padre Dominic o quê?

– Nada – respondeu, recusando-se a continuar. Não consegui imaginar que espécie de angústia estava amordaçada dentro dela ou o que o padre Dominic tinha a ver com o assunto.

– Não recebi as minhas cinzas hoje – disse ela e eu apercebi-me de que eu também não. Era o primeiro serviço religioso de Quarta-Feira de Cinzas a que eu faltara desde a morte do meu pai.

Pegando na concha, ela recomeçou a esgaravatar no solo.

– A terra está demasiado dura.

– Estás a tentar enterrar o teu dedo? – perguntei.

– Só quero pô-lo num buraco e tapá-lo.

"Se a tua mãe disser que os peixes voam, diz que sim."

Tirei-lhe o utensílio da mão.

– Muito bem, então.

Continuei a cavar o buraco que ela tinha aberto na base da estátua até ter uma profundidade de cerca de quinze centímetros. Ela desatarraxou o frasco e retirou o dedo. Levantou-o e ficámos ambas a olhar para ele, a minha mãe com uma espécie de reverência sombria no rosto e eu desalentada, quase entorpecida.

Estamos a enterrar o dedo da minha mãe, disse a mim mesma. Estamos num jardim a enterrar um dedo, e isto está de alguma forma relacionado com o meu pai. E com o padre Dominic. Acho que podíamos ter pegado fogo à extremidade do dedo dela e tê-lo deixado arder como um círio, que o momento não me teria parecido mais estranho.

Ao pousar o dedo no buraco, a minha mãe virou o nó para cima e passou por ele os dedos da mão sã antes de o tapar com a terra escavada. Vi-o desaparecer, formando mentalmente a imagem de uma pequena boca a abrir e a fechar dentro da terra, engolindo uma parte da minha mãe que ela deixou de ser capaz de suportar.

O solo estava repleto de pétalas de rosa secas, como se todas as chamas vermelhas tivessem caído das velas. Apanhei um punhado que tinha uma consistência de papel.

– Lembra-te que és pó e em pó te tornarás – disse eu, pressionando uma pétala contra a fronte da minha mãe e, em seguida, outra contra a minha. – Agora tens as tuas cinzas.

A minha mãe sorriu-me.

O jardim tornou-se absolutamente tranquilo e silencioso e, contudo, nenhuma de nós o ouviu aproximar-se antes de ele estar quase ao nosso lado. Eu e a minha mãe levantámos os olhos ao mesmo tempo e vimo-lo surgir por detrás da estátua, materializan-do-se nas sombras com o seu hábito comprido, muito alto, o rosto brilhante na noite luminosa.

CAPÍTULO 8

Levantei-me precipitadamente, mas a minha mãe deixou-se ficar no chão. O monge olhou para ela. Devia ter pelo menos um metro e oitenta e cinco ou oitenta e seis e possuía a aparência enxuta e segura de um atleta, um nadador, talvez, ou um corredor de fundo.

– Nelle? – disse ele. – Sente-se bem?

Não perguntou o que estávamos a fazer sentadas no chão às escuras com uma concha da sopa, um frasco de Hellmann's vazio e um monte de terra fresca.

– Sinto – respondeu a minha mãe. – Vim ver a santa, é tudo.

Ele retirou o capuz da cabeça, sorrindo-lhe, um sorriso absolutamente espontâneo e contagioso, e eu reparei que o seu cabelo era escuro e impecavelmente curto.

Ele olhou de relance para a mão ligada da minha mãe.

– Lamento o seu ferimento. Rezámos por si na missa.

Virou-se para mim e olhámos um para o outro durante vários segundos. À luz áspera da lua, notei que os seus olhos eram azul-claros e o rosto intensamente bronzeado.

Tinha um ar de rapazinho irresistível mas também outro lado que me pareceu sério e intenso.

– Sou o irmão Thomas – disse ele, tornando a sorrir, e eu senti um estranho aperto no peito.

– Sou a filha da Nelle – respondi. – Jessie Sullivan.

Mais tarde, relembalaria este encontro vezes sem conta. Diria a mim mesma que, quando o conheci, todos os cílios microscópicos e obscuros das minhas células entraram em alvoroço na certeza de que ele ali estava – aquele por quem se espera – mas não sei se isso foi realmente verdade ou se apenas me habituei a acreditar que sim.

Devo ter fantasiado em demasia acerca do nosso primeiro encontro. Mas senti esse aperto no peito, sim; vi-o e qualquer coisa aconteceu.

A minha mãe fez um esforço para se levantar e ele ofereceu-lhe a mão, puxando-a para cima, e não a largou enquanto ela não reencontrou o equilíbrio.

– Quem está a cozinhar as vossas refeições? – perguntou-lhe ela.

– O padre Timothy.

– Não pode ser! – exclamou ela. – Acho que ele trata muito bem do refeitório... sabe pôr as mesas e encher as bilhas de leite... mas a

cozinhar é um desastre.

– Sem dúvida – concordou Thomas. – Foi por isso que o abade o escolheu. Hoje preparou um guisado misterioso. Estamos todos obrigados a um jejum quaresmal.

A minha mãe deu-lhe um jovial empurrão com a mão sã e eu captei um vislumbre do afecto que os monges nutriam por ela. Surpreendeu-me. Tinha-a imaginado como a mascote irritante do mosteiro mas talvez representasse mais do que isso para eles.

– Não se preocupe – disse-lhe ela. – Daqui a alguns dias estou de volta à cozinha.

– Nem pensar – interpus, demasiado abruptamente. – A tua mão pode levar semanas a sarar. – Ela fulminou-me com os olhos.

Thomas disse:

– Semanas? Então vamos todos passar fome, Havemos de ficar santificados e purificados com o jejum, mas completamente descarnados.

– A Jessie vai comigo – disse a minha mãe. – Ela ajuda-me a cozinhar.

– Não, não, primeiro tem de se curar convenientemente – disse-lhe ele. – Estava a brincar consigo.

– Temos de voltar para casa – murmurei.

Segui-os através do portão de ferro forjado e pelo caminho em direcção à casa, Thomas conduzindo a minha mãe pelo cotovelo. Ela ia tagarelando com ele. Eu levava o frasco e a concha numa mão e apontava a lanterna com a outra.

Acompanhou-nos até ao Portão da Nelle. A minha mãe deteve-se antes de o transpor.

– Dê-me a bênção – pediu ela.

Ele mostrou-se nervoso com o pedido e eu pensei: Um monge pouco a vontade no papel. Levantou a mão direita sobre a cabeça dela e desenhou uma cruz desajeitada no ar. Ela pareceu satisfeita e encaminhou-se através do quintal para casa.

Passei o portão e olhei para ele do outro lado do muro. Era de tijolo e dava-me pela cintura.

– Obrigada por nos ter acompanhado – disse eu. – Não era necessário.

Ele voltou a sorrir e as rugas de cada lado da sua boca aprofundaram-se.

– Não foi maçada nenhuma. Tive muito prazer.

– Deve estar a pensar no que eu e a minha mãe estávamos ali a fazer.
– Pousei o frasco e a concha coberta de terra seca em cima do muro e depois pousei também a lanterna, apontando o feixe de luz para as árvores. Não sei por que razão me senti subitamente compelida a explicar a situação, provavelmente por embaraço. – Ela não foi só visitar Santa Senara. Fui encontrá-la de joelhos ao lado da estátua a tentar enterrar o dedo na terra. Estava tão determinada em fazer aquilo que eu acabei por lhe abrir a cova. Não sei se foi ou não boa ideia, se a ajudei ou se agravei a situação.

Ele abanou ligeiramente a cabeça.

– Eu provavelmente teria feito o mesmo se a encontrasse lá – replicou. – Acha que ela estava a oferecer o dedo a Santa Senara?

– Para ser franca, no que diz respeito à minha mãe, já não sei nada.

Ele pousou os olhos em mim, o mesmo olhar absorvente de antes.

– Sabe, lá no mosteiro devíamos ter percebido o que estava para acontecer. Estamos com a Nelle todos os dias e nenhum de nós fazia ideia de que ela estava tão...

Pensei que ele ia dizer louca. Ou demente.

– Desesperada – disse ele.

– Desesperada é dizer pouco – observei.

– Tem razão, suponho que sim. Seja como for, sentimo-nos mal por isso.

Houve um momento de silêncio quando o ar frio se levantou à nossa volta. Olhei para trás à procura da minha mãe. Das janelas vinha uma luz amarela, banhando o ar em redor da casa. Ela já tinha subido as escadas das traseiras e desaparecido na cozinha.

Apercebi-me de que não queria voltar para dentro. Inclinando a cabeça, olhei para o céu, para a mancha leitosa das estrelas, experimentando uma sensação momentânea de estar a flutuar, de estar a soltar as amarras da minha vida. Quando baixei novamente os olhos, vi as mãos fortes e bronzeadas dele pousadas nos tijolos a centímetros das minhas, e interroguei-me como seria a sensação de as tocar.

– Ouça, se precisar de alguma coisa, se pudermos ajudar, ligue-nos – disse ele.

– Para quê se estão já aí do outro lado do muro? – respondi, dando uma palmadinha nos tijolos, gracejando para disfarçar o facto de me sentir subitamente inibida.

Ele soltou uma gargalhada e pôs o capuz na cabeça. O seu rosto desapareceu na abertura escura.

Peguei nos objectos em cima do muro e, dando rapidamente meia-volta, apressei-me a atravessar o relvado. Sem olhar para trás.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, quando acordei no meu antigo quarto, apercebi-me de que tinha sonhado com o irmão Thomas.

Deixei-me estar deitada enquanto o quarto se enchia de luz e veio-me tudo à memória, como flutuávamos ambos lado a lado no oceano numa jangada insuflável. Eu estava de fato-de-banho, uma peça estranhamente semelhante ao biquini com que eu e o Mike tínhamos vestido Santa Senara muitos anos antes. O irmão Thomas estava com o hábito preto e o capuz na cabeça. Virou-se para mim, apoiando-se sobre o cotovelo e perscrutando o meu rosto. A água movia-se debaixo de nós num ritmo tranquilizante e havia pelicanos a mergulhar, apanhando peixe. Ele puxou o capuz para trás e sorriu do mesmo modo cativante que sorrira no jardim, um sorriso que eu achava intensamente sexual. Tocando-me na face com a mão, pronunciou o meu nome. Jessie. Disse-o na sua voz profunda e eu senti as minhas costas arquear. Enfiou os dedos por baixo do meu corpo e desapertou a parte de cima do meu fato-de-banho. A sua boca tocava a minha orelha, sentia o calor do seu bafo à medida que respirava. Virei-me para beijá-lo mas, desse modo inesperado próprio dos sonhos, dei comigo subitamente sentada na jangada, em pânico e com a sensação de ter perdido completamente a noção do tempo.

A nossa volta não havia nada senão água, imensa e ondulante, a perder de vista.

Era raro recordar os sonhos. Para mim eram miragens frustrantes que pairavam no limiar do despertar e depois se dissolviam assim que eu abria os olhos. Mas este tinha permanecido com todo o pormenor. Mentalmente ainda via as gotas de água salgada borrifadas pelos pelicanos a formar pequenas pérolas na lã preta do hábito do irmão Thomas. A expressão ardente dos seus olhos azuis. Os seus dedos a deslizar debaixo do meu corpo.

Pensei por um segundo como o Hugh, ou mesmo a Dr^a Ilg, analisariam um sonho destes mas decidi que não queria saber. Sentei-me na ponta da cama, procurando os chinelos com os pés. Passei os dedos pelo cabelo, desembaraçando alguns nós e pondo-me à escuta da minha mãe, mas a casa estava mergulhada em silêncio.

Na noite anterior eu e a minha mãe tínhamo-nos deitado demasiado exaustas para conversar. A ideia de instigar hoje uma conversa com ela deu-me vontade de me enfiar outra vez dentro dos lençóis e de me enroscar numa bola. Que havia de lhe dizer? Tencionas cortar mais alguma parte do teu corpo ? Era brutal, horrível, mas era realmente o que eu queria saber – se ela constituía um perigo para si própria, se precisava de ser internada num lugar onde olhassem por ela.

Arrastei-me até à cozinha e vasculhei num armário até encontrar a embalagem de café Maxwell House. Tive de fazer o café numa cafeteira eléctrica com vinte anos e um cabo deteriorado. Perguntei-me se ela teria sequer ouvido falar nas máquinas de café Mr. Coffee. Enquanto o aparelho gorgolejava, fui silenciosamente até à porta do quarto da minha mãe e pus-me à escuta. Ressonava tranquilamente. Pelos vistos, o seu problema de insónia tinha desaparecido com o dedo.

Voltei para a cozinha, mergulhada na semiobscuridade da luz que nascia. O ar estava frio. Riscando um fósforo, acendi o aquecedor, ouvindo as chamas azuis do gás produzir os mesmos pequenos estouros de sempre. Meti duas fatias de pão na torradeira, observei as resistências vermelhas no interior refulgir e pensei no irmão Thomas, o monge, e na estranheza do nosso encontro – no seu aparecimento inopinado no jardim.

Pensei em nós os dois a conversar lá fora, na severidade com que o seu olhar me havia penetrado. No alvoroço do meu corpo. E depois tivera um desses sonhos, de que ouvia o Hugh falar, em que um grande e

enigmático avião atravessa o nosso sono, abrindo as escotilhas das bombas e largando um pequeno e palpitante sonho.

As torradas saltaram. Deitei o café na chávena e bebi-o simples enquanto comia o pão. O aquecedor tinha transformado a cozinha num pântano de ciprestes da Carolina.

Levantei-me e desliguei-o. Não era capaz de explicar a mim mesma por que razão tais pensamentos me surgiam na cabeça. Pensar no irmão Thomas – um monge. E deste modo, deste modo inflamado.

Imaginei o Hugh em casa e fui invadida por uma terrível vulnerabilidade. Era como se o lugar mais zelosamente guardado dentro de mim tivesse sido de súbito abandonado, deixado escancarado e sujeito a um ataque – o lugar que me conferia a minha identidade.

Levantei-me e dirigi-me à sala de estar, a sensação do sonho regressando, a noção terrível de estar a soltar as amarras. Numa das paredes, a minha mãe tinha umas quinze ou vinte fotografias encaixilhadas numa confusão desordenada, algumas delas com esse aspecto gasto de sépia nos cantos. Na maioria, eram velhas fotografias minhas e do Mike do tempo da escola. Penteados horrorosos. Olhos semicerrados. Blusas brancas encorilhadas. Suspensórios. A Dee chamava-lhe "a Parede do Embaraço".

A única fotografia tirada depois dos anos sessenta era uma de mim, do Hugh e da Dee, em 1970, quando a Dee era bebé. Olhei com determinação para nós os três, recordando como o Hugh tinha programado o temporizador na máquina e nos tínhamos sentado no sofá, apertando a Dee entre os dois, o seu rosto pequenino e sonolento entalado entre os nossos queixos.

Na mesma noite em que tirámos a fotografia, fizemos amor pela primeira vez depois de a Dee nascer. Devíamos ter esperado seis semanas antes de ter relações sexuais.

Mas aconteceu dois dias mais cedo.

Eu passara pelo quarto da bebé e vira o Hugh debruçado sobre o berço da Dee. Apesar de ela estar a dormir profundamente, ele cantava-lhe uma melodia qualquer em surdina. A luz âmbar do candeeiro da mesinha-de-cabeceira espalhava-se pelo tecto e cobria-lhe os ombros como um manto de poeira.

Senti o calor percorrer-me o corpo, uma sensação potente e sexual. Foi a ternura do Hugh que me tocou tão poderosamente – a visão dele a amá-la sem ninguém saber.

Senti-me subitamente possuída pela intimidade com que a havíamos concebido, a ideia da carne dela a formar-se em resultado do que tínhamos feito no quarto ao lado.

Entrei e passei os braços em volta da cintura dele. Encostando a cara às suas costas, senti-o virar-se para mim. As suas mãos descreveram lentos círculos no meu corpo.

– Temos de esperar mais dois dias – sussurrou. E quando eu disse que não podia esperar, ele pegou em mim ao colo e levou-me para a cama.

A sensação de amá-lo, naquele momento, foi diferente – mais arrebatada, mais profunda e mais pura. Estava de algum modo relacionada com a Dee, como se eu e o Hugh pertencêssemos um ao outro de um modo novo, e a ideia pareceu-me incomensurável e inebriante.

Mais tarde, estendidos na cama, a Dee acordou a chorar. Enquanto a amamentava, o Hugh preparou a máquina fotográfica. Eu estava com um roupão cor de pêssego e ainda não o tinha sequer abotoado até cima – haviam de ver a cara do Hugh na fotografia, a sua expressão contente, divertida e clandestina. A imagem despertava sempre em mim um sentimento secreto, seguido de um leve despontar de felicidade, como um leque de papel exótico a abrir-se no meu peito. Fiquei ali à espera que a sensação viesse.

Parecia ter acontecido há tanto tempo. Como um glorioso navio dentro de uma garrafa. Não sabia como lá tinha entrado nem como tirá-lo de lá.

Peguei no telefone e comecei a marcar.

– Estou? – disse o Hugh, a sua voz parecendo erguer-se debaixo de mim como terra firme.

– Sou eu – respondi.

– Estava mesmo a pensar em ti. Estás bem? Tentei ligar-te ontem à noite. Ninguém atendeu.

Fantástico, além de uma máquina de café, ia ter de comprar um atendedor de chamadas.

– Estávamos no mosteiro – expliquei. – Fui lá encontrar a minha mãe a enterrar o dedo.

– Como, a abrir uma cova na terra e a tapá-la?

– Exactamente.

Houve uma longa pausa.

– Acho que é capaz de ser bom sinal, pelo menos para já – disse ele.

– Pode significar que está a estabilizar, que está, digamos assim, a sepultar a obsessão.

Franzi a testa, intrigada com isto, quase esperançosa.

– Achas que sim?

– Pode ser – disse ele. – Mas, Jessie, ela continua a precisar de apoio profissional. Devia ter dado entrada na unidade de Psiquiatria. Com o tempo o problema pode voltar a manifestar-se.

Estiquei o fio do telefone por cima da mesa e sentei-me.

– Queres dizer que pode cortar outro dedo?

– Sim, ou pode ser qualquer coisa completamente diferente. Este tipo de obsessões são egodistónicas, ideias aleatórias.

Ouvi uma pancadinha e percebi que ele estava com o telefone sem fios, a barbear-se no lavatório da casa de banho enquanto falávamos.

– Mas não acho que o corte do dedo tenha sido um acto aleatório. Acho que está relacionado com qualquer coisa específica – observei.

– Oh, duvido – disse ele, não levando a ideia a sério, não me levando a mim a sério.

Reclinei-me na cadeira, soltando um suspiro.

– Vou falar hoje com ela a ver se...

– Não faz mal nenhum, suponho, mas eu estava a pensar... Vou passar o fim-de-semana à ilha. Não tens de suportar isto sozinha.

Tinha-me interrompido.

– Não, não me parece boa ideia vires – disse eu. – Acho que ela se há-de sentir mais inclinada a...

– É uma situação demasiado complicada para lidares com ela sozinha, Jessie.

Claro que era. Era como se me propusesse solucionar uma equação matemática de três linhas; o que se passava no espírito dela era um enigma que me ultrapassava ao ponto de ser patético. Estava a pensar em dizer-lhe: Sim, sim, vem resolver as coisas. Mas continuava a parecer-

me errado. Em parte, era a sensação de que eu – a não psiquiatra da família – conseguia de facto ajudar a minha mãe melhor do que ele. Que era capaz de compreender melhor a situação sozinha.

E talvez também não quisesse a presença do Hugh. Queria este tempo para mim, queria estar só – seria assim tão terrível?

Disse a mim mesma que não tinha nada a ver com o monge e com o que acontecera na noite anterior. Aliás, não acontecera nada. Não, desta vez tinha a ver comigo, com o desejo de seguir uma ideia própria sobre alguma coisa. Mas mais tarde viria a duvidar disto. Alguma vez os motivos são claros?

Levantei-me.

– Já disse que trato do assunto. Não quero que venhas. – O meu tom saiu mais irritado do que eu pretendia.

– Credo – disse ele –, não precisas de berrar comigo.

Olhei na direcção do quarto da minha mãe, esperando não a ter acordado.

– Às tantas apetece-me berrar – disse eu.

Não sei por que razão estava a pegar com ele.

– Por amor de Deus, só estava a tentar ajudar. Qual é o teu problema?

– Nenhum – retorqui rispidamente. – Não tenho problema nenhum.

– Pelos vistos, tens – disse ele, elevando a voz.

– O que queres dizer é que, quando não preciso da tua ajuda, é porque tenho um problema.

– Agora estás a ser ridícula – disse ele, num tom cortante. – Ouviste? Estás a ser ridícula.

E eu desliguei. Desliguei simplesmente. Voltei a encher a chávena de café e sentei-me com ela entre as mãos. Estavam ligeiramente trémulas.

Esperei que o telefone tocasse, que ele voltasse a ligar-me. Como não o fez, comecei a sentir-me ansiosa, invadida por essa estranha turbulência que surge quando damos à costa na ilha do nosso pequeno ego e não vemos como seremos alguma vez capazes de nos aguentar aí.

Ao fim de algum tempo, baixei-me e espreitei debaixo da mesa. O crucifixo continuava pregado à parte inferior do tampo. O Cristo da tenda da tempestade.

CAPÍTULO 10

Nessa manhã, quando mudei a ligadura da mão da minha mãe, tive de desviar os olhos mais de uma vez. Ela estava sentada na cadeira de vime castanha, diante do toucador, enquanto eu limpava a pele em redor das suturas com água oxigenada e a cobria com uma compressa esterilizada com pomada antibiótica. O corte situava-se imediatamente abaixo da articulação do "dedo de apontar", como ela sempre lhe chamou. Eu só pensava na energia brutal que devia ter sido necessária para fazer cair o cutelo com força suficiente para cortar o dedo. Ela retraiu-se quando coloquei a compressa sobre a protuberância sensível e inchada.

Olhei de relance para a fotografia do meu pai, interrogando-me sobre o que ele teria pensado dela agora, da terrível transformação que sofrera depois da sua morte.

No que ele teria pensado sobre a atitude dela de cortar o dedo. A minha mãe virou-se e olhou também para a fotografia.

– Eu sei que o que fiz te parece uma loucura.

Estava a falar com ele ou comigo?

– Só gostava que me ajudasses a compreender a razão – disse eu.

Ela bateu no vidro do porta-retratos com a unha, e o ruído ouviu-se por todo o quarto.

– Esta fotografia foi tirada no dia em que ele começou o negócio de fretamento.

Eu tinha cinco anos nessa altura. Não me recordava dele como camaroeiro, apenas como capitão do Jes-sea. Antes de ele ter comprado o barco, trabalhava para o Shem Watkins, a "poupar para o camarão", como ele dizia. Levava uma das traineiras do Shem, durante uma semana inteira, e chegava com dois mil quilos de camarões no porão.

Mas o seu único desejo era dirigir o seu próprio negócio, ser senhor do seu próprio barco, com a liberdade de andar no mar e de estar em casa com a família sempre que quisesse. Concebeu um projecto de fretamento de barcos de pesca costeira, economizou e comprou o seu Chris-Craft. Quatro anos mais tarde o barco explodiu.

Dizia ele que a sua religião era o mar. Que era a sua/família. Contou-nos, a mim e ao Mike, histórias sobre um reino marinho governado por um bando de cruéis caracóis-de-água-doce e as corajosas lapas-reais que tentaram destroná-los. A sua imaginação era fértil. Disse-nos que podíamos fazer varinhas mágicas com agulhões de raia-lixo e, agitando-os de determinada forma, fazer as ondas cantar "Dixie", actividade que nos tinha ocupado durante várias horas infrutíferas. Se sonhássemos com uma grande garça, dizia, encontraríamos as suas penas debaixo da almofada na manhã seguinte. Acordei mais do que uma vez com penas brancas na cama embora nunca conseguisse recordar que sonho com garças as tinha trazido. E, claro, a mais excepcional das suas histórias – como vira, um dia pela alvorada, um bando inteiro de sereias a nadar em direcção ao seu barco.

Não me lembrava de uma única ocasião em que ele tivesse ido à missa mas foi ele o primeiro a levar-me ao mosteiro para ver o trono da sereia, tendo-me contado a história dele. Acho que a sua falta de moralidade não passava de uma fachada.

Embora se recusasse a comungar da religião da minha mãe, dava ideia de que a admirava. Nesse tempo ela não possuía uma fé patológica. Por vezes penso que se casou com ela por causa da sua capacidade ilimitada para a devoção, para acreditar nas doutrinas, dogmas e histórias mais absurdos que a igreja propunha. Talvez a fé dela na igreja compensasse a falta de fé dele. A minha mãe e o meu pai constituíam um casal estranho – Walt Whitman e Joana d'Are –, mas funcionava. Adoravam-se um ao outro. Não tinha qualquer dúvida sobre isso.

A minha mãe desviou os olhos da fotografia dele e esperou que eu acabasse de lhe enrolar a ligadura de gaze na mão. Estava com o roupão de felpo azul, sem o cinto.

Levantou a gola à volta do pescoço e depois deixou a mão descer até à gaveta, a que continha a tralha religiosa. Passou os dedos pelo puxador. Perguntei-me se o recorte sobre a morte dele lá continuaria.

Porque é que eu lhe tinha oferecido o cachimbo?

Eu e o meu pai tínhamo-lo visto um dia no minimercado de Caw Caw e ele admirara-o. Pegara nele e fizera de conta que tirava uma fumaça. – Sempre quis ser desses homens que fumam cachimbo – disse ele. Eu juntara o dinheiro todo que tinha ganho a vender uças e

comprei-o para lho dar no Dia do Pai. A minha mãe tinha-me dito que não o fizesse, que não queria que ele fumasse cachimbo. Mas eu comprei na mesma.

Ela nunca me disse nada a respeito de ter sido ele a causa do incêndio.

Rasguei um pedaço de adesivo e prendi-lhe a ponta da gaze ao pulso. Ela começou a levantar-se, mas eu ajoelhei-me em frente à cadeira e pousei as mãos nos joelhos dela. Não sabia como começar, mas tinha assumido esta tarefa. Excluía o Hugh e agora cabia-me a mim.

Ali ajoelhada, a minha convicção de que era capaz de lidar com isto sozinha começava a desmoronar-se. A minha mãe olhou-me directamente nos olhos. As suas pálpebras fecharam-se, formando curvas acentuadas e expondo a pele rosada. Tinha um ar intemporal, mais antigo do que a sua idade.

– Ontem à noite no jardim – disse eu –, falaste no padre Dominic, lembraste?

Ela abanou a cabeça. Tinha a mão sã pousada no regaço e eu peguei nela, tocando-lhe as pontas dos dedos.

– Perguntei-te porque é que tinhas cortado o dedo e tu falaste no papá e depois mencionaste o padre Dominic. Ele teve alguma coisa a ver com o facto de teres cortado o dedo?

Ela lançou-me um olhar inexpressivo.

– Ele sugeriu que devias impor a ti mesma alguma penitência, foi isso?

A ausência de expressão transformou-se em exaspero.

– Não, claro que não.

– Mas o corte do dedo foi uma penitência, não foi?

Os seus olhos desviaram-se do meu rosto.

– Por favor, mãe. Temos de falar sobre isto.

Ela mordeu o lábio inferior e pareceu reflectir sobre a minha pergunta. Vi-a tocar numa farripa de cabelo e reparei no seu aspecto amarelecido.

– Não posso falar sobre o Dominic – disse finalmente.

– Porquê?

– Simplesmente não posso.

Pegou num frasco de remédio e dirigiu-se para a porta.

– Tenho de tomar o meu analgésico – declarou, desaparecendo no corredor e deixando-me de joelhos ao lado do toucador.

CAPÍTULO 11

Passei a manhã numa campanha de limpeza, determinada em ser prestável. Mudei os lençóis da cama da minha mãe, pus a roupa a lavar e esfreguei zonas que não viam o esfregão há anos: as juntas dos azulejos da casa de banho, as persianas, as molas na parte de trás do frigorífico. Na despensa, deitei fora tudo o que estava fora de prazo – enchi dois sacos enormes. Tirei o carrinho de golfe enferrujado da garagem e accionei-o com a manivela a ver se trabalhava e, depois de examinar a banheira-gruta encardida, atarraxeï a mangueira do jardim e dei-lhe uma boa mangueirada.

Durante toda esta actividade, pensei na recusa da minha mãe em falar sobre a morte do meu pai e na sua enigmática referência ao padre Dominic.

Pensei também várias vezes no irmão Thomas. Não com intenção, mas a sua lembrança insinuou-se naturalmente no meu pensamento. A dada altura, dei comigo imóvel debaixo da lâmpada nua da despensa, com uma lata de tomate na mão, apercebendo-me de que estava a relembrar algum momento do meu encontro com ele na noite anterior.

O dia estava quente, o sol incidia com uma luminosidade intensa de Inverno. Eu e a minha mãe almoçámos no alpendre da frente, com tabuleiros pousados no colo, comendo a sopa de quiabo que nenhuma de nós conseguira enfrentar na noite anterior. Tentei mais uma vez levá-la a falar do Dominic, mas ela recusou terminantemente abrir-se.

Tentando encontrar uma forma, uma forma qualquer, de comunicar com ela, perguntei-lhe se queria ligar para a Dee na faculdade e ela abanou a cabeça.

Naquele momento, desisti. Fiquei a ouvir a sua colher a raspar no fundo da tigela e percebi que teria de arranjar outra forma de descobrir o que se passava com o Dominic. Duvidava que ela alguma vez falasse comigo sobre o que quer que fosse, que alguma vez chegássemos à "raiz

do problema", para usar as palavras do Hugh. Odiava a ideia de que ele talvez tivesse razão. Fortaleceu a minha determinação.

Depois do almoço, ela foi deitar-se para dormir a sesta. Era como se estivesse agora a compensar todo o sono perdido. Enquanto dormitava, entrei silenciosamente no seu quarto para tirar o nome do médico do frasco de medicamento, dizendo a mim mesma que devia contactá-lo. Mas não cheguei a tomar nota do nome.

Fiquei a olhar para o seu toucador, para a Virgem Maria em faiança com o Menino Jesus à cintura. A gaveta estava ali diante dos meus olhos. Abri-a. A madeira raspou e eu lancei uma olhadela para a cama. Ela continuava imóvel.

O interior da gaveta transbordava de santinhos, terços, um livro de orações, velhas fotografias da Dee. Remexi por entre aquela tralha de estimação o mais silenciosamente que pude. Exactamente como quando era pequena. O recorte ainda ali estaria? O meu coração batia descompassadamente.

Quase ao fundo, os meus dedos esbarraram num objecto esguio e duro. Percebi o que era antes de o retirar. Paralisei por alguns momentos, o ar pesado à minha volta, preparando-me para o que ia aparecer.

Era o cachimbo que eu tinha oferecido ao meu pai.

Olhei novamente para a minha mãe e em seguida ergui-o contra a luz que entrava pela janela, sem compreender coisa alguma. Tive a sensação de ter joelhos de esponja, húmidos e moles – era impossível manter-me de pé. Sentei-me na cadeira.

Como é que o cachimbo podia estar na gaveta? Quando é que ela o tinha lá posto? Devia ter ficado no leito do oceano juntamente com o Jes-Sea, juntamente com o meu pai. Tinha passado mil vezes a cena na minha cabeça, a forma como tudo teria acontecido.

Joseph Dubois, em pé no barco, quando a última mancha de escuridão se desvanece, olhando para leste, onde o sol acabou de espreitar brilhando sobre a água. Ele saía muitas vezes com o barco para "saudar a alvorada" – era a frase que utilizava. Eu e o Mike descíamos para o pequeno-almoço e dizíamos: "O papá ainda está a saudar a alvorada?" Achávamos que era uma coisa normal que as pessoas faziam, como cortar o cabelo. Ele ia sozinho nestas excursões, fumar em sossego

o seu cachimbo e observar o mar a transformar-se numa imensidão de luz.

Tinha-o imaginado na última manhã da sua vida a bater com o cachimbo na amurada. Alguma vez viram como as faúlhas voam do forninho de um cachimbo, a distância que viajam? Ele bate com o cachimbo e, sem que saiba, há uma fuga de combustível. Uma faúlha, cem vezes mais pequena do que uma traça, voa até uma gota de gasolina junto ao motor. Há um estouro, uma deflagração. O fogo salta de poça em poça como uma pedra a rasar a água. Avança e eu imagino sempre que é neste momento que ele se vira, quando as chamas atingem o depósito de combustível, que é este o momento em que tudo explode num clarão de chamas.

Imaginei que teria sido assim tantas vezes que não concebia que pudesse ter sido de outro modo. E toda a gente afirmou que assim fora – a polícia, o jornal, toda a ilha.

Fechei os olhos. Parecia-me que o núcleo da minha história tinha sido arrancado e denunciado como a mais absoluta ficção. Deixava um abismo que eu não era capaz de transpor.

Segurava no cachimbo com uma força quase dolorosa. Descontraí a mão. Baixando-me, cheirei o forninho e foi como sentir o cheiro dele.

Foi nessa altura que tudo começou a fazer sentido. Não fora o Cachimbo que provocara o incêndio. Continuei sentada ao toucador durante alguns minutos, enquanto a minha mãe dormia do outro lado do quarto, e deixei-me submergir pela certeza: a culpada não era eu.

CAPÍTULO 12

Levei o cachimbo para o meu quarto. Duvidava que ela fosse à gaveta e desse pela falta dele. Ao metê-lo na carteira, o alívio que senti transformou-se numa raiva profunda. Comecei a dar voltas pelo quarto. Sentia um impulso irresistível de acordar a minha mãe aos abanões e perguntar porque é que me tinha deixado crescer convencida de que o meu cachimbo tinha sido a causa de tudo.

A minha culpa fora privada, um peso que ninguém vê, o género de peso que se abate sobre uma pessoa em sonhos quando ela tenta correr e

não sai do sítio. Tinha-o carregado como um fardo nos ossos, e ela consentira. Ela consentira.

Calma. Não estava a ser inteiramente justa. Talvez a minha mãe tivesse pensado que eu não sabia do cachimbo. Quisera proteger-me – nunca falando sobre o facto, escondendo o recorte – mas isso não a isentava de culpas. Não. Devia ter pensado, num recesso qualquer da sua mente, que eu e o Mike viríamos a descobrir. Por amor de Deus, toda a ilha tinha tomado conhecimento do cachimbo. Como é que ela pôde pensar que nós não?

Ouvi a sua respiração, um ritmo de acordeão que percorria a casa. Não queria estar presente quando ela acordasse. Escrevi uma mensagem a dizer que precisava de exercício e de apanhar ar fresco e deixei-a na mesa da cozinha.

A casa da Hepzibah ficava a menos de quilómetro e meio, numa estrada sinuosa que passava pelo cemitério dos escravos, em direcção à colónia de garças, virando depois para a praia. Avistei-a ao passar uma curva, rodeada por tufo revoltos de onagras e maleiteiras-das-areias. Bati à porta, que era de um tom azul-vivo, e esperei.

Ela não atendeu.

Segui o caminho até às traseiras da casa. A porta de rede do pequeno alpendre estava destrancada e eu entrei e bati à porta da cozinha, que estava pintada no mesmo tom brilhante de anil da frente. Supostamente, o azul afugentava o Booga Hag, um espírito predador que, segundo se dizia, sugava a alma das pessoas durante a noite.

Duvidava que a Hepzibah acreditasse no Booga Hag mas ela adorava as velhas crenças Gullah. E para o caso de as portas azuis não impedirem o Booga Hag, a Hepzibah tinha disposto uma fila de caramujos no jardim.

Ao lado do alpendre, a chamada mesa de exposição estava, como sempre, repleta dos tesouros deteriorados da ilha que ela passara a maior parte da vida a coleccionar.

Aproximei-me dela, sentindo uma súbita e poderosa nostalgia. Eu e o Mike passáramos horas debruçados sobre esta mesa. Estava coberta com pedaços de coral, pinças de caranguejo, esponjas, búzios, olhos de tubarão, terebras, navalheiras. Todas as conchas inferiores estavam aqui representadas, ainda que partidas. Peguei em vários corupios-do-mar

lascados, numa estrela-do-mar com dois braços. Entre os objectos estavam presas plumas de garça, de garça-branca e de íbis, algumas na vertical, como se tivessem brotado ali.

No centro da mesa, elevada sobre uma caixa de madeira, estava a mandíbula alongada de um crocodilo. Naturalmente, este fora o objecto favorito do Mike. O meu fora a caveira esbranquiçada de uma tartaruga marinha. Na minha imaginação, eu nadava com aquela tartaruga em águas intermináveis, íamos até ao fundo do oceano e regressávamos à superfície.

Remexi nos objectos e descobri-a entre um monte de berbigões.

Na noite em que a Hepzibah encontrou a caveira estávamos a fazer o Piquenique das Raparigas na praia. Pelo menos, foi assim que essas ocasiões se tornaram conhecidas.

Sentei-me numa velha cadeira de baloiço, com a caveira da tartaruga nas mãos, voltando a sentir o choque da nostalgia. Há muito tempo que não pensava no Piquenique das Raparigas. Desde rapariga.

A Kat tinha-o instituído muito tempo antes, quando ela e a minha mãe eram recém-casadas e a Benne uma criança de colo. Todos os anos, na véspera do 1º de Maio, infalivelmente, reuniam-se na praia de Boné Yard. Se estivesse a chover, realizavam o piquenique na primeira noite limpa depois dessa, embora eu recorde que houve um ano em que a Kat se cansou de esperar e montou um oleado.

Quando a Hepzibah começou a dar-se com a minha mãe e com a Kat, passou também a participar no Piquenique das Raparigas, tal como eu, assim que comecei a andar. Depois da morte do meu pai, tinham acabado abruptamente.

Lembro-me dos festins que elas preparavam: os pastéis de caranguejo da Kat, o excelente hoppin' John da Hepzibah, imenso vinho. A minha mãe costumava levar o seu doce de pão de uvas passas e um pacote de bolachas benne, em honra da Benne, que devia o nome a essas bolachas de sésamo porque a Kat tinha comido montes delas durante a gravidez. Todas recebíamos presentes do 1º de Maio – geralmente gel de banho e verniz das unhas Revlon, sempre do tom vermelho-sangue. Mas não era por isso que eu adorava estas ocasiões. Era porque era a única noite do ano em que a minha mãe, a Kat e a Hepzibah se metamorfoseavam em criaturas completamente diferentes.

Depois de comermos, elas faziam uma fogueira com madeira da praia e dançavam enquanto eu e a Benne nos sentávamos na areia, na sombra, e observávamos. A Hepzibah tocava o seu tambor Gullab, produzindo um som tão ancestral que, ao fim de algum tempo, parecia elevar-se da terra e rolar do oceano, e a Kat agitava uma velha pandeireta, enchendo o ar com vibrações de prata. A dado momento, qualquer coisa se apoderava delas e moviam-se cada vez mais depressa, as suas sombras criando manchas semelhantes a borrões de tinta à luz da fogueira.

No último ano em que realizaram o piquenique, as três meteram-se na água completamente vestidas, cada uma delas segurando num pedaço de fio que desenrolaram da camisola bordada da minha mãe. Eu e a Benne permanecemos à beira-mar, com as pontas dos pés dentro da água, e pedimos para nos deixarem entrar também, mas a Kat disse: "Não, isto é só para nós. Fiquem aí." Avançaram até terem a água fria pela cintura e depois ataram os três fios uns aos outros. "Depressa", diziam entre si, soltando gritinhos quando as ondas as fustigavam.

Naquele momento acreditei, e continuava a acreditar, que era um ritual de amizade que elas tinham inventado na altura, graças ao vinho e à tontura provocada pela dança. E à camisola da minha mãe, que convenientemente se desfez.

A Kat lançou os fios atados para a escuridão, sobre as ondas, e elas riram-se. Era um riso sensual e malicioso, lembrando gargalhadas de criança.

Ao voltarem para a praia, a Hepzibah encontrou a caveira da tartaruga. Quase tropeçou nela ao sair da água. Permaneceu em pé sobre ela, a espuma das ondas à volta dos seus pés, a minha mãe e a Kat afastando-se ainda a rir. "Calem a boca", disse a Hepzibah em Gullah e todas se calaram imediatamente.

"Olhem o que o oceano mandou", disse ela, levantando a caveira da água, o osso de marfim macio e a pingar, imaculado contra o negrume da noite.

Creio que todas pensaram que se tratava de um sinal qualquer. Tinham unido as suas vidas ali na água e, de súbito, a caveira de uma tartaruga dera milagrosamente à costa aos pés delas.

Durante muito tempo depois disso – anos e anos – passaram entre si a caveira. Recordo que estive empoleirada na prateleira do nosso fogão de sala durante algum tempo antes de reaparecer na estante da Kat ou aqui na mesa da Hepzibah. Deve ter-lhes recordado aquelas noites, os fios atados.

Agora, sentada na cadeira de baloiço, passei o polegar pelo osso poroso e olhei novamente para a porta azul. Era claro que a Hepzibah não estava em casa.

Levantei-me e pousei a caveira na mesa e, por um momento, a mesa pareceu-me mais do que um mostruário distante de recordações de infância. Deu-me a impressão de ser uma parte viva de mim.

Desde os meus dez anos que sabia que deixaria a ilha. Na primeira Quarta-Feira de Cinzas depois da morte do meu pai, no momento em que o padre me tocou na testa, senti-me elevar daquela pequena mancha de cinza com a determinação de uma fénix. Vou sair daqui, disse a mim mesma. Vou voar para longe. Depois da universidade, foram raras as ocasiões em que voltei, e sempre com uma arrogância distante. Nem sequer foi aqui que me casei com o Hugh. O casamento realizara-se no vulgar jardim de uma casa em Atlanta, de alguém que nem conhecíamos muito bem. Pensei na Kit a arreliar-me, a dizer-me que me tinha esquecido da lama seca onde nasci, e tinha razão. Tinha feito tudo ao meu alcance para apagar este lugar.

A última coisa que esperava era encontrar-me no alpendre da Hepzibah a sentir um acesso de amor pela ilha de Egret. E não apenas pela ilha mas pela mulher que a minha mãe fora, dançando em redor de uma fogueira.

Nesse momento, ocorreu-me que eu nunca fizera nenhuma dessas coisas que a minha mãe tinha feito. Nunca dançara numa praia. Nunca fizera uma fogueira. Nunca entrara no mar à noite com mulheres a rir, unindo a minha vida à delas.

CAPÍTULO 13

Na manhã seguinte fui até ao mosteiro. O sol, vivo e dourado no dia anterior, tinha-se enfiado num buraco qualquer. O nevoeiro cobria tudo.

Parecia que se formara uma espuma densa sobre toda a ilha durante a noite. Eu vestira as minhas calças de ganga, o casaco vermelho e enfiara um boné de baseball de um tom de grená garrido com CAROLINA GAMECOCKS escrito na frente. Levava-o descido sobre a testa com o rabo-de-cavalo a sair pela abertura atrás.

Segui pelo mesmo caminho que tinha tomado duas noites antes, quando fora à procura da minha mãe. Sentia o odor denso e primitivo do pântano suspenso no nevoeiro, o que me trouxe à memória o irmão Thomas. O seu rosto formou-se-me na mente e senti um estranho sobressalto.

Ia falar com o padre Dominic. Se entretanto me cruzasse por acaso com o irmão Thomas, tudo bem, mas disse a mim mesma que não faria nada por isso.

Naturalmente, não fazia ideia do que diria ao Dominic quando o encontrasse. Comecei a pensar em várias estratégias para lhe arrancar o que ele sabia sobre o facto de a minha mãe ter cortado o dedo.

E se eu falar com o Dominic, se for realmente franca com ele, e ele for contar a minha mãe? Não tinha encarado esta possibilidade. O pouco progresso que tinha feito com ela evaporar-se-ia de imediato. Provavelmente mandava-me outra vez embora.

Quando a deixei ficou a ver um programa de culinária antigo da Júlia Child na televisão. A minha mãe adorava a Júlia Child. Quando digo adorava, não estou a exagerar.

Dizia-me: "Achas que a Júlia Child é católica? Tem de ser, não achas?" A minha mãe copiava sempre as receitas dela, especialmente as que tivessem camarões. Se quisesse cozinhar um dos pratos de camarão da Júlia, bastava-lhe mandar um dos monges para o canal com uma rede.

Os monges faziam as redes à mão – redes de um metro e oitenta e de dois metros e meio – e vendiam-nas, não só nas terras baixas, mas em lojas na praia e em lojas de artigos de pesca ao longo da costa leste. Uma vez vira uma em Cape Cod quando eu e o Hugh estávamos lá a passar férias. Tinha sido embalada com uma passagem da Bíblia impressa na etiqueta: "Lança a tua rede." Do Evangelho segundo S. João, creio que a etiqueta dizia, e havia portanto uma espécie de mandado de Deus para a

comprar. "São vendedores astutos, não são?", comentara o Hugh. O preço era de setenta e cinco dólares.

Enquanto caminhava, lembrei-me de como os monges se sentavam no relvado aparado do claustro, com fio de algodão e baldes de pesos de chumbo, as suas mãos calejadas movendo-se para a frente e para trás num ritmo belo e mecânico. Antigamente pensava que não podia haver forma mais exótica de os monges ganharem a vida do que a fazer tarrafas por encomenda mas depois, há alguns anos, a Dee falou-me de um "mosteiro muito fixe" na região oeste que vendia feno a estrelas de cinema para os lamas delas. Discutimos sobre o mosteiro que teria a ocupação mais invulgar ou mais auspiciosa. Concluímos que devia ser o que alimentava os lamas. Mas mesmo assim as tarrafas não se comparavam com a confecção de caramelo ou geleia de ruibarbo.

O Mike tinha sido um excelente lançador de redes, segurando a parte lateral nas mãos, a parte de cima com os dentes, e arremessando-a no ar como um disco voador a girar. A rede elevava-se na luz e depois mergulhava no canal com um fortíssimo baque e minúsculos salpicos que quase pareciam uma nuvem de fumo a surgir da superfície.

Dava um puxão à rede e abanava-a e os camarões cinzentos caíam-nos aos pés a rabear.

Ao atravessar o último grupo de árvores, olhei para as pequenas casas onde os monges residiam, os telhados de telha vermelha adquirindo um tom róseo na luz sombria.

Apercebi-me do meu desejo de avistar o irmão Thomas – da minha esperança de que o nevoeiro se dissipasse daquele céu carregado e ele aparecesse do mesmo modo fantasmagórico como aparecera no jardim.

Aproximando-me do portão que dava para o roseiral, pensei no dedo da minha mãe ali enterrado e estremeci, recordando uma coisa em que não pensava há anos. A minha mãe e os seus milagros.

Quando eu era adolescente, ela tinha o hábito de os encomendar de um catálogo católico de mau gosto. Tinham, aos meus olhos, o aspecto de pulseiras de berloques, excepto o facto de serem partes do corpo cortadas – pés, corações, orelhas, troncos, cabeças, mãos. Acabei por compreender que eram oferendas, pequenas preces sob a forma das enfermidades dos suplicantes. Quando a minha mãe pensou que tinha cataratas, deixou um milagro na forma de um olho junto da estátua de

Santa Senara e, quando a artrite lhe atacou o joelho, deixou um milagro na forma de uma perna.

Não pude deixar de me interrogar se a intenção dela seria transformar o dedo no milagro supremo.

Contornei as traseiras da igreja e segui por uma álea ladeada de árvores em direcção ao Centro de Atendimento do Mosteiro, próximo da entrada da abadia. Tinha a aparência de uma casa de campo pequena. O telhado do alpendre era inclinado e estava coberto de madressilva crestada. Um monge calvo encontrava-se no interior, com sobancelhas desgrenhadas que se enrolavam sobre um par de óculos de aros pretos.

Acenou com a cabeça quando passei por ele em direcção a uma sala a que os monges chamavam Loja de Recordações. Examinei as tarrafas expostas e rodei um escaparate de terços e medalhas de santos que chiava. Avistando uma pilha de livrinhos azuis-esver-deados, peguei num, surpreendida por ver que era o livrinho que a Kat tinha dito que mandara imprimir. O Conto da Sereia.

Abri-o na primeira página:

Segundo a lenda narrada em Legenda Áurea, em 1450, uma bela sereia celta, de nome Asenora, nadou até à costa da Cornualha onde havia sido recentemente fundado um mosteiro beneditino. Depois de remover a cauda de peixe e de a esconder entre os penedos, explorou a área a pé e descobriu a comunidade de homens. Realizou muitas visitas clandestinas...

– É a história do nosso trono da sereia – disse uma voz e eu levantei os olhos do livrinho e vi o monge calvo de braços cruzados sobre o peito quase num gesto de protecção. Tinha uma grande cruz de madeira pendurada ao pescoço e os cantos da boca descaí- dos. – Foi um dos nossos monges que a escreveu. Uma história" muito fantasiosa, devo dizer.

– Sim, sempre gostei dela – disse eu, apercebendo-me de que não a ouvia há imenso tempo. Já só fazia uma vaga ideia dos pormenores.

– Se veio para a visita guiada, lamento dizer que chegou atrasada e a próxima é só às três horas da tarde, embora, para ser franco, não veja onde está o interesse.

"Eis a igreja onde os monges oram e eis a Casa das Redes onde os monges fazem redes e ali fica a lavandaria onde os monges lavam as

peúgas." Não passa disto.

Achei que ele quis gracejar mas, quando me ri, notei uma expressão levemente hostil no seu olhar.

– Não – respondi –, não vim para a visita guiada. – Remexi no bolso das calças de ganga à procura da nota de dez dólares que lá tinha metido e comprei o livro. – O autor, o padre Dominic... onde posso encontrá-lo? – perguntei. – Gostava que ele me autografasse o livro.

– Autografasse o livro? – Abanou a cabeça. – Se começaH autografar livros torna-se impossível viver com ele. Se já agora é difícil... – Mais uma vez, não tive a certeza se estava a falar a sério ou tinha esses modos azedos que tornavam difícil perceber. – Imagino que estará na biblioteca – respondeu. – É o edifício de estuque branco ao lado da igreja. Nem todas as zonas estão abertas ao público. Não faz ideia onde as pessoas por vezes vão parar. Ontem uma senhora entrou pelo refeitório dentro quando estávamos a almoçar. Tirou uma fotografia à mesa das saladas!

Uma mulher a deambular por zonas proibidas pareceu-me divertido, como me pareceu o facto de ele se mostrar ofendido, mas mais divertido ainda era a abadia ter uma mesa de saladas. Pensei que a ideia teria sido da minha mãe. Era daquelas típicas e implausíveis modernices da minha mãe.

– Eu conheço as zonas onde não se pode entrar – disse-lhe eu. – A minha mãe é a Nelle Dubois. Eu sou a Jessie. Vinha muito para aqui em pequena. – Não sei o que me levou a dizer-lhe isto; ele não era uma pessoa muito hospitaleira. Eu estava inclusivamente a pensar como era estranho que, entre tantos monges, o tivessem incumbido a ele do Centro de Atendimento. Talvez fizesse parte de um plano para desencorajar visitantes.

– Lamentamos todos os problemas dela – disse ele. A frase continha o registo de uma gravação automática num atendedor de chamadas.

– E o senhor é...?

– Peço desculpa. Sou o padre Sebastian. Sou o prior aqui.

Tentei relembrar a hierarquia monástica. Estava praticamente certa de que o prior era o segundo mais importante, o que mantinha, como dizia a minha mãe, o mosteiro no bom caminho.

Ao dirigir-me à biblioteca à procura do padre Dominic, a cobardia apoderou-se de mim. O que estou a fazer? Os meus passos abrandaram até que estaquei por completo, bloqueada pela dúvida. Pensei em voltar para casa e ligar ao Hugh. Pensando melhor, vem tu resolver o problema da minha mãe, dir-lhe-ia. Eu não tenho os tomates...

ou os ovários ou lá que parte da anatomia é necessária.

Olhando para as traseiras da igreja, reparei no trilho que conduzia à margem do pântano. Segui-o até a um banco de pedra debaixo de um carvalho.

Cobarde.

Não me sentei no banco mas deixei-me cair no chão, ficando ali sentada a contemplar o canal envolto em neblina, a forma como se movia como uma veia viva e o seu curso curvava em direcção à baía. Viera muitas vezes a este lugar depois da morte do meu pai, sempre que me sentia triste ou perdida. Gritara o meu nome para o outro lado do pântano, escutando a forma como era ampliado sobre a água, como se a morraça o entoasse, e como o vento por vezes o elevava, como a uma gaivota, em direcção ao oceano. "Jessie", gritara eu vezes sem conta.

Tinha na mão o livrinho que acabara de comprar e abri-o na passagem que estava a ler quando o padre Sebastian me interrompeu.

..Suspeitando que Asenora não era uma mulher normal mas uma sereia e profundamente alarmado com a sua presença, o abade do mosteiro escondeu-se junto da água e esperou. Viu Asenora nadar até à praia, desprender a cauda de peixe e escondê-la no rochedo.

Quando ela se afastou em direcção à abadia, o abade astuto retirou a cauda de peixe e enfiou-a dentro do hábito. Guardou-a dentro de um compartimento secreto debaixo do assento da sua cadeira na igreja. Sem a cauda, a pobre sereia nunca mais poderia regressar ao mar, e em breve abandonou a impetuosidade do oceano. Asenora converteu-se e veio a tornar-se Santa Senara.

Quando o meu pai me contava esta parte da história, falava do "trágico destino" de Asenora – perder a cauda e acabar presa a uma auréola – e eu tinha a impressão, embora estivesse apenas a ler nas entrelinhas, que o Dominic pensava o mesmo. E, para ser franca, havia qualquer coisa no facto de o padre Dominic ter escrito esta história que me desassossegava.

Há uma nota interessante relativamente à lenda que afirma que, depois da sua conversão, Asenora sentia por vezes saudades tão fortes do mar e da sua vida anterior que deambulava pelo mosteiro à noite em busca da cauda. As histórias sobre se alguma vez a encontrou são contraditórias. Uma sugere que não só a encontrou como a punha sempre que desejava visitar a sua vida perdida, regressando sempre, porém, e voltando a guardá-la dentro da cadeira do abade.

Pensei na minha mãe e no seu amor louco por Santa Senara e não consegui conciliá-lo com o que estava a ler. Senara era uma santa que andava furtivamente à procura de transporte de volta a um passado condenável. Esta terrível incongruência nunca me tinha ocorrido.

Há estudiosos que sugerem que a história de Santa Senara pode ter sido criada para ajudar as pessoas a escolher o caminho do prazer divino e a rejeitar o do prazer carnal. Mas não poderá ser também uma forma de acentuar a importância de ambos?

Ambos? Não esperava que ele escrevesse uma coisa assim, sendo monge. Fechei o livrinho – para dizer a verdade, fechei-o com força. A tensão voltou a vibrar no meu peito.

A humidade da relva infiltrara-se nas minhas calças. Pus-me em pé e, quando me virei, vi o padre Dominic no caminho, a avançar ao meu encontro. Deteve-se do outro lado do banco de pedra. Estava com o chapéu de palha e a Kat tinha razão – havia partes inteiras que estavam desfeitas. Começava a adquirir a aparência grotesca de um ninho de ave.

– Truz-truz – disse ele, com uma expressão divertida no olhar.

Hesitei. Lembra-se então de mim.

– Quem é? – Senti-me imensamente constrangida ao dizer isto mas não vi maneira de não alinhar no jogo.

– Quem.

– Quem quê?

– Quem é que esperavas? – disse ele, soltando uma grande gargalhada que pareceu desproporcionada em relação à piada. – Acho que não te vejo desde menina. Espero que te lembres de mim.

– Claro que lembro, padre Dominic – respondi. – Estava... estava a...

– Estavas a ler o meu livrinho e pela forma como o fechaste não me parece que tenhas gostado muito. – Riu-se para me dar a entender que estava a brincar, mas pôs-me pouco à vontade.

– Não, não, gostei. – Nenhum dos dois falou por alguns momentos. Eu pus-me a olhar para o pântano, embaraçada. A maré estava a vaziar, deixando pedaços de lama que pareciam moles e acabados de se desprender. Distingui os buracos de dezenas de uças em hibernação, apenas com as pontinhas das pinças visíveis à superfície.

– O padre Sebastian disse que andavas à minha procura. Julgo que estás a precisar de um autógrafo no teu livro.

– Ah. Sim, exacto. Importa-se? – Passei-lhe o livrinho, sentindo-me apanhada na minha pequena mentira. – Peço desculpa, mas não tenho caneta.

Ele tirou uma do escapulário preto. Escrevinhou qualquer coisa na folha de rosto e depois devolveu-mo.

– É um sítio muito bonito este, não é? – observou.

– É... muito bonito.

O mar de ervas atrás de nós agitava-se na brisa e ele baloiçou-se entre um pé e outro por baixo do hábito como se fosse uma delas, uma pequena folha a tentar sincronizar o movimento com as outras.

– Como está a nossa Nelle? – perguntou.

A pergunta surpreendeu-me. A forma estranha como ele disse "a nossa Nelle" e ainda qualquer coisa na voz, a forma como o nome dela foi pronunciado mais suavemente do que as outras palavras.

A nossa Nelle. A nossa.

– A mão dela está a sarar – respondi. – O verdadeiro problema está aqui. – Queria tocar a testa com o dedo, mas involuntariamente bati no osso chato sobre o coração e senti a justeza do gesto como se o meu dedo estivesse a tentar comunicar-me qualquer coisa.

– Sim, suponho que o coração nos leva a fazer coisas estranhas e assombrosas – disse o padre Dominic. Bateu no peito com os nós dos dedos e eu tive a sensação de que estava a falar de impulsos no seu próprio coração.

Tinha tirado o chapéu e estava a puxar pelas tiras soltas. Eu guardava na memória uma imagem dele, no dia em que os monges foram entregar os destroços do barco do meu pai que deram à costa, nesta mesma postura ao pé da lareira, de chapéu na mão, a observar a madeira a arder.

– Sabia que ela chamava ao dedo que cortou o "dedo de apontar"? – perguntei.

Ele abanou a cabeça e o seu rosto – um rosto velho e bondoso – alterou-se um pouco, a sua expressão contraindo-se e crispando-se.

Hesitei. Estavam nesse momento a ocorrer-me certas ideias – conjecturas, impressões – e eu não sabia se devia exprimi-las.

– E se ela o cortou para mitigar um profundo sentimento de culpa?

O padre Dominic desviou os olhos do meu rosto.

Ele sabe.

Abriu-se entre nós uma ravina de silêncio. Lembro-me de ouvir um zumbido, surgindo como uma nuvem de insectos. Pareceu durar uma eternidade.

– Porque é que ela cortou o dedo? – perguntei.

Ele fez de conta que a minha pergunta era retórica.

– Sim, porquê?

– Não, estou a perguntar-lhe a si. Porque é que ela o cortou?

– A tua mãe disse-te alguma coisa que te leve a pensar que eu conheço os motivos dela?

– Disse que não podia falar dos motivos dela.

Ele suspirou, retorcendo os dedos. Tive a certeza de que estava a tomar uma decisão qualquer.

– Jessie, só posso imaginar como tudo isto te deve causar confusão, mas não te posso contar nada. Quem me dera poder, mas não posso.

– Ela disse-lhe alguma coisa durante a confissão?

A pergunta pareceu apanhá-lo desprevenido, como se tal coisa nunca lhe tivesse ocorrido. Inclinou-se para mim com uma expressão terna e cúmplice, como se propusesse um momento de intimidade entre nós. Por um momento pensei que me ia pegar na mão.

– Só estou a dizer que talvez não seja bom para a tua mãe procurarmos saber. Eu sei que tens uma opinião completamente diferente... no mundo de hoje prevalece a ideia de que temos de desenterrar os mais tristes fragmentos do nosso passado e examiná-los exaustivamente, mas os resultados nem sempre ajudam as pessoas. A Nelle quer guardar os seus motivos para ela. Talvez devêssemos deixá-la.

Apertou os lábios e o seu rosto crispou-se numa expressão de sofrimento, de súplica.

– Jessie, preciso que confies em mim. Que confies na tua mãe.

Preparava-me para protestar quando ele estendeu o braço e, afagando-me a face, sorriu de um modo austero e resignado. Não sei porquê, mas não me afastei e ficámos assim um momento antes de ele se virar e se encaminhar para a igreja, ajeitando o chapéu roto na cabeça.

CAPÍTULO 14

Sentei-me no banco, de costas voltadas para o pântano, e esperei que o padre Dominic desaparecesse de vista. O que acabou de acontecer?

Ele parecera perfeitamente sincero. Sério. Jessie, preciso que confies em mim. Parecia que era o que eu devia fazer. Afinal de contas, ele era um velho monge que contava anedotas tontas. Todos gostavam dele. Mais importante ainda, a Kat confiava nele e a Kat Bowers não era parva nenhuma. Não se deixava enganar por ninguém.

Confusa, estiquei o pescoço para trás, observando duas águias-pesqueiras descrever um grande círculo através do nevoeiro. E se o padre Dominic tivesse razão? Ao desejar compreender os motivos da minha mãe poderia agravar a situação dela?

Os meus olhos pousaram no Conto da Sereia, encostado a mim no banco. Abri-o na página de rosto. "Quem é que esperavas?", tinha ele escrito numa letra peculiar e inclinada, assinando por baixo.

Olhando para o nome, acabei por compreender – não confiava nele. Pura e simplesmente não confiava. No meu íntimo estava convencida de que devia confiar, a Kat e a minha mãe confiavam cegamente no Dominic, mas pessoalmente sentia-me incapaz de o fazer.

Consultei o relógio. Pouco passava das onze horas. Em breve teria de regressar e preparar o almoço para a minha mãe, mas senti um súbito impulso de entrar na igreja e ver o trono da sereia.

A última vez que o vira tinha sido provavelmente há vinte e cinco anos, pouco antes de partir para a universidade. Apesar do tempo considerável que eu e o Mike passámos a brincar nele em crianças, sempre o associei ao meu pai – talvez por ter sido ele o primeiro a mostrar-mo, suponho, a contar-me a história dele, ; amar o trono quase

tanto como o seu barco. Por outro lado, ; minha mãe não queria ter nada a ver com ele.

Nem sempre fora assim. Até à morte do meu pai, o trono era-lhe perfeitamente indiferente. Ano após ano, ele fora um dos homens que transportara o trono da sereia durante a procissão de três quilómetros desde a igreja ao cais do ferry para a Bênção da Frota: uma actividade que ela encorajara. Geralmente, os monges escolhiam os homens mais devotos e o Joe Dubois não podia ser mais ateu mas, não sei como, tinha sempre conseguido ficar com a tarefa.

Dizia que acreditava simplesmente na bênção dos barcos camaroeiros; não queria saber que fosse Santa Senara, Deus, os monges ou Max, o cão, quem dava a bênção. Mas eu acho que era mais do que isso. Enquanto a minha mãe venerava Senara, a santa, o meu pai venerava a sua outra natureza – a sua vida como Asenora, a sereia.

O trono tinha aros de ferro em cada braço para enfiar varas. Todos os anos, em Abril, no dia de Santa Senara, ao princípio da noite, quatro homens punham as varas aos ombros e desfilavam com o trono desde a igreja, saindo pelo portão da abadia, como se fosse o trono de Cleópatra ou o catafalco de um deus grego. Lembro-me de caminhar com o Mike ao lado do nosso pai durante todo o percurso, muito pomposa e cheia de importância – a "pavonear-me", tinha dito a minha mãe – e os insulares seguiam-nos na estrada, formando uma longa cauda colorida e ondulante. Dirigindo-me agora para a igreja, pensei nessas radiantes procissões, na oração lida pelo abade, sentado no trono da sereia na extremidade do cais, de mão erguida para benzer. E talvez fossem quarenta traineiras, não apenas da ilha de Egret mas também de McClellanville e Mount Pleasant, que passavam ao largo, cada uma delas engalanada com luzes coloridas, a água tornando-se plúmbea com o anoitecer. Depois da bênção dos barcos e da aspersão do trono com água do mar, os insulares lançavam Lágrimas de sereia – minúsculos seixos cor de pérola – para a baía, como à tristeza da santa sereia por abandonar o oceano. Em seguida, toda a ilha se reunia em redor de mesas de camarão frito e cozido no Max's Café.

Entre a Casa das Redes e a igreja, havia uma área relvada onde os monges estendiam as tarrafas sobre armações de madeira e as tratavam com uma solução que cheirava a cobre para as impedir de apodrecer. As

armações não estavam lá montadas agora mas distingi um monge de hábito a atirar uma bola de ténis amarela–viva ao Max.

Estava de costas para mim mas reparei que era alto e tinha cabelo escuro. Quando o Max voltou, aos saltos, para junto dele com a bola, o monge baixou–se e afagou a cabeça do cão. Era o irmão Thomas.

Ao dirigir–me para ele, virou–se e, quando me reconheceu, pareceu–me distinguir uma expressão de prazer. Aproximou–se de mim, com a bola de ténis na mão e o Max no encalço.

– Não quis interromper o seu jogo – disse eu, tentando por qualquer razão não sorrir mas sem conseguir conter–me. Senti uma onda de felicidade ao vê–lo.

– Estava só a matar o tempo com o Max até às matinas e à missa – respondeu.

Houve um momento de silêncio durante o qual desviei os olhos para as árvores e, olhando novamente para ele, surpreendi–o a observar–me com o princípio de um sorriso nos lábios. Pensei no meu sonho, os dois numa jangada no oceano. As imagens tinham–me assaltado com frequência nos últimos dois dias – o capuz dele a cair, revelando–lhe o rosto, a sua mão a tocar–me a face, a deslizar–me atrás das costas. Senti–me constrangida ao pensar nisto na sua presença. Como se pudesse transparecer.

Baixei logo os olhos para o chão onde vi as botas dele a espreitar por baixo do hábito, cobertas de lama seca do pântano.

– Os meus sapatos de trabalho – explicou. – Sou o monge da colónia de garças.

– O quê!

Ele soltou uma gargalhada.

– O monge da colónia de garças – repetiu.

– E o que é o monge da colónia de garças?

– O Estado paga–nos para olharmos pela colónia... é um santuário protegido... e por isso um de nós tem de ir todos os dias controlá–la.

– Não faz tarrafas com os outros ?

– Não, felizmente. Era um desastre e, além disso, como sou o mais novo aqui, cabe–me o trabalho ao ar livre.

O Max tinha estado sentado pacientemente à espera.

– Mais uma vez – disse–lhe Thomas, lançando a bola pelo ar.

Observámos por uns instantes o Max a correr a toda a velocidade no meio da neblina.

– O que faz exactamente um monge da colónia? – perguntei.

– Controla a população de aves... não apenas as garças mas os pelicanos, as garças-brancas, as águias-pesqueiras, todas as aves, praticamente. Na Primavera e no Verão, conta e mede os ovos de garça, inspecciona os ninhos, os filhotes chocados, coisas desse género. Esta época do ano não é muito trabalhosa.

Senti uma fragrância que se desprendia dele. Apercebi-me de que era geleia de uva.

– Observa então aves.

Ele sorriu.

– Essencialmente, mas faço outras coisas... inspecciono os bancos de ostras, recolho amostras de água, o que for necessário. O Departamento de Recursos Naturais entrega-me uma lista. – O Max voltou aos saltos com a bola na boca e o Thomas pegou nela, metendo-a debaixo do escapulário. – O Max normalmente vai comigo no barco – acrescentou, afagando o dorso do cão.

– Vê-se que gosta do trabalho – observei.

– Para ser franco, às vezes acho que andar aí fora nos canais é o que me retém aqui.

– Compreendo o que quer dizer. Eu cresci aqui. Eu e o meu irmão adorávamos as aves. Costumávamos ir para a colónia observar os machos executar o seu ritual de acasalamento.

Tudo isto me saiu naturalmente. E não teria tido importância nenhuma, não teria passado de uma conversa estúpida sobre aves se, apercebendo-me do que tinha dito, não tivesse sustido a respiração, emitindo esse som breve e áspero de surpresa. Comecei a corar, do pescoço às faces, e ele percebeu evidentemente que eu estava a dar uma conotação sexual ao que estávamos a fazer. Tive vontade de dar meia-volta e desatar a correr como o Max.

Ele olhava-me de forma intensa. Tenho a certeza de que sabia o que me ia na cabeça mas foi simpático e tentou disfarçar, dizendo: – Sim, já assisti muitas vezes. É uma beleza a forma como eles fazem estalar os bicos e alongam o pescoço.

A verdade é que eu tinha passado os últimos cinco minutos a estalar o bico e a alongar o pescoço.

– Já lhe contei o que faço – estava ele a dizer. – Agora é a sua vez de me dizer o que faz.

Ali em pé, procurei transmitir uma aparência de aprumo e decoro. Não sabia como descrever o que era nem o que fazia. O que é que eu fazia? Tratava da casa para o Hugh? Pintava cenas em pequenas caixas e dispunha uma colagem de objectos dentro delas? Não, já nem sequer podia afirmar isso. E a Dee tinha crescido e saído de casa, pelo que não podia dizer: "Fico em casa a tomar conta da minha filha", nesse tom alegre que usava antigamente.

– Sabe, ia agora mesmo ver o trono da sereia – disse eu. – Não devia estar a retê-lo.

– Não me está a reter. Venha, eu acompanho-a até lá. A não ser que queira estar sozinha.

– Está bem – respondi. Percebi que ele tinha detectado a minha mudança de atitude e não sabia por que razão continuava a insistir. Queria estar comigo ou estava simplesmente a ser hospitaleiro?

Ele tocou-me no ombro, impelindo-me para o caminho que conduzia à igreja, o mesmo gesto insignificante e comum que usara com a minha mãe, mas a pressão da sua mão no meu casaco disparou uma corrente que me percorreu todo o corpo.

A igreja estava deserta, reinava um silêncio intenso. Avançámos pela nave entre os cadeirais do coro, passámos pelo altar e entrámos no estreito deambulatório atrás da abside detendo-nos na entrada em arco para uma pequena capela.

O trono da sereia erguia-se sobre uma plataforma elevada, alcatifada num tom de vinho escuro. Notei que a alcatifa estava puída e, em certos pontos, via-se o fio.

Na parede atrás do trono, uma estreita janela de clerestório deixava entrar um feixe de luz bafienta e poeirenta que incidia sobre o assento.

Aproximei-me e pousei a mão no espaldar do trono. Este era muito trabalhado com motivos de nós celtas. As sereias que constituíam os braços do trono ainda estavam pintadas de verde, dourado e vermelho embora tivessem perdido um pouco do brilho desde a última vez que as vira.

Não podia imaginar que a visão dele me fosse afectar, mas os meus olhos encheram-se imediatamente de lágrimas. O meu pai sentara-se no trono e batera no joelho para eu lhe subir para o colo. Encostando a cara à bombazina áspera do seu casaco, sussurrara-lhe: "Estás a rezar?" Porque era o que as pessoas faziam quando se sentavam no trono. Pediam coisas, normalmente coisas impossíveis, e supostamente as preces eram atendidas. Antes de a minha mãe ter ganho a sua estranha aversão ao trono, tinha o hábito de entoar uma quadra, uma rima que todas as crianças na ilha sabiam de cor.

No trono te sentarás Uma oração rezarás. Santa Senara amanhã Atender-te-á.

O meu pai respondera-me, também num sussurro: "Sim, estou a rezar, mas aí de ti que digas à tua mãe. O que eu tinha de aturar!"

"Por quem é que estás a rezar?"

"Por ti."

Eu empertigara-me, electrizada com isto. O meu pai estava a rezar uma oração por mim e, pedisse ele o que pedisse, havia de se concretizar. "O que estás a pedir?"

Tocara-me no nariz com a ponta do dedo. "Que fiques a minha Menina Dançarina para sempre."

Apercebi-me de que o irmão Thomas continuava à porta, parecendo hesitar entre ficar ou deixar-me a sós. Deslizei a mão sobre o cabelo de madeira da sereia e em seguida pelas asas.

– Nunca percebi porque é que ela tem asas – observei. – Nunca ouvi falar de sereias que as tivessem. Sabe porquê?

Ele interpretou a pergunta como um convite, que era, e aproximou-se do outro lado do trono, penetrando na luz difusa e poeirenta da janela. A luz criou uma lista no seu hábito.

– Por aqui pensa-se que ela é em parte sirena. As sirenas têm caudas de peixe e asas.

De súbito as asas dela lembraram-me plumagem. Rituais de acasalamento.

– Mas pensei que as sirenas eram criaturas terríveis.

– Deve estar a pensar na Odisseia, na forma como atraíram os marinheiros aos escolhos, mas antes disso eram deusas marinhas. Traziam mensagens das profundezas. Semelhantes a anjos mas não

desciam do céu, subiam do leito do oceano. Supostamente as mensagens delas inspiravam ou curavam... portanto, nem sempre eram criaturas más.

Devo ter-me mostrado surpreendida por ele saber tanto sobre o assunto porque sorriu levemente e disse: – Por vezes, substituo o irmão Bede; é ele o responsável pelas visitas guiadas.

Ouvi um ruído de passos no corredor, à porta da capela, e virei-me, esperando ver um monge entrar, mas não entrou ninguém e nós continuámos a conversar por mais alguns minutos sobre as sereias do trono. Ele disse-me que lhe agradava a ideia de ambas terem asas e caudas de peixe porque significava que podiam coabitar em dois mundos completamente distintos, pertencendo igualmente ao céu e ao mar, e que invejava isso. Falou demoradamente sobre o assunto mas não considerei que estivesse a ser pretensioso, apenas intrigante e, para ser franca, excitava-me que ele possuísse este tipo de conhecimento esotérico.

Pousei novamente os olhos no braço do trono, fingindo-me absorvida pela sereia, pelo enigma das asas e da cauda de peixe, consciente de que ele continuava de olhos postos em mim.

– Acredita na história de que as preces de quem se sentar no trono e rezar serão atendidas? – perguntei.

– No sentido mágico, não.

– Isso significa que não se senta no trono como os turistas a rezar?

– Rezo de outras maneiras, suponho.

– Que maneiras? – perguntei, apercebendo-me, mal fiz a pergunta, de que soou como uma intromissão. Tinha a certeza de que nunca questionara ninguém sobre os seus hábitos de oração.

– Thomas Merton escreveu que os pássaros eram as suas orações e eu acho que sinto o mesmo. Andar lá fora no pântano é como rezo melhor. É a única forma de rezar a que minha alma parece reagir bem.

Alma. A palavra ressoou dentro de mim e interroguei-me, como tantas vezes antes, sobre o que seria exactamente. As pessoas falavam constantemente dela mas alguém saberia realmente? Houve momentos em que a imaginei como uma luz-piloto a arder dentro de uma pessoa – uma gota de fogo do inferno invisível a que as pessoas chamavam Deus. Ou uma substância mole, como um torrão de argila ou massa para moldes dentários, que reunia a soma das experiências das pessoas – um

milhão de marcas de felicidade, desespero, medo, todas as pequenas perfurações de beleza que jamais conhecemos. Podia tê-lo interrogado sobre a alma, mas um sino começou a repicar no campanário.

Ele dirigiu-se ao corredor e depois voltou-se para mim e eu distingi o azul intenso dos seus olhos mesmo à distância a que me encontrava.

– Eu não rezo no trono da sereia mas que fique claro que não lhe reconheço menos poder por isso.

O sino repicou de novo. Sorrindo-me, enfiou as mãos no escapulário com a bola de ténis do Max e afastou-se.

CAPÍTULO 15

Depois de ele desaparecer, sentei-me no trono da sereia. Era duro e desconfortável; havia quem dissesse que era feito de uma peça inteiriça de bétula, embora imagine que não passe de mais um relato apócrifo. Encostei-me ao espaldar da cadeira e senti os meus dedos dos pés descolar do chão. Do outro lado da igreja os monges começaram a cantar. Não percebi se era em latim. As suas vozes chegavam em vagas, inundando a capela abobadada.

Os meus pensamentos devem ter-se elevado até ao tecto com os cânticos durante alguns minutos porque, de súbito, senti a minha concentração impelida violentamente para o meu corpo, apercebendo-me de que estava desperto e vivo. Senti-me como se corresse, embora estivesse completamente imóvel. Tudo à minha volta pareceu ganhar vida e respirar – as cores, as esquinas, as partículas de luz que caíam na diagonal sobre os meus ombros.

As minhas mãos estavam pousadas nos braços do trono, no ponto em que as costas arqueadas das sereias se fundem com as suas caudas de peixe. Tacteei em volta e por baixo até agarrar a parte saliente das caudas como um par de rédeas. Por dentro desejei dominar-me, mas ao mesmo tempo quis deixar-me levar.

Os meus sentimentos em relação a Thomas tinham sido extraordinariamente confusos. Tinha-os deixado vaguear dentro de mim como água suja no fundo de um barco mas agora, sentada no trono da sereia, senti o sedimento assentar e tudo se tornou muito claro para mim. Desejava-o com uma volúpia quase feroz.

Claro que, no momento em que admiti o pensamento, senti um grande choque, uma absoluta repugnância e, no entanto, a minha vergonha era inconsequente perante a força do meu coração. Era como se qualquer coisa tivesse irrompido através de uma parede. Pensei no quadro de Magritte, a locomotiva a sair disparada do fogão de sala.

As antífonas flutuaram pelo ar. Forcei-me a respirar lenta e profundamente, desejando que a cadeira estivesse à altura da sua reputação e fizesse alguma coisa, que operasse um milagre e fizesse com que aqueles sentimentos esmagadores se evaporassem. No entanto, o

meu desejo apenas parecia aumentar. Um desejo por alguém que, recordei a mim mesma, não era o Hugh. A verdade é que nem sequer o conhecia. E, contudo, sentia que sim. Que conhecia o mais profundo do seu ser.

Acontecera o mesmo com o Hugh. Como encontrar alguém que eu já conhecia. Apaixonar-me pelo Hugh fora como ser acometida por uma crise terrível de loucura. Tinha-me deixado consumir, andado quase doente de desejo, incapaz de me concentrar em qualquer outra coisa, e não tinha havido qualquer cura, se bem que nesse tempo eu não a quisesse. O coração fazia o que fazia. Tinha a sua própria autonomia, como um país independente.

O ar estava saturado de incenso, vibrando com cânticos medievais. Imaginei o Thomas lá fora numa das cadeiras do coro e experimentei essa mesma sensação de estar consumida, a arder de desejo.

O pior de tudo era que me sentia ceder a tudo isto, ao que quer que estivesse para vir. A um Grande Êxtase e uma Grande Catástrofe.

A consciencialização do facto assustou-me, o que é dizer pouco. Não me tinha imaginado capaz de me apaixonar novamente.

Instantes antes, quando o Thomas me fez perguntas sobre mim mesma, não consegui falar e agora interrogava-me se fora porque o meu sentido de personalidade estava a desmoronar-se. Ao chegar à ilha tudo se desintegrara.

Fechei os olhos. Pára com isto. Pára.

Não o disse como se quisesse rezar uma oração mas, quando abri os olhos, ocorreu-me que talvez tivesse sido mesmo isso e senti uma onda passageira de esperança pueril de que agora alguma caridade seria obrigada a atender a minha prece. E acabaria, então.

Sentimentos, tudo, e eu seria absolvida. Estaria a salvo.

Claro que no fundo não acreditava nisso. Na cadeira te sentarás uma oração rezarás – era uma infantilidade. No entanto, até o Thomas, que também não acreditava nisso, tinha afirmado que o trono possuía poder. E possuía. Eu sentia-o. É-o como uma espécie de revelação.

E se fosse esse o verdadeiro poder do trono – a sua capacidade de nos destruir? E se desenterrasse os sentimentos mais proibidos dentro de uma pessoa e os expusesse à luz?

Levantei-me. Incapaz de atravessar a igreja diante dos monges, dei voltas pelo deambulatório por alguns momentos, abrindo as portas erradas antes de localizar a porta das traseiras da sacristia, onde saí da igreja.

Atravessei apressadamente o pátio, sentindo o ar espesso. Afinal o nevoeiro não levantara, apesar de ter dado essa impressão quando surgira um solitário raio de sol. Na verdade, estava denso.

Quando transpus o portão para o quintal da minha mãe, estava no mesmo lugar em que me demorara na noite em que o Thomas me acompanhara no regresso a casa. Pousei as palmas das mãos em cima do muro de tijolo e fixei a argamassa, repleta de buracos causados pelo ar salgado. Do outro lado do quintal, os oleandros baloiçavam-se, o seu tom de verde quase invisível.

Ele é um monge, pensei.

Desejando acreditar que isto me salvaria.

CAPÍTULO 16

Irmão Thomas

Durante os cânticos antifonais que precederam a missa, Thomas notou que o padre Sebastian estava a olhar para ele, fixando-o com os seus pequenos olhos por detrás dos enormes óculos de aros pretos. Thomas desejou que ele deixasse de olhar. Uma vez, Thomas retribuiu, olhando-o fixamente, e Sebastian nem sequer fingiu embaraço.

Em vez disso acenou com a cabeça, como que a saborear um pensamento privado ou talvez a tentar dizer alguma coisa.

Thomas sentia-se asfixiar por baixo do hábito, como se estivesse envolvido em isolamento térmico. Mesmo no Inverno a lã era demasiado quente e a caldeira era uma fonte constante de calor. A razão, conforme o abade explicara sollicitamente, era que os monges mais velhos tinham "sangue-frio". Thomas mordera o lábio para não se desfazer a rir.

Há três anos, começara a nadar diariamente no canal, próximo da colónia, junto ao eremitério improvisado que tinha construído numa das ilhotas do pântano. Fazia-o simplesmente para se refrescar. Nadava com

mais determinação no Inverno do que em qualquer outra estação, lançando-se na água gélida. Recordava-lhe uma iluminura num Livro de Horas medieval, chamada a Boca do Inferno, que representava pessoas pobres e escaldadas irrompendo de uma abertura infernal em direcção a uma colherada de água fria.

O seu lugar era isolado e vedado por uma profusão de canas altas. Tinha sido formado por um afluente que se desviara do canal e desembocava numa bacia escondida.

A sua piscina privada.

Num mosteiro não havia nada que se assemelhasse a calções de banho e, portanto, nadava nu. Era uma coisa que provavelmente devia confessar durante a culpa pública das sextas de manhã, momento em que divulgavam pecados como "Estava distraído e parti o candeeiro no Centro de Atendimento" ou "Esgueirei-me até à cozinha depois do silêncio da noite e comi o resto da gelatina de cereja", mas a verdade é que não se considerava culpado. Quando nadava nu, entregava-se à exultação do risco.

As pessoas espirituais tinham o hábito de se fechar, sucumbindo ao torpor. Era uma questão que ele defendia com veemência: as pessoas precisavam de nadar nuas. Algumas mais do que outras.

Com o suor a formar gotinhas sobre o seu lábio, fechou os olhos e sonhou com as ondas frias a rebentar-lhe na pele despida.

Os monges estavam agrupados no coro por ordem de antiguidade ou statio, como lhe chamavam; abade, prior, subprior, mestre de noviços e depois cada um dos monges por ordem de entrada no mosteiro. Thomas encontrava-se na última cadeira na fila de trás, do lado esquerdo da igreja.

Como o prior, o padre Sebastian estava na primeira fila, do lado direito, agarrado ao seu missal de Santo André, que fora abolido nos anos sessenta. O seu olhar tornara-se óbvio e hostil.

Subitamente, Thomas percebeu a razão daquele olhar. Apertou os dedos em redor do breviário. O padre Sebastian tinha-o visto a conversar com Jessie Sullivan. Fora esse o som que ouvira do lado de fora da capela. Tinha-se esquecido que Sebastian entrava sempre na igreja pela sacristia. Sem dúvida nenhuma, escutara a conversa.

Vieram à lembrança de Thomas certas coisas que lhe dissera. Não tinha havido nada de impróprio. Haviam falado sobre o trono da sereia. Sobre a oração, por amor de Deus! Limitara-se a ser simpático com a filha da mulher que lhes cozinhava o almoço. Que mal é que isso tinha? Os monges falavam constantemente com os visitantes.

Na sua cadeira do coro, encheu-se de justificações, ressuscitando, qual Lázaro, o advogado em si. Era surpreendente encontrar esse instinto vivo no seu íntimo, constatar como lhe era fácil debater e defender o seu encontro com Jessie Sullivan como se constituísse uma prova incriminatória.

Parou de cantar e o abade, reparando, olhou para ele de relance e franziu o sobrolho. Thomas recomeçou e mais uma vez se calou, deixando cair os braços. O próprio facto de precisar de preparar uma defesa constituía uma revelação.

Deixou os olhos deslocar-se lentamente na direcção de Sebastian e acenou com a cabeça quando o olhar do monge mais velho se cruzou com o seu. O seu aceno era uma admissão a si mesmo, uma dolorosa aquiescência de que não podia defender-se, com verdade, porque tinha pensado nessa mulher desde a primeira vez em que a vira no roseiral, sentada no chão. Tinha pensado na forma perfeita e oval do seu rosto, em como ela olhara para ele antes de se levantar. Sobretudo, recordara a forma como a cabeça dela encobrira a lua ao erguer-se. A lua subira no céu por detrás dela e, durante um, talvez dois segundos, Jesse surgira como um eclipse, um fino halo em redor da sua cabeça e o rosto velado atrás de uma sombra reluzente.

Para ser franco, tinha-lhe cortado a respiração. Recordara-lhe qualquer coisa, se bem que não soubesse o quê. Acompanhara-as a casa de Nelle através do arvoredado tingido pela noite, conversando com a mãe mas imaginando o rosto de Jessie Sullivan atrás dessa escuridão luminosa.

Desencadeara nele um desejo que não se aplacara como esperava, antes se intensificara de tal forma que havia noites em que não dormia a pensar nela. Nesses momentos, levantava-se e lia o poema de Yeats sobre a ida ao bosque de aveleiras com um fogo na cabeça. Yeats escrevera-o depois de ter conhecido Maude Gonne, uma mulher que

entrevira um dia, em pé a uma janela, e por quem se apaixonara perdidamente.

Thomas sentira-se cada vez mais irresponsável ao ver-se preso nas malhas desse desejo por ela. Como se tivesse sido apanhado numa das tarrafas do mosteiro. Estava a desenvencilhar-se perfeitamente, há cinco anos que vivia ao ritmo do mosteiro: ora, labora, vita communis – oração, trabalho, comunidade. A sua vida assentava nisto. Por vezes, Dom Anthony proferia sermões sobre aquilo a que chamava apatia espiritual, a fatigante monotonia que era capaz de enredar os monges no tédio e no enfado, mas Thomas nunca sofrera disso. A cadência e o compasso deste lugar haviam-no consolado durante o seu terrível período de dúvida, de profunda angústia, que adviera de ter sobrevivido quando aqueles que amava estavam mortos.

E eis que surgira esse único momento inócuo: essa mulher a levantar-se num jardim sem flores, o seu rosto escuro e belo, viran-do-se para ele com a cabeça rodeada de luz. Despedaçara o seu profundo contentamento, a ordem perfeita.

Até neste momento a sentia, como qualquer coisa que regressava numa enxurrada que o envolvia, como as águas escondidas em que nadava.

Quase nada sabia sobre ela mas vira a aliança no seu dedo, o que o tranquilizara. Era casada. Sentia-se grato por isso.

Pensou no seu intenso rubor ao falar da dança de acasalamento das garças. Estupidamente, acompanhara-a ao trono da sereia e agora passaria a noite acordado com a visão dela em pé na capela, as calças de ganga justas nas ancas.

O abade guiou-os na missa e, no momento em que a hóstia foi erguida, Thomas sentiu a investida do desejo, não por Jessie mas pela sua casa, a sua casa monástica, este lugar que amava acima de todos os lugares. Olhou para a hóstia, pedindo a Deus que o saciasse com esse pequeno pedacinho de Jesus, e resolveu afastá-la do pensamento.

Libertar-se-ia disto. Sim.

Enquanto os monges saíam da igreja, em fila, em direcção ao refeitório para almoçar, escapuliu-se, seguindo o caminho para sua casa, não desejando comer.

O padre Dominic estava sentado no alpendre, numa cadeira de baloiço de madeira que já fora pintada de verde. Uma manta de lã em xadrez castanho e vermelho cobria-lhe os ombros, e em vez de se baloiçar, como era seu costume, estava imóvel, o olhar fixo num tufo de barba-de-velho no solo. Thomas apercebeu-se de que não o tinha visto na missa. Pela primeira vez, Dominic pareceu-lhe velho.

– Benedicite Dominus – disse Dominic, levantando os olhos e usando a obsoleta saudação, como já era seu hábito.

– Sente-se bem? – perguntou Thomas.

Excepto na Primavera, quando Dominic passou três semanas na enfermaria com pneumonia, Thomas não se lembrava de o monge alguma vez ter faltado à missa.

Dominic sorriu com uma expressão um pouco forçada.

– Sinto. Perfeitamente bem.

– Não foi à missa – disse Thomas, subindo para o alpendre.

– Não, Deus me perdoe, estive a receber a minha comunhão pessoal aqui no alpendre. Já alguma vez pensou, Thomas, que se Deus pode habitar a hóstia, também pode facilmente habitar outras coisas como essa barba-de-velho aí no chão?

Thomas olhou para a barba-de-velho que se avolumara junto aos degraus. Lembrava amaranto.

– Estou sempre a pensar nessas coisas. Não sabia que havia mais quem as pensasse aqui.

Dominic soltou uma gargalhada.

– Nem eu. Somos então farinha do mesmo saco. Ou talvez hereges do mesmo saco. – Deu um impulso com os pés, pondo a cadeira a baloiçar suavemente.

Thomas ouviu o ranger da madeira. Impulsivamente acocorou-se ao lado da cadeira.

– Padre Dominic, eu sei que não é o meu confessor e o abade não aprovaria isto mas... importa-se de ouvir a minha confissão?

Dominic parou de baloiçar. Debruçou-se, lançando a Thomas um olhar interrogativo.

– Está a dizer aqui? Neste momento?

Thomas assentiu, o corpo tenso com a urgência. Sentia uma súbita e poderosa necessidade de se libertar de um fardo.

– Pois seja – disse Dominic. – Já perdi a missa, estou lançado. Vamos lá ouvi-la.

Thomas posicionou-se de joelhos ao lado da cadeira de baloiço. Disse: – Perdoai-me, padre, porque pequei. A última vez que me confessei foi há quatro dias.

Dominic contemplou o jardim. Pelo canto do olho, Thomas deduziu que estava mais uma vez concentrado na barba-de-velho.

Thomas disse:

– Aconteceu uma coisa, padre. Acho que estou a apaixonar-me. Conheci-a no roseiral.

O vento à volta deles levantou-se e eles permaneceram naquela tranquilidade perturbante, naquele frio aconchegante e belo. A simples formulação das palavras – palavras desgovernadas e perigosas – desencadeou em Thomas uma vaga de sentimentos. Elas conduziam-no a um lugar de onde não poderia regressar.

E ali estava. Ajoelhado no pequeno alpendre ao lado de Dominic. De cabeça baixa. O dia de um branco leitoso. Amando uma mulher que mal conhecia.

CAPÍTULO 17

Nos estranhos dias que se seguiram ao meu encontro com o irmão Thomas na igreja da abadia, começaram as chuvas. Frias monções de Fevereiro. A ilha alagava-se no meio do Atlântico.

Eu recordava as chuvas de Inverno da minha infância como episódios deprimentes e torrenciais: eu e o Mike a correremos na estrada para a escola debaixo de um velho oleado de barco enquanto a chuva nos açoitava as pernas e, já mais velhos, a atravessar a baía ao encontro do autocarro, o ferry a baloiçar na água como um pato de borracha.

Durante mais de uma semana, observei à janela de casa da minha mãe a água a cair nos carvalhos e a respingar contra a gruta no quintal. Preparei jantares insípidos com as provisões de alimentos da despensa, mudei a ligadura da minha mãe e dei-lhe metodicamente os comprimidos cor de canela e as cápsulas vermelhas e brancas, mas acabava sempre por postar-me a uma das janelas, sombria e

contemplativa. Sentia-me recuar para um lugar interior que desconhecia. Era como deslizar para dentro de uma concha de náutilo. Refugiava-me simplesmente, serpenteando pela espiral até um hospício pequeno e escuro.

Havia dias em que eu e a minha mãe assistíamos aos Jogos Olímpicos de Inverno no pequeno televisor. Era uma forma de nos sentarmos juntas na sala e continuar como se tudo estivesse normal. A minha mãe observava o ecrã enquanto rezava o terço, atacando cada grupo de dez contas vermelhas e, quando chegava ao fim dos cinco grupos, punha-se a torcer o cubo de Rubik que a Dee lhe mandara pelo menos há cinco Natais, manuseando-o desajeitadamente com uma mão. Acabava por deixar cair o cubo do regaço e ficava sentada com os dedos ainda a mexer.

Suponho que estávamos ambas absorvidas nas nossas distrações privadas. A minha mãe nos seus banais tormentos, no seu dedo enterrado, no seu passado. E eu pensava cada vez mais no irmão Thomas, numa espécie de desejo incessante que era incapaz de afastar. E tentei, tentei, sim.

Tinha-me esquecido da sensação desse tipo de desejo, como emergência súbita e clamorosamente do fundo do estômago, como um bando de aves assustadas, e descia de novo, flutuando com o movimento lento e fascinante das penas.

Mas afinal de onde vinha todo este desejo sexual? Costumava imaginar que as mulheres possuíam uma pequena reserva alojada atrás do umbigo, uma espécie de reservatório erótico com que tinham vindo ao mundo, e eu achava que já tinha gasto o conteúdo do meu com o Hugh durante os primeiros anos da nossa relação. Esvaziara-o de forma imprudente, e não havia nada que pudesse fazer para voltar a enchê-lo. Uma vez disse ao Hugh que me tinha calhado o depósito de um litro em lugar do de cinco, que era como ter uma bexiga pequena – algumas mulheres tinham-no e outras não. Ele olhou para mim como se eu fosse louca.

– Os homens não têm este tipo de problema – expliquei-lhe. – Não precisam de poupar como nós. O vosso apetite sexual sai por uma torneira que podem abrir sempre que quiserem. O fornecimento é infinito; é como ter água num lavatório.

– Não me digas – respondeu-me. – Aprendeste isso tudo nas aulas de Biologia?

– Há coisas que não estão escritas nos livros – disse eu.

– Pelos vistos. – Ele riu-se como se eu estivesse a brincar.

Estava e não estava. Acreditava sinceramente que a libido das mulheres era limitada e que quando se esgotava, esgotava.

Agora percebi que estava enganada. Não havia depósitos, pequenos ou não, mas apenas torneiras. Todas elas ligadas a um mar erótico interminável. Talvez eu tivesse deixado a minha torneira emperrar com a ferrugem ou qualquer coisa a tivesse entupido. Não sabia.

A minha mãe também passou esses dias em silêncio. Deixou de falar em voltar para a abadia para retomar a preparação das refeições dos monges. Relegou-os aos desastrosos esforços do padre Timothy. Não me saía da cabeça o que o Hugh tinha dito, que a sua necessidade de se libertar da culpa podia renascer. Estava preocupada. Sempre que olhava para ela, tinha a impressão de uma coisa enorme e ameaçadora trancada numa cave a querer sair.

Durante um dia ou dois depois de ela ter enterrado o dedo voltou a ser, brevemente, a pessoa que sempre fora. Falou por alto, como já era seu costume, em converter receitas para seis pessoas em receitas para quarenta, em Júlia Child, na infalibilidade do Papa, no Mike. Felizmente, a experiência dele com o budismo não lhe tinha chegado aos ouvidos. O raciocínio da minha mãe não costumava ser desconexo e agora ela não se calava. Não era bom sinal.

Não consegui reunir energias nem coragem para a interrogar novamente acerca do padre Dominic nem para abordar a questão do cachimbo do meu pai.

A Kat ligava quase todos os dias.

– Ainda estão as duas vivas? – perguntava. – Talvez seja boa ideia ir ver como estão. – Eu assegurava-lhe que estávamos bem. Não queria companhia e ela acabou por perceber.

O Hugh também ligou. Mas apenas uma vez. O telefone tocou dois ou três dias depois de eu me ter sentado no trono da sereia e sentido as comportas abrirem-se. Eu e a minha mãe estávamos a ver uma corrida de trenós.

As primeiras palavras que saíram da boca do Hugh foram:

– Não vamos discutir. – Queria que eu pedisse desculpa pelo outro dia, deu para perceber. Esperou com paciência.

– Eu também não quero discutir. – Não consegui dizer mais nada.

Ele esperou um pouco mais. Depois de um suspiro inequívoco, disse:

– Espero que tenhas reflectido e mudado de ideias a respeito da minha visita.

– Não, não mudei de ideias – respondi. – Continuo a pensar que tenho de fazer isto sozinha. – O meu tom soou duro e procurei suavizá-lo. – Tenta compreender o meu ponto de vista, está bem?

Ele disse automaticamente:

– Está bem. – Mas eu sabia que não compreendia. É uma das piores coisas quando se vive com mentes brilhantes... estão tão habituadas a ter razão que, no fundo, não têm experiência de ser de outra maneira.

Um grande cansaço apoderou-se de mim enquanto conversávamos. Não falei no Dominic nem nas minhas suspeitas de que estava, de algum modo, envolvido porque o Hugh teria dissecado o assunto até à exaustão. Ter-me-ia dito como agir. Eu queria navegar segundo os meus próprios instintos.

– Quando é que voltas para casa? – quis ele saber.

Para casa. Como podia dizer-lhe que naquele momento sentia uma necessidade insuportável de fugir dela? Tive o impulso de dizer: Por favor, neste momento quero estar sozinha com a minha vida, refugiar-me na minha concha de náutilo e ver o que lá está.

Mas não disse nada.

Impelia-me um profundo e doentio egoísmo e esse mesmo descontentamento que tinha sentido em casa, mas também uma espécie de amor entristecido por mim própria. A minha vida parecia doce, monótona, mesquinha e repelente, tão desperdiçada.

Nos últimos dias tinha pensado na vida que desejara ter, naquela que brilhara na minha cabeça há muito tempo, cheia de arte, sexo e discussões absorventes sobre Filosofia, política e Deus. Nessa vida inexistente, era dona de uma galeria. Pintava obras surrealistas povoadas de um imaginário surpreendente e onírico.

Tinha havido um momento, há dois anos, em que podia ter procurado alcançar essa vida, pelo menos uma pequena parte dela. Dois dias antes do Natal, enfiara-me, de gatas, num espaço de arrumos por

baixo de uma lucarna para ir buscar a minha melhor louça – numa bela porcelana de osso Lenox que tinha deixado de ser fabricada e era, portanto, insubstituível. Estava embalada e arrumada em caixotes, e era usada apenas em celebrações importantes e num ou noutro aniversário de casamento.

A Dee viu-me e percebeu logo o que eu estava a fazer.

– Mamã – disse ela –, porque é que não a usas mais vezes? Para que é que estás a guardá-la? – Na sua voz adivinhava-se um tom de piedade.

Sim, para quê, realmente? Não sabia, não fazia ideia. Para o meu próprio funeral, talvez. A Dee haveria de organizar um velório e as pessoas estariam por ali a comentar como era extraordinário que eu ainda tivesse um serviço completo de doze peças ao fim de tantos anos. Que tributo!

Durante dias depois disso, as limitações do meu próprio mundo tinham-me abalado. Quando é que o meu medo de pratos partidos se tornara tão monstruoso? O meu desejo de momentos extravagantes tão pequeno? Depois disso, arranjava espaço para o serviço num dos armários da cozinha e tinha-o usado indiscriminadamente. Porque era quarta-feira. Porque alguém me tinha comprado uma caixa artística. Porque parecia que no Cheers o Sam ia finalmente casar-se com a Diane. Mas esse impulso saudável em direcção à grandeza não fora além da louça.

Com o auscultador na mão, quis falar disso ao Hugh, da lucar-na e da louça, mas não sabia bem se fazia algum sentido.

– Jessie – estava o Hugh a dizer –, ouviste o que eu disse? Quando é que voltas para casa?

– Não posso saber quando é que volto para casa. Por enquanto não. Posso ficar aqui... não sei... muito tempo.

– Compreendo.

E acho que sim, que compreendia. Compreendia que o facto de eu estar na ilha não tinha unicamente a ver com cuidar da minha mãe; tinha a ver com o desassossego que eu sentira durante todo o Inverno. Tinha a ver comigo, connosco.

Mas não o disse. Disse:

– Amo-te, Jessie.

Sei que estas palavras hão-de parecer terríveis, mas senti que ele o disse para me pôr à prova, para ver se eu lhe dizia o mesmo.

– Eu ligo-te dentro de alguns dias – disse eu.

Quando desligámos, observei a janela a tingir-se de prateado devido à água e depois dirigi-me novamente à sala de estar para junto da minha mãe e da televisão e da corrida de trenós.

Todas as tardes, por volta das quatro horas, sentia o cheiro da noite a cair. Infiltrava-se por baixo das portas e das janelas – um cheiro negro, a molhado. O desejo pelo Thomas era pior à noite.

Comecei a tomar longos banhos de imersão à primeira sombra parda da noite. Surripiava uma das velas da velha caixa de emergência da minha mãe e colocava-a na borda da banheira. Acendia-a e depois punha a água a correr o mais quente que conseguia suportar até a casa de banho ficar submersa em vapor. Espalhava com frequência folhas de cedro do quintal na água, ou um punhado de sal, ou colheradas do óleo de lavanda da minha mãe, como se estivesse a preparar uma infusão. A fragrância era por vezes opressiva.

Enfiava-me na água, deixando apenas as narinas de fora. Seria de pensar que só então tinha descoberto a água, a sua sensação quente e sedosa.

Submersa, entrava num estado de devaneio. Sempre adorara os Amantes no Céu Vermelho, de Chagall, o seu quadro de um casal entrelaçado a elevar-se sobre telhados, sobre a lua. A imagem visitava-me sempre que mergulhava na água, o casal voando por vezes através de um céu vermelho mas mais vezes ainda nadando numa água azul escaldante.

Noutras ocasiões pensava na sereia que Chagall tinha pintado, suspensa sobre a água, sobre as árvores, uma sereia voadora mas sem asas, e pensava no Thomas a dizer que invejava as sereias que pertenciam igualmente ao mar e ao céu.

Uma noite, sentei-me na cama. Havia qualquer coisa de diferente. Apercebi-me de que era o silêncio no telhado. Olhei na direcção da janela e vi que as nuvens se tinham dissipado. O luar entrava no quarto em pequenos fragmentos, quase como mica.

Levantei-me e rebusquei a casa à procura de alguma coisa com que desenhar. Descobri uma caixa decrépita de lápis de cor na secretária do

Mike onde ele a devia ter deixado uns vinte anos antes. À mesa da cozinha afiei-os com uma faca do peixe.

Não conseguindo encontrar nada senão um bloco de notas, tirei da parede por cima da prateleira do fogão o quadro grande e emoldurado do Farol da Ilha de Morris, arranquei a estampa e comecei a desenhar pacientemente no verso com uma espécie de movimento voraz e compulsivo que me era totalmente estranho.

Cobri a tela com copiosas torrentes de água azul. Em cada canto, desenhei uma concha de náutilo da qual escapava uma luz laranja e, ao longo do fundo, caveiras de tartaruga, montes delas elevando-se em colunas como uma civilização sepultada, a desaparecida Atlântida. No centro, desenhei os amantes. Os seus troncos estavam apertados um contra o outro e os membros entrelaçados. O cabelo da mulher estava enrolado em redor de ambos como fitas de cetim. Voavam. Flutuavam na água.

O desenho era exaltante, mas também um pouco assustador. Como conduzir um automóvel e ter um furo. Quando terminei, voltei a colocar a estampa do farol na respectiva moldura e pendurei-a por cima da prateleira do fogão de sala, os amantes virados para a parede.

Era impossível voltar a adormecer. Estava eufórica. Fui à cozinha fazer chá. Estava sentada à mesa, a bebericar camomila por uma caneca lascada, quando ouvi um arranhar na porta, um som pronunciado e decidido. Acendendo a luz do alpendre, espreitei pela janela da cozinha. O Max estava sentado no alpendre, o seu pêlo preto imundo e encharcado.

Abri a porta.

– Oh, Max, olha só para ti. – Ele perscrutou-me com olhos interrogativos. – Pronto, entra lá.

Era sabido que ele dormia em casas diferentes na ilha, num regime rotativo, cujo calendário só ele conhecia. A minha mãe disse uma vez que ele aparecia aqui de dois em dois meses à procura de dormida, mas eu duvidava que o fizesse a meio da noite. Perguntei-me se o actual senhorio dele o teria despejado. Teria visto a luz acesa cá em casa?

Tirei da despensa a velha colcha que a minha mãe tinha guardada para ele. Quando se enroscou nela, sentei-me no chão e enxuguei-o com um pano da louça.

– O que andas a fazer a vaguear a meio da noite? – perguntei. Ele empertigou um pouco as orelhas e depois pousou-me a cabeça na coxa.

Afaguei-lhe as orelhas, lembrando-me de o Thomas dizer que o Max ia com ele no barco quando fazia as suas rondas na colónia.

– Gostas do irmão Thomas? – perguntei. Ele bateu com a cauda, imagino que por causa da voz meiga com que falei, o tom que se usa com bebés recém-nascidos, cachorros, gatinhos. – Eu sei, eu também gosto.

Fazer festas na cabeça do Max produziu melhores resultados do que o chá. A sensação de excitação começou a dissipar-se.

– O que é que vou fazer, Max? – perguntei. – Estou a apaixonar-me.

Fora esta a verdade que alcançara enquanto estava sentada no trono da sereia, mas não a tinha exprimido em voz alta. Surpreendeu-me o alívio que senti ao fazer a confissão, mesmo a um cão.

O Max soltou um suspiro e fechou os olhos. Não sabia como deixar de sentir o que sentia. Como libertar-me da ideia de que estava aqui uma pessoa que era meu destino encontrar. Não era apenas o homem que me excitava – era o céu nele, coisas nele que eu não conhecia, nunca provara, talvez nunca viesse a provar. Nesse momento, parecia quase mais fácil viver com a devastação do meu casamento do que com a mágoa de ter vivido a minha vida sem nunca verdadeiramente o conhecer, sem voar através de um céu vermelho ou um mar azul.

– O meu marido chama-se Hugh – disse eu ao Max, que já dormia a sono solto. – Hugh – repeti, continuando a pronunciar o nome na cabeça, como que para me salvar.

Hugh. Hugh. Hugh.

CAPÍTULO 18

No dia 2 de Março, tirei o carrinho de golfe da garagem e dirigi-me pelas estradas enlameadas ao aglomerado de lojas perto do ferry. O sol tinha voltado com a aparência indiferente do Inverno, um fogo diminuto e insensível a brilhar nas alturas. Enquanto conduzia aos solavancos através dos carvalhos, sentia-me como uma criatura saída das profundezas da Terra.

Queria comprar alguns artigos de mercearia no minimercado Caw e ver também se vendiam tintas – precisava de mais do que os lápis de cor do Mike. Mas sobretudo queria falar com a Kat sobre o irmão Dominic.

O ferry estava atracado e alguns turistas deambulavam pelo passeio com os anoraques fechados até ao pescoço. Estacionei em frente da loja de recordações da Kat, onde o Max estava refastelado debaixo do toldo às riscas azuis e brancas.

A Kat tinha pregado um pequeno espelho junto à porta da loja, um velho costume Gullah destinado a afugentar o Booga Hag.

Quando abri a porta, o Max correu para dentro da loja à minha frente. A Kat, a Benne e a Hepzibah estavam sentadas atrás do balcão, a comer gelado em tacinhas de plástico. Eram as únicas pessoas na loja.

– Jessie! – exclamou a Benne.

A Kat sorriu-me.

– Bem-vinda ao mundo das criaturas vivas que respiram. Queres gelado?

Abanei a cabeça.

A Hepzibah envergava um vestido solto cor de ébano, com relâmpagos estampados, e o seu característico turbante a condizer. Tinha o ar de uma bela nuvem de tempestade.

O Max deixou-se cair aos pés da Benne e ela deu-lhe palmadinhas enquanto me olhava.

– A mamã disse que tens sido malcriada.

– Oh, por amor de Deus, Benne, é preciso repetir tudo o que eu digo, caramba?

– Achas que fui malcriada? – perguntei, querendo arreliá-la, mas sentindo-me também um pouco ofendida.

Ela sorriu.

– Bem, o que é que lhe chamas quando uma pessoa te telefona todos os dias a dizer: "Posso aparecer? Posso levar o jantar? Posso ir aí beijar-te os pés?", e a resposta que essa pessoa tem é: "Estamos bem, obrigada. Agora deixa-nos"?

– Eu não disse "Agora deixa-nos" e não me lembro de me pedires para me beijar os pés. Mas se quiseres podes beijar agora.

Por qualquer razão, quando estava na companhia da Kat, começava a comportar-me como ela.

– Que irritadiça que estás! – disse ela. – Claro, se eu tivesse ficado fechada com a Nelle Dubois durante duas semanas, andava a atirar granadas às pessoas.

Passei os olhos pela loja pela primeira vez. Havia mesas e prateleiras repletas de uma intrigante variedade de objectos com sereias: porta-chaves, toalhas de praia, cartões de felicitações, sabonetes com motivos em relevo, abridores de garrafas, pisa-papéis, lanternas. Havia bonecas sereias, conjuntos de pente e espelho em forma de sereia e até sereias para pendurar na árvore de Natal. Os letreiros MERMAID XING estavam enfiados num bengaleiro para chapéus-de-chuva no canto e uma dúzia de espanta-espíritos com sereias estava suspensa no tecto. No centro da loja havia uma mesa com uma pilha dos livrinhos do padre Dominic, O Conto da Sereia, com um anúncio que indicava que eram EXEMPLARES ESPECIAIS AUTOGRAFADOS.

– Escolhe qualquer coisa – disse a Kat. – Um presente... uns brincos ou coisa do género.

– Obrigada, mas não posso aceitar.

– Estás a ser malcriada outra vez – disse ela.

Escolhi uma caixa de Lágrimas de Sereia.

– Pronto, está bem. Levo isto.

A Benne tirou de um armário uma cadeira articulável para eu me sentar.

– O que te traz à vila? – perguntou a Hepzibah.

– Mantimentos. E estava a ver se arranjava... – calei-me, hesitante em dizê-lo em voz alta. A velha tendência, suponho, para manter a minha arte enclausurada e segura, como uma criança potencialmente difícil de controlar confinada ao quarto. Baixei os olhos para as mãos. As palmas unidas e presas entre os joelhos. – Material de pintura – disse com um esforço que esperei ter disfarçado. – Aguarelas, pincéis, papel de textura fina...

– O Caw Caw vende máquinas eléctricas para fazer cachorros quentes e germinadores de sementes mas duvido que venda material de pintura – disse a Kat. Pegou num lápis e num papel que estavam no

balcão. – Escreve aqui o que queres que eu peço ao Shem que te compre da próxima vez que atravessar com oferry.

Anotei os materiais essenciais enquanto as colheres delas rapavam o resto do gelado.

– Presumo que tencionas então demorar-te por cá – disse a Hepzibah.

– A minha mãe precisa de mim, achei melhor ficar.

A Kat franziu a testa.

– Por quanto tempo?

– Indefinidamente, imagino – respondi, querendo mudar de assunto.

– E o Hugh? – perguntou ela.

Gesticulei na direcção dela com a lista na mão.

– Quando me ligaste, acusaste-me de negligenciar a minha mãe... se bem me lembro, as palavras exactas que usaste foram: "Não podes fazer de conta que não tens mãe."

E agora estás a acusar-me de negligenciar o Hugh? – A minha voz atingiu um timbre agudo, quase como um balido, na palavra "Hugh".

A Kat reagiu como se eu a tivesse esbofeteado.

– Credo, Jessie, quero lá saber que estejas em casa a olhar pelo Hugh. O homem é perfeitamente capaz de cuidar de si próprio. Desde quando é que me preocupo que as mulheres tratem dos maridos? Só queria saber se as coisas estavam a correr bem entre os dois.

– Como se isso fosse da tua conta – disse-lhe a Hepzibah.

Quanto a mim, não conseguia imaginar o que tinha despertado a atenção da Kat.

– Diz lá... como está a Nelle? – perguntou a Hepzibah.

Encolhi os ombros.

– Para ser franca, acho que a minha mãe anda deprimida. Não faz mais nada senão sentar-se numa cadeira, fixar a televisão e brincar com o cubo de Rubik.

– Almoço no Max – disse a Kat num impulso. O cão estava a ressonar suavemente, com a cabeça pousada no sapato da Benne, mas abriu um pouquinho os olhos à menção do nome dele. – Este sábado almoçamos todas no café.

Ao longo dos anos, a minha mãe procurara soltar o fio dela do nó que as três tinham atado e atirado ao mar naquela noite, o que as

mantivera unidas ao longo do tempo.

Mas a Kat recusara-se a deixá-la isolar-se. A sua lealdade – e a da Hepzibah também – nunca vacilara, nem uma vez.

– É boa ideia – disse eu, apercebendo-me de que era incapaz de ficar zangada com a Kat mais de três minutos. Não sei porquê – ela era a mulher mais provocadora que eu alguma vez tinha conhecido. – Mas duvido que ela vá – acrescentei.

– Diz-lhe que o Papa vai almoçar no Max este sábado. Deve bastar.

A Hepzibah virou-se para mim.

– Diz-lhe só que temos tido saudades dela e precisamos de lhe ver a cara.

– Vou tentar – disse eu. – Mas não contem muito.

Olhando para trás delas, reparei na pintura do naufrágio que eu tinha feito aos onze anos, encaixilhada e pendurada por cima da caixa registadora.

– Olha só, é a minha pintura.

Um barco branco a arder estava alojado no fundo do oceano juntamente com um polvo sorridente, uma amêijoia gigante com olhos curiosos e uma manada de cavalos-marinhos de baloiço. Parecia uma página alegre de um livro infantil – à excepção do barco em chamas no meio de tudo aquilo.

Fogo por baixo da água – era assim que via a morte dele – era criança? Um inferno que nada podia extinguir? Na superfície ondulada da água, boiavam cinzas tristonhas, como plâncton, mas sobre ela o sol sorria e o mundo era um lugar tranquilo e sem nuvens. Até agora nunca tinha reparado em quanta dor estava encerrada naquela imagem – o desejo de uma criança de que o mundo regressasse à sua perfeição.

Quando olhei em volta, a Hepzibah estava a estudar-me.

– Lembro-me de quando fizeste essa pintura. Eras uma menina muito triste.

A Kat fez-lhe má cara.

– Deve ser para nos animares que falas no assunto.

A Hepzibah disse:

– A Jessie era uma menina triste. Ela sabe e nós sabemos. Porque não dizê-lo? – Ela nunca se deixara intimidar pela Kat, e provavelmente era por isso que se davam tão bem.

– Porque é que nunca queres falar desse tempo? – perguntei à Kat. – Eu quero falar. Preciso de falar. Quero saber, por exemplo, porque é que toda a gente, incluindo a minha mãe, disse que foi uma faúlha do cachimbo do meu pai que causou o incêndio.

– Porque foi uma faúlha do cachimbo que causou o incêndio – disse a Kat e eu vi o gesto de confirmação da Hepzibah.

– Pois, mas eu encontrei isto numa gaveta no quarto da minha mãe – disse eu, tirando o cachimbo da carteira. Mostrei-o nas mãos em concha, como uma hóstia ou uma borboleta com uma asa partida, aquele pequeno objecto de onde se desprendia um odor a tabaco à mistura com alcaçuz.

Elas fixaram-no sem falar, com as taças de gelado vazias pousadas de lado sobre o regaço. Os seus rostos estavam completamente inexpressivos.

Por fim, a Kat perguntou:

– Que disse a Nelle sobre isso?

– Ainda não lhe falei do cachimbo. Tenho medo que, se o vir, se vá outra vez abaixo.

A Kat estendeu a mão para pegar no cachimbo e eu entreguei-lho. Ela rodou-o várias vezes, como que para extrair dele uma resposta.

– A polícia limitou-se a especular quando disse que a causa do fogo tinha sido o cachimbo. Pelos vistos, foi outra coisa... que diferença é que faz agora? – Devolveu-me o cachimbo.

– Mas porque é que ela deixou a polícia e toda a gente acreditar que foi o cachimbo quando sempre o teve com ela? Porque é que mentiu sobre isso? – perguntei.

A luz do sol infiltrava-se pela montra da loja, escapando-se por uma pequena abertura entre as nuvens, e as três viraram a cara para a claridade poeirenta.

– Fui falar com o padre Dominic – disse eu. – Quase o acusei de saber qualquer coisa sobre o facto de a minha mãe cortar o dedo.

– Não fizeste isso – disse a Kat.

– É verdade. E sabes o que ele me disse? Para deixar as coisas como estão. Disse que, se não deixasse, podia fazer mal à minha mãe.

– Ele disse isso? – A Kat levantou-se e dirigiu-se ao balcão. – Isso não faz sentido nenhum. – Olhou de relance para a Hepzi-bah, que

parecia tão confusa como a Kat.

– Ele está a esconder alguma coisa – insisti.

A Kat pôs-se atrás da minha cadeira. Baixou as mãos e pousou-mas nos ombros. Quando falou, o tom acerbo que tão facilmente se insinuava na sua voz tinha desaparecido.

– Havemos de deslindar isto, Jessie, está bem? Eu falo com o Dominic.

Sorri-lhe, agradecida. Distingui a linha ao longo do seu queixo onde a maquilhagem acabava. A sua garganta subiu ao engolir, e senti uma onda de ternura por ela.

O momento deve ter-se tornado demasiado sentimental para a Kat porque retirou abruptamente as mãos e mudou de assunto.

– Em troca, vais ter de pintar algumas imagens de sereias para eu vender na loja.

– O quê?

Contornou a cadeira e postou-se à minha frente.

– Ouviste perfeitamente. Disseste que ias pintar, portanto pinta sereias. Vendiam-se às mil maravilhas aqui. Podes deixá-las à consignação. A gente punha-lhes um preço alto.

Olhei para ela, boquiaberta. Mentalmente vi uma tela de céu lápis-lazúli pejada de sereias aladas a voar como anjos e a mergulhar de grandes alturas no mar. Tentei lembrar-me do que o Thomas tinha dito sobre sereias com asas. Qualquer coisa sobre musas marinhas trazendo mensagens do abismo. Vivendo em dois reinos.

A Kat disse:

– Então, que dizes?

– Sou capaz de experimentar. Veremos.

Os turistas que eu vira antes entraram agora e a Kat foi cumprimentá-los enquanto a Hepzibah se levantava, dizendo que tinha de ir para casa. Eu também precisava de ir mas continuei ali sentada com a Benne, ainda a pensar no Thomas.

Durante os últimos doze dias, engaiolada em casa da minha mãe, tinha dito a mim mesma uma série de coisas contraditórias. Que estava apaixonada, e não apenas isso, mas que era um Grande Amor, e que ignorá-lo seria a negação da minha vida. E depois, alternadamente, que

estava a sentir uma paixoneta louca, que era um momento angustiante que havia de passar e que tinha de ser estóica.

Não compreendia por que razão amar alguém tinha de implicar tanta agonia. A sensação era a de uma série de feridas abertas na pele do meu coração.

A Benne endireitou-se e olhou para mim, estreitando os olhos, com a ponta da língua junto ao lábio inferior.

– Jessie? – disse ela.

– Que é, Benne?

Ela puxou a cadeira para junto da minha e encostou-me os lábios ao ouvido como as crianças fazem quando querem partilhar segredos.

– Tu amas um dos monges – sussurrou.

Endireitei-me e pestanejei na direcção dela.

– Onde é que foste buscar uma ideia dessas?

– Sei simplesmente.

Refutar seria inútil. A Benne nunca se enganava, claro.

Senti vontade de me zangar com ela, de lhe dar uma estalada por bisbilhotar no meu coração mas ela aprumou-se na cadeira a sorrir-me, uma mulher da minha idade com a mente terna de uma criança e uma capacidade parapsicológica prodigiosa. Ela não sabia sequer a que ponto a verdade podia ser perigosa, não fazia ideia das minúsculas sementes de destruição que carregava.

– Benne – disse eu, pegando-lhe na mão –, ouve bem. Não deves dizer nada sobre isto a ninguém. Promete-me.

– Mas já disse.

Larguei a mão dela e fechei os olhos por um momento antes de lhe perguntar.

– A quem? A quem é que disseste?

– À mamã – respondeu ela.

CAPÍTULO 19

Tinha sido metida por baixo da porta das traseiras da cozinha uma mensagem dobrada, dentro de um envelope branco fechado, com uma única palavra na frente: Jessie.

Encontrei-a quando cheguei da loja da Kat. Pegando nela, estudei a caligrafia – uma letra segura e inclinada mas também estranhamente hesitante, como se quem a escreveu tivesse parado e recomeçado várias vezes.

Há coisas que se sabem simplesmente. Como a Benne sabe.

Meti-a ao bolso das minhas calças de caqui no momento em que a minha mãe entrou na sala.

– O que é isso? – perguntou.

– Nada – respondi. – Deixei cair uma coisa.

Não a abri de imediato. Deixei-a repousar no bolso escuro junto à minha coxa, e parecia pressionar-me como uma mão. Pensei: Primeiro vou telefonar a minha filha.

Depois vou fazer chá. Vou assegurar que a mãe está instalada e em seguida sento-me na beira da cama a tomar chá e abro o envelope.

Eu era perita em adiar os momentos de grande satisfação. O Hugh disse uma vez que as pessoas que conseguiam fazer isso eram extremamente maduras. Eu conseguia adiar a felicidade dias, meses, anos. Era "madura" a esse ponto. Aprendi a ser assim a comer Tootsie Roll Pops em pequena. O Mike devorava logo a carapaça de açúcar cristalizado para chegar ao chocolate no meio, ao passo que eu lambia e tornava a lamber, desgastando-a num processo aflitivamente demorado.

Liguei para o número da Dee, na residência universitária dela em Vanderbilt, e ouvi-a narrar a sua última aventura. A irmandade dela tinha patrocinado "a maior luta de almofadas do mundo", 312 pessoas num campo de softball, com penas por todo o lado. Aparentemente, a prova foi presenciada por um juiz oficial do Livro de Recordes do Guinness.

– A ideia foi minha – disse ela com orgulho.

– Não duvido – retorqui. – A minha filha... detentora de um recorde mundial. Estou muito orgulhosa.

– Como está a avó? – perguntou ela.

– Bem – disse eu.

– Descobriste porque é que ela fez aquilo?

– Ainda não quer falar comigo, pelo menos sobre isso. Está a esconder qualquer coisa. É tudo muito complicado.

– Mamã? Lembrei-me... não sei, provavelmente não é nada.

– O quê? Diz.

– É que uma vez, quando a visitei, há muito tempo, estávamos a caminhar naquele sítio onde os escravos estão enterrados, aquele cemitério, sabes? E a avó passou-se completamente.

– "Passou-se" como?

– Começou a chorar e a dizer coisas.

– Lembras-te do que ela disse?

– Nem por isso. Qualquer coisa de ver a mão ou os dedos de uma pessoa morta. Acho que estava a falar dos corpos no cemitério mas estava muito transtornada e eu fiquei com medo.

– Nunca falaste nisso.

– Mas ela fazia coisas assim loucas. Tinha manias. – A Dee fez uma pausa e eu ouvi a cassete dela dos U2 a tocar ao fundo. – Devia ter-te contado. Oh, mamã, achas que se eu tivesse falado isto não teria acontecido?

– Ouve, não teria feito a mais pequena diferença. Acredita. Está bem? A tua avó está doente, Dee.

– Está bem.

Depois de desligarmos, fiz chá de hortelã-pimenta e levei uma chávena para a sala de estar. Lá estava a minha mãe, a televisão, o cubo de Rubik. Os russos tinham ganho uma medalha na patinagem no gelo e o hino nacional russo era como um canto fúnebre que enchia a sala de tristeza. Pousei a chávena na mesa ao lado dela e dei-lhe uma palmadinha no ombro. O episódio que a Dee me contara só me tinha confundido mais.

– Estás bem? Como está a tua mão?

– Ótima. Mas não gosto de chá de hortelã-pimenta – disse ela. – Sabe a pasta dos dentes.

Fechei a porta do meu quarto e rodei a chave e depois tirei o envelope do bolso. Pousei-o no meio da cama e sentei-me ao lado. Fui bebendo o chá e olhando para ele.

Que ia abri-lo não havia dúvidas. Também não estava a tentar preservar esses últimos momentos de enorme expectativa – o prazer lento e excruciante do desgaste para chegar ao chocolate. Não, estava simplesmente aterrada. Tinha na mão o envelope de Pandora.

Abri-o e tirei uma folha pautada branca, rasgada de um dos lados, como se tivesse sido arrancada de um diário.

Jessie,

Espero não estar a ser demasiado presunçoso ao escrever, mas lembrei-me se gostaria de vir dar um passeio de barco. Não há muitas garças agora, mas avistei uma colónia de pelicanos brancos que são muito raros. Estarei na doca da colónia amanhã às duas da tarde e dar-me-ia muito prazer se me acompanhasse.

Irmão Thomas (Whit)

Whit. Toquei na palavra com o dedo e depois pronunciei-a em voz alta, sentindo a intimidade que fora revelar o seu verdadeiro nome. Tive a sensação de que ele me oferecera uma parte oculta de si próprio, uma parte que o mosteiro não possuía. E, no entanto, havia uma certa formalidade na mensagem. Dar-me-ia muito prazer se me acompanhasse.

Li-a várias vezes. Só me apercebi de que a chávena de chá se tinha entornado na cama quando senti a humidade na perna. Enxuguei o que pude com uma toalha e depois deitei-me ao lado da mancha, inalando o aroma da hortelã-pimenta, a sua frescura doce a desprender-se dos lençóis como um novo e renovado começo.

Meia dúzia de gaivotas estavam agachadas atrás de mim na doca da colónia, numa formação perfeita, como uma pequena esquadrilha de aviões preparados para descolar.

Tinha chegado cedo, demasiado cedo. Mais por cautela do que por ansiedade. Pensei que, se chegasse cedo e me achasse sem coragem para me encontrar com ele, podia simplesmente ir-me embora. Sem ser vista.

Durante quase uma hora, sentei-me de pernas cruzadas na extremidade do cais, sob um tecto de luz brilhante e sem nuvens, e estudei a água. Tinha uma cor fulva, a cor das mangas e das meloas, e a maré estava a subir, as ondas batendo contra as estacas como se o canal tivesse perdido a paciência.

Uma canoa vermelha descolorida, agora quase cor-de-rosa, estava virada ao contrário num extremo da doca, o casco incrustado de perceves. Reconheci-a como pertencendo à Hepzibah. Eu andara nela há trinta anos, pelo menos. No outro extremo, um barquinho verde pinho,

praticamente novo, baloiçava na água, a luz do sol dançando em movimentos hipnóticos junto ao casco.

Ouvi uma tábua ranger atrás de mim e as gaivotas levantaram voo. Ao virar-me, vi-o em pé na doca, a olhar para mim. Envergava calças e camisa de ganga, as mangas arregaçadas até aos cotovelos. Os seus ombros eram mais largos, mais musculosos do que imaginava e os braços tinham o aspecto curtido de alguém que trabalha ao sol.

Tinha pendurada ao pescoço uma cruz peitoral de madeira, que destoava estranhamente do resto da sua figura.

Era como se tivesse estado a residir num lugar obscuro do meu coração e agora saísse subitamente. Um homem verdadeiro mas, por outro lado, não inteiramente real.

– Sempre veio – disse ele. – Não tinha a certeza que viesse.

Levantei-me.

– Prometeu pelicanos brancos.

Ele riu-se.

– Disse que tinha avistado pelicanos brancos. Não posso prometer que os vejamos.

Entrou para o barco e, pegando-me na mão, ajudou-me a descer para dentro dele. Por um momento, a sua cara ficou muito próxima da minha. Senti um cheiro a sabonete na sua pele, começando a misturar-se com um ligeiro odor almiscarado graças ao calor do dia.

Sentei-me no banco da frente – o assento do Max, imaginei – voltada para a ré, observando o Thomas a pôr o pequeno motor fora de borda a trabalhar. Sentado ao lado do motor que revolia a água dourada acastanhada, com as mãos no leme, guiou-nos para o meio do canal.

– Devo tratá-lo por Thomas ou Whit? – perguntei.

– Há anos que não me tratam por Whit. Não me importava de ouvir o nome outra vez.

– Presumo que foi a sua mãe que lhe pôs esse nome. E não o abade.

– Ela pôs-me o nome de John Whitney O'Conner e tratava-me por Whit.

– Então seja, Whit – disse eu, experimentando pronunciá-lo.

Navegámos através do delta na maré vaza, do lado posterior da ilha, em marcha lenta. Ziguezagueámos por curvas no canal que era tão estreito e exuberante em certos pontos que quase podia estender os

braços e tocar as ervas dos dois lados. Não tentámos conversar mais sobre o ruído do motor. Acho que estávamos ambos a procurar adaptar-nos à estranheza do que estava a acontecer, de estarmos juntos num pequeno barco a desaparecer no isolamento do pântano.

Ele apontou para a cintilação de um salmonete, para vários tântalos que levantaram voo do meio das canas, para um ninho de águia-pesqueira alcandorado no cimo de um pinheiro morto.

Serpenteámos pelas curvas do canal durante algum tempo, quando o Whit guinou bruscamente o barco para um afluente que desembocava num círculo de água cercado por um muro de canas altas com quase dois metros de altura. Desligou o motor e fomos rodeados pelo silêncio e o isolamento do lugar. Senti-me como se tivéssemos passado pelo buraco de uma agulha minúscula e entrado num lugar fora do tempo.

Ele lançou a âncora pelo lado.

– Foi aqui que vi os pelicanos brancos. Julgo que andam a alimentar-se perto daqui, por isso, se tivermos sorte, hão-de voar por cima de nós. – Olhou de relance para o céu e eu fiz o esforço de o imitar para desviar os olhos da sua cara. Estava banhada da luz do sol e vislumbra-se a mancha de uma barba incipiente.

– O que é aquilo? – perguntei, indicando uma estrutura de madeira a espreitar por entre o mato, numa ilhota a vinte ou trinta metros atrás dele.

– Ah, é o meu eremitério privado – respondeu. – No fundo, não passa de um telheiro. Uso-o para ler ou simplesmente para me sentar a meditar. Às vezes também durmo umas sonecas. Para ser perfeitamente honesto, sou capaz de ter dormido mais sonecas do que meditado.

Fiz estalar a língua para o arreliar.

– A dormir em serviço. – Sentia-me absurdamente alegre.

– As minhas sonecas não surpreenderiam o abade, mas o telheiro sim, infelizmente. Ele não sabe da existência dele.

– Porquê?

– Tenho a certeza de que não me deixaria tê-lo.

Agradou-me que ele tivesse um lado escondido que mantinha separado do mosteiro, um grãozinho de dissidência.

– Sabia que os pelicanos brancos não mergulham para se alimentar como os castanhos? – perguntou. – Trabalham em equipa. Já os vi

pousados na água num grande círculo a juntar a comida no meio. Vendo bem, é engenhoso.

– Acho que devo ser um pelicano castanho – disse eu e, mal pronunciei estas palavras, pensei que soaram como uma idiotice. Como um desses questionários nas revistas femininas. Se fosse uma cor, que cor seria? Se fosse um animal...

– Porque é que diz isso? – perguntou.

– Não sei, talvez por trabalhar sozinha.

– Nem sequer sei o que faz.

Eu não tinha jeito nenhum para dizer: "Sou artista". Normalmente as palavras ficavam-me presas na garganta.

– Tenho um atelier de arte – respondi. – Entretenho-me a fazer coisas.

– É então artista – disse ele. Não tinha a certeza se alguma vez alguém me tinha chamado artista. Incluindo o Hugh. – Que género de arte? – perguntou.

– Faço... fazia uma espécie de montagens com aguarelas. Não sei descrever.

– Ande lá – disse ele. – Tente.

Fiquei surpreendida por sentir uma vontade desesperada de lhe dizer. Fechei os olhos, tentando exprimir-me o mais eloquentemente possível.

– Começo com uma caixa de madeira, tipo uma caixa de sombras. – Fiz uma pausa. Era impossível que tivesse dito "caixa de sombras". Meu Deus. Detestava que as pessoas se lhes referissem nesses termos. – Espere, não é uma caixa de sombras; é mais como um retábulo mexicano. E dentro pinto uma cena. Pode ser uma paisagem, pessoas, qualquer coisa. Depois coloco coisas diante da cena como se esta estivesse a prolongar-se para fora da pintura... uma espécie de efeito de diorama.

Abri os olhos e lembro-me de como a visão dele me arrebatou. Como estava atraente, debruçado, com os cotovelos apoiados nos joelhos, a ouvir-me com profunda atenção.

A luz intensa, os seus olhos azuis eram exactamente da cor da sua camisa de ganga.

– Devem ser muito bonitas – observou.

– Não são assim tão bonitas como isso, acredite. No princípio achava que eram. Começaram por ser abertamente satíricas, mas tornaram-se muito mais planeadas e...

– Procurei mentalmente a palavra. – Aceitáveis – ouvi-me dizer.

– É uma maneira interessante de as descrever.

Olhei para ele. Tudo o que eu estava a dizer me saía mal. Nem sequer sabia o que tinha pretendido dizer com "aceitáveis".

– Acho que quero dizer que a arte deve suscitar uma reacção qualquer nas pessoas e não parecer simplesmente bela. Deve mexer um pouco com elas.

– Sim, mas olhe à sua volta. – Estendeu um braço, indicando as ervas do pântano, a água a mover-se tranquilamente, a luz a flutuar sobre ela como pedacinhos de espuma.

– Olhe para isto. É o belo pelo belo? Por vezes olho para as árvores aqui, cheias de garças, ou para uma obra de arte como O Êxtase de Santa Teresa, de Bernini, e fico hipnotizado. Por vezes destrói as minhas noções de ordem e conduta muito mais do que se fosse "inaceitável".

Falou com paixão e autoridade, gesticulando tão vigorosamente com as mãos que, a certa altura, o barco baloiçou e segurei-me na borda para me equilibrar. Era quase como se eu estivesse exactamente a experimentar o que ele explicava – esse estado de hipnose.

Ele disse:

– Mas compreendo o que está a dizer... que quer que a sua arte choque as pessoas, que constitua uma epifania.

– Sim – respondi.

– Não passa da minha opinião mas o verdadeiro choque não se dá porque a arte é inaceitável ou porque suscita a crítica social mas porque o observador se deixa absorver pela pura beleza dela. Proporciona à pessoa uma experiência do eterno.

Fiquei sem fala. Tive medo, aliás, de fazer uma figura embaraçosa se chorasse e não sabia tão-pouco por que razão sentia esse impulso. Há tanto tempo que não tinha uma conversa assim.

O barco tinha vogado, preso ao cabo da âncora, até à borda da água e pairava no ar o odor indolente acastanhado e crestado das plantas. Ele reclinou-se, apoiado nos cotovelos, contra a amurada e o barco inclinou-se ligeiramente.

– Parece muito misteriosa – observei.

– O quê?

– Essa experiência do eterno de que falou. Vai achar que sou estúpida, mas o que é exactamente?

Ele sorriu.

– Não, não acho que seja estúpida. Eu próprio não sei muito bem o que é.

– Mas é monge.

– Sim, mas um monge fraco e incrédulo.

– Mas passou por muitas dessas... experiências do eterno. Percebe-se. E eu não faço ideia do que sejam. Passei a maior parte da minha vida a ser mãe e esposa, a tratar de uma casa. Quando disse que eu era uma artista... é um exagero. Não tenho feito mais do que entreter-me com a arte.

Ele semicerrou os olhos, fixando-os num ponto qualquer logo acima do meu ombro.

– Quando aqui cheguei – disse – tive a impressão de que transcender o mundo era superior a viver simplesmente nele. Estava sempre a lutar por meditar, jejuar, desapegar-me, coisas desse género. Um dia, na colónia, apercebi-me de que o simples facto de estar aqui, a fazer o meu trabalho, era o que me dava maior felicidade. Descobri por fim que o que importa é entregarmo-nos àquilo que amamos.

Virou-se para mim.

– No seu caso, fez isso. Se fosse a si, não me preocupava muito com experiências do eterno. Aliás, não as pode fabricar. Não passam de provas fugazes de qualquer coisa de intemporal, um momento aqui e ali em que nos é concedida a ventura de sairmos de nós mesmos. Mas duvido que sejam mais importantes do que fazer simplesmente o que se ama.

Estendeu a mão sobre a borda e passou os dedos pela água.

– Teve a felicidade de ter crescido aqui.

– Bem, durante muito tempo não achei que fosse uma felicidade. Deixei de amar a ilha quando tinha nove anos. Para ser franca, foi só ao voltar desta vez que comecei novamente a amá-la.

Ele debruçou-se ainda mais.

– O que aconteceu quando tinha nove anos? Importa-se que eu pergunte?

– O meu pai morreu quando o barco dele se incendiou. O depósito de combustível explodiu. Disseram que foi causado por uma faúlha do cachimbo dele.

Fechei os olhos, desejando dizer-lhe que tinha sido uma verdadeira menina do papá, que quando o meu pai morreu foi como se toda a minha infância se tivesse desmoronado.

– Depois disso, a ilha transformou-se para mim. Tornou-se uma espécie de clausura sufocante – acrescentei.

Sentada no barco, levei inconscientemente a mão ao ponto na minha pele onde o padre desenhava sempre a forma de uma cruz com a cinza. Tive a sensação de que era um ponto morto.

– E a minha mãe – continuei – mudou. Era uma pessoa normal, que gostava de se divertir, mas depois de ele morrer tornou-se obsessivamente religiosa. Foi como se também nos tivesse abandonado.

Ele não disse: Oh, sinto muito, é terrível, nem nada dessas formalidades que as pessoas dizem, mas vislumbrei o que me pareceu tristeza a turvar-lhe os olhos. Como se um lado ferido dentro dele tivesse reconhecido o mesmo lado ferido em mim. Lembro-me de me ter interrogado sobre que coisa terrível lhe teria acontecido.

Uma cintilação de azul no céu e levantei os olhos, vendo uma garça real com um peixe a contorcer-se-lhe no bico. A sombra da ave deslizou sobre o barco, passando entre nós.

– A questão foi que eu lhe dei o cachimbo no Dia do Pai. Por isso sempre senti que... – calei-me.

– Que tinha sido a causa do acidente – disse ele, terminando a frase por mim.

Assenti com a cabeça.

– O mais estranho é que no outro dia fui descobrir o cachimbo na gaveta da minha mãe. Ela teve-o guardado durante este tempo todo. – Forcei uma gargalhada que produziu um som ténue e azedo no ar.

Não queria entrar na questão da morte do meu pai nem das consequências dela – o vazio dentro de mim que aparentemente não conseguia encher e a longa e negra queda da minha mãe. Queria que as

coisas voltassem ao que tinham sido uns momentos antes quando conversámos sobre arte, sobre o eterno.

Senti, contudo, um impulso passageiro para o interrogar sobre o padre Dominic, sobre a opinião que tinha dele, mas também afastei essa possibilidade.

Mudei de posição no banco do barco, enfiando uma perna por baixo do corpo.

– Diga-me então – disse eu –, há quanto tempo cá está?

Ele não respondeu de imediato. Pareceu um pouco desconcertado com o modo abrupto com que eu tinha mudado de assunto.

– Quatro anos e sete meses – acabou por dizer. – Tomo os meus votos perpétuos em Junho.

– Quer dizer que ainda não os fez?

– Sou o que se chama um monge "professo simples". Passa-se dois anos como noviço, três como "professo simples" e depois decide-se se se quer ficar para sempre.

E depois decide-se.

As palavras provocaram um alvoroço dentro de mim. Observei o vento a levantar as pontas curtas do seu cabelo. Senti-me chocada com a naturalidade da situação, com a quase ausência de conflito interior que sentia, com o facto de estarmos absolutamente fechados num mundo que parecia não ter nada a ver com a minha vida em Atlanta, com o Hugh. Estava inclusivamente ali sentada a imaginar um futuro com este homem.

– Que fazia antes? – perguntei.

– Era advogado – respondeu e, por uma fracção de segundo, o autocontrolo e a segurança que pressentia nele impuseram-se na sua voz, no olhar que subitamente ganhou intensidade, na forma poderosa como se endireitou no assento. Senti então que a sua vida anterior possuía um enorme significado e, no entanto, ele não disse mais nada sobre ela.

– O que o levou a renunciar a isso e a vir para aqui?

– Não sei se é coisa que queira saber. É uma longa e triste história.

– Bem, eu contei-lhe a minha longa e triste história. Tinha-me interrogado sobre que coisa terrível lhe teria acontecido mas não imaginara que fosse tão horrível como era na realidade.

Ele falou-me de uma mulher chamada Linda, de belos cabelos louros, e do bebé de ambos que não chegara a nascer, cujo quarto ele tinha pintado da cor das abóboras porque a Linda sentia desejos de pão de abóbora de manhã e à noite. Tinham morrido os dois quando um camião embateu contra o carro dela. Na altura, o Whit estava em casa a montar o berço do bebé.

Falou sobre eles numa voz que se alterou perceptivelmente, o tom baixando tanto que tive de me inclinar para a frente para o ouvir. Os seus olhos velaram-se também, pousando no fundo do barco.

Finalmente, olhando para mim, disse:

– Ela ligou-me nesse dia antes de entrar no carro para me dizer que tinha a certeza de que era uma rapariga. Foi a última coisa que me disse.

– Sinto muito – disse eu. – Compreendo perfeitamente por que razão decidi vir para aqui.

– Todos pensam que foi a dor que me trouxe aqui, um desejo de fuga. Não sei se foi ou não. Acho que não. Acho que, acima de tudo, quis fugir em direcção a qualquer coisa.

– Quer dizer a Deus ?

– Acho que queria saber se Deus realmente existia.

– E existe?

Ele riu-se como se eu tivesse dito a coisa mais cómica do mundo.

– Como se eu soubesse.

– Mesmo um monge fraco e incrédulo deve ter alguma ideia sobre isso.

Ele ficou momentaneamente calado, observando uma pequena garça-branca a pescar na água da restinga.

– Por vezes vivencio Deus como um Belo Nada – disse ele. – E nesses momentos parece que o único sentido da vida é comprazermos nele. Contemplá-lo e amá-lo e acabar por desaparecer nele. E outras vezes é exactamente o contrário. Sinto Deus como uma presença que engole tudo. Venho até aqui e parece que o divino se apodera de tudo, que o pântano, toda a Criação, é uma dança que Deus está a dançar e que o nosso destino é simplesmente entrar nela. Compreende o que quero dizer?

Disse-lhe que sim, mas no fundo era mentira. De qualquer modo, ali sentada experimentei um ímpeto de desejo pelo seu Belo Nada, pela sua

dança. Mas principalmente por ele.

Uma nuvem encobriu o sol e o ar à nossa volta obscureceu-se. Enquanto permanecíamos sentados na luz que se transformava, a maré avolumou-se sob o barco e empurrou-o contra os juncos. A embarcação baloiçou como o cesto de Moisés nas águas do Nilo.

Tomei consciência de que ele estava a olhar de frente para mim. Podia ter desviado os olhos. Podia ter deixado que se tornasse em mais um momento descartável – era toda uma vida de momentos descartáveis – mas tomei uma decisão consciente de retribuir o seu olhar, de deixar os meus olhos trespassar o ar como uma lâmina e encontrar os dele. Ficámos a olhar-nos durante muito tempo, talvez um minuto inteiro. Os nossos olhos assim presos. Contendo uma intenção muda. Uma espécie de ferocidade.

Apercebi-me de que comecei a respirar mais depressa, de que algo de exaltante mas perigoso estava a acontecer, de que estávamos a deixar que acontecesse. Ele tanto como eu.

Por fim tornou-se insuportável. Tive de desviar os olhos.

Acho que podíamos ter sido honestos um com o outro nesse momento e confessado o que estávamos a sentir. Creio que estivemos muito perto de o fazer. Mas o momento passou, a sua transparência endureceu e o decoro instalou-se.

– Sinto muito, mas não parece que os pelicanos brancos vão aparecer.

Começou a subir o cabo da âncora. Conduziu lentamente o barco através da estreita língua de água que levava de novo ao canil onde ligou o motor no máximo. O seu ruído encheu-me a Cabeça.

Olhando para trás, vi a esteira branca refluir como o vapor de um avião a jacto, o Whit ali sentado, de camisa azul, a segurar no leme, as nuvens a acumularem-se no céu.

Foi então que os vi. Os pelicanos brancos aproximavam-se atrás de nós, voando rentes à água. Gritei, apontando para eles, e o Whit guinou no instante em que eles subiram abruptamente e voaram por cima de nós. Estavam banhados pela luz, as pontas negras das asas num movimento sincronizado numa fila única e deslumbrante. Em seguida, desapareceram.

Depois de amarrar o barco à doca, o Whit ofereceu-me a mão.

Agradei-lhe o passeio.

Deixei-o na doca. Senti-o a observar-me enquanto me afastava pelas tábuas velhas do passadiço. Quando cheguei ao limite do pântano, imediatamente antes de me embrenhar no silêncio do arvoredo, olhei para trás.

O que importa é entregarmo-nos àquilo que amamos.

CAPÍTULO 20

Quando chegámos ao Max's Café no sábado seguinte, a minha mãe recusou-se a entrar. Ficou parada no passeio como um cavalo assustado e não saía dali. Eu, a Kat, a Benne e a Hepzibah tentámos persuadi-la a aproximar-se da porta, mas ela foi categórica.

– Levem-me para casa – disse. – Estou a falar a sério, levem-me para casa.

Tinham sido necessárias todas as minhas tácticas de persuasão, além dos telefonemas severos da Kat e da Hepzibah, para a trazer até aqui e agora parecia que o nosso bem-intencionado plano de restituir alguma normalidade à sua vida se esbatia em fumo. Não queria encarar os murmúrios e olhares das pessoas que toda a vida conhecera – e quem podia censurá-la? Tínhamo-la finalmente convencido de que mais cedo ou mais tarde teria de encará-los e de que mais valia resolver já o problema.

Mas isso foi antes de estarmos no passeio e vermos as pessoas pelas janelas do café. Ainda só estávamos a 4 de Março, mas já pairava uma sugestão de Primavera no ar e o restaurante parecia estar a abarrotar, não só de insulares mas também de turistas.

– Se fosses a idiota da aldeia como eu, entravas por ali, a convidar toda a gente a rir-se de ti? – perguntou a minha mãe.

– Podes crer que entrava – retorquiu a Kat. – E não estou assim tão segura de não ser a idiota da aldeia. Julgas que as pessoas não falam de mim? Da minha bocarra e da buzina do meu carro de golfe? Ou da Benne... achas que não falam dela? E a Hepzibah... divertem-se à brava com ela, dizem que comunica com os espíritos dos escravos, que anda por aí com roupas mais africanas que os africanos.

Involuntariamente, levei a mão à boca. Olhei para a Hepzibah, que usava um espectacular vestido africano estampado, cor de caramelo e preto, um turbante e um colar feito de casca de ovo de avestruz. Era a única pessoa que eu conhecia mais destemida do que a Kat, alguém que era capaz, se quisesse, de amarrotar os colarinhos à Kat, como se costuma dizer.

Ela baixou os olhos para os característicos sapatos altos pretos e meias de renda da Kat, limitando-se a fixá-los. As meias eram de uma tonalidade de rosa claro.

– Se querem saber, lavei-as juntamente com a camisa de dormir vermelha da Benne – disse a Kat.

A Hepzibah virou-se para a minha mãe.

– Se não dás aqui a esta gente alguma coisa sobre que falar, tornaste-te muito enfadonha, Nelle.

– Mas isto é diferente – disse a minha mãe. – As pessoas aí dentro pensam que eu sou... demente. Prefiro que pensem que sou enfadonha.

– Aguenta – disse a Kat.

Amargurava a minha mãe que as pessoas que conhecia pensassem que tinha perdido o juízo mas incomodava-a muito mais que eu pudesse pensar o mesmo. No dia anterior, ao pequeno-almoço, arranjei coragem para lhe perguntar, no tom mais simpático de que fui capaz: – Alguma vez ouves vozes ? Foi uma voz que te mandou cortar o dedo ?

Ela fulminara-me com o olhar.

– Estou a ouvir uma voz neste momento – disse ela, zombando de mim. – Está a dizer-me que deves fazer as malas e voltar para Atlanta. Vai para casa, Jessie. Não preciso de ti aqui. E também não te quero aqui.

Senti as lágrimas a assomarem-me aos olhos, acumulando-se na pálpebra de baixo. Não foram só as palavras dela, mas a expressão na sua cara, o seu rubor de azedume.

Afastei-me mas ela viu as lágrimas, e a pressão que se vinha dilatando dentro das nossas cabeças acabou por se soltar. – Oh, Jessie – disse ela. Passou os dedos pelo meu braço, mantendo-os depois junto do meu cotovelo. Era o gesto mais terno que tinha comigo desde a minha partida de casa para a universidade.

– Não liguês ao que eu digo – disse ela. – Não suporto que penses que enlouqueci, é tudo. – Baixou os olhos para a ligadura. – Não houve vozes nenhuma, entendido?

Sentia-me exausta e angustiada. Tinha o cutelo na mão e... pensei simplesmente que seria um alívio deixá-lo cair sobre o dedo.

Por um momento, ficou quase tão perplexa com o que tinha feito como eu estava. Mas agora, à porta do Max's Café, parecia simplesmente assustada.

A Kat trazia uma écharpe com hibiscos amarelos e vermelhos à volta do pescoço. Arrancando-a, começou a enrolá-la na mão da minha mãe, tapando-lhe a velha ligadura de gaze que parecia uma enorme luva de boxe branca. Quando a Kat acabou, parecia uma enorme luva de boxe florida.

– A melhor defesa é o ataque – declarou.

– Não vou andar com esta écharpe enrolada na mão – disse a minha mãe.

A Kat levou as mãos às ancas.

– Ouve bem. Todas as pessoas na Ilha de Egret sabem que cortaste o dedo e, quando entrares para ali, toda a gente com olhos vai olhar para ti. Portanto, entra com um certo panache, porque não? Como se lhes respondesses na mesma moeda. Como se dissesse: Sim, esta é a famigerada mão com o dedo cortado. Realcei-a com esta ligadura colorida para poderem vê-la bem. Olhem!

A Benne soltou uma risadinha.

A minha mãe virou-se para a Hepzibah a pedir uma segunda opinião.

– Detesto admitir mas estou de acordo com a Kat – disse a Hepzibah. – Se entrares no Max com uma atitude de quem se ri de si própria, és bem capaz de neutralizar toda a gente.

Custava-me a crer que a Hepzibah tivesse alinhado na ideia disparatada da Kat.

– Não sei – disse eu.

– Pois não, não sabes – disse a Kat e, agarrando-se ao braço da minha mãe, conduziu-a para a porta. Mais do que isso, a minha mãe deixou-se conduzir e foi isso que me espantou, ver o poder que estas mulheres ainda tinham sobre ela.

A porta do restaurante tinha uma daquelas campainhas irritantes. Retiniu quando entrámos e a Bonnie Langston, que estava mais anafada do que me recordava, precipitou-se para junto de nós, tapando a boca com os dedos rechonchudos e reprimindo um sorriso quando reparou na écharpe enrolada na mão da minha mãe.

– Acho a gaze branca desinteressante – disse-lhe a minha mãe.

A Bonnie levou-nos para uma mesa exactamente no centro da sala. E, claro, todos os insulares que ali estavam se viraram para olhar para a mão coberta de hibiscos da minha mãe. As conversas extinguiram-se subitamente.

E depois, como a Bonnie, as pessoas começaram a sorrir.

Depois de estudarmos as ementas, a Kat disse:

– Jessie, estás cá... há quanto tempo? Duas semanas?

– Duas e meia.

– Estava a pensar, será que o Hugh tenciona aparecer brevemente de visita?

– Não – respondi, lembrando-me do que a Benne lhe tinha dito e sentindo-me extremamente embaraçada. – Ele tem o consultório, como sabes. Não pode abandoná-lo assim.

– Nem ao fim-de-semana?

– Normalmente ao fim-de-semana está em regime de chamada.

Franzi os olhos na direcção da Benne. Quem podia garantir-me que ela não ia começar a bater com a colher no copo para anunciar a uma sala em silêncio que eu estava apaixonada por um monge da abadia? St. Sin.

A Kat indicou um frasco de vidro pousado na mesa ao lado do saleiro e do pimenteiro. Cheio até meio com moedas de vinte e cinco e dez cêntimos, tinha uma etiqueta que dizia: DONATIVOS PARA COMIDA DE CÃO.

– Já viram isto? A Bonnie anda a pedir dinheiro para a comida do Max.

Passando os olhos pela sala, reparei que havia um frasco idêntico em todas as mesas.

– Provavelmente usa o dinheiro para comprar essas estatuetas da Precious Moments que tem na casa de hóspedes por todo o lado – continuou a Kat. – Onde é que está toda essa comida de cão imaginária

que supostamente compra com ele? – Pousou a mão no braço da minha mãe. – Nelle, lembrás-te daquela vez, há uma data de anos, em que encomendámos seis caixas de comida de cão para o primeiro Max? Era de uma loja de animais em Charleston e mandaram aquela comida toda para gato no ferry?

A minha mãe inclinou a cabeça. Pelas reacções dela, deu para perceber o momento em que a recordação quebrou a superfície dos seus pensamentos e lhe surgiu no rosto.

Vi o brilho nos seus olhos intensificar-se, varrendo a mesa como o feixe de um farol. Ela riu-se e todas parámos a admirar o som.

– O Max comeu-a toda – disse ela. – E se bem me lembro adorou.

A Kat debruçou-se mais para ela.

– É, depois disso começou a ter um comportamento muito felino. Muito independente e superior, a caçar ratos e a cuspir bolas de pêlo.

A minha mãe disse:

– Lembras-te daquela ocasião em que o primeiro Max comeu um pedaço de corda e eu e a Kat fomos a correr ao ferry dizer ao Shem que tinha de nos levar imediatamente ao outro lado porque tínhamos uma situação de emergência. Lembras-te disso, Kat?

Ela estava praticamente a cantarolar. O pequeno bouquet que era a sua mão agitou-se no ar. Eu estava perfeitamente espantada – todas nós estávamos – como se assistíssemos ao milagre do nascimento a acontecer a alguém que desconhecíamos que estivesse grávida.

Ela continuou:

– O Shem disse que não podia fazer uma travessia não programada por causa dum cão. Pensei que a Kat se ia atirar a ele. E diz então o Shem: "Pronto, minhas senhoras, acalmem-se, eu levo-as", e a meio do caminho, o Max vomitou a corda e ficou bem.

O rosto dela cintilava. Quem é esta mulher?

Ninguém se mexeu. A minha mãe tomou fôlego e retomou a história.

– Bem, tínhamos feito um tal pé-de-vento com aquilo que não quisemos dizer-lhe para voltar para trás e fizemos de conta que era um caso de vida ou de morte e passámos umas horas a passear o Max por McClellanville antes de apanhar o ferry de volta.

A Bonnie apareceu e tomou nota dos nossos pedidos. Quando se afastou, a Hepzibah disse: – E aquela vez, Nelle, em que fomos à abadia

ajudar-te a lavar e envernizar a estátua de Santa Senara e o Max foi também... acho que foi o Max antes deste. Lembras-te?

A minha mãe atirou a cabeça para trás, desatando a rir com vontade, e depois disse-me: – Depois de limparmos a Santa Senara, o Max alçou a perna contra ela.

Parecia ter caído através de uma fissura no tempo, tornando-se a Nelle de há trinta e quatro anos. A que ela tinha perdido ou matado.

Eu não queria que as evocações terminassem.

– Lembram-se dos Piqueniques das Raparigas? – perguntei.

– Os Piqueniques das Raparigas! – exclamou a Kat. – Isso é que era, não há três raparigas que alguma vez se tenham divertido tanto!

– É a segunda vez hoje que concordo contigo, Kat – disse a Hepzibah. – Começo a ficar preocupada comigo.

– E aquela vez em que encontraste a caveira de tartaruga na água... lembras-te dessa ? – perguntei, olhando para a Hepzibah.

– Lembro, pois. Espanta-me é que tu te lembres.

– Sempre adorei essa caveira – disse eu, batendo palmas. – Devíamos voltar a organizar um Piquenique das Raparigas.

– Pois devíamos – concordou a Kat. – Que excelente ideia!

A Benne, que estava sentada ao lado da minha mãe, inclinou-se para ela e, pondo as mãos em concha na boca, sussurrou suficientemente alto para todas na mesa ouvirmos.

– Disseste que nunca mais fazias um Piquenique das Raparigas.

A minha mãe olhou para todas nós. Reparei que o brilho começava a abandonar-lhe os olhos.

– Isso foi há muito tempo, Benne – disse a Hepzibah. – As pessoas mudam de ideias. Não é verdade, Nelle?

– Não posso – disse ela.

Peguei-lhe na mão, como se pudesse puxá-la novamente para nós.

– Mas porquê?

A Benne interpôs-se outra vez.

– Ela não quis divertir-se mais depois de o teu pai morrer. Não te lembras? Disse que era grotesco ir dançar e divertir-se depois do que tinha acontecido.

Lancei um olhar à Kat como que a dizer: Importas-te de a calar? A Kat levou a mão ao cesto do pão e passou um biscoito à Benne.

– O papá havia de querer que continuasses a fazer piqueniques – disse eu.

A minha mãe mexia nervosamente o copo de chá doce.

– Anda lá, Nelle, faz isso por nós. Vai ser o máximo – disse a Kat.

– Convidamos o Max – acrescentou a Hepzibah.

A minha mãe encolheu os ombros. Vi um ou dois pontinhos de luz ainda a pairar-lhe nos olhos.

– Mas nada de danças – disse ela. – Não quero danças.

– Sentamo-nos na manta a conversar como estamos a fazer agora – disse a Kat. – Se alguma dançar, matamo-la.

A Bonnie apareceu com os almoços, pratos de ostras e camarões fritos, pastéis de caranguejo, arroz vermelho e os pastéis de feijão-frade e milho por que era famosa.

Enquanto comíamos e conversávamos, a velha Nelle desapareceu completamente mas eu sabia que ainda existia um resquício da minha mãe antiga e, pela primeira vez, senti que podia ser arrancada à sua loucura, pelo menos em parte.

Do outro lado da sala, a porta abriu-se e a pequena campainha produziu um retinir que se propagou por toda a sala. Instintivamente virei-me.

Ele estava do lado de dentro da porta, a cabeça castanha, cor de amêndoa, baixa, fixando os ladrilhos do chão como se tivesse deixado cair uma moeda. Levantou os olhos semicerrados e inspeccionou as mesas e eu senti o meu coração cair e despedaçar-se.

Era o Hugh.

CAPÍTULO 21

Observei-o por alguns momentos, pensando: Calma, calma, não pode ser o Hugh. O Hugh está em Atlanta.

Sabem como é quando se vê uma pessoa completamente fora de contexto, alguém que não deve estar onde está, como se fica ligeiramente desorientado, como a situação baralha a noção do momento? Para mim foi um pouco pior do que isso. Sentada à mesa, imaginei que, por

alguma inexplicável combinação de percepção extra-sensorial, clarividência e suspeita, ele sabia.

Sabia que eu tinha andado de barco com outro homem e desejado navegar com ele até ao fim do mundo. Sabia da cena que eu visualizara uma dezena ou mais de vezes – a cena impossível, insuportável – em que eu enchia uma mala e saía calmamente de casa, abandonando-o. Sabia. E tinha vindo, convocado desde Atlanta pela pestilência da minha culpa.

Mas quando me avistou, sorriu. O seu sorriso normal, os cantos da boca descaídos, esticados numa expressão divertida, como se ele estivesse a resistir ao momento em que os dentes se revelariam, esse sorriso com que tantas vezes me contemplara.

Enquanto se aproximava, sorri-lhe também, um sorriso anormal. Alguém a tentar sorrir, a esforçar-se por parecer normal, feliz e despreocupada.

– Meu Deus, Hugh. Que estás aqui a fazer? Como é que soubeste onde nos encontrar? – perguntei, dobrando o guardanapo e pousando-o cuidadosamente ao lado do prato.

Ele estava com um aspecto mais magro, mais franzino, de algum modo diferente.

Baixou-se e beijou-me na face. A face dele estava áspera e percebi que tinha estado a chupar uma das suas pastilhas de limão.

– Fui ao minimercado Caw Caw para ligar para casa a ver se podias ir buscar-me no carrinho e alguém disse que estavas aqui. – Pousou a mão no ombro da minha mãe.

– Como é que está, Nelle?

– Lindamente – respondeu ela e o olhar dele perscrutou-lhe a mão, a bizarra luva de boxe, écharpe e ligadura.

Cumprimentou a Kat e a Hepzibah.

– Caramba, és o homem mais atraente que alguma vez vi – disse a Kat, e o Hugh corou, coisa que não acontecia com frequência.

Fui eu que sugeri que nos fôssemos os dois embora do café e déssemos um passeio. Acho que não teria suportado estar ali sentada com ele a fazer conversa de circunstância enquanto a Kat, a Hepzibah, a Benne e a minha mãe nos olhavam.

Dirigimo-nos para o centro da ilha por Slave Road, assim chamada porque contornava o cemitério onde tinham sido enterrados os escravos.

Conversámos com educada contenção, uma conversa para nos pormos em dia sobre o que se tinha passado em casa, como as coisas estavam com a minha mãe. Eu sentia um aperto no estômago.

Quando chegámos ao cemitério, parámos automaticamente e ficámos a olhar para as cruzes de cedro que a Hepzibah tinha erigido em cada campa. Estavam todas voltadas para leste para que os mortos ressuscitassem com mais facilidade, segundo ela dizia. A ilha fora o refúgio de uma pequena comunidade de escravos libertados depois da Guerra Civil. Acabaram todos por partir ou morrer mas, durante muito tempo, a sua presença fora importante.

Ao erguermos os olhos para o maciço carvalho americano cujos ramos se estendiam sobre os túmulos, recordei o que a Dee tinha dito ao telefone, que a minha mãe ficara transtornada neste lugar, não se calando acerca do dedo de um morto.

O Hugh sentou-se num dos ramos que se cansara, ao longo dos séculos, de se aguentar no ar e estava agora prostrado por terra.

Segui-lhe o exemplo e sentei-me ao lado dele. Ficámos em silêncio, o Hugh a contemplar o céu e o ar, o agitar ligeiro das pontas dos ramos, enquanto eu fixava os minúsculos fetos verde-lima e os cogumelos brancos e atarracados que brotavam da terra.

– Esta árvore deve ser secular – observou o Hugh.

– Oitocentos anos – disse-lhe eu. Um "facto" questionável que toda a gente na ilha adorava citar. – Ou pelo menos é o que as pessoas dizem. Acho que não há qualquer maneira de confirmar. A Hepzibah diz que não podem recolher amostras do cerne porque a árvore, pelos vistos, apodreceu por dentro.

Os seus olhos pousaram nos meus. Tinham essa súbita expressão de sapiência psiquiátrica, a expressão que punha quando tinha a certeza de ter penetrado a camuflagem das palavras de alguém, captando um sentido involuntário. Tentei ler o seu rosto. Que estava ele a sugerir? Que eu tinha dito que a árvore estava podre por dentro quando na realidade estava a falar de mim própria?

– O que foi? – perguntei, agastada.

– O que é que se passa, Jessie?

– Sabes muito bem o que se passa. Estou a tentar lidar com este problema da minha mãe. E como te disse que queria tratar dele sozinha,

tinhas de vir, está claro...

Hugh, o salvador.

– Ouve, é verdade que não acho que devas tentar lidar com ele sozinha mas não foi por isso que cá vim de tão longe.

– Então porque é que estás aqui? Apareces pela calada na ilha sem sequer me avisares que vinhas.

Ele não respondeu. Ficámos sentados por um momento com os ombros tensos a contemplar as cruces. Pequenos pássaros saltitavam no musgo por cima de nós.

Ouvi-o suspirar. Colocou a sua mão sobre a minha.

– Não quis começar uma discussão. Vim porque... porque fiz reservas para nós em Charleston, no Omni. Apanhamos oferry da tarde e alojamo-nos no hotel. Podemos jantar no Magnolia's. Será uma noite só para nós e de manhã acompanho-te ao ferry.

Não olhei para ele. Queria sentir por ele o que sentia pelo Whit. Queria fazer aparecer esse sentimento do ar. Experimentei um súbito pânico ao compreender que não podia voltar ao lugar onde estava antes.

– Não posso – disse eu.

– Não podes, como? Claro que podes.

– Como pudeste fazer todos esses planos sem me consultar?

– Chama-se surpresa.

– Não quero surpresas.

– Qual é o teu problema? Há meses que andas distante, Jessie. Depois vens para aqui e não me telefonas e, quando eu telefono, comesas uma discussão. E agora isto.

Afastei a mão e senti o coração soltar-se. Como dedos a desprender-se da borda de um barco. A cair através de camadas de água.

Nunca me senti tão aterrorizada.

– Quero passar algum tempo sem ti – declarei.

Não sabia que ia dizer isto e olhei para ele, tentando perceber pela sua reacção se tinha dito mesmo.

Ele atirou a cabeça para trás. Fez-me lembrar uma bandeira a bater ao vento. Tinha-o chocado. Tinha-me chocado a mim própria.

Ele enrubesceu e apercebi-me de que não era choque que o Hugh sentia, mas raiva. Uma raiva horrível e carregada de mágoa.

– Sem mim? Que diabo é que estás a dizer? – gritou. Levantei-me e dei um passo para longe dele. Pensei que o Hugh podia dar-me um abanão e, para ser franca, quase o desejei. – Queres separar-te de mim? É o que estás a dizer? Queres a merda duma separação?

– Uma separação? – Fiquei ali a pestanejar, o meu coração arrepiantemente inerte. – Não sei. Quero... quero simplesmente passar algum tempo sozinha.

– Uma separação é isso! – gritou.

Afastou-se para a sombra cinzenta da árvore e estacou de costas para mim. Os seus ombros subiam e desciam como se estivesse com dificuldades de respiração. Estava a abanar a cabeça como que perplexo. Dei um passo na sua direcção no preciso momento em que ele começou a afastar-se pela estrada por onde tínhamos vindo. Não olhou para trás. Não se despediu. Caminhou com as mãos nos bolsos. Observei com a sensação de que a vida me abandonava de que tudo fugia, chegava ao fim. Dentro de mim surgiu um impulso para ir atrás dele. Uma parte de mim queria tomá-lo nos braços, dizer: Desculpa, desculpa, estou terrivelmente arrependida, mas não me mexi. Apoderava-se-me das pernas uma sensação estranha e anestesiante.

Ele tornou-se cada vez mais pequeno, uma borboleta a voar para longe. Quando deixei de o ver, voltei a sentar-me na árvore.

Um peso entorpecedor tomou conta de mim. Contemplei os círculos de luz a moverem-se pelo chão e imaginei o Hugh no cais do ferry. Vi-o sentado num banco à espera do barco. O Max estava lá, o focinho encostado ao joelho do Hugh, a tentar confortá-lo. Queria que o Max lá estivesse... que alguém lá fosse consolá-lo.

Há muito tempo, tinha eu nove anos, eu e o Mike passámos pelo cemitério de bicicleta e encontrámos a Hepzibah a arrancar ervas daninhas entre as campas. Lembrei-me disto agora. Era um dia de Inverno, mas quente como o de hoje, e o céu condensara-se nesses tons vivos de púrpura que eram tão frequentes aqui.

Parámos e pousámos as bicicletas no chão. Ela olhou para nós e disse: – Já lhes contei dos dois sóis?

A Hepzibah estava sempre a contar-nos, a mim e ao Mike, um dos seus contos populares de África, que nós escutávamos avidamente.

Abanámos a cabeça e instalámo-nos no chão ao lado dela, prontos para mais um.

– Em África, os Batemi diziam que um dia haviam de nascer dois sóis – disse ela. – Um sol viria do Oriente e o outro sol do Ocidente. E quando se encontrassem no alto do céu, seria o fim.

Olhei para o Mike e ele olhou para mim. Não era normal ela contar histórias dessas. Esperei por mais, pelo resto do conto, mas surpreendentemente ela tinha terminado.

– Queres dizer o fim do mundo? – perguntou o Mike.

– Quero só dizer que tudo acaba por chegar ao fim. Os dois sóis estão sempre a nascer em qualquer lado. Faz parte da vida. Uma coisa acaba e depois outra coisa começa.

Compreendem?

Ela estava a assustar-me um pouco. Saí do cemitério sem lhe responder e corri para casa o mais depressa que pude. O meu pai morreu uma semana mais tarde. Durante muito tempo não visitei a Hepzibah. Era quase como se ela soubesse o que estava para acontecer embora mais tarde tivesse compreendido que era impossível.

Ali sentada agora, o meu corpo estremeceu, como o ar depois de um bombardeamento. Imaginei o ferry a atracar no cais, o Hugh a embarcar, as gaivotas a voar em círculos sobre a sua cabeça. Vi o barco afastar-se e a extensão de água a tornar-se mais vasta. No céu os dois sóis colidiam.

CAPÍTULO 22

Na manhã seguinte, quando enfiar o carro de golfe no caminho privado da Kat, passando pelo letreiro MERMAID XING à entrada, sentia-me inexplicavelmente alegre, desanuviada, emancipada, qualquer coisa a raiar o frívolo. Isto depois de ter passado metade da noite a contorcer-me, na cama, de culpa e medo pelo que tinha feito.

Depois de o Hugh partir, fiquei sentada junto do cemitério dos escravos durante uma hora ou mais até a paralisia passar e começarem os paroxismos de terror. O que é que eu fiz?

Liguei-lhe duas vezes na noite anterior. Ele não atendeu, embora tivesse tido muito tempo para chegar a casa. Não sabia por que razão estava a ligar nem o que diria se ele atendesse. Provavelmente repetiria uma longa litania de desculpas. Aquilo que eu tinha feito parecia-me impossível, absolutamente desnorteante. Como se tivesse amputado qualquer coisa – não um simples dedo da mão mas o meu casamento, a simbiose que me sustentara. A minha vida tinha estado maravilhosamente contida na vida do Hugh, como uma dessas bonecas de encaixar russas, confinada na minha condição de esposa, num casulo de domesticidade. E eu demolira-a. Para quê?

Tinha-me sentado na ponta da cama a recordar coisas soltas. Quando a Dee era pequena e o Hugh lhe cantou a canção do Hump-ty Dumpty ao mesmo tempo que equilibrava um ovo na ponta da mesa, largando-o depois para demonstrar a grande queda do Hump-ty. Ela gostou tanto que ele acabou por dar cabo da embalagem inteira, pondo-se de joelhos no fim a limpar a porcaria. Pensei no jogo tonto que ele fazia todos os anos no Natal: Aposto Que Consigo Vestir Todos Os Presentes Que Abrir. Não me refiro a camisas de desporto e chinelos, mas a canas de pesca e facas de serrilha. O meu papel neste jogo era desafiá-lo, comprando qualquer coisa que um ser humano claramente não pudesse usar. No ano passado, tinha sido uma máquina de café expresso. Dois minutos depois ele tinha-a prendido aos ombros como se fosse uma mochila, usando um par de cordas de bungee. – Cá está – tinha ele dito.

E se não voltasse a haver Hugh na minha vida? Nem estas pequenas brincadeiras, os momentos que tínhamos reunido para formar uma história?

Mas estes momentos seriam hábitos do amor... ou o amor em si?

Esforcei-me por recordar o quão irritante ele podia ser: a maneira como enxugava a parte de dentro das orelhas com a ponta da camisola interior, aquele exasperante som de bufar que produzia, o tamborilar com a escova dos dentes, o andar pela casa só de peúgas e camisa clássica abotoada até ao pescoço, o abrir de gavetas e armários sem nunca os fechar. Pior, a enfadonha mania de analisar até à exaustão, a infinita rectidão, o direito que sentia no que nos dizia respeito – essa tendência dele para ser o benevolente manipulador.

As pessoas evoluem, dissera a mim mesma. Criam novas histórias. Mesmo assim, continuara dominada pelo pânico até finalmente adormecer.

Hoje de manhã acordei com uma luz suave a infiltrar-se pela janela e a minha apreensão desaparecera, substituída por este estranho entusiasmo. Deitada na cama, compreendi que tinha estado a sonhar. O sonho esbatera-se, à excepção de um fragmento deslumbrante que pairava no limiar da minha consciência. Um homem e uma mulher viajando sob o oceano por um caminho de bolhas de ar e feixes de luz azul-pálida. Estavam a respirar debaixo de água. De mãos dadas.

No momento em que abri os olhos, senti a sua leveza nos braços e nas pernas, o misterioso ímpeto do mundo em baixo – opaco, livre, perigoso e absolutamente desconhecido.

Desejei correr a atirar-me nos seus braços.

Em pé, à janela do meu velho quarto, onde antigamente estavam penduradas as meninas dançarinas, observei a luz da alvorada a romper através do céu escuro, difundindo a sua cor esbranquiçada, tirei a aliança e o anel de noivado e rodei-os sobre o nó do dedo. Guardei-os na mão por uns momentos antes de os enfiar numa agulha de bordar, espetada como um prego de ferradura numa velha pregadeira de veludo no toucador.

Agora, estacionando à porta da casa amarela da Kat, era uma mulher separada e não sabia se me encontrava num estado de extrema negação ou de extremo alívio.

Estacionei o carro ao lado dos degraus. Quando a Kat abriu a porta, a Hepzibah e a Benne apareceram atrás dela no vestíbulo.

Chegara sem ser convidada, deixando a minha mãe a folhear uma pilha de livros de receitas.

– Não sabia se estavas aqui ou na Mermaid's Tale – disse eu à Kat.

– Hoje abro a loja depois do almoço – disse ela, fazendo-me sinal para entrar.

A Hepzibah verbalizou aquilo em que estavam todas a pensar.

– Como está o Hugh esta manhã?

– Foi-se embora ontem.

– Não te disse que tinha ido? – disse a Benne, cruzando os braços sobre o peito.

A Benne conseguia ser irritantemente presumida, e por vezes, como agora, absolutamente impertinente.

A Kat ignorou-a.

– Que aconteceu? O homem ainda só ontem chegou.

– Sabes, devias realmente aprender quando te deves calar – disse-lhe a Hepzibah. Pegando-me na mão, levou-me para a cozinha, onde pairava um agradável odor a alho e o ruído da máquina de lavar louça. Era uma divisão pintada da cor da lama seca – um castanho forte e intenso – e havia por todo o lado bugigangas com sereias.

– Passei por cá para tomar café. íamos agora mesmo servi-lo – disse ela.

Encheu quatro canecas enquanto nos sentávamos à comprida mesa de carvalho. No centro estava uma taça de barro a transbordar de ameixas, laranjas de umbigo, pimentos verdes e limões gigantes.

– A minha mãe parece uma mulher diferente esta manhã – disse eu, querendo desviar a conversa do Hugh. – Acho que o almoço fez milagres. Está a falar em voltar a cozinhar no mosteiro. Está em casa a preparar os menus.

– Bem, certifica-te que escondem os cutelos da carne – disse aKat.

– Kat – exclamou a Hepzibah.

Pousei a caneca do café.

– Achas que é capaz de voltar a fazer aquilo?

– Não, sinceramente não acho – respondeu a Kat. – Mas, seja como for, diz-lhes que escondam os cutelos. Todo o cuidado é pouco. – Levantou-se e colocou um saco de compras ao lado da minha cadeira. – O Shem trouxe os teus materiais de pintura ontem à tarde.

Vasculhei o saco, espalhando o conteúdo na mesa. Havia um pincel de aguarela de pêlo de zibelina de polegada e meia e um número quatro para traços finos, uma paleta John Pike e uma caixa de quarenta e quatro por sessenta com folhas de textura fina com 310 de gramagem. O tamanho do papel irritou-me – era muito maior do que eu tinha pedido. E as tintas não eram de qualidade académica, como eu solicitara, mas artística. Artística. Peguei em cada tubo: Amarelo Ocre, Vermelhão da índia, Azul Cerúleo, Rosa Garança, Siena Queimada, Sombra Natural, Verde, Azul Ultramar.

Estava apenas vagamente consciente das outras a observar-me. Tinha-se dado uma deflagração no meu peito, criando uma espécie de zunido como as estrelinhas com que eu e o Mike costumávamos correr ao cair das noites estivais.

Quando levantei os olhos, a Kat sorriu-me. Caíam-lhe farripas de cabelo sobre as orelhas. Hoje pareciam ser vermelho ocre.

– Então, quando posso esperar pinturas de sereias na minha loja?

– A arte acontece quando acontece – repliquei.

– Ah. Pois. Peço desculpa – disse ela. – Vou reformular a pergunta: Quando achas que a tua arte poderá acontecer?

– Se bem me lembro, fizemos um acordo. Ias falar com o Dominic para tentar descobrir o que ele pudesse saber sobre as razões da minha mãe para cortar o dedo... lembrás-te?

E em troca eu ia pintar sereias. Então... falaste?

– Não falei com ele, Jessie – disse a Kat, virando-se para mim. – Acontece que estou de acordo com o Dominic. Acho que não faz bem a ninguém, sobretudo à tua mãe, andarmos a remexer nas razões que ela possa ter tido. Só vai transtornar a Nelle. E além do mais é inútil. Ouve, tenho muita pena. Sei que te disse que falava com ele mas acho errado. Só queria que seguisse o meu conselho e esquecesses.

Senti uma onda de raiva contra ela e, contudo, sentia-me meia tentada a fazer o que ela dizia. Compreender a minha mãe era cansativo, talvez até impossível.

– Está bem.

– Queres dizer que vais esquecer? – perguntou ela.

– Não, quero dizer que está bem... não te peço ajuda – disse com resignação, a raiva a abandonar-me. A Kat estava convicta de que estava a agir pelo melhor e eu nunca mais ia conseguir convencê-la do contrário.

Ela inclinou a cabeça e lançou-me um sorriso pesaroso, fingindo-se arrependida.

– Mas mesmo assim pintas-me as sereias, não pintas?

Suspirei.

– Pronto, pinto. Pinto as sereias. – Queria mostrar-me agastada com ela, tinha procurado soar agastada, mas quando olhei para as tintas e para os pincéis que ela me tinha arranjado, não fui capaz.

O telefone tocou e a Kat foi atender. A Hepzibah estava no lava-loiça a lavar a cafeteira. A cozinha encheu-se do som de água a correr e eu tive um lampejo momentâneo do meu sonho da noite anterior. Pensei no que o Whit estaria a fazer nesse momento – nesse preciso minuto. Imaginei-o em casa, debruçado sobre uma secretária coberta de livros, o capuz do hábito caído entre as omoplatas. Vi-o no barco a sulcar as águas, vi essa extraordinária tonalidade que os seus olhos haviam adquirido com a luz do sol – a cor da ganga.

Era adolescente estar a pensar nele desta maneira. Mas por vezes não conseguia pensar em mais nada. Imaginava os nossos corpos apertados, eu a elevar-me de mim mesma para uma dimensão intemporal e imensa onde podia fazer tudo, sentir tudo, onde não haveria vazios para preencher.

– Vais dizer-nos porque é que o Hugh se foi embora? – perguntou a Kat, encostada ao balcão. Nem sequer a tinha ouvido entrar novamente na cozinha.

– Ele não tinha feito planos para ficar – respondi.

– Nem sequer uma noite? – Ela olhou para a minha mão esquerda. – Ontem trazias os teus anéis. Hoje não trazes.

Do outro lado da mesa a Benne olhou para a minha mão e depois para o meu rosto. Era o mesmo olhar que me lançara na Mermaid's Tale quando me informou que eu estava apaixonada por um dos monges. A percepção de que ela também tinha informado a mãe do facto deixou-me com uma necessidade irracional de confessar tudo.

Quando a Hepzibah se aproximou da Kat, ocorreu-me que, antes de mais, provavelmente fora essa a razão que me levara até ali. Porque precisava desesperadamente de confidentes. Porque, no fundo, me sentia aterrada. Porque o fardo que carregava era pelo menos dez vezes mais pesado do que eu e tinha chegado ao limite da minha capacidade de aguentar com ele. Subitamente, tive vontade de me ajoelhar diante da Kat e da Hepzibah, de deitar a cabeça no colo delas e sentir as suas mãos pousar sobre os meus ombros.

– Aconteceu uma coisa terrível – disse eu, dirigindo a minha atenção para a taça e depois para o tampo da mesa. – Eu e o Hugh... acho que nos separámos. – Desviando ligeiramente os olhos, vi a bainha do vestido da Hepzibah, os sapatos bicudos da Kat, as sombras entrelaçadas

que se infiltravam pela janela. A torneira pingava no lava-loiça. No ar fluíam aromas de café, como um nevoeiro baixo. Continuei: – Apaixonei-me por... por outra pessoa.

Não levantei os olhos. Interroguei-me se as expressões delas se teriam ensombrado com o choque. Não me tinha sentido ridícula ao fazer a minha confissão, como tinha imaginado. Sentia vergonha, sim, mas, disse a mim mesma, pelo menos era uma mulher que estava a passar por uma experiência verdadeira, relutante em dissimulá-la, preparada para se levar a sério a si própria e aos seus sentimentos.

Em geral, era verdade que a Benne nunca se enganava, mas fiquei atónita com a facilidade com que, neste caso, tinham acreditado na palavra dela.

– Disse-nos que essa "outra pessoa" é um dos monges – acrescentou a Kat.

– Sim – respondi –, o irmão Thomas.

– É o mais novo, não é? – perguntou a Hepzibah.

Assenti.

– O verdadeiro nome dele é Whit O'Conner.

– Disseste ao Hugh? – quis saber a Kat.

– Não... não fui capaz.

– Ótimo – disse a Kat, soltando um suspiro. – Às vezes a honestidade é pura estupidez.

Reparei que as minhas mãos estavam pousadas à minha frente, como se eu estivesse a rezar, os dedos entrelaçados com tanta força que doíam. Tinha as pontas inchadas e vermelhas.

A Kat sentou-se ao meu lado enquanto a Hepzibah se instalou do outro lado, colocando a sua mão escura sobre as minhas.

– Quando penso no Hugh, sinto-me muito mal – disse eu. – Mas não consigo libertar-me da sensação de que o Whit é a pessoa com quem estou destinada a estar. Fomos no barco dele há uns dias a um lugar na colónia e conversámos. Ele foi casado e a mulher morreu. – Calei-me. – Não estou a ser coerente.

– Antes de mais, ninguém é coerente quando se apaixona – disse a Kat. – E ninguém aqui te está a julgar. Pelo menos nesta casa. Deus sabe que não vou ser eu a atirar-te pedras. Já passei precisamente por isso.

Olhei para ela e pestanejei. Estava com as sobrancelhas arqueadas e a sua boca exibia uma expressão de amargo divertimento.

– Mas o homem não era monge. Deus, abençoado seja, poupou-me a essa piada. Era um piloto portuário de Charlestown que costumava cá vir pescar e comprar Xarraiás.

Caramba, como eu amava esse homem... apesar do facto inconveniente de estar casada com o Henry Bowers. Também tinha mais ou menos a tua idade, uma idade em que começa a cair o fundo às coisas, compreendes? Uma pessoa olha em volta e pensa: Então é assim? Estava casada há vinte anos. Vinte. Que é mais ou menos quando a cola do casamento se torna tão velha que começa a endurecer e a estalar.

Senti um leve aperto na garganta. A Hepzibah começou a massajar o seu dedo polegar contra o meu. A fricção e o ritmo tranquilizavam-me. Os meus dedos relaxaram.

– Só estou a dizer que sei o que é amar alguém que pensamos que não devemos amar – continuou a Kat. – Provavelmente não há uma única mulher neste mundo que não saiba como é. Metade delas apaixona-se pelo ginecologista e a outra metade pelo padre. A verdade é que não se pode impedir o coração de amar... é como ir para o meio do oceano gritar às ondas que parem. Mas tens de ouvir outra coisa – acrescentou a Kat. – Hoje gostava de não ter ido atrás desses sentimentos. Muita gente saiu magoada, Jessie. Para ser franca, não sei se teria podido agir de maneira diferente, considerando aquilo que sentia e o pouco que sabia. Só estou a dizer que sei o que estás a sentir e que deves reflectir bem.

Afundi-me na cadeira, ouvindo o ranger e o estalido da madeira do assento. Virei-me e olhei para a Hepzibah. Os seus olhos estavam semicerrados.

– Quando eu tinha quarenta anos – disse ela –, antes de começar a estudar os costumes dos Gullah, apaixonei-me por um homem em Beaufort que recitava narrativas inteiras de escravos, transmitidas oralmente durante cem anos. Nunca conheci ninguém que se interessasse tanto em preservar as raízes deles e é claro que me tinha apaixonado sobretudo pelo meu próprio desejo de fazer o mesmo.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Nessa altura já estava divorciada e não me teria importado de voltar a casar, mas ele era casado. A Kat tem razão, não foi isso que me impediu de sentir o que sentia. Mas decidi amá-lo sem... enfim, sem o amar fisicamente e foi difícil, talvez a coisa mais difícil que alguma vez fiz, mas agora não me arrependo. É que graças a ele comecei a explorar as minhas raízes e ganhei muito com isso.

A Benne estava apoiada sobre os cotovelos a ouvir estas revelações com os lábios abertos e a franja do seu cabelo castanho e liso um pouco abaixo das sobrancelhas.

– Eu apaixonei-me por uma pessoa – anunciou com os olhos brilhantes e todas nos virámos e olhámos para ela.

– Então, conta lá – disse a Kat. Parecia genuinamente chocada com a declaração. – Quem foi o felizardo... o teu ginecologista ou o teu padre?

– O Mike – disse ela. – E também não consegui deixar de sentir amor. – Endireitou-se e sorriu, satisfeita por ser uma de nós. – Disse-lhe no dia em que ele partiu para a universidade. Toda a gente estava na doca, a despedir-se dele, lembram-se? E eu disse: "Amo-te", e ele disse: "Eu também te amo, Benne", e depois embarcou no ferry. – A Kat deu-lhe uma palmadinha no braço.

Instalou-se um silêncio. Apercebi-me do que a Kat e a Hepzi-bah estavam a fazer, a afligir-se com a possibilidade de eu sair magoada, a tentar pintar-me o quadro mais geral, a dar-me uma perspectiva que eu não tinha considerado. De certo modo, compreendia a ideia delas mas não era capaz de a assimilar. Talvez faça parte da natureza humana pensarmos que a nossa situação é única e incomparável, que é a exceção transcendente. Talvez o impulso que eu sentia em mim fosse mais sábio do que todas as suas opiniões. Dei conta de que estava a abanar a cabeça e a sentir-me ligeiramente irritada.

– E se for realmente o meu destino estar com ele e deixo passar a oportunidade? – perguntei.

– O teu destino é estares com ele – disse a Benne.

Uma verdade à Benne? Ou seria uma explosão romântica, uma adulta que era praticamente uma criança a confundir o desejo com a realidade?

– Ninguém te pode dizer o que deves fazer – disse a Kat. – É a tua vida. A tua decisão.

– E come a time when eby tub haffa res pon e won bottom – disse a Hepzibah, traduzindo: – A um dado momento na vida, tens de andar pelo teu próprio pé.

A Kat aproximou-se de mim, a testa franzida em pequenos sulcos. – Tem mas é cuidado – disse ela.

Levantei-me. Os tubos de tinta, a paleta e os pincéis estavam empilhados em redor da taça da fruta como se tivessem caído de uma cornucópia. Voltei a metê-los no saco de compras.

– Toda a minha vida tive cuidado – retorqui. Sorri-lhes, sentindo-me a andar pelo meu próprio pé.

– Vi a tua canoa na doca, junto à colónia – disse eu à Hepzibah. – Importas-te se eu a usar?

– Está à vontade – respondeu ela.

Não perguntou para que é que eu a queria. E a Kat também não. Já sabiam.

CAPÍTULO 23

No dia em que levei a canoa da Hepzibah, outrora vermelha, pelos canais sinuosos, ouvi o rugido de um crocodilo. Estávamos em meados de Março, faltavam quatro dias para a Primavera, mas estava suficientemente quente para que alguns machos tivessem começado a bramar por companheiras nas margens do pântano. Parecia uma trovoadas distante. Em Abril, já os rugidos fariam tremer a água dos canais. Eu e o Mike costumávamos remar a chata através das curvas sinuosas quando o tumulto atingia o seu auge, gritando a bandos de tartarugas refasteladas ao sol para que se enfiassem nos buracos na lama antes que fossem devoradas.

Ao chegar à doca da colónia e virar a canoa ao contrário, encontrara a caveira de tartaruga, a que tinha estado na mesa no alpendre da Hepzibah, encostada à pagaia.

Era óbvio que ela a tinha deixado ali para mim. Lembrei-me de como ela, a Kat e a minha mãe a tinham passado entre elas durante muitos anos, recordando umas às outras o laço que unia as suas vidas. A

caveira estava agora na proa, no banco de vime esfarrapado, com um aspecto vetusto, voltada para a frente, como que a guiar o barco.

As folhas de morraça estavam de novo a adquirir uma tonalidade verde menta, e ao dobrar de cada curva erguia-se uma garça no baixio como uma estátua de jardim. A sua paciência era enervante. Precisamente no momento em que eu perdia a esperança de que voltaria a mexer-se, ganhava vida e arpoava um peixinho na lama.

Fui serpenteando na parte final da maré vaza, enganando-me em duas curvas antes de localizar o afluente sem saída onde o Whit me levara no dia em que tínhamos saído juntos. Quando o corredor de ervas se abriu sobre a enseada de água onde nos tínhamos sentado no barco a conversar, pousei a pagaia no regaço e deixei-me levar pela brisa. Esta empurrou-me até à ilhota no pântano onde o Whit tinha construído o seu eremitério, num morro por baixo de um palmito isolado.

Tinha calçado as velhas galochas que a minha mãe usava para apanhar ostras nos bancos de crustáceos, quando ia com a Kat e a Hepzibah apanhá-las aos montes para a mariscada da véspera de Ano Novo. Saindo da canoa, enterrei-me na lama até acima dos tornozelos. Tinha exactamente a consistência de massa de bolos e libertava uma combinação de odores putrefactos que me habituara a amar.

Arrastei a canoa para a erva. A transpirar, tirei a camisola e ateí-a à cintura, detendo-me de T-shirt preta à escuta do zunido do barco do Whit. O barco estava na doca quando eu parti. Olhei para o relógio. Viera à mesma hora de antes, pensando que ele já andaria a fazer a sua ronda pela colónia.

Ao contemplar a angra, o círculo de água escondido e quase perfeito que formava, pareceu-me ouvir o motor do barco e, por um momento, paralisei, observando as taiataias pretas a mergulhar a pique e a superfície a revolver-se com um turbilhão prateado de salmonetes, mas o som esmoreceu e envolveu-me um fosso de silêncio.

Tinha trazido um cesto cheio de materiais de pintura, decidida a pintar um pouco caso o Whit não aparecesse. Para ser sincera, precisava de uma razão palpável para estar ali que não fosse o desejo de estar com ele, qualquer coisa a que recorrer. Vim para aqui para pintar, podia, dizer.

Ao retirar o cesto da canoa, peguei impulsivamente na caveira de tartaruga. Era uma idiotice levá-la comigo, mas não queria deixá-la ficar. Avancei com cuidado através da vegetação de esparto e palmas. Quando cheguei ao telheiro do Whit, soltei uma gargalhada. O desenho inspirava-se em pinturas do estábulo de Belém.

Quando passei por baixo do tecto inclinado, tive de me baixar ligeiramente. Na sombra estava uma nassa de arame para caranguejos, perto do fundo, como uma pequena mesa, com uma tarrafa dobrada ao lado. Ele tinha entrancado uma cruz com folhas de palmito e pregara-a a uma tábua mas, tirando isso, podia ser um esconderijo construído por praticamente qualquer pessoa.

Ali em pé, percebi por que razão ele amava aquele sítio. Era uma espécie diferente de claustro – isolado pela água e pelo pântano, um lugar indómito, sem abades nem credos, apenas o instinto e os ritmos naturais que sempre existiram aqui.

Coloquei a caveira de tartaruga em cima da nassa de caranguejos, admirando o seu aspecto de marfim descolorido. Disse a mim mesma que tinha pertencido a uma fêmea, uma tartaruga de cento e cinquenta quilos que se tinha arrastado para a praia de Boné Yard ano após ano para encher a areia de ovos. O meu pai levava-nos lá, numa noite de Verão, a mim e ao Mike, quando a praia formigava de crias. Vimo-las precipitarem-se para o mar, em direcção a uma faixa de luar sobre a água.

Pousei a mão na caveira de tartaruga e senti a presença da Hepzibah. A presença da Kat. Até da minha mãe e da Benne.

Instalei o cavalete de mesa que encontrei no minimercado Caw Caw, posicionando-o no chão e colocando nele o papel de aguarela. Dispus a paleta, os lápis de carvão, os pincéis e uma caneca de água e depois, descalçando as galochas, sentei-me de pernas cruzadas diante do papel e fixei o espaço em branco.

Já tinha pintado uma dúzia ou mais de sereias para a Kat, ficando por vezes acordada até depois da meia-noite para acabar alguma. Tinha começado pela imagem típica – sereias em rochedos, sereias debaixo de água, sereias à tona da água – até me cansar e começar a pintá-las em lugares normais mas implausíveis: a guiar uma carrinha na 1-85 em Atlanta com uma sereia bebé amarrada numa cadeira de criança atrás;

em pé sobre a cauda diante de um fogão, com um avental que dizia: "Beijem a cozinheira", a fritar peixe numa frigideira; É a minha favorita: sentada numa cadeira, num cabeleireiro, a cortar as tranças sedosas e compridas, arranjando o cabelo num estilo curto e anguloso com franja.

– Agora sim, estás a ter sucesso – tinha dito a Kat. As pinturas tinham-se vendido imediatamente e ela pedira-me que levasse mais. Pouco antes tinha-me ocorrido a ideia de pintar uma sereia a remar uma canoa, com um colete de salvação, mas agora, com o lápis na mão, dei comigo a desenhar os contornos da testa e dos olhos de uma mulher, no fundo da folha, como se estivesse a espreitar por cima de um muro. Desenhei os braços levantados sobre a cabeça, os cotovelos encostados às orelhas, dando a impressão de que estava a tentar alcançar, com ambas as mãos, qualquer coisa por cima da cabeça. Não sabia de onde tinha surgido esta estranha imagem.

Humedeci o papel, aplicando camadas sobrepostas de azul, diminuindo o pigmento ao descer pelo papel e criando sombras mais claras no fundo, em torno da cabeça da mulher. Pinte a cabeça e os braços, usando siena e sombra. Os olhos dela estavam muito abertos, apreensivos, perscrutando os espaços azuis vazios em cima que enchiam quase toda a folha. Como toque final, sacudi o pincel com dois movimentos rápidos, criando um salpico significativo ao longo de cada braço.

Quando pousei o pincel, a imagem pareceu-me idiota. Mas quando me reclinei e voltei a olhar para o que tinha feito, as gotas de tinta nos braços sugeriram-me bolhas de ar e os vários tons de azul diferentes níveis de água. Decidi que a pintura estava de pernas para o ar.

Não era uma mulher a espreitar sobre um muro com os braços esticados para cima mas uma mulher a mergulhar. Rodei a imagem 180 graus e vi que captava o momento em que os braços e as pernas furavam a água, cortando a direito em direcção ao vazio em baixo.

Continuei a estudá-la. No momento em que a inverti, percebi – assim fazia sentido.

Ouvi o zumbido do motor do barco ao longe e levei a mão à garganta, não me mexendo à medida que o som se aproximava. Imaginei o Whit a acercar-se da ilha, a avistar a canoa da Hepzibah, a perguntar–

se quem ali estaria. O ruído cessou quando ele desligou o motor. Um cão começou a ladrar. O Max.

A expectativa avolumou-se-me no peito, a estranha e eufórica energia que cada vez mais me tirava o sono e a vontade de comer, enchendo a minha mente de intermináveis interpretações de nós os dois juntos. Tornara-me audaciosa e imprudente. Tornara-me outra pessoa. O que tivesse de ser seria.

Vi o Max primeiro. Ele chegou a correr, com a língua de fora. Baixei-me para lhe fazer festas e, levantando os olhos, vi o Whit a passar por cima de um tronco de palmito em decomposição. Quando me viu, estacou.

Continuei a afagar a cabeça do Max, a minha respiração acelerada.

– Então é este o eremitério que o abade desconhece? – disse eu.

Ele continuou imóvel, sem falar. Estava com a mesma camisa de ganga, com a cruz ao pescoço, e numa mão tinha um saco castanho-claro de lona. Tive o pressentimento de que continha livros. A luz cobria o seu rosto de pinceladas, obscurecendo-o o suficiente, paralisado de felicidade ou surpresa. Podia ser de excitação. Sabia claramente o que eu estava ali a fazer. Todo o seu corpo transmitia essa certeza.

Meteu uma mão no bolso e começou a caminhar na minha direcção. Vi madeixas grisalhas no seu cabelo preto.

Quando chegou junto do cavalete, pousou o saco e acocorou-se diante da minha pintura, aliviado, pareceu-me, por ter qualquer coisa para fazer.

– Está bom – disse. – Fora do vulgar.

Com o polegar, tacteei a base do dedo anelar, o lugar onde usara a aliança e o anel de noivado. Senti a pele nua e regenerada. Sensível. Ele fingiu estudar a pintura.

– Espero que não se importe que eu venha para aqui pintar – disse eu. – Ter-lhe-ia pedido autorização, mas... enfim, não podia propriamente pegar no telefone e ligar-lhe.

– Não precisa de pedir a minha autorização – disse ele. – Este sítio pertence a toda a gente. – Levantou-se mas continuou de olhos fixos na pintura, de costas para mim.

À nossa volta, as ervas agitavam-se e ondulavam como se estivessem debaixo de água. Sentia vontade de me aproximar e passar os

braços à volta dele, de encostar o rosto às suas costas e dizer: Está tudo bem. É o nosso destino, mas não podia ser eu a dizê-lo. Ele tinha de o ouvir de outra forma, vindo de dentro de si mesmo.

Tinha de acreditar na sua verdade como eu.

Estava com um ar aflitivamente tenso, ali de pé, e pensei se estaria a debater-se para ouvir a voz que lhe diria o que fazer ou se estaria simplesmente a barricar-se.

Disse a mim mesma que ficaria ali descalça mais um minuto, altura em que se tornaria claro que a única coisa digna a fazer era calçar as botas, pegar nos materiais e partir. Voltaria na canoa e nunca mais falaria no assunto.

Ele virou-se abruptamente, quase como se tivesse ouvido o meu pensamento. Avancei para ele, suficientemente perto para inalar o odor salgado que emanava do seu peito, as manchas húmidas debaixo dos seus braços. A luz fulgurava no azul dos seus olhos. Ele estendeu os braços e puxou-me para si, abraçando-me.

– Jessie – sussurrou, enterrando a cara no meu cabelo.

Fechei os olhos e encostei a boca à abertura da sua camisa, deixando os lábios abrir-se e fechar-se sobre a sua pele. O crucifixo de madeira baloiçava sobre o seu peito e tive de a afastar para o lado para o beijar.

– Espere – disse ele, passando o cordão de couro pela cabeça e deixando a cruz cair ao chão.

Quando cheguei ao botão por detrás do cinto, puxei-lhe a camisa para fora das calças de ganga e continuei a desabotoá-la até ficar completamente aberta, agitando-se ao sabor de uma leve brisa. Ele baixou-se e beijou-me. A sua boca sabia ao vinho da missa.

Levou-me para a luz fraca do eremitério, despiu a camisa, estendeu-a no chão e depois despiu-me, tirando-me a T-shirt pela cabeça e desapertando-me as calças, que puxou para baixo e deixou em volta dos meus tornozelos. Passei por cima delas, ficando de cuecas azul-claras e soutien a condizer, e deixei que ele me contemplasse.

Ele olhou em primeiro lugar para a concavidade da minha cintura, essa curva no ponto em que se alarga até às ancas, e depois olhou de novo para o meu rosto antes de deixar os olhos viajar até aos seios e depois mais abaixo em direcção às coxas.

Permaneci imóvel, mas por dentro sentia uma avalanche – uma história inteira em derrocada.

– É inacreditável como é bela – observou.

Comecei a dizer: Não, não, não sou, mas calei-me. Desapertei antes o soutien e deixei-o cair junto da cruz dele.

Vi-o baixar-se e desapertar as botas. A pele dos seus ombros brilhava, queimada pelo sol. Ele levantou-se, descalço, de tronco nu, as calças descaídas nas ancas.

– Chegue aqui – disse ele, e eu fui e encostei-me ao seu peito macio.

– Desejei-a desde o momento em que a vi – disse-me, e a forma como o disse, com os olhos fixos no meu rosto, a testa franzida numa expressão determinada, provocou um arrepio por todo o meu corpo. Pousou-me no chão, sobre a sua camisa de ganga, e beijou a pele macia do meu pescoço, dos meus seios e das minhas coxas.

Fizemos amor com a maré a subir em redor da ilha e o Max a dormir ao sol. Pairava um aroma desconcertante no ar, como uma doçura queimada. Mais tarde, concluí que era a fragrância das glicínias que flutuava pela ilha. Enquanto ele se movia sobre mim, ouvi o pio estridente de uma águia-pesqueira vindo das nuvens altas. Ouvi pinças de caranguejo por entre a vegetação.

O chão era irregular graças às trepadeiras e folhas jovens de palmeira que brotavam do solo. Uma delas espetava-se-me no ombro e o meu corpo estava agora arrepiado devido ao ar frio da sombra azul-cobalto ao fundo do telheiro. Comecei a tremer. O Whit enfiou-me a mão por baixo do ombro, afastando-o das folhas pontiagudas.

– Está bem? – perguntou.

Indiquei que sim. Era-me completamente indiferente. Queria estar ali deitada, pertencendo a um pedaço de terra varrido pela maré, vigiada pelo pântano e pelas aves que voavam em círculos sobre nós.

Ele sorriu-me, tocando-me a cara com a outra mão, acompanhando o contorno do meu maxilar, dos meus lábios e do meu nariz. Enterrou a cara no meu pescoço e inalou profundamente e eu deixei-me levar pelo momento – Whit, o sangue e os ossos do meu corpo, a loucura de o amar.

Entreguei-me a esses momentos como nunca fizera antes. Intensificavam-se de tal forma que os movimentos dos nossos corpos e

o mundo palpitante à nossa volta parecia mais vívido e radioso, mais real. Consegui perceber o quão perecíveis tinham sido todos os meus momentos, que durante toda a minha vida haviam implorado para serem vividos, para serem até acarinhados, e a forma indiferente como eu os tinha tratado.

Mais tarde, viria a pensar que, se o sexo era realmente uma conversa, uma forma de comunicar alguma coisa, o que tínhamos nós dito um ao outro? De onde tinham surgido essas vozes desesperadas e eloquentes?

Depois fiquei deitada ao seu lado, ainda nua, aquecida pelo seu corpo que, surpreendentemente, irradiava calor. Havia manchas de lama nas minhas ancas, minúsculas folhas de murta agarradas às minhas pernas. O Max levantou-se, aproximou-se e enroscou-se junto a mim, do lado oposto.

– Sinto-me como aquela mulher na pintura de Gauguin – disse eu.

Ele apertou o braço à minha volta.

– Qual?

– Aquela mulher de uma ilha exótica que ele estava sempre a pintar. Sabes qual é. Normalmente usava um sarongue vermelho.

Ele olhou para a caveira de tartaruga que eu tinha pousado sobre a nassa de caranguejos e sorriu. Depois passou o dedo pela ravina entre os meus seios. Reparei que um dos nós dos seus dedos estava a sangrar devido às picadas das folhas de palmeira.

Ouvi o Max começar a risonar. Os olhos do Whit começaram lentamente a fechar-se. A sonolência depois do sexo era algo que eu não compreendia. As células do meu próprio corpo ferviam de adrenalina.

Quando a sua respiração profunda deu lugar ao sono, fiquei ali à escuta. A tarde flutuava com a maré, empurrada como destroços à deriva enquanto Whit dormia. Observei-o.

Observei tudo com uma espécie de assombro. A certa altura, um bater de asas brancas precipitou-se em direcção à ribeira – uma águia-pesqueira a cair como um anjo em direcção à água.

Senti-me expulsa da minha vida anterior – não, expulsa não, catapultada. Livre. Estava ali – a mulher de Gauguin – presa na luxúria do que acontecera, sentindo-me saciada, viva.

Só uma vez pensei no Hugh e um espasmo de choque percorreu-me, um eco da minha outra vida, o terrível erro moral do que tinha feito.

Aninhei-me contra o Whit até passar.

Quando ele acordou, o sol já começara a descrever o seu arco para oeste. Debaixo do telheiro, vi as tonalidades de limão a alas-trar-se ao longo do horizonte. Ele sentou-se.

– É tarde. Tenho de voltar para as vésperas.

Quando peguei na minha roupa, ele perguntou:

– Estás arrependida? Disto?

– Não lamento nada – respondi. Mas não era verdade. Lamentava ser casada. Vir a magoar o Hugh, já o ter magoado. Poder magoar a Dee. Que toda a cola que nos tinha mantido unidos durante tanto tempo se estivesse a desintegrar. Mas não lamentava o que tinha feito. Devia lamentar, suponho, mas não lamentava. Sabia que voltaria a fazê-lo. A não ser. A não ser que ele estivesse arrependido.

Não lhe perguntei se estava ou não. Não desejava saber. Não suportava a ideia de que ele pudesse ir agora para as vésperas e pedir perdão a Deus.

CAPÍTULO 24

Whit

Ele não foi rezar as vésperas. Tão-pouco foi rezar as completas. Atravessou o claustro a caminho de casa, caminhando apressadamente. Em casa, sentou-se à secretária sem acender a luz e observou a escuridão adensar-se do lado de fora da janela, a forma tranquila como engolia as árvores.

Há muito tempo que ninguém lhe tocava. Anos. Tinha experimentado uma espécie de choque erótico – pelo menos era assim que o descreveria no seu caderno. Quando deixou de distinguir a forma das árvores, acendeu a luz e confiou tudo ao papel, tudo o que acontecera, o que sentia dentro de si.

"Não devia ter corrido o risco de pôr tudo por escrito mas foi mais forte do que ele. Os sentimentos sempre tinham sido estranhos, marcas inescrutáveis no seu coração, como as que vira uma vez na pedra de "Roseta. Contemplara a peara durante muito tempo enquanto pelo

menos uma centena, talvez um milhar, de outros visitantes do museu tinha entrado e saído. Sentiu que estava a olhar para uma coisa profundamente pessoal e, desde então, tentara decifrar as marcas emocionais dentro de si próprio, transpondo-as para o papel. Estranhamente, tornavam-se assim acessíveis, traduzidas num sentimento profundo.

Como agora. Sentia as mãos dela nas suas costas. Via o seu corpo estendido no chão, os seus seios arrepiados. Sentia-se desaparecer de novo dentro dela.

Pousou a caneta e levantou-se, sentindo necessidade de se mexer. Andou de um lado da cama ao outro, lançando breves olhares ao crucifixo pregado sobre a cabeceira.

A cama era um simples colchão numa armação de metal e ocupava quase todo o quarto. Só queria poder deitar-se no áspero cobertor castanho e adormecer instantaneamente.

Temia a longa noite que se avizinhava. Tinha feito amor com uma mulher.

Não sabia como conduzir a sua vida na abadia depois disso. Desceu as persianas nas janelas e voltou a sentar-se à secretária. Tentou ser prático, dissecar a situação.

Escreveu premissas aparentemente lógicas para o que tinha acontecido. Estar com Jessie era uma forma de preencher o vácuo deixado por Linda. Ou, agora que estava prestes a fazer os votos perpétuos, desejava encontrar uma saída. Talvez a sua libido tivesse sido forçada a uma rejeição tão rígida que passara subitamente para o extremo oposto. Ocorreu-lhe inclusivamente que os poetas e os monges usavam há séculos um imaginário sexual para escrever sobre a sua união com Deus. Poderia ter estado à procura de uma consumação com Deus?

Releu todas as razões possíveis de que se tinha lembrado e soavam-lhe absurdas. Levaram-no a pensar em S. Tomás de Aquino e na sua Suma Teológica, que o seu mestre de noviços considerava sublime e, no entanto, no seu leito de morte, o próprio Aquino tinha dito que toda ela era palha comparada com as suas experiências, as coisas alojadas no seu coração.

Era assim que Whit se sentia. Como se o seu raciocínio não passasse de palha. De uma treta pegada.

Cometera este acto inacreditável porque a amava, porque a desejava – era o que sabia. Sabia que a vida tinha novamente explodido dentro de si, sentia que o seu coração tinha sido uma

cratera antes de a conhecer.

Fechou o caderno e pegou no seu livro gasto de Yeats que se abriu nessa passagem que ele leu e releu: ..Agora que a minha escada desapareceu, Devo deitar-me onde todas as escadas começam, No fétido farrapeiro do coração.

Levantou-se e lavou a cara e as mãos no lavatório. Tinha pequenos golpes nos nós dos dedos. Limpou-os com sabonete e depois tirou a camisa e levou-a ao nariz para cheirá-la. Sentiu o odor dela, sentiu o que tinham feito. Em lugar de a deitar no pequeno cesto da roupa suja, pendurou-a no cabide ao lado das camisas e dos hábitos de reserva.

As completas tinham terminado e começara o Grande Silêncio. Os monges estariam agora fechados nos seus quartos. Tinha ouvido Dominic chegar meia hora antes, tinha-o ouvido começar a bater à máquina.

Whit vestiu uma T-shirt e o casaco. Abriu a porta e fechou-a silenciosamente atrás de si. Não levou a lanterna, apenas o rosário. Chocalhava-lhe no bolso ao caminhar.

A pequena faixa dourada de uma lua nova pairava no céu e ele sabia que dentro de algumas horas haveria uma maré viva. Derramar-se-ia do esparto como um caldo a transbordar da tigela. No morro onde tinha feito amor com Jessie, a água ficaria a seis metros do seu eremitério.

Nas noites em que não conseguia dormir, Whit percorria as estações da Via Sacra. O exercício distraía-o e acalmava-o. E agradava-lhe que as estações não se encontrassem na igreja, que fossem simples placas de cimento dispostas como lajes no chão. Adorava o caminho serpenteante que descriam através dos carvalhos atrás das casas.

E os animais que por vezes avistava ao caminhar, o súbito brilho vermelho dos seus olhos. Tinha visto doninhas listradas, raposas vermelhas, corujas e, uma vez, um lince ruivo.

Na primeira estação, pegou no rosário, encostou-o à frente e ajoelhou-se ao lado da tosca gravura de Jesus diante de Pôncio Pilatos. JESUS É CONDENADO A MORRER.

O abade tinha dito que deviam entrar nas cenas, quando percorriam as estações, tor-nar-se parte delas, mas ele mal conseguia manter a concentração.

Fechou os olhos e procurou relembrar a oração que devia rezar na primeira estação. Não sabia como podia não voltar a estar com ela. Naquele momento, sentia o desejo de correr até à casa da mãe dela e bater-lhe à janela como se tivesse dezassete anos. Queria meter-se na cama dela e encaixar os joelhos atrás dos dela, entrelaçar os seus dedos nos dela, moldar o seu corpo ao dela e dizer-lhe o que sentia.

Olhou para a pedra no solo. Queria saber se Jesus se debatera assim, se amara assim uma mulher. Queria pensar que sim.

Na segunda estação – JESUS CARREGA A CRUZ – Whit tornou a ajoelhar-se, desta vez mais determinado. Rezou a oração respectiva e contemplou a cena, abanando violentamente a cabeça quando surgiram as imagens dela.

Estava de joelhos na sexta estação – VERÓNICA LIMPA O ROSTO DE JESUS – quando se apercebeu do feixe de uma lanterna de bolso a varrer a noite e uma figura a caminhar na sua direcção. Pôs-se em pé. A figura envergava um hábito, isso pelo menos distinguiu, mas o rosto estava oculto por sombras profundas. Whit só se apercebeu de que era o padre Sebastian quando ele parou à sua frente.

A luz incidiu sobre o rosto de Whit.

– Com que então está aqui – disse Sebastian. – Venho agora de sua casa. Tenho andado à sua procura. Faltou às vésperas, faltou ao jantar e... mistério dos mistérios...

faltou às completas. Pois bem, resolva-me este grande mistério e explique onde esteve.

O tom da sua voz inquietou Whit; era quase como uma provocação. Como se Sebastian já soubesse. Mas como podia saber?

Whit levantou os olhos para a miríade de estrelas que se espalhavam no céu e depois para Sebastian, que tinha cruzado os braços sobre o escapulário e olhava Whit fixamente através dos seus óculos enormes.

Sebastian vinha de sua casa. Teria entrado? Espreitado para o caderno de Whit?

– Então? Estou à espera – disse o monge mais velho. – Esteve doente? Se esteve, parece ter feito uma recuperação milagrosa.

– Não estive doente, padre.

– Então que foi?

– Estive na colónia.

– Esteve na colónia. Mas que interessante. Esteve a divertir-se enquanto nós estivemos no coro a cumprir o nosso dever?

– Lamento muito ter faltado ao coro.

– Ouça, irmão Thomas, eu sou o prior. Sou responsável pela disciplina deste mosteiro. Sou eu que tenho de garantir que ninguém tem uma conduta reprovável. É uma coisa que não tolero, está a compreender?

Se não sabe, suspeita de alguma coisa certamente.

Whit não respondeu. Permaneceu imóvel durante um longo silêncio, recusando evitar o olhar de Sebastian. Não se sentiria indigno por isto. Não era que não se sentisse merecedor de censura, pois sentia. Assim que chegara da colónia, de fazer amor com ela, a culpa abatera-se sobre ele, incisiva e poderosa, a necessidade de ser perdoado aturdindo-o com a sua severidade, e contudo uma parte de si sentia-se impenitente, pertencendo-lhe exclusivamente a ela – uma parcela impenetrável que a abadia, Deus até, não possuía e não podia tocar.

Desviou os olhos de Sebastian e olhou para as últimas oito estações dispersas no meio dos carvalhos, o seu brilho ténue no solo, e ao fundo a extensão circundante de pantanal. Pensou na consolação que este lugar constituíra para ele; a sua clausura fora uma liberdade. Um lar. Uma indigência sombria e graciosa. Que faria se o lugar onde mais desejava estar deixasse de ser a abadia e fosse doravante o coração de uma mulher?

– Não sei se o meu lugar é aqui – disse Whit e a sua voz quebrou na última palavra. Aqui.

Sebastian observou Whit enxugar a fina película de lágrimas que se lhe formara nos olhos, esperando enquanto ele pigarreava e procurava recompor-se. Quando o monge mais velho voltou a falar, a sua expressão havia-se alterado, o seu rosto aplacado. A fealdade abandonara-lhe a voz.

– Compreendo. – Mexeu os pés, levou as mãos às pálpebras, por baixo dos óculos, para as massajar.

Quando os óculos mais uma vez assentaram no nariz, disse:

– Quero que percorra o resto das estações. Se quiser, pode fazê-lo de joelhos como penitência. Mas faça-o acima de tudo para reflectir sobre a sua vocação. Pergunte a si mesmo porque veio para aqui, o que representa para si estar isolado aqui com Deus. Todos nós tivemos dúvidas sobre se o nosso lugar seria aqui, irmão Thomas.

Todos nós tivemos de renunciar a alguma coisa ou a alguém. – Baixou os olhos para o chão. – Tem de carregar a sua cruz, sabe? Todos nós temos.

Whit acenou-lhe com a cabeça. Sentia vontade de dizer: Mas eu não sei qual é a minha cruz. É passar sem ela agora que a amei? Ou é passar sem a abadia? Ou é a estranha agonia de ser espiritual e humano ao mesmo tempo?

– Quando terminar as estações, vá deitar-se e descanse – disse Sebastian. – Não há-de querer faltar às laudes pela manhã. O termo significa "regresso da luz". Que o mesmo se passe consigo.

– Sim, padre – disse ele.

Esperou que Sebastian se afastasse, interrogando-se se ele iria ter com o abade ou calar-se sobre o sucedido. Caindo de joelhos, avançou assim até à estação seguinte – JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ.

Whit repetiu fragmentos dos Salmos laudatórios: "Piedoso e benigno é o Senhor, sofredor e de grande misericórdia... O Senhor guarda a todos os que O amam. Louvai ao Senhor, ó minha alma!" Em seguida, recitou partes do Cântico de Zacarias: "Pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus, com que o Oriente do alto nos visitou; para alumiar aos que estão assentados em trevas..."

Whit desejava que a luz chegasse, a luz de que Sebastian falou, mas mais ainda desejava refugiar-se no seu próprio coração e albergar as trevas.

CAPÍTULO 25

Na manhã depois do dia em que fiz amor com o Whit O'Conner, entrei na cozinha e encontrei a minha mãe com a écharpe de hibiscos à volta da gola do seu roupão de banho, a cozinhar rice perlo Gullah. Quatro panelas de alumínio gigantes dele. O suficiente para um mosteiro.

Levantou a tampa da panela maior e saíram ondas de fumo branco, cheirando a camarão e chouriço de tripas.

– O que é que estás afazer? – perguntei. – São sete da manhã. – Eu queria tomar café. Queria sentar-me sozinha na cozinha a tomá-lo lentamente.

– Estou a cozinhar para os monges. Temos de chegar lá com o perlo até às onze horas, antes de o irmão Timothy começar a preparar o almoço. Vou precisar de aquecê-lo.

Distribuir o pão e fazer chá doce.

Estavam espalhados na mesa da cozinha livros de receitas, à mistura com cascas de cebola, caudas de camarão e grãos de arroz carolino. Se ela não parecesse tanto ela própria, com uma medalha de Nossa Senhora dos Milagres presa à écharpe, a gesticular com uma colher de pau enquanto falava, talvez eu tivesse protestado contra a loucura de preparar a comida aqui e ter de carregar com ela até lá.

– Como é que vamos levar isto tudo para a abadia? – perguntei.

– Levamo-la no carrinho de golfe. – Parecia exasperada por ter de me explicar o óbvio.

Levei a caneca do café para o alpendre da frente e sentei-me numa das cadeiras de vime com uma manta pelos ombros. As nuvens fluíam altas, leves e esponjosas, tingidas em tons de bronze e dourado. Afundei-me na cadeira para poder contemplá-las.

Tinha dormido sem sonhar, acordando uma vez alagada num suor gelado, atormentada pela mesma sensação de terror que se apodera momentaneamente de mim quando estava deitada ao lado do Whit, depois do que tínhamos feito.

Compreendi mais tarde que estes paroxismos eram uma espécie de réplica. Manifestaram-se durante semanas, momentos de violenta

desorientação nos quais não me reconhecia, destruindo completamente a forma como eu entendia a minha vida, todas as juntas e articulações que a mantinham unida. Era a peculiar vertigem, a peculiar humildade que deriva da percepção daquilo de que somos realmente capazes. Essas réplicas acabaram gradualmente por se dissipar mas, no princípio, quase me paralisavam.

Na noite anterior, a sensação demorara muito mais a passar do que na ilha com o Whit. Sentada na beira da cama, tentando acalmar, reparara na pintura que tinha feito, encostada à parede ao pé da porta, no brilho subaquático na cara da mulher, conferindo-lhe vida. A imagem irritou-me e eu levantei-me e parei diante do toucador.

A pregadeira estava ali, com os meus anéis pregados nela como insectos, como espécimes de uma vida valiosa mas abandonada.

Olhando para o espelho, vi-me como era – uma silhueta negra no quarto, uma mulher cujas trevas haviam vindo ao de cima.

E se eu perder o Hugh e o Whit? E se renunciar ao Hugh e o Whit me deixar? Ficarei sozinha, abandonada.

Era esse o terror profundo e silencioso, não era? O fosso que precisaria sempre de se encher; ali em pé, reconheci como ele era vetusto e antigo, estendendo-se no passado para lá do Hugh, para lá do Whit, até ao meu pai.

Mas nessa manhã não havia nada desse medo reverberante da noite anterior. Observando as nuvens no alpendre, pensei no Whit, na felicidade do nosso amor físico, nesta outra vida nova que me aguardava. Tinha a sensação de estar na fronteira mais distante de mim própria. Era, apesar dessas convulsões intermitentes, um lugar surpreendentemente belo.

Tinha cometido um acto impensável e, no entanto, não o lamentava. Sentia-me inexplicavelmente, quase forçosamente, atraída pelo Whit e sim, havia nele transgressão, deslealdade e perfídia mas também mistério e uma sensação de santidade, de verdadeira santidade.

A caminho da abadia, avistámos a Hepzibah defronte da capela Star of the Sea. Estava com o seu tambor Gullah, no alpendre da pequena igreja de madeira, a conversar com uma boa dezena de pessoas.

Tínhamos esbarrado com a sua Grande Visita Guiada Gullah.

Encostei atrás de um grupo e parei, desejando ouvir um pouco do que ela estava a dizer, interrogando-me se ela tocaria mesmo tambor para eles como costumava tocar para nós no Piquenique das Raparigas. Estava a dizer-lhes que a capela fora construída sobre as ruínas de uma igreja para escravos libertados.

Andava para trás e para a frente enquanto falava, tamborilando ao de leve no tambor. Admirei o seu elaborado turbante e o cafetã feito de um tecido cor de caramelo coberto de pequenas zebras. Usava as suas famosas argolas nas orelhas. A Kat tinha dito uma vez que eram suficientemente grandes para um gato saltar pelo meio mas eu gostava de a ver com elas.

– Existe uma antiga prática Gullah – estava ela a dizer. – Para poder tornar-se membro da igreja, o nosso povo dirige-se antes a um lugar sagrado na floresta, três vezes por dia durante uma semana, para meditar sobre o estado da sua alma. Chamamos-lhe "viajar" porque é uma viagem ao interior de nós mesmos.

Bateu no tambor com a palma da mão e fez sinal ao grupo para que entrasse na capela e desse uma vista de olhos.

Quando entraram, veio ter connosco e abraçou primeiro a minha mãe e depois abraçou-me a mim.

No momento em que a minha mãe saiu para verificar a corda com que tínhamos prendido as painéis ao banco de trás, a Hepzibah aproximou-se de mim.

– Como é que estás, Jessie? – Não era simplesmente uma pergunta cortês; os seus olhos perscrutavam os meus. Percebi que ela queria saber se eu tinha estado com o Whit na colónia, se tinha encontrado a caveira de tartaruga que ela deixara na canoa.

– Estou bem, está tudo bem – respondi. – Gostava de poder assistir ao resto da visita mas vamos levar o almoço ao mosteiro.

– Sempre deste o passeio de canoa? – perguntou.

Senti um rubor quente subir-me às faces.

– Ontem – disse – Obrigada pela caveira de tartaruga – acrescentei, pensando q a tinha deixado no eremitério do Whit, como um talismã, na esperança de que me levasse novamente lá.

A minha mãe estava a entrar para o carro.

– Não te separe dela – sussurrou a Hepzibah.

A cozinha do mosteiro era uma velha divisão luminosa com janelas altas de vidros biselados e armários de carvalho com pequenas cruces celtas gravadas nos cantos inferiores. Não tinha mudado muito desde a minha infância, quando eu fazia o papel de ajudante de cozinha sob o comando da minha mãe. Na mesa de trabalho, centro da cozinha, ela estendia a mão e ordenava: "Passe-vite de batata... Cortador de massa... Descaroçador..." Eu pousava peças na palma da mão dela como se ela fosse o cirurgião e eu a enfermeira. O nosso "empreendimento culinário", como ela lhe chamava, era um negócio sério. Dávamos de comer aos santos.

Quando vi a mesa de trabalho, senti uma dor surda no peito. Detive-me um momento, com o arroz na mão, a contemplar a superfície riscada. Os mesmos tachos de cobre amassados estavam pendurados no tecto por cima, captando a luz da janela. Foi aqui que a minha mãe fez aquilo, que esticou o dedo e desferiu o golpe com o cutelo da carne, cortando através do osso? Aqui, na velha mesa de operações?

Pousei a panela no fogão e dirigi-me ao enorme lava-loiça de aço inoxidável passando as mãos por água fria. Estava a humedecer a nuca quando o irmão Timothy apareceu, mesmo a tempo de trazer a última panela. Parecia excessivamente entusiasmado com o regresso súbito e inesperado da minha mãe, conversando comigo sobre entregas de ovos e a falta de tomates decentes. Segui-a até à cozinha enquanto ela abria e fechava gavetas, vasculhava o frigorífico de tamanho industrial e cheirava vários pés de orégãos num balcão. Ele caminhava num passo arrastado, o corpo inclinado para a frente como quem enfrenta um vendaval.

A minha mãe tirou um avental lavado mas repleto de nódoas de um cabide junto da porta da despensa e prendeu-o à cintura. Acendeu os bicos de gás e baixou-se para espreitar para a chama azul que lambia os fundos das panelas.

– Ouvi dizer que estavam aqui as duas – disse uma voz atrás de nós.
– A abadia inteira está em alvoroço com o conteúdo dessas panelas. – O padre Dominic estava à

porta, com um ar afogueado e levemente ansioso. Tinha corrido até à cozinha com tal pressa que se esquecera do chapéu de palha. Os seus

cabelos brancos e compridos estavam cuidadosamente espalhados pelo seu couro cabeludo já muito calvo.

Não me recordava de ver a minha mãe e o Dominic juntos na mesma sala desde o dia em que ele tinha ido a nossa casa com os destroços do barco afundado do meu pai.

Observei-os então atentamente, a forma como a minha mãe recuou automaticamente um passo quando o viu, levantando a mão para tocar no pescoço.

O Dominic olhou para o irmão Timothy.

– Importa-se de ir encher os jarros de água no refeitório? E verificar os saleiros?

Desautorizado, o Timothy encolheu os ombros e atravessou a cozinha, arrastando ruidosa e pesadamente os sapatos. Quando saiu, o Dominic levou a mão ao alto da cabeça, espalmando o cabelo para se certificar de que continuava bem colado no sítio. Quase não olhou para mim, toda a sua atenção concentrada na minha mãe. Vi os seus olhos pousar-lhe na mão ferida e registar a ligadura cor de carne que tinha substituído a volumosa gaze.

– Fico muito satisfeito por já se sentir suficientemente bem para cozinhar outra vez para nós, Nelle. Sentimos saudades suas.

Voltou a ocorrer-me a forma como ele tinha dito "a nossa Nelle" da última vez que tínhamos falado, como se possuísse uma parte dela.

A minha mãe limpou as mãos na frente do avental.

– Também estou satisfeita por estar de volta – disse ela, as palavras gélidas e entrecortadas, o tom que usava quando se sentia enojada. Eu conhecia-o bem. Nesse momento, deu meia-volta e começou a mexer energicamente o arroz.

O Dominic cruzou e descruzou várias vezes as mãos. Tinha nós dos dedos enormes, manchados de vermelho. Artrite, imaginei. Dirigiu-me um sorriso tenso.

– Truz-truz – disse ele.

Por um momento, fiquei sem saber que responder a este seu jogo idiota e insistente. O arroz começou a borbulhar ao lume.

– Acho que não quero entrar nesse jogo – disse-lhe, adoptando um pouco o tom da minha mãe.

Teria sido absurdo alinhar mas também senti que estava a ser leal à minha mãe; era claro que ela não queria nada com ele. Contudo, virou-se, suponho que embaraçada com a minha grosseria, a minha recusa em entrar no seu jogo.

– Quem é? – disse ela, lançando-me um olhar incisivo.

Depois de toda a sua evidente repugnância, era a última coisa que eu esperava. Senti nesse momento que tinha sido desleal para comigo.

O Dominic hesitou antes de continuar mas apercebi-me mais tarde de que foi só porque estava a pôr de lado a piada que tinha em mente para mim e a arranjar uma nova destinada unicamente a ela. Qualquer coisa de ousado e estranhamente íntimo.

– Nunca–nunca – disse ele.

Ela apertou muito os lábios e levantou um pouco o queixo. –

Nunca–nunca o quê?

Ele aproximou-se dela, detendo-se à distância de um braço e posicionando-se de maneira a eu não lhe ver a cara. Baixou a voz, esperando que eu não o ouvisse, mas eu ouvi, embora mal.

– Nunca mais nos vai perdoar?

A cara da minha mãe estava tensa, não traindo nada.

– E nunca mais sai daqui para eu poder cozinhar em paz? – respondeu ela. Correu para a despensa e voltou com um saco de farinha de milho. – Agora, se não se importa, vou fazer bolinhos de milho.

– Bolinhos de milho! – exclamou o Dominic. – Deus nos guarde! Não a merecemos. – Dirigiu-se descontraidamente para a porta mas, ao fim de alguns passos, deteve-se e olhou para mim. – Ah, Jessie, já me esquecia. Está alguém na biblioteca que quer falar contigo.

Atravessei o pátio do claustro, forçando as minhas pernas a avançar com descontração – o passo de alguém que se dirige à biblioteca para folhear uns livros, nada mais.

Detive-me à entrada, diante de uma pequena estátua de S. Bento segurando na sua regra e esforcei-me por ler a placa, na parede ao lado, da forma como imaginava que um visitante devoto leria. OUVI, MEU FILHO, OS PRECEITOS DO TEU MESTRE E INCLINA O OUVIDO DO TEU CORAÇÃO. O meu próprio coração batia descompassadamente no meu peito.

Sobre o soalho de pinho dançavam pequenas esferas de luz, vindas de uma janela por cima da porta. Respirei fundo, tentando encontrar o equilíbrio.

Comecei a percorrer os túneis de livros, detendo-me de tempos a tempos para inclinar a cabeça e ler os títulos: Sobre a Contemplação de Deus de Guilherme de St.

Thierry; De Rerum Natura de Lucrécio; As Obras Completas de S. João da Cruz. Pus-me à escuta de passos. Onde é que ele estava?

Quando cheguei à zona de leitura ao fundo da biblioteca, a tensão dentro de mim só se tinha intensificado. Sentei-me a uma das três mesas voltadas para uma ampla janela. O tampo da mesa tinha sido envernizado com tal diligência que me via reflectida na madeira polida. O meu cabelo estava um desastre. Ajeitei-o com as mãos mas depois mudei de ideias e tentei dar-lhe volume.

Olhei pela janela e a cena exterior formou-se-me no espírito como uma tela – arbustos de azáleas contra a casa caiada onde os monges fabricavam redes. Um ácer-do-japão, erva de uma tonalidade azulada, um pequeno outeiro cortado pela sombra.

Uma porta rangeu atrás de mim e eu virei-me, vendo o Whit à entrada de um pequeno gabinete situado ao lado da sala de leitura. O gabinete do padre Dominic, como vim a saber.

Estava com o hábito vestido e as botas da colónia. O meu olhar pousou no seu pescoço, no ponto onde o tinha beijado.

Quando entrei no gabinete, ele fechou a porta atrás de nós, com o trinco, e por um momento ficámos naquele espaço exíguo com o cheiro a parafina a emanar de um castiçal de parede atrás dele. Uma lâmpada fluorescente zumbia ruidosamente sobre as nossas cabeças. Reparei que os estores estavam descidos na única janela e a luz artificial causava uma impressão hostil e opressiva. Impulsivamente estendi o braço e desliguei o interruptor, observando o rosto dele quando a sala mergulhou numa penumbra suave.

Uma sensação de profunda pertença, de intimidade, apoderou-se de mim. Imaginei-o na ilhota do pântano apertado contra mim, a fazer amor comigo, o mundo palpitante mais uma vez a envolver-nos, o laço inviolável que tínhamos criado. Aproximei-me e encostei a cara ao seu

ombro e senti os seus braços, as volumosas mangas do seu hábito, subirem lentamente para me abraçar.

– Jessie – disse ele ao fim de um momento. – A biblioteca costuma estar deserta a esta hora mas temos de ter cuidado. – Olhou de relance para a porta e eu compreendi o risco enorme que ele estava a correr. – Só tenho quinze minutos antes do coro mas precisava de te ver.

Afastei a cabeça do seu ombro e olhei para ele. Mesmo na meia-luz, vi as pequenas sombras debaixo dos seus olhos e a sua postura parecia estranhamente rígida, como se os seus pulmões se tivessem dilatado e permanecido assim.

Apercebi-me de que me sentia aterrorizada com o que estava a passar-se no seu íntimo, a sua condição de monge, o poder daquilo que o trouxera para a abadia. Para estarmos juntos – e eu desejava-o agora com um sentimento próximo do desespero – seria necessário que ele também o desejasse, do mesmo modo que desejara Deus, e eu não sabia se era capaz de competir com isso. Não queria ser uma dessas sereias mitológicas que atraíam os marinheiros para os escolhos ou, mais precisamente, como a sereia Asenora que atraiu os monges para a sua perdição. Queria tocar-lhe na cara, encontrar a abertura do seu hábito, mas forcei-me a recuar um pequeno passo.

– Podes encontrar-te comigo amanhã às duas na doca da colónia? – estava ele a perguntar.

– Claro. Lá estarei – respondi.

Novamente silêncio. A sua mão estava pousada ao de leve na minha cintura enquanto falávamos mas retirou-a e eu vi-o passar o dedo pela frente do hábito, sacudindo o que percebi ser um dos meus compridos cabelos castanhos.

– É óptimo ter a tua mãe a cozinhar outra vez para nós – observou. – Suponho que é sinal de que está a restabelecer-se.

Íamos portanto entrar numa conversa banal. Íamos ficar naquela pequena sala – já não impregnada de tons pálidos e românticos mas apenas de uma penumbra vulgar – e usar a defesa de uma conversa inócua.

– A mão está praticamente curada – disse eu – mas receio que a cabeça nunca mais venha a estar.

Ele lançou um olhar ao relógio digital na secretária, pousado ao lado de um pequeno monte de exemplares do livro O Conto da Sereia do Dominic. Houve uma pausa aflitivamente gritante em que ele pigarreou. Que desânimo era este que eu sentia nele? Cautela? Não podia ser fácil para ele. Ou seria o seu comportamento, esta falta de entusiasmo, uma espécie qualquer de recuo? A culpa consumira-o tanto que queria repor a normalidade das coisas? Estaria simplesmente assustado?

– Depois de a Nelle ter feito o que fez – disse ele –, muitos de nós não puderam deixar de pensar na passagem da Bíblia em que Jesus fala em cortar a mão.

As palavras dele surpreenderam-me.

– Há um versículo na Bíblia sobre isso?

Ele passou os olhos por uma prateleira na parede, retirou uma Bíblia e começou a folheá-la.

– Aqui está. Faz parte do Sermão da Montanha de Cristo: "E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no Inferno."

Tirei-lhe o livro das mãos e li em silêncio as palavras, fechando depois o livro com força.

– É isso, não é? Foi onde ela foi buscar a ideia. É melhor cortar o dedo do que todo o corpo ser lançado no Inferno. – Voltei a pôr a Bíblia na prateleira. Era irracional mas sentia-me levemente indignada.

– Jesus estava a falar simbolicamente. É evidente que não pretendia que ninguém levasse à letra as suas palavras – disse o Whit.

– Pois, mas não achas que podia ter contado com a possibilidade de meia dúzia de loucos interpretarem mal a ideia dele? Isto é, sejamos francos, não é propriamente a coisa mais responsável de se dizer.

Os seus lábios contorceram-se, como que a conter o riso, e todo o seu corpo pareceu relaxar e respirar novamente. Por fim, não foi capaz de conter uma gargalhada.

– O que foi? – disse eu, começando a sorrir.

– Já ouvi chamarem muitas coisas a Jesus mas é a primeira vez que ouço alguém sugerir que era irresponsável.

Estendeu a mão e tocou-me no cabelo, deixando os nós dos dedos roçar a curva da minha face. Os seus olhos estavam iluminados mas não

apenas de divertimento; brilhavam exactamente como os recordava do nosso momento de amor. Quando me estiquei para o beijar, a electricidade estática faiscou entre nós e ambos saltámos para trás a rir.

– Estás a ver o que acontece quando se chama irresponsável a Jesus?
– disse eu, a brincar. – Apanha-se um choque.

– A sério – disse ele –, existem alguns relatos bizarros de santos que se mutilaram. Parece que foram inspirados por este versículo.

– Desde o princípio que disse que a minha mãe estava a fazer uma penitência qualquer, embora o Hugh ache que estou enganada.

– O Hugh? – disse ele.

E o silêncio abateu-se sobre a sala.

Tinha pronunciado o nome dele automaticamente, sem pensar. Porque é que o tinha trazido à conversa? Na altura assumi que foi um momento irreflectido mas, nos dias que se seguiram, assaltou-me a dúvida. Será que desejara falar no nome do Hugh? Confrontar o Whit com o pior para ver a sua reacção? Estava a preparar os obstáculos, as realidades secretas que se interpunham entre nós? Ele tinha mencionado Jesus; eu tinha mencionado o Hugh.

– Ah – disse eu –, o Hugh é... é o meu marido. É psiquiatra.

O Whit desviou os olhos, pousando-os na janela que não via a luz do dia. Estendeu o braço e acendeu novamente a luz e uma claridade ofuscante inundou a sala.

Desesperada por atenuar o momento, por tentar desviar o assunto do nome do Hugh, continuei a falar: – É que ele... enfim, ele acha que o impulso da minha mãe para cortar o dedo foi uma obsessão aleatória, sem significado.

Ele tentou sorrir, olhando para mim como que a dizer: Pronto, seja, continuamos como se não se tivesse passado nada.

– Mas tu pensas que foi penitência por qualquer coisa em particular?

– Penso. Só não sei por que coisa. – O tom informal que dava à voz soava desesperado. – Acho que é uma coisa antiga. Aliás, desconfio que o padre Dominic sabe o que é.

– O Dominic? – disse ele bruscamente e depois, olhando de relance para a porta, baixou a voz. – O que te leva a pensar isso?

– Primeiro diz-me o que pensas dele.

– É uma pessoa muito sincera. Um brincalhão por natureza, mas também tem um lado sério. Normalmente segue a sua própria ideia sobre as coisas, mas isso agrada-me nele. Diz-me, o que te leva a pensar que ele sabe alguma coisa sobre isso?

– Foi o que a minha mãe deu a entender – respondi. – E ainda agora na cozinha ouvi o Dominic perguntar-lhe se ela nunca mais lhes ia perdoar. A "nós", disse ele.

"Nunca mais nos vai perdoar?"

O Whit abanou a cabeça, claramente perplexo.

– Perdão? Porquê?

Encolhi os ombros.

– Quem me dera saber. Já tentei falar com o Dominic sobre a questão mas ele mostrou-se enigmático. E a minha mãe... enfim, dela não vou tirar nada.

Ele voltou a olhar para o relógio.

– Sinto muito, mas já devia ter ido há cinco minutos.

– Sim, vai. Eu espero aqui uns minutos e depois saio.

Depois de ele se ir embora, fiquei no meio do gabinete do Dominic naquela luz intensa e os meus pensamentos voltaram ao momento em que o Whit abriu a Bíblia e leu o versículo em voz alta, as ásperas palavras sobre cortar uma mão para salvar todo o corpo. Essa leitura referira-se apenas à minha mãe? Ou estaria ele a pensar no modo como acariciara o meu seio, a minha anca, o modo como me apertara contra ele? Estaria, à sua maneira, a dizer-me qualquer coisa? Sobre nós?

CAPÍTULO 26

Um pelicano castanho estava empoleirado na proa do barco do mosteiro, como um ornamento de capô, o "S" do seu pescoço descaído sobre o peito branco. Ao aproximar-me da doca da colónia, o pássaro abriu as asas, de extraordinária envergadura, e manteve-as abertas, secando as penas ao ar. O Whit estava na doca a admirar o espectáculo.

Não me viu até eu chamar pelo seu nome e, quando se virou, o pelicano bateu as asas e levantou voo.

Não sabia o que esperar, se ele entraria para o barco para voltar para o eremitério ou se ia ficar na doca. Se me ia tomar nos braços ou expulsar-me da sua vida.

Na noite anterior tinha-me sentado na cama, violentamente acordada por um pesadelo com mãos e dedos amputados. Havia montes deles no roseiral do mosteiro, em redor dos pés de Santa Senara, todos eles ainda a mexer, ainda vivos.

– Dá para acreditar no dia magnífico que está? – disse ele num tom despreocupado.

Não fales do tempo. Se falas do tempo desato aos gritos.

– Magnífico, realmente – respondi. Estava, de facto, o dia mais esplêndido que se possa imaginar. Luminoso, quente, essa sensação de Primavera apoderando-se de tudo à nossa volta.

Eu tinha vestido calças de ganga com uma camisa branca de mangas compridas e já estava cheia de calor e a transpirar. Tinha madeixas de cabelo coladas com cuspo, como diria a Dee, ao pescoço. Levei a mão ao bolso lateral da carteira, tirei o boné grená de baseball, enterrando-o bem na cabeça, e depois retirei os óculos de sol.

– Que dizes a um passeio? – perguntou ele e, quando acedi, começou a desamarrar a corda. Entrando para o barco, reparei que ele já tinha metido o saco de lona debaixo do assento.

– Onde está o Max? – perguntei.

Ele olhou para o passadiço e encolheu os ombros.

– Pelos vistos, hoje abandonou-me.

– As tantas ficou aborrecido por eu me ter intrometido da última vez.

– Se bem me lembro, foi contra ti que ele se enroscou depois... – Calou-se abruptamente, incapaz ou relutante em dizer as palavras e deixando a frase em suspenso no ar.

Conduziu lentamente o barco pelo canal enquanto eu ia sentada à proa, a olhar directamente em frente, consciente da fina película de culpa e hesitação que se formara – e sabendo que a menção do nome do Hugh no dia anterior tinha ajudado a criá-la.

Tinham passado duas semanas desde que o Hugh se afastara de mim no cemitério dos escravos e, durante esse tempo, não tinha telefonado uma única vez. Estava certamente magoado e, naturalmente, zangado.

Mas eu tinha a sensação de que também estava à espera de uma mudança no meu estado de espírito. O Hugh era uma pessoa extraordinariamente paciente, sempre apologista de deixar acalmar as coisas, de deixar que seguissem o seu curso, que chegassem lentamente ao fim – todas elas frases da sua predilecção.

Estou certa que era o psiquiatra nele, presidindo como presidia aos seculares mistérios da psicologia humana. Uma vez contara à Dee uma história sobre uma rapariga que tinha encontrado um casulo e lhe tinha arrancado a ponta, deixando sair a borboleta, e como a pobre criatura tinha emergido com as asas deformadas. – Não se pode forçar as coisas – dissera–lhe.

Eu dissera ao Hugh que precisava de um tempo de separação e era precisamente o que ele me estava a dar.

– Estamos separados, sabes? – disse eu, voltando-me para o Whit. – Eu e o Hugh. Separámo-nos por algum tempo.

Ele baixou os olhos para o fundo chato do barco e depois olhou para mim com uma expressão muito séria, mas que também me pareceu de alívio. Pôs o barco em marcha lenta e tudo se tornou muito mais tranquilo.

– Há quanto tempo estás casada? – perguntou.

– Vinte anos.

Estava a passar inconscientemente os dedos pela cruz.

– Um casamento feliz?

– Sim, feliz no princípio. Mas depois... oh, não sei. Não é que fôssemos infelizes. As pessoas que nos viam teriam dito que era um bom casamento... "O Hugh e a Jessie são tão compatíveis." Não estariam longe da verdade.

Tirei os óculos de sol, desejando que ele visse a minha cara, os meus olhos, não querendo que nada se interpusesse entre nós. Escutei por um momento as ondas a bater suavemente contra o barco. Quando ele não fez qualquer comentário, continuei: – Sabes como é quando os casais dizem: "Fomo-nos afastando gradualmente"? Foi o que eu quis pensar no princípio. Acreditar que a minha insatisfação era causada pela distância entre nós. É lógico pensar isso ao fim de vinte anos. Mas não me parece que tenha sido isso. Não nos fomos afastando gradualmente, aproximámo-nos de mais.

Tornámo-nos demasiado envolvidos e dependentes um do outro. Acho que precisava... – Calei-me. Não sabia que nome havia de lhe dar. – O que me vem à cabeça são coisas ridículas como "o meu próprio espaço", "a minha independência", mas ditas assim parecem tão superficiais. Não exprimem a realidade.

– Eu sei, é difícil explicar um impulso desses. No dia em que disse aos meus sócios na firma de advogados que vinha para aqui, riram-se como se eu estivesse a brincar.

– Abanou a cabeça e sorriu vagamente como se a recordação o divertisse. – Nunca consegui fazer-lhes compreender que aquilo de que precisava era estar, de algum modo, sozinho comigo mesmo. De um modo espiritual, quero eu dizer.

Enquanto falava, os seus olhos estavam postos nas curvas do canal, mas agora pousou-os em mim.

– Por aqui chamam-lhe "uma solidão de ser".

Os meus olhos começaram lentamente a encher-se de lágrimas. Porque eu compreendia, sim, o que ele queria dizer, porque ele me estava a oferecer essas palavras – uma solidão de ser – e elas eram perfeitas.

Voltando a pôr os óculos de sol, virei-me para trás, de frente para o canal, para o fluxo crescente da maré.

Dez minutos mais tarde, o Whit saiu do canal e enfiou o barco no afluente que levava à ilhota no pântano onde tínhamos feito amor. Reconheci-a imediatamente e olhei para ele. Ele sorriu desse modo que eu tinha começado a amar, revirando quase imperceptivelmente os cantos dos lábios. Nesse momento, pareceu-me que qualquer coisa nele tinha mudado, qualquer coisa se tinha quebrado. Senti-o no ar, à volta das nossas cabeças.

Quando o afluente se abriu sobre a lagoa, perfeitamente cercada pelas ervas do pântano, o Whit conduziu o barco para o centro e desligou o motor. O som à nossa volta extinguiu-se quando ele lançou a âncora.

– Vamos nadar – disse ele, começando a desabotoar a camisa. Continuei sentada, sem fala, enquanto ele se despia completamente, em pé no barco, uma expressa arrapazada e desarmante no seu rosto. Depois

saltou sobre a borda, agarrado aos joelhos, abanando de tal modo o barco que tive de me agarrar à amurada.

Ele veio à tona, a rir, abanando a cabeça, as gotas voando-lhe do cabelo como pedacinhos de vidro estilhaçado.

– Porque é que ainda estás aí sentada? – gritou, arrancando num crawl perfeito.

Despi a roupa e saltei.

A água estava absolutamente gelada. Era como cair num glaciar. Por um momento não consegui mais do que manter-me a flutuar, o meu corpo em choque. Há alguns anos, em Dezembro, o Hugh desviara os olhos da televisão e propusera que fôssemos ao lago Lanier no dia de Ano Novo participar num Mergulho dos Ursos Polares. Implicava que pessoas supostamente normais se atirassem para dentro de água gelada. Eu olhara para ele com absoluta incredulidade, relutante sequer em considerar a possibilidade.

Agora estava aqui, nesta água fria e brilhante.

Finalmente comecei a nadar, não com o movimento controlado e atlético do Whit mas a mergulhar por brincadeira, simplesmente a chapinar. A água estava turva, como café com leite, e era mais profunda do que imaginara, cinco ou seis metros, talvez. Aquilo era exaltante, como se o meu corpo estivesse vigorosamente desperto e finalmente a cantar após um longo silêncio.

Avistei o Whit no barco, com uma velha toalha branca à volta da cintura. Não me tinha apercebido de que ele voltara a subir para o barco. Nadei à cão até junto dele e ele puxou-me para cima e

envolveu-me numa toalha que só estava ligeiramente menos desfiada do que a dele.

– A roupa do mosteiro é sempre assim tão austera? – perguntei a brincar.

– Faz parte do nosso Programa Geral de Negação do Corpo – disse ele.

Manobrou o barco até ao limite da ilhota e encaminhámo-nos para o eremitério, ainda envoltos na toalha e com a roupa nos braços. Ele estendeu um cobertor castanho ao sol, ao lado da pequena cabana. Espreitando lá para dentro, vi a caveira de tartaruga da Hep-zibah

pousada sobre a nassa de caranguejos, exactamente como a tinha deixado.

Quando nos deitámos no cobertor, lado a lado, o sol surgiu sobre nós, tapado apenas por alguns farrapos de nuvens. Por um momento, senti-me zozza, essa sensação que se tem em criança quando se anda à roda e se cai numa doce tontura. Fiquei ali com o cabelo molhado, lama seca agarrada aos pés, e disse-lhe: – Só quero que sejamos honestos um com o outro, brutalmente honestos.

Ele disse:

– Brutalmente?

Eu sorri.

– Sim, brutalmente.

– Está bem – disse ele, ainda em tom de brincadeira. – Mas em geral sou contra a brutalidade, seja de que tipo for.

Fixei o olhar numa nuvem muito luminosa.

– Apaixonei-me por ti – declarei eu. – Caso contrário, não estaria aqui.

Ele tinha as mãos debaixo da cabeça numa postura perfeitamente descontraída, e lentamente baixou-as ao longo do corpo. Disse: – Eu sei que devemos ser honestos sobre o que está a acontecer mas... senti que ia abrir-se uma porta que não podíamos fechar.

– Porque teríamos de a fechar?

Ele sentou-se, olhando em frente com as costas arqueadas viradas para mim.

– Mas, Jessie, e se pões fim ao teu casamento por minha causa e depois... – Calou-se.

– E depois tu não és capaz de abandonar a abadia? É isso que estás a dizer?

– Não é o que estou a dizer. – Solto um suspiro. – Pronto, queres saber o que eu sinto? – O seu tom era como se se sentisse provocado, como se tivesse sido forçado a subir para um pequeno parapeito e tivesse visto a altura do salto que teria de dar. Sentia um ardor no fundo da garganta. – Também te amo – disse ele. – E isso assusta-me de morte.

Instalou-se um silêncio profundo. Só conseguia olhar para ele.

O seu corpo estava repleto de sombras do eremitério atrás de nós.

– Mas ambos sabemos que não é assim tão simples – disse ele. – O que quis dizer há pouco foi: e se acabasses com o teu casamento e te arrependesses mais tarde? Eu sei que disseste que estás separada do Hugh, mas como é que vais aguentar se puseres um ponto final ao teu casamento? Meu Deus, Jessie, como é que eu vou aguentar?

– Suspirou e o seu bafo atingiu-me na cara.

Puxei-o para baixo para o deitar ao meu lado. Ficámos ali a escutar os sons ténues e penetrantes do mundo.

– Se nos envolvermos, vamos causar sofrimento – disse ele. – Seremos ao mesmo tempo condenados e salvos.

– Eu sei – disse-lhe eu. – Eu sei.

Ele soergueu-se sobre um cotovelo e puxou-me impetuosamente para si. Sabia que ele estava a entregar-se. A mim, a nós, ao que quer que acontecesse. Abraçou-me, segurando-me na cabeça com a mão. Senti a pressão dos seus dedos, o seu coração bateu com força enchendo o meu corpo.

Fizemos amor ao sol e, mais tarde, deitados no cobertor, comecei a chorar. Um choro convulsivo que inicialmente assustou o Whit, mas continuei a sorrir-lhe com a cara molhada, dizendo:

– Não, não, não faz mal, é porque estou absolutamente feliz. – Não disse absolutamente completa, embora tivesse sido essa a minha vontade.

Vestimo-nos e ele colocou o cobertor sob o tecto do eremitério, ao abrigo do sol. Quando nos instalámos nele, passou-me uma velha garrafa-termo de metal com água e depois remexeu no fundo do saco de lona.

– Quero mostrar-te uma coisa – disse ele, tirando dois livros: Legenda Áurea de Tiago de Voragine; não consegui ver o outro título.

– Estive a consultar alguns dos santos... os que levaram Jesus demasiado a sério a respeito de cortar o "membro transgressor".

Agradou-me que ele quisesse envolver-se, ajudar-me na situação com a minha mãe. Só mais tarde me lembrei de como me tinha oposto veementemente ao envolvimento do Hugh, e não fui capaz de explicar a diferença.

– Descobri uma Santa Eudoria no século XII que cortou o dedo – disse ele. – Era prostituta até ter sido convertida por um frade

franciscano.

– Prostituta?

– É, mas a parte interessante não é essa – disse ele, embora, para ser franca, eu não estivesse assim tão certa.

– Supostamente, depois de cortar o dedo, plantou-o num campo e brotou dele um feixe de espigas de trigo. A Nelle podia estar a plantar o dedo e não a enterrá-lo.

A ideia sobressaltou-me um pouco.

– Achas que a minha mãe quis copiá-la?

– Antigamente, na Irlanda, havia uma coisa chamada "martírio branco" – disse o Whit. – O nosso abade está sempre a pregar sermões sobre isso... tenho a certeza de que a Nelle deve ter ouvido alguns. Significa seguir as pisadas de um santo, imitando o que ele fez.

– A minha mãe era capaz disso... de cortar o dedo e plantá-lo só porque uma santa o fez há seiscentos anos.

A Legenda Áurea tinha uma sobrecapa gasta e antiga com uma imagem horrorosa de Jesus usando o que parecia ser uma coroa britânica. Tinha um ceptro erguido sobre uma multidão de homens ajoelhados com auréolas de santos.

– Quando comecei a procurar este livro – disse o Whit –, não o encontrei na estante e, como tal, fui perguntar ao Dominic. Ele abriu a gaveta da sua secretária e lá estava o livro juntamente com este: Tradições Religiosas Indígenas.

"O Dominic disse-me que o irmão Timothy encontrou os dois livros na cozinha imediatamente depois de a Nelle cortar o dedo. Aparentemente, ela tirou-os da biblioteca.

Marcou uma página em cada um deles... a de Santa Eudoria e esta. – Abriu o segundo livro numa folha com o canto dobrado e pousou-mo no colo."

Olhei para a ilustração de uma sereia cujos dedos estavam representados como golfinhos, focas, peixes, baleias.

– O que é isto ?

– Chama-se Sedna. É uma deusa marinha esquimó. Todos os seus dedos foram cortados. Os dez.

Li o texto por baixo da imagem, uma história mágica, ainda que ligeiramente assustadora. Uma jovem envia uma mensagem ao pai para

que vá salvá-la de um marido cruel.

Estão em fuga no barco dele quando o marido lhes surge no encalço. Temendo pela vida, o pai lança a filha borda fora mas ela agarra-se à parte lateral do barco e recusa-se a largá-lo. Em pânico, o pai corta-lhe os dedos um a um.

Li as duas últimas frases em voz alta.

– "Afogando-se no oceano, Sedna tornou-se uma poderosa divindade feminina com cabeça e tronco de mulher e cauda de peixe ou foca. Veio a ser conhecida como "Mãe do Oceano", os seus dedos cortados transformando-se nas criaturas marinhas que povoam as águas."

Havia uma legenda adicional que acompanhava a história, a respeito do número dez, por ela ter perdido, imaginei, os dez dedos. Passei os olhos por ela.

– "O número dez era considerado o número mais sagrado. Os pitagóricos consideravam-no o número da regeneração e da plenitude. Tudo emanava do dez."

Olhei para a imagem de Sedna, para o cabelo penteado em longas tranças, para o poderoso rosto de esquimó.

– Não é exactamente uma santa católica.

– Mas pode ter feito lembrar à Nelle a Santa Senara – disse o Whit. – Antes de se converter, ainda era Asenora, a sereia.

Estremeci e ele aproximou-se e apertou-me contra ele. Ficámos sentados em silêncio durante algum tempo. Não consegui voltar a falar sobre isto, sobre esta faceta de mártir da minha mãe.

Tinha-se levantado uma brisa que agitava os lados do cobertor. Reparei que a luz se diluía um pouco.

– Detesto dizer isto, mas tenho de me ir embora – disse o Whit.

Voltou a guardar os livros no saco, atarraxou a tampa da garrafa-termo, dobrou o cobertor que eu tinha a certeza que era da cama dele. Fez tudo isto sem falar e eu observei as suas mãos, a forma como rasgavam o ar, a pele bronzeada como pergaminho, os dedos compridos e ásperos com pequenos calos.

Pousei a mão no seu braço.

– Vai ser penoso participar no coro e nas orações depois... depois disto?

– Vai – respondeu sem olhar para mim.

Quando chegámos junto à água, reparei que a maré estava estacionária, esses escassos momentos suspensos entre a baixa-mar e a preia-mar. O meu pai chamava-lhe a "vira-mar". Um dia chamou-nos, a mim e ao Mike, estávamos nós no quintal, e levou-nos ao canal de Caw Caw para a vermos. Tínhamos ficado a contemplar a maré enchente, profundamente entediados, o Mike a atirar caracóis de água doce, fazendo-os rasar a superfície. Quando a corrente finalmente chegou ao termo do seu esforço, a água ficou absolutamente parada – nem uma folha de morraça se movia e, minutos depois, como se um maestro tivesse agitado a batuta, toda a água começou a refluir no sentido contrário, voltando a afastar-se.

O Whit virou o barco à esquerda para o afluente que desaguava no canal. Em cima, as gaivotas voavam em círculos no céu e, atrás de nós, a ilhota do pântano ia gradualmente desaparecendo. Senti-o resvalar novamente para a sua vida de monge, o oceano girando à nossa volta. O implacável movimento das marés.

CAPÍTULO 27

Whit

Whit estava à porta do gabinete do abade no primeiro dia da Primavera, com uma mensagem na mão que lhe fora entregue pelo irmão Bede, o baixinho secretário do abade.

Tinha-a passado a Whit imediatamente antes do ofício da terça, sussurrando: – O abade quer falar consigo logo a seguir ao coro.

Whit dobrara-o com uma sensação trémula, um ardor no estômago. Quando as orações terminaram, seguira Bede pelo transepto da igreja até ao gabinete de Dom Anthony.

Apesar de ter tentado interpretar a expressão de Bede quando chegaram à porta, sondando a sua testa impossivelmente pequena e os

seus olhos verdes do tamanho de ervilhas, não conseguiu descortinar nada.

– O abade chama já por si – disse-lhe Bede, afastando-se vagarosamente, a bainha do hábito a arrastar pela alcatifa do corredor.

Agora estava à espera, esse tipo de espera que tem como fachada uma falsa calma, mas que por baixo se agita violentamente.

Ouviu um zunido forte e arranhado e aproximou-se da janela do corredor. Um dos monges estava a cortar uma escumilha morta com uma motosserra. Teria sido chamado por causa de Jessie? Porque o padre Sebastian tinha lido o seu caderno naquela noite em que fora a sua casa?

Quando abriu a porta, Dom Anthony acenou com a cabeça, as suas feições irlandesas austeras e as faces manchadas de uma tonalidade cereja. Whit fez-lhe uma pequena vénia antes de entrar.

Havia um quadro atrás da secretária do abade de que Whit gostava muito – uma anunciação em que Maria fica tão abalada com a notícia de Gabriel da sua iminente maternidade que deixa cair o livro que está a ler. Este escorrega-lhe da mão que está suspensa no ar. Os seus lábios estão entreabertos e nos seus olhos há uma expressão de choque e ingenuidade. Whit levantou os olhos para o quadro, vendo pela primeira vez o terror absoluto no seu rosto. De repente, sentiu piedade dela. Trazer Deus no ventre. Era pedir demasiado.

Dom Anthony sentou-se à secretária de mogno mas Whit continuou de pé. A espera. Sentia pesar, pena que terminasse assim. Perguntou a si próprio como poderia regressar ao mundo. Aos filmes do Rambo e a Boy George na rádio. A cara chorosa de Tammy Faye Bakker na televisão. Como podia voltar a toda essa ganância e consumismo? O mercado bolsista tinha sofrido um colapso em Outubro passado, uma queda de quinhentos pontos – lera no jornal – e não o tinha perturbado

nada. Se regressasse ao mundo, teria de pensar no lado financeiro, em restabelecer a sua firma de advocacia.

Pela janela, à direita, vislumbrou um retalho de céu azul-safira que o levou a pensar na colónia, nas garças a encher as árvores e nas chamas brancas que as suas penas criavam nos ramos. Pensou nas saudades que teria disso.

– Não é cedo de mais – estava Dom Anthony a dizer – para marcarmos a sua cerimónia para os votos solenes. – O homem idoso começou a folhear as páginas de um calendário de mesa. – Estava a pensar no Dia de S. João Baptista, a vinte e quatro de Junho, ou então no de S. Barnabé, a onze.

– Votos solenes? – repetiu Whit. Estava perfeitamente convicto de que ia ser convidado a sair. Tinha-se preparado para essa humilhação. Disse pela segunda vez: – Votos solenes?

Dom Anthony fitou-o de olhos semicerrados.

– Sim, irmão Thomas. É tempo de pensar em apresentar a sua rogatória. – A exasperação começou a transparecer na sua voz, o tom de um professor com um aluno distraído.

Pegou num lápis, segurando nele frouxamente e deixando-o tamborilar na secretária como uma baqueta de tambor. – Pois bem. Quanto à cerimónia, pode convidar quem quiser. Os seus pais são vivos?

– Não sei – respondeu Whit.

Dom Anthony pousou o lápis e cruzou as mãos.

– Não sabe? Não sabe se os seus pais estão mortos ou vivos?

– Sim, isso sei, claro – respondeu Whit. – A minha mãe está viva. O que quero dizer é que... – Voltou-se para a anunciação, consciente do olhar do abade fixo em si.

Estivera a ponto de dizer que não sabia se podia fazer os votos, mas calara-se. Pensou na oração de Thomas Merton que tinha escrito num

pequeno cartão azul e afixado no espelho por cima do seu lavatório: "Meu Deus e Senhor, não faço ideia para onde vou. Não vejo a estrada à minha frente. Não posso saber ao certo onde termina.

Tão–pouco me conheço verdadeiramente e o facto de pensar que estou a seguir a Tua vontade não significa que esteja realmente afazê–lo."

– Reverendo padre – começou –, não estou seguro acerca dos votos solenes. Já não tenho a certeza se quero professar.

Dom Anthony arrastou a cadeira para trás e levantou–se com aflitiva lentidão. Por um momento fixou o monge noviço, suspirando: – Andou outra vez a ler Dietrich Bonhoeffer? – perguntou.

– Não, reverendo padre.

O abade proibira–o de ler mais escritos do teólogo protestante depois de descobrir uma determinada citação irresolúvel de Bonhoeffer no caderno de Whit: "Perante Deus e com Deus vivemos sem Deus." A impiedosa honestidade da reflexão tinha agradado a Whit. Parecera–lhe captar o paradoxo que carregava constantemente dentro de si.

Dom Anthony contornou a secretária e pousou a mão no ombro de Whit.

– Folgo em saber que o pôs de lado. É uma pessoa particularmente permeável à dúvida e, por isso, o melhor é não a alimentar. Sobretudo agora que está perto de pronunciar os seus votos. Todos passámos por uma noite de trevas em que fomos postos à prova... nisso não está sozinho. Vai jurar passar o resto da sua vida aqui, morrer aqui, renunciar a todos os bens materiais, respeitar o celibato e entregar–se à obediência. Ninguém faz isso de ânimo leve mas mesmo assim fazemo–lo. Fazemo–lo porque o desejo do nosso coração é Deus. – O abade sorriu–lhe. – Há–de sobreviver à sua noite de trevas, irmão Thomas. Pense no discípulo cujo nome tem. Porque acha que escolhi esse nome para si?

Ele duvidava, não é assim? Mas no fim venceu a dúvida através da fé e o irmão há-de vencer também.

Dom Anthony regressou à cadeira como se estivesse tudo resolvido – a noite de trevas, a dúvida, a fé – tudo convenientemente dissecado, remontado e colocado no devido lugar. Whit queria dizer-lhe que devia ter adoptado o nome de Jonas, que fora engolido pela abadia, que tinha viajado no ventre escuro e luminoso deste lugar desde o momento em que chegara, mas que agora seria de novo cuspidor para essa outra vida. Phil, Oprah, Sally. As meias de rede da Madonna. A Vingança dos Nerds e filmes do género. Lá fora onde as pessoas normais, até os empregados bancários, usavam a palavra "altamente" para descrever as coisas mais banais.

Ouviu novamente a motosserra, desta vez mais distante. Sentiu-a no peito. Dom Anthony cogitava, debruçado sobre o calendário. Whit reparou nos tufo de pêlo claro que ele tinha nos nós dos dedos. Sobre a sua cabeça, o livro de Maria estava perpetuamente a cair.

O que tinha estado realmente aqui a fazer?

E se a sua estadia no mosteiro não fosse uma questão de fazer as pazes com um Deus que simultaneamente estava e não estava aqui, mas de encontrar uma espécie de imunidade à vida? E se tivesse confundido iluminação com asilo?

E se a santidade tivesse mais a ver com agarrar a sua vida lá fora?

O abade tinha dito que devia fazer os votos porque o desejo no seu coração era Deus e ele desejava Deus, sim, mas – sabia-o agora – desejava Jessie ainda mais.

Não podia ignorá-lo. Nem o seu corpo nem o seu coração lhe permitiam, mas a sua alma também não. Esta estava a tentar comunicar-lhe qualquer coisa. Tinha a certeza.

Uma coisa que aprendera com o facto de estar ali era que a alma procurava incessantemente erguer a voz e, em geral, de formas exasperantemente enigmáticas – nos seus sonhos, na confusão de impressões e sentimentos que tinha quando estava sozinho no pântano e, de tempos a tempos, nos sintomas do seu corpo, como daquela vez em que tivera urticária e o afastaram do trabalho na colónia, pondo-o a ajudar na Casa das Redes. Mas em momento algum a alma falava mais insistentemente do que através do desejo. Por vezes o coração desejava o que a alma exigia.

– Acho que o Dia de S. João Baptista seria a melhor data – disse Dom Anthony.

– Sinto muito, reverendo padre. Não posso marcar uma data agora. – Whit levantou o queixo. Cruzou os braços sobre o peito e fincou os pés nessa postura aberta e imponente que sempre usara em tribunal durante as alegações finais. Um jornalista forense tinha-o comparado uma vez a Napoleão, em pé na proa de um navio, a caminho da batalha. – Não posso porque não sei se alguma vez serei capaz de pronunciar os meus votos. Não sei se Deus é o desejo do meu coração.

A sala permaneceu em silêncio, um silêncio perfeito. Martelava-lhe nos ouvidos, estalando-lhe nos tímpanos como se ele estivesse a descer das nuvens num avião. Dom Anthony aproximou-se da janela, parando de costas para Whit.

Passaram minutos antes de ele finalmente se virar.

– Tem então de se entregar à noite de trevas. Deve lá permanecer o tempo necessário a encontrar a fé e a tomar a sua decisão. Que Deus esteja consigo. – Levantou a mão, dispensando-o.

Dirigindo-se para casa, Whit pensou nas inúmeras coisinhas na ilha de que teria saudades. Dos crocodilos a sulcar, submersos, os canais, deixando só de fora os olhos protuberantes. Das ostras nas suas conchas

à noite, que se abriam quando ninguém estava a olhar. Mas sobretudo das garças a levantar voo do pântano, transportando a luz no dorso.

CAPÍTULO 28

Comecei a ir sozinha à ilha do pântano na colónia, na velha canoa da Hepzibah, chegando muito antes de o Whit aparecer na sua ronda. Criei um lugar para mim mesma, um lugar onde me sentia isolada com os caranguejos azuis e as garças pernaltas. Até ao fim de Março e nas primeiras duas semanas de Abril, fui à ilha quase todos os dias, faminta do Whit mas levada também por um insaciável desejo de estar só.

Disse à minha mãe a verdade, pelo menos em parte – que andava de canoa pelos canais porque precisava de tempo para reflectir sobre determinadas coisas. Ela tirou imediatamente a conclusão precipitada de que eu queria reflectir sobre o meu casamento. Tinha reparado nos meus anéis na pregadeira do meu quarto, e perguntava repetidamente por que razão o Hugh se tinha ido embora da ilha tão depressa, porque é que tinha deixado de telefonar. Falava apenas com a Dee ao telefone, todas as semanas, e se ela desconfiava da minha continuada ausência de Atlanta não fazia comentários.

– O teu casamento anda mal, não anda? – sondou a minha mãe e, antes de eu conseguir formular uma resposta, disse: – Não negues. Está estampado na tua cara e não vejo como é que vais resolver as coisas quando te deixas estar por aqui a andar de canoa pelos canais. – Repisou o assunto durante dias.

Até quando a Kat e a Hepzibah apareceram por lá, a minha mãe abordou a questão, lançando-se nos pormenores das minhas ausências diárias.

– Sinceramente – disse-lhes ela –, não vejo como é que uma pessoa arranja tanto que fazer nesses canais sozinha. Parece que regressou à infância, quando ela e o Mike passavam lá quase todo o dia.

A Kat e a Hepzibah trocaram olhares.

– Tenho ido para lá precisamente para estar sozinha – apressei-me a dizer.

Quando as duas se foram embora, segui-as até ao alpendre.

– A verdade é que me encontro com ele – disse eu. – Todas as tardes durante duas horas. Mas a maior parte do tempo que lá passo estou sozinha; não sei porquê...

preciso simplesmente de solidão.

– Parece que andas a viajar – disse a Hepzibah.

Por um momento, olhei para ela sem compreender o que queria dizer até que me lembrei do que tinha dito naquele dia, durante a visita guiada, sobre o povo Gullah quando ia para a floresta.

Tenho a certeza de que as minhas visitas solitárias à colónia representavam uma espécie de migração, mas duvido que fossem tão sublimes como as visitas do povo Gullah.

As minhas eram decididamente sensuais, uma espécie de romance comigo mesma e com a ilha. E com o Whit, naturalmente.

Uma coisa sei: obscureciam tudo o resto – todas as preocupações com a minha mãe, com a razão por que lera os livros da biblioteca do mosteiro, com a ideia de que se envolvera num qualquer martírio branco. Era fácil descurá-la agora perante as melhoras aparentes do seu estado. A cozinhar para os monges, ocupada, activa, normal.

Quem começou a entregar-se a um comportamento estranho fui eu – actos chocantes e extravagantes que, dois meses antes, teriam sido impensáveis.

Uma tarde, imediatamente depois do equinócio da Primavera, sentei-me ao lado do eremitério do Whit a observar um maçarico-de-asa-branca a construir um ninho no pântano e a ouvir o David Bowie cantar "Let's Dance" num Walkman que tinha comprado no minimercado Caw Caw. O dia estava abafado e húmido e os caramujos dormiam, letárgicos, na morraça. Garças, ostraceiros, garças-brancas povoavam tão densamente os baixios que parecia um parque de estacionamento do Audubon. Reparando numa pequena tartaruga de dorso de diamante, levantei-me e segui-a.

A criatura fazia-me lembrar a caveira de tartaruga, agora permanentemente instalada em cima da nassa de caranguejos no eremitério, que por sua vez me fazia lembrar a Kat, a Hepzibah e a minha mãe a dançarem nos Piqueniques das Raparigas. Imaginando-as, comecei a baloiçar-me um pouco. Nunca tinha dançado nos piqueniques; era uma coisa exclusiva delas. Mais tarde, já adulta, tinha sentido vergonha de dançar, demasiado inibida até para dançar sozinha, mas nesse dia, com o David Bowie a insistir nos meus ouvidos – "Let's Dance, let's dance" – comecei a fazê-lo com um abandono completo, a

saía do meu vestido de alças de musselina branca a esvoaçar como o da Isadora Duncan. Adorei a sensação do meu corpo a mover-se assim, a fazer o que queria.

Todos os dias levava o Walkman para a ilha e dançava ao som das cassetes que arranjava no Caw Caw: Júlio Iglesias e Willie Nelson a cantar "To Ali the Girls Fve Loved Before", "Woman in Love" de Stevie Wonder, a banda sonora de Dança Comigo. Até comprei os Pink Floyd.

Mais tarde, ofegante e esgotada, deitava-me na lama densa e com palmadinhas aplicava o lodo preto e brilhante nos braços e nas pernas – como se fosse um tratamento à pele numa estância termal. A substância viscosa exalava um odor quente, vivo, a clorofila e a putrefacção, como as fábricas de papel perto de Savannah, mas eu sentia necessidade dela. Não faço ideia porquê; suponho que era um acto irracional. Ficava ali estendida com a pele coberta de lama a secar e comprazia-me nela por uma hora ou mais, observando o céu reflectido na água e sentindo a insistente palpação da terra à minha volta.

Uma tarde, quando o Whit não apareceu por causa de uma casa de banho inundada no Centro de Atendimento do Mosteiro, assisti ao pôr-do-sol e à transformação da água em tons de cornalina e topázio. Ouvi golfinhos a passar, emitindo os seus sopros, e quando o silêncio se tornou opressivo, fiquei à escuta do crepitar dos uçás a avançar nos rasos de lama e dos ínfimos estalidos dos camarões-pistola a bater com as pinças umas nas outras.

Nesses momentos, afundava-me no húmus da ilha e tornava-me inseparável dele. Só quando a minha pele começava a retesar-se e a arder ao ponto de me apetecer arranhá-la é que mergulhava na água e nadava para lavar a lama. Com a pele rosada e vibrante, dei-tava-me nas ondas e deixava-me flutuar. Uma vez arrastaram-me pela lagoa circular, ao longo do afluente e até ao canal de Caw Caw, e vi-me obrigada a lutar contra uma maré enganadoramente forte para voltar à ilha.

Mais do que com a dança ou os banhos de lama, era com a água que sentia prazer. Água movediça. Estava cheia de substâncias putrefactas e mortas e, ao mesmo tempo, de plâncton, ovas e vida a desabrochar. Refluía, arrastando tudo consigo, e depois transformava-se num estuário transbordante e amniótico. Precisava dela como de ar.

Nunca falei ao Whit destas coisas, embora ele percebesse decerto que eu tinha estado a nadar e talvez adivinhasse o resto. Todas as tardes me encontrava à espera dele com o cabelo encharcado e vestígios reveladores de lama do pântano nas rugas dos meus cotovelos.

Hoje revejo a minha digressão dionisíaca e apenas a compreendo um pouco melhor, como estava a abrir-me ao que de mais rapsódico havia em mim. Em certa medida, esses dias eram governados pelo instinto e pela carne. Quando sentia fome, comia o que tinha levado de casa, empanturrando-me normalmente de maçãs, e, quando tinha sono, deitava-me simplesmente numa das colchas velhas da minha mãe e dormitava. Mas, no âmago de tudo, julgo que a Hepzibah tinha razão. Estava a viajar.

Apoderei-me da nassa de caranguejos do Whit, cobri-a com uma tarrafa e gradualmente juntei à caveira de tartaruga todo um conjunto de objectos. Penas de águia-pesqueira, ramos de trombeteiras, conchas de ostras e bivalves, uma pinça de caranguejo que tinha encontrado junto à água. Num impulso, acrescentei à miscelânea as chamadas Lágrimas de Sereia – os pequenos seixos que comprei na loja da Kat da primeira vez que a visitei. Pus também meia dúzia de cascas de maçã em cima da nassa, as minhas patéticas tentativas para criar meninas dançarinas, que tinham acabado numa massa de anéis vermelhos partidos. Um dia, ao remexer na carteira à procura de um pente, tirei o cachimbo do meu pai e juntei-o também à colecção.

Todos os dias, quando partia da ilha, metia os objectos num saco de plástico, que guardava dentro da nassa, e depois voltava a montar tudo quando regressava. Inicialmente pensei que estava a seguir o exemplo da Hepzibah e a criar a minha própria mesinha de exposição. Depois ocorreu-me que talvez estivesse a domesticar o eremitério, a decorá-lo, a torná-lo nosso. Estaria a brincar às casinhas?

Uma vez apanhei o Whit a contemplar o arranjo, a forma como ficava debaixo da cruz de folhas de palmito que ele tinha pregado à parede.

– É um altar? – perguntou, surpreendendo-me.

Muitas vezes montava a minha paleta e a tela dentro do eremitério e pintava sucessões infinitas de mulheres a mergulhar. Pintava-as de ângulos diferentes, captando-as em estádios progressivos do mergulho.

A água em volta delas mudava de cor em cada tela, passando por uma série de azuis violeta, verdes, amarelos alaranjados e, por fim, fogosos vermelhos-de-pompeia. Umas vezes a mergulhadora – sempre nua – era pintada com realismo pré-rafaelita e atenção ao pormenor e outras era uma forma negra debruada a dourado, primitiva e estilizada, mas sempre, pelo menos para mim, radiante na sua descida. Algumas das pinturas mostravam-na a largar uma estranha corrente de objectos que flutuavam até à superfície à medida que ela mergulhava cada vez mais fundo. Espátulas, ímanes de frigorífico, utensílios de cozinha, alianças, crucifixos, madeira queimada, cascas de maçã, um par minúsculo de gansos a beijar-se.

Sim, claro que eu compreendia que as pinturas eram uma série de auto-retratos – como podia não compreender? – e, no entanto, não os controlava. Surgiam como erupções, como geysers. Não sabia quando o mergulho ia acabar, em que espectro do arco-íris a água se transformaria a seguir, onde estava o fundo ou o que poderia acontecer quando a mulher o alcançasse.

Todos os dias, mais ou menos a meio da tarde, começava a esperar pelo Whit. Quando ele chegava à ilha, já eu estava febril de desejo. Entrelaçávamo-nos um no outro no eremitério e fazíamos amor, tornando-nos cada vez mais familiarizados com o corpo um do outro e murmurando incessantemente o nosso amor. Sentia-me inebriada de felicidade e paixão durante esses encontros, com a sensação de ter chegado a casa, mas, ao mesmo tempo, de empreender um êxodo, de voar para um lugar eterno.

Depois de fazermos amor, conversávamos até ele ter de partir. Deitada nos seus braços, falei-lhe uma vez dos Amantes no Céu Vermelho de Chagall, como o casal – na opinião de alguns, Chagall e a mulher, Bella – estava entretecido num laço glorioso, como flutuava sobre o mundo.

– Mas não podem ficar lá em cima para sempre – dissera o Whit e eu sentira um ligeiro abatimento, uma inquietude.

Só ocasionalmente falávamos sobre qualquer espécie de futuro. Ambos assumíamos que existia um, mas não estávamos preparados para o fazer acontecer. Parecia-nos precipitado.

Uma parte dele, uma parte muda e oculta que eu amava e temia ao mesmo tempo, estava a despedir-se dolorosamente do mosteiro, da sua vida aí. E algures dentro de mim, suponho que também me estava a despedir de vinte anos de casamento embora, para ser completamente honesta, procurasse conscientemente não pensar nisso.

Mas aquilo em que pensava, sim, incessantemente, durante essas horas na ilha, era no meu pai. Ele parecia um fantasma que pairava sobre o telhado do eremitério e por todo o lado nos juncais. Evocava constantemente o dia em que os monges apareceram em nossa casa com os destroços carbonizados do seu barco, o estoicismo com que a minha mãe tinha acendido o fogo na lareira e atirado as tábuas para as chamas. Ao vê-las arder, tinha sentido pela primeira vez a profunda fractura que a sua morte viria a criar na minha vida.

Durante a semana da Páscoa, só estive com o Whit uma vez. O seu trabalho na colónia foi interrompido enquanto ajudava o irmão Bede nas duas últimas semanas da Quaresma, com todos os nobres e sagrados preparativos que tinham de ser feitos entre o Domingo de Ramos e a vigília pascal. A questão dos lírios de Páscoa, dos santos óleos, das velas pascais, da bacia e do jarro para a lavagem dos pés, das vestimentas brancas, das vestimentas pretas. Só apareceu na quinta-feira, Quinta-Feira Santa, ou como a minha mãe disse nesse dia de manhã, revertendo ao seu latim católico, "Feria Quinta in Coena Domini", "a quinta-feira da Última Ceia".

Envergando a camisa verde-mar de que ele gostava, fui ao seu encontro junto à água e esperei que fundeasse o barco. Tinha preparado um piquenique que dispus lá perto, sobre uma toalha de mesa às flores vermelhas e brancas: a tarte de tomate da minha mãe, morangos, nozes caramelizadas de Market Street, uma garrafa de vinho tinto.

Ramos de azáleas silvestres brancas que eu colherei no jardim da Kat ocupavam o centro da toalha.

Quando o Whit viu o que eu tinha feito, baixou-se e beijou-me na testa.

– Isto é uma surpresa. Qual é a ocasião?

– Bem, deixa cá ver. – Fingi dar voltas à cabeça. – É Quinta-Feira Santa. Além disso, é o aniversário das seis semanas e um dia da nossa relação.

– Temos um aniversário?

– Claro que temos. Dezassete de Fevereiro, o dia em que nos conhecemos. Era Quarta-Feira de Cinzas. Lembras-te? Nem sempre foi o dia mais alegre do ano para mim e, como tal, achei boa ideia transformá-lo num aniversário.

– Estou a ver.

Sentámo-nos na toalha de mesa e ele pegou no vinho. Tinha-me esquecido dos copos e cada um de nós bebeu um gole directamente pela garrafa, rindo quando me escorreu pelo queixo. Enquanto partia a tarte de tomate e colocava as generosas fatias em pratos de papel, continuei a conversa, tagarelando animadamente.

– No primeiro ano, celebramos o nosso aniversário todos os meses no dia dezassete e a partir daí assinalamo-lo anualmente. Sempre na Quarta-Feira de Cinzas.

Quando levantei os olhos, ele tinha deixado de sorrir. Pousei o prato. Tive a terrível sensação de que me ia dizer que não teríamos aniversários anuais, que tinha decidido continuar na abadia. E se a Páscoa o tivesse afectado? A ressurreição de Jesus. O sangue gelou-me nas veias.

Ele puxou-me para si, abraçando-me com uma força quase dolorosa.

– Podíamos viver perto de Asheville – disse. – Ao fundo de uma estrada de terra batida, no meio de um ermo. E andar a pé aos fins-de-semana. Ou sentar-nos no café na livraria de Malaprop. – Apercebi-me então de que ele estava simplesmente afectado pela ideia de ter uma vida recheada de pequenos pormenores domésticos e de um fluxo de dias, de aniversários. Era como se, de algum modo, tudo tivesse acabado de se tornar real para ele.

– Adorava isso – disse-lhe eu. Mas, para ser franca, causou-me inquietação. Andar a pé era o que eu e o Hugh fazíamos. Fins-de-semana nas montanhas a norte de Atlanta, numa pequena povoação chamada Mineral Bluff.

Mais tarde, depois de comermos, enquanto zuniam abelhas nas flores de azálea, o Whit contou uma história bizarra sobre um crocodilo de quase um metro que tinha entrado na igreja no segundo ano em que estava no mosteiro e como o abade, assim que o viu, saltou para cima do altar.

Reclinei-me sobre os cotovelos e pousei os pés nus no regaço dele. Saboreei os últimos morangos enquanto ele me massajava os pés. Ele disse qualquer coisa sobre as noivas a quem lavam os pés antes do casamento, que era um velho costume. Não me recordo agora se disse que era bíblico ou asiático, apenas recordo que era o tipo de banalidade obscura e antediluviana que só o Whit conhecia.

Ele deslizou para mais perto da água, puxando-me consigo. Apanhando mãos-cheias de água, verteu-mas sobre os pés, passan-do-me as mãos pela pele molhada. Depois avançou lentamente pelos meus tornozelos, acariciou-me a planta dos pés com os polegares e deixou que os seus dedos deslizassem entre os dedos dos meus pés. Observei-o sem falar. Não sabia que pacto estávamos a celebrar mas senti-o nas suas mãos e vi-o no seu rosto.

Fechei os olhos e senti-me descer com a mulher mergulhadora. Algures nas minhas pinturas, havia um lugar sem retorno.

CAPÍTULO 29

Na noite do Piquenique das Raparigas, a minha mãe voltou atrás. Deteve-se no alpendre da entrada com uma saca de bolachas benne na mão, vestindo uma camisa de algodão azul-marinha com a gola encorruilhada e calças largas beges esticadas no cós elástico, e informou a Kat, a Hepzibah, a Benne e eu própria que não ia. Tinha lavado a cabeça e deixara o cabelo secar ao ar, o que apenas tinha feito com que uma teimosa madeixa branca lhe desse cabo do penteado.

– Oh, por amor de Deus – disse a Kat. – Haverá mulher mais casmurra? Será que tenho de ir outra vez buscar o diabo da écharpe de hibiscos ?

A minha mãe levou as mãos às ancas.

– Não estou com nenhum problema na mão, Kat Bowers.

– Então que é? É por causa do cabelo?

– Que mal é que tem o meu cabelo? – A minha mãe estava praticamente a gritar.

– Pegaram-se as gatas – disse a Benne.

A Hepzibah interpôs-se.

– O que é que lhes deu às duas? Deus me livre!

– Ouve, mãe, compreendo a tua relutância – disse eu. – Mas preparámos esta comida toda. Os carros de golfe estão carregados e a Hepzibah já apanhou lenha para uma fogueira na praia. Já nos mentalizámos que íamos fazer isto.

– Então, façam favor, vão sem mim.

– Não vamos nada sem ti – disse a Kat. – Ou somos todas ou não é nenhuma... foi o acordo.

Ali estava a razão por que o meu pai lhes tinha chamado as Três Egreteiras. O acordo tácito, esse pequeno laço cimentado que elas tinham feito com os fios e lançado ao mar.

Continuámos a tentar convencê-la, explorando a via da culpa, ignorando as desculpas dela, até que por fim ela entrou para um dos carros.

Agora só queria ter-lhe dado ouvidos, só queria que uma de nós tivesse tido a prudente antevisão de a ouvir. Nem a Benne captou a qualidade muda e sinistra que reverberava dentro da sua resistência.

Era o primeiro sábado depois da Páscoa, 16 de Abril, seis horas da tarde. Tínhamos decidido não esperar pela véspera do primeiro de Maio, data em que tradicionalmente se tinham realizado os Piqueniques das Raparigas no passado. Achámos que a minha mãe precisava disto agora.

O dia estava quente, com a luz da tarde intensa e resplandecente a reflectir-se em tudo. Conduzi atrás da Kat, seguindo-a pelas dunas e pela areia do mar até à praia de Boné Yard. O vento fustigava e rasgava as ondas, que lançavam salpicos. O Max, que viajou no banco de trás do meu carro, saltou para fora ainda em andamento, correndo disparado para a água.

A Hepzibah tinha feito um monte com a madeira flutuante ao fundo da praia, prevendo maré alta.

– Tem cuidado onde estacionas – ouvi-a dizer à Kat quando travámos, um comentário maldoso alusivo à ocasião em que a Kat tinha deixado o carrinho de golfe na praia e a maré o tinha levado. Horas mais tarde, ao voltar, encontrou-o a flutuar rumo a Inglaterra.

Estendemos uma manta na areia e a minha mãe sentou-se, encolhendo-se no canto mais distante da água e aconchegando uma velha camisola de alpaca em redor dos ombros.

Posicionou-se de costas para a água e ficou a olhar para as dunas. Havia algo de bizarro na sua postura, como alguém que fosse num elevador virada para a parede do fundo e não para a porta. Senti-a fugir, ser novamente engolida pela velha escuridão.

Duas semanas antes, quando a levava a Mount Pleasant à consulta de acompanhamento no médico, ela sentara-se no ferry e fixara cuidadosamente o chão, como se não quisesse que lhe lembrassem o que tinha acontecido na água trinta e três anos antes. O seu comportamento agora fez-me lembrar o de então. Teria alimentado esta aversão às águas da ilha desde a morte do meu pai e, por qualquer razão, eu nunca reparara? Pareceu-me ser o mesmo antagonismo inexplicável que ela sentia em relação ao trono da sereia. Também esse começou depois de ele ter morrido. Tinha-a visto sair da sala à simples menção dele.

Continuei a observá-la enquanto tirava a comida. Tínhamo-nos esforçado por preparar os mesmos pratos de sempre: pastéis de caranguejo, hoppin' John, queijo com pimenta-da-jamaica, doce de pão e uvas passas, vinho – Chianti para a Kat, Chardonnay para nós. Olhando para o festim, pensei no Whit e no piquenique que eu preparara para os dois há pouco mais de uma semana, do lado oposto da ilha, na forma como ele me lavou os pés, na cerimónia muda em que se tornou, repleta de vagos registos nupciais.

O Max tinha-se lançado no seu desporto favorito – apanhar caranguejos na areia, trotando na nossa direcção com pernas e pinças penduradas na boca. Observei-o a levar uma à minha mãe, lar-gando-a orgulhosamente aos pés dela, e a forma letárgica e distraída como ela lhe pousou a mão na cabeça. Não pronunciara mais que três palavras.

A Kat passou-lhe a película aderente, pedindo-lhe que encontrasse a ponta, e a minha mãe pousou-a simplesmente na areia sem sequer tentar. Se a ideia era animá-la, não estava a resultar. Havia qualquer coisa de profundamente errado.

A Kat, porém, não desistia. As suas tentativas para arrastar a minha mãe para aquela noite, para consumir a visão que todas nós tínhamos dela a reverter milagrosamente à mulher dos Piqueniques das Raparigas, tornaram-se cada vez mais forçadas.

– Nelle, quem achas que devia ser a nossa primeira mulher presidente... a Geral –dine Ferraro ou a Patrícia Schroeder? – perguntou

a Kat.

A pergunta mal lhe arrancou um encolher de ombros.

– Anda lá, tens de responder. A Jessie e a Hepzibah dizem que é a Patrícia, eu digo a Geraldine.

– A Nancy Reagan – tartamudeou a minha mãe. Todas nos empertigámos, pensando que ela ia participar, a salvação da Nelle Dubois à vista.

– Bem, se a Nancy se candidatar, eu por mim... não voto nela! – disse a Kat. Era o género de provocação que normalmente garantia uma reacção da minha mãe, mas ela manteve-se indiferente, limitando-se a baixar os ombros e a retomar a postura encolhida.

Comeu muito pouco – meio pastel de caranguejo e uma colherada de doce de pão e uvas passas. Nós enchemos os pratos, sem perder a determinação.

Quando a noite começou a materializar-se no oceano, a Hepzibah acendeu a fogueira. A madeira seca pelo vento pegou fogo depressa. Momentos depois estava a arder furiosamente, expelindo fagulhas para o ar que se perdiam na escuridão. Sentámo-nos num globo de luz, rodeadas do cheiro a queimado, e ninguém se lembrou como um fogo a arder mesmo ao lado da água podia afectar uma mulher para quem o fogo e a água apenas significavam tragédia e morte, uma mulher incapaz de enfrentar a água do mar, que tinha entaipado a lareira de casa. Cegava-nos a nostalgia pela mulher que ela fora antes de tudo isso. Agora dá-me vontade de chorar pensar no esforço terrível que a minha mãe devia estar a fazer nessa noite. Como só tinha ido para nos agradar, continuando ali sentada enquanto a sua agonia crescia.

Durante toda a noite, ela permaneceu na ponta da manta, onde a luz não chegava. A Hepzibah tocou o seu tambor Gullah. O som saiu lamentoso e indolente. A Benne pousou a cabeça no regaço da Kat e o Max adormeceu com o brilho das chamas no dorso. A madeira estalava. O oceano palpitava, rebentando na praia. Ninguém falava. Tínhamos desistido.

Por volta das três da manhã, horas depois de a nossa fogueira se ter transformado em brasas e de termos arrumado a nossa experiência falhada e saído da praia, fui acordada na cama por alguém a chamar o meu nome. Recordo-o como um sussurro agudo e insistente.

– Jessie!

Sentei-me. Confusa, retomando a consciência, a cabeça paralisada pelo sono. Distingui uma forma, uma pessoa, na sombra à porta. O meu coração começou a bater num ritmo desenfreado, carregado de adrenalina. Procurei o interruptor do candeeiro às apalpadelas ao lado da cama, derrubando um copo de água que se entornou na mesa e pingou para o chão.

– Peço desculpa. Teve de ser – disse uma voz.

– Mãe?

O choque da luz eléctrica percorreu o quarto, cegando-me por um momento. Semicerrando os olhos, tacteei o ar com a mão como se pudesse apagar a claridade feroz.

A cara dela tinha um ar aturdido. A mão levantada como se fosse uma estudante a pedir autorização para falar. Havia sangue em todo o lado. Espalhado na frente do seu roupão claro de nylon. Correndo-lhe em fios pelo antebraço. A pingar no chão.

– Teve de ser – voltou a dizer, repetindo-o não sei quantas vezes, um sussurro histérico que pareceu incapacitar-me.

Durante vários segundos, não me mexi, não falei, não pestanejei. Fixei hipnoticamente o sangue que lhe corria da mão, o seu brilho ofuscante, a forma como fluía em pequenos esguichos compassados. Estava manietada pelo pavor, a flutuar nesse momento de bendita desorientação que se instala antes do pânico, antes de o peso brutal do momento se abater.

Mas nem então saltei da cama num frenesim. Levantei-me lentamente e encaminhei-me para ela com leveza, pé ante pé, paralisada pelo horror.

Faltava-lhe o dedo mínimo da mão direita.

Apertei o antebraço da minha mãe com um cinto, criando um garrote. Ela deitou-se no chão enquanto eu comprimia uma toalha com toda a força contra o buraco onde antes estava o seu dedo mínimo, subitamente consciente de que ela podia morrer. A minha mãe podia esvair-se em sangue no chão do meu quarto, no lugar junto da janela onde eu havia pendurado meninas dançarinas.

Não havia serviço de urgências na ilha, nem médico. Quando a toalha se tornou vermelha, peguei noutra. A minha mãe imobilizou-se.

A cor estava a escapar-lhe das faces.

Quando a hemorragia começou finalmente a dar sinais de estancar, liguei para a Kat com uma mão, fazendo pressão sobre a ferida dela com a outra.

A Kat chegou com o Shem que, apesar da idade, pegou na minha mãe com as suas mãos robustas e a transportou para o carro de golfe. Caminhei ao lado deles, mantendo uma pressão constante na mão da minha mãe. No cais do ferry, ele levantou-a mais uma vez e carregou com ela até ao pontão. Apesar de respirar com dificuldade, não parou de falar com ela:

– Aguenta-te, vá lá, Nelle. Aguenta firme.

No barco, pousou-a no banco dos passageiros, instruindo-nos para manter-lhe os pés levantados. A Kat segurou-os ao alto durante toda a viagem. E a minha mãe, ainda consciente mas a vogar para um lugar distante, fitou o tecto do barco durante algum tempo antes de fechar finalmente os olhos.

Eu e a Kat não trocámos uma palavra. Atravessámos a água negra e ondulante enquanto o vento se movia como fumo e o sangue no roupão da minha mãe secava, transformando-se numa crosta dura e castanha.

Uma lua minguante surgiu sobre nós. Observei a sua luz suave acumular-se em redor da cabeça da minha mãe e perguntei-me se ela teria usado um cutelo da carne. Haveria algum escondido na cozinha que me tivesse escapado? Depois de a Kat chegar, tinha procurado o dedo dela, pensando que talvez o médico pudesse tornar a ligá-lo. Esperava encontrá-lo na tábua da cozinha como uma casca de batata abandonada, mas não o vi em sítio nenhum. Havia apenas poças de sangue por todo o lado.

Aquela travessia da baía foi como ser arrancada ao mar num anzol farpado e despejada de novo na realidade. De volta ao lugar onde se sabe novamente que não há imunidade, não há tenda de tempestade, não há ilusão. A compulsão implacável da minha mãe para a mutilação tinha estado sempre presente, consumindo-a como um cancro, e eu...

eu tinha estado absorvida com outras coisas.

Até essa noite, pensara até que estávamos a fazer progressos – esse tipo de avanço em que se dá três passos à frente e dois atrás – lentos e frustrantes, mas ainda assim progressos. A mente é exímia em rever a

realidade de acordo com as nossas necessidades. Eu tinha visto o que desejava. Tinha reinventado o inaceitável, transformado as partes mais indigestas da minha vida em algo de suficientemente digerível para suportar. Pegara na loucura da minha mãe e normalizara-a.

Como posso descrever o quão arrasada me sentia com a profundidade da sua loucura? Com a minha própria passividade, rejeição e culpa?

Virei a cara para a janela de plástico do barco. Atrás de nós, a ilha estava submersa em escuridão. A água parecia imensa, brilhando como se iluminada de baixo.

Fixei um pequeno feixe de luz que provinha da proa do barco, infiltrando-se como uma agulha, dentro e fora das ondas, e pensei de súbito na deusa marinha, na sereia Sedna cuja história a minha mãe lera no livro da biblioteca do Dominic. Tinham-lhe cortado dez dedos. Dez.

Nesse momento, o horror de tudo aquilo fez sentido.

A minha mãe não tencionava parar enquanto não tivesse cortado todos os dedos das mãos.

Tinha emulado Eudoria, a prostituta santificada, cortando um dedo e plantando-o, e depois, não obtendo refrigério, tinha passado a Sedna, cujos dedos se haviam transformado em criaturas marinhas – golfinhos e focas brincalhões, baleias cantantes – formando toda a harmonia do mundo marítimo com a sua dor e sacrifício. Dez dedos para criar um novo mundo. Dez. No dia em que o Whit me mostrou o livro sobre Sedna, eu lera provavelmente as mesmas palavras que a minha mãe: "O número dez era considerado o número mais sagrado. Os pitagóricos consideravam-no o número da regeneração e da plenitude. Tudo emanava do dez."

Como é que me escapou a forma como a minha mãe pegou numa simples história, num mito, num número, coisas cujo sentido era simbólico, e as distorceu e transformou numa coisa perigosa e literal? Como é que subestimei o desespero dentro dela para construir um mundo à semelhança do que tinha sido antes de o meu pai morrer? Esse mundo de cânticos em que tínhamos vivido à beira-mar.

CAPÍTULO 30

Quando o Hugh atravessou o parque de estacionamento em frente ao Hospital de East Cooper, observei-o de uma janela da sala de espera, no terceiro andar, onde eu e a Kat estávamos instaladas desde madrugada. Mesmo de cima, vi que tinha o rosto bronzeado e percebi que estivera outra vez a lavar o quintal. Quando confrontado com a perda, o Hugh pegava no velho arado manual que pertencera ao pai e entregava-se ao esforço físico até à exaustão, arando extensões enormes do quintal. Por vezes não chegava sequer a plantar nada; parecia que a ideia era unicamente revolver a terra. Depois de o pai morrer, vi-o lavar com tal pesar e motivação, resistindo estoicamente até ao tardio anoitecer estival, que não aguentei assistir. Tinha transformado os oito mil metros quadrados em redor da casa num terreno despido e exposto de feridas novas. Uma vez vi-o pegar num punhado de terra revolvida e cheirá-la de olhos fechados.

Liguei-lhe às seis da manhã. A essa hora, já o dia tinha nascido mas a ameaçadora obscuridade e o silêncio que pairaram no hospital toda a noite ainda não se haviam dissipado. Ao marcar o número, senti-me acabrunhada pela forma velada e hábil como a minha mãe se refugiara numa muralha defensiva. Para ser franca, fora derrotada.

Sabia que o Hugh ia compreender como eu me sentia, os contornos exactos de todas as emoções. Não teria de explicar nada. Quando ouvi a voz dele, comecei a chorar – as lágrimas que abafei no ferry.

– Tenho de a internar – disse-lhe, debatendo-me para recobrar a serenidade. O cirurgião de serviço, que tratara a mão da minha mãe, tornara isso perfeitamente claro.

"Sugiro que desta vez diligencie para que ela seja examinada por um psiquiatra que ponha em marcha o processo de internamento", tinha ele dito com modos brandos mas pondo a ênfase em "desta vez".

– Queres que eu vá aí? – perguntou o Hugh.

– Não consigo enfrentar isto sozinha – disse eu. – A Kat está aqui mas... sim, por favor, podes vir?

Ele chegou em tempo recorde. Olhei para o relógio na parede. Pouco passava da uma da tarde.

Usava uma camisa desportiva de malha, a cor de ferrugem de que eu tanto gostava, elegantes calças de caqui e os sapatos de borlas. Estava com bom aspecto, a mesma figura atraente e dourada, e tinha cortado o cabelo extremamente curto como já não via há muitos anos. Eu, por outro lado, estava com o ar dessas pessoas que se vê no noticiário na televisão, arrastando-se por aí no rescaldo de uma catástrofe natural.

O meu cabelo e os meus dentes precisavam de ser lavados e sob os meus olhos havia papos escuros devido à falta de sono. Estava com as calças de treino cinzentas e a T-shirt branca com que tinha dormido. Vira-me obrigada a limpar da roupa as nódoas do sangue da minha mãe na casa de banho pública. O mais embaraçoso era que estava descalça. Como é que fui capaz de sair sem sapatos? Ficara espantada no ferry ao ver os meus pés nus. Uma das enfermeiras oferecera-me um par de chinelas de felpo baratas, numa saca de plástico selada.

A pior parte da noite tinha sido a espera para saber se a minha mãe ia ficar bem – fisicamente, convém dizer; nesse momento, acho que nem eu nem a Kat tínhamos grandes esperanças quanto ao estado mental dela. Tinham-nos deixado vê-la quando ainda estava na unidade de recobro. Agarráramo-nos à grade da cama, a olhar para a sua cara, que estava da cor da aveia. Um tubo de oxigénio verde-claro borbilhava-lhe debaixo do nariz e de um saco de plástico por cima da cabeça gotejava-lhe sangue, espesso como resina, para o braço. Enfiei a mão debaixo do lençol e peguei na dela, a que estava sã, apertando-a.

– Sou eu, mãe. É a Jessie.

Ao fim de várias tentativas, abriu ligeiramente os olhos, tentando focar-me, abrindo e fechando repetidamente os lábios sem produzir qualquer som, fazendo sair as palavras daquele que eu imaginei ser um poço contaminado no mais fundo do seu íntimo.

– Não o deites fora – balbuciou imperceptivelmente.

Baixei-me sobre ela.

– O que estás a dizer? Não deito fora o quê?

Uma enfermeira que estava a tomar notas numa prancheta nas imediações levantou os olhos.

– Está a dizer isso desde que despertou.

Debrucei-me tanto que senti o cheiro horrível da anestesia na boca dela.

– Não deito fora o quê? – repeti.

– O meu dedo – disse ela e a enfermeira parou de escrever e olhou para mim com a boca crispada.

– Onde é que está o teu dedo? – perguntei. – Andei à procura dele.

– Numa tigela, no frigorífico – respondeu, com os olhos já fechados.

Tinha ligado ao Mike às dez horas da manhã – sete na Califórnia. Enquanto esperava que ele atendesse, voltei a sentir-me a irmã mais nova, a precisar dele, a precisar que ele viesse ocupar-se das coisas. Uma vez, em crianças, o barco encalhou na lama e, ao tentar ajudar a empurrar, caí pela borda, enterrando-me até à cintura.

Havia sítios em que a lama nos sugava como areias movediças e eu esbracejei histericamente enquanto ele me puxava. Era o que eu queria agora. Que o Mike me agarrasse e me puxasse para fora disto.

Quando ele atendeu, contei-lhe tudo e declarei que tinha de internar a nossa mãe. Ele respondeu que devia mantê-lo informado. Não disse, como o Hugh, que se ia meter no próximo avião, apenas essa impotente manifestação de preocupação.

Por um momento, senti-me afundar.

– Ah – disse eu.

– Tenho muita pena de não estar aí para ajudar, Jess. Quando puder, vou, mas agora é impossível.

– Quando é que vai ser possível?

– Nunca – respondeu. – Gostava de ser mais como tu, capaz de enfrentar... melhor as coisas. Tu sempre lidaste com isso melhor do que eu.

Nunca falámos da gaveta no quarto que tínhamos vasculhado em crianças, lendo o recorte sobre a morte do nosso pai, nem da estranha e triste espiral em que a vida da nossa mãe se tornara, das crescentes obsessões religiosas a que tínhamos assistido, confusos. Ambos sabíamos que ele tinha fugido da ilha exactamente como eu, mas ele tinha ido para mais longe e não apenas em distância física. Lavara as mãos de tudo.

– Encontrei o cachimbo dele – disse eu abruptamente, sentindo-me furiosa com a sua deserção.

Ele ficou calado. Imaginei a notícia suspensa sobre a sua cabeça, como uma guilhotina, à espera de cair como caíra sobre mim – o súbito

reconhecimento de que uma parte crucial do nosso passado tinha sido uma mentira.

– Mas... – disse ele e, embargado, recomeçou. – Mas foi o cachimbo que causou o incêndio.

– Pelos vistos não. – De súbito senti-me fatigada nos mais ínfimos recantos do meu corpo, entre os dedos, atrás das orelhas, nos cantos da boca.

– Meu Deus, isto nunca mais acaba, pois não?

O seu tom foi de tal modo atormentado que a minha fúria começou a dissolver-se. Compreendi então que ele nunca voltaria para enfrentar esta situação. Não era capaz.

– Lembras-te do padre Dominic? – perguntei. – O monge que andava sempre de chapéu de palha?

– Como podia esquecer-me?

– Achas que pode ter havido alguma coisa entre ele e a mãe?

O meu irmão riu-se.

– Estás a brincar. Queres dizer, um romance? Achas que foi por isso que ela cortou os dedos? Para expiar o pecado?

– Não sei, mas há uma história qualquer entre eles.

– Ora, Jess, por amor de Deus!

– Não te rias, Mike. Acho que neste momento não estou com cabeça para isso. – Elevei a voz. – Não estás aqui, não vês o que eu vejo. Acredita, há coisas mais chocantes do que isso na vida dela.

– Tens razão, desculpa – disse ele. Soltou um suspiro, dei-xou-o dissipar-se na linha. – Só os vi juntos uma vez. Fui ao mosteiro pedir à mamã se me deixava ir com o Shem na traineira... devia ter uns quinze anos... e encontrei-a a discutir com o padre Dominic na cozinha.

– Sobre quê, lembras-te?

– Era sobre o trono da sereia. O padre Dominic estava a tentar convencê-la a ir sentar-se nele e ela estava furiosa por qualquer razão. Ele disse-lhe duas vezes: "Tem de fazer as pazes com ele." Não fez qualquer sentido para mim. Mas, durante muito tempo depois disso, andei a cismar com aquilo. A única coisa que te posso dizer é que se os dois tiveram um caso, o que sinceramente não sou capaz de conceber, nessa altura não pareciam minimamente cordiais.

Quando desligámos, senti-me mais confusa do que antes, mas pelo menos agora ele sabia do estado da nossa mãe. E eu sabia que tinha perdido para sempre uma parte dele. Mas senti-me confortada por estarmos, pelo menos, ligados como em crianças – não como parceiros na conquista da ilha, a nossa despreocupada aliança antes da morte do nosso pai, mas parceiros na sobrevivência. Na sobrevivência à nossa mãe.

Lá fora, no parque de estacionamento, o Hugh aproximava-se da entrada do hospital. Vi-o deter-se no passeio, baixando os olhos como que a estudar as fissuras irregulares no cimento. Parecia estar a preparar-se. Para mim, sem dúvida. Foi um momento de uma vulnerabilidade tão íntima que recuei da janela.

Lancei um olhar à Kat, que estava sentada do outro lado da sala a apertar a cana do nariz. O comportamento da minha mãe parecia ter-lhe dado que pensar; nunca a tinha visto tão calada. Pouco antes, ao lado da cama na unidade de recobro, vi a Kat fechar os olhos e cerrar os dois punhos, como se estivesse a fazer um juramento privado a si mesma, ou pelo menos foi assim que interpretei o gesto.

– Ele já chegou – disse-lhe eu, tentando soar casual.

Sentia um aperto no estômago. Era a primeira vez que o via desde que tinha feito amor com o Whit. Tinha a sensação, irracional, de que o facto estava, de algum modo, estampado em todo o meu corpo para que ele o lesse, pequenos ás escarlates a despontar como sardas ao sol. Ao atravessar a baía na noite anterior, arrancada à minha tenda de tempestade ilusória, e acutilantemente consciente da minha capacidade para distorcer as coisas a meu bel-prazer, tinha restringido o meu choque à situação da minha mãe. Mas agora, ao ver o Hugh, era como se me deparasse com o meu mundo de traição, vendo-o esquematizado num mapa com uma seta a apontar: **ESTÁ AQUI**. Aqui.

Um lugar onde o coração e os seus desejos anulam tudo: a consciência, a vontade da mente, o cuidadoso entrelaçar das vidas.

A dor surda no meu estômago era o nó da culpa, sei disso. O Hugh apostara a vida dele em mim e perdera. Mas o sentimento também encerrava provocação. O que eu tinha sentido, o que tinha feito – não era apenas um impulso erótico incontrollável reprimido há demasiado tempo, não era apenas apetite carnal, libido e órgãos sexuais hiperactivos. Não

seria justo. O coração também era um órgão, não é verdade? Tinha sido extremamente fácil ignorar o coração antes. Uma pequena fábrica de emoções que se podia encerrar caso fosse necessário. Que injustiça. As emoções que o avassalavam possuíam poder e força, talvez por vezes o consentimento da alma. Eu própria o sentira, a forma como a minha alma se erguera para abençoar o que me estava a acontecer.

– Tens um pente? – perguntei à Kat. – E bâton? – Também não tinha levado a carteira.

Ela passou-me um tubo e uma pequena escova, franzindo a testa.

– Estou com um aspecto desgraçado – disse-lhe eu. – Não quero que ele pense que ando tão perdida sem ele que me tornei desmazelada.

– Boa sorte com isso – disse ela, mas sorriu-me.

Quando ele entrou na sala de espera, olhou para mim e depois desviou o olhar. Pensei de súbito no Whit e senti uma reviravolta no estômago, a necessidade de respirar, de remar até à ilha no pântano, a um milhão de quilómetros do mundo, e de entrar na água fresca e escura.

Debatemo-nos os três, incluindo a Kat, para vencer os momentos de saudação iniciais, os "como tens passado?". Uma parte de mim não queria saber como ele tinha passado, com medo de que os meus joelhos fraquejassem, e a outra parte sentia que, se ele descrevesse cada grama de dor e trauma que eu lhe tinha infligido, era o mínimo que eu merecia.

Durante uns bons três ou quatro minutos, eu e o Hugh parecemos andar às apalpadelas, comportando-nos com demasiada cordialidade e depois com demasiada reserva. Só quando a atenção se virou para a minha mãe é que começámos a sentir-nos confortáveis na sala juntos, o que já é dizer muito, tendo em conta que a situação era abominável.

Sentámo-nos em cadeiras almofadadas junto da janela, de cada lado de uma mesa de apoio coberta de revistas, algumas de 1982. Eu já me familiarizara com tudo, desde a nomeação de Sandra Day O'Connor para o Supremo Tribunal de Justiça até à luva do Michaelackson.

O Hugh trazia no pulso direito uma pulseira fina que parecia feita de fio de bordar entrançado, azul, castanho-claro e preto, o que me desconcertou porque o Hugh detestava usar qualquer tipo de adornos à excepção da aliança. Esta, notei, continuava na sua mão esquerda.

Viu-me olhar para a pulseira.

– É da Dee – disse ele. – Foi ela que a fez. Acho que lhe chamou uma pulseira da amizade. – Levantou a mão com um ar de divertimento embaraçado, encolhendo os ombros perante a estranheza de usar um objecto daqueles, o desejo da filha de selar a amizade entre eles. – Tenho ordens para nunca a tirar. Diz que as consequências são terríveis se...

A absurdidade de se preocupar com consequências terríveis, quando já tinham acontecido, fê-lo calar-se a meio da frase e baixar o braço.

O que ele não sabia era que a Dee tinha feito uma destas pulseiras para a amiga do liceu, a Heather Morgan, para a consolar por ter sido rejeitada pelo namorado.

Tinha sido um acto de solidariedade fraternal. A Dee nunca teria feito uma pulseira destas para o Hugh a não ser que soubesse o que estava a passar-se connosco.

Ele ter-lhe-ia contado?

– Foi um gesto bonito da parte dela – observei. – A que propósito?

Ele ficou incomodado.

– Dez de Abril.

Os anos dele. Tinha-me esquecido. Mas, mesmo que me tivesse lembrado, duvido que tivesse telefonado. Tendo em conta as circunstâncias.

– Feliz aniversário – disse eu.

– Tive saudades das nossas Folias este ano – disse ele. – Talvez para o próximo ano. – Lançou-me um olhar penetrante, onde se lia a pergunta silenciosa acerca do "próximo ano".

– Folias? – perguntou a Kat. – Isso parece fascinante.

– Precisamos de falar da minha mãe – disse eu com evidente desconforto, uma tática de evasão tão transparente que ele sorriu um pouco.

Olhei de relance para os papéis de internamento, ainda por preencher, pousados na cadeira vazia ao meu lado. Continham a presença de uma pessoa de carne e osso ali sentada, uma pessoa sinistra e ameaçadora a exigir atenção.

O Hugh estendeu o braço e pegou neles. Vi pequenos pensos adesivos no interior dos seus dois polegares. Bolhas causadas pelo arado. A prova de que se pusera a lavrar a terra. Observei-o a folhear as páginas, de olhos fixos nas mãos dele. Por um estranho segundo,

pareceu-me que todo o meu casamento era visível nelas. Nos tufos de pêlos junto dos pulsos, nas linhas da palma da mão, nos dedos repletos da memória do meu contacto. O mistério daquilo que une as pessoas estava ali diante dos meus olhos.

– Muito bem – disse ele, pousando os papéis no colo. – Vamos falar sobre ela.

Comecei pelo princípio.

– Na noite em que eu cheguei à ilha, fui encontrar a minha mãe a enterrar o dedo ao lado da estátua de Santa Senara... lembraste de eu te falar disso?

O Hugh assentiu com a cabeça.

– Perguntei-lhe porque é que o tinha cortado e ela começou a dizer-me... como uma pessoa diz uma coisa antes de se lembrar que é segredo, estás a ver? Falou no nome do meu pai e do padre Dominic e depois, apercebendo-se do que tinha dito, calou-se e recusou-se a continuar. Portanto, é claro que o Dominic está de algum modo envolvido.

– Olhei de relance para a Kat. – A Kat discorda de mim, claro.

Ela não se defendeu; em parte, eu dissera aquilo para ver se ela se defendia. Limitou-se a olhar para mim, cruzando e descruzando as pernas.

– Interrogaste esse padre Dominic sobre o assunto? – perguntou o Hugh.

– Interroguei e ele sugeriu que há coisas que é melhor permanecerem em segredo.

O Hugh estava inclinado para a frente, as mãos presas entre os joelhos.

– Pois bem, vamos esquecer o Dominic por um momento. Porque é que tu pensas que ela anda a cortar os dedos? Estás com ela há mais de dois meses. O que te diz o instinto?

O instinto? Fiquei momentaneamente sem fala. O Hugh estava a pedir-me uma impressão instintiva e sobre uma coisa em que ele era o perito. Até agora, dera-me sempre a sua opinião clínica, de um modo brusco... tirada dos manuais, directamente do DSM III – ignorando as minhas opiniões.

– Tenho a impressão de que tem a ver com qualquer coisa que ela pensa que fez – disse eu, medindo as palavras, querendo

desesperadamente exprimir-me bem. – Qualquer coisa ligada ao meu pai, e é tão terrível que a enlouqueceu, no sentido literal. Acho que a necessidade insana de se mutilar é uma forma de penitência. Está a tentar expiar o pecado.

Lembro-me que a Kat desviou os olhos e abanou a cabeça, como as pessoas fazem quando estão incrédulas.

Estava determinada em convencê-la, tanto como ao Hugh. Citei a Bíblia quando diz que, se a mão direita nos escandalizar, é melhor cortá-la do que ver o corpo todo lançado no Inferno.

– Fazes ideia do pecado que a Nelle está a tentar expungir? – perguntou o Hugh.

A Kat levou a mão à testa e massajou a pele, deixando uma mancha vermelha. Reparei que tinha os olhos arregalados e, sim, estava com uma expressão de medo.

Comecei por responder que me ocorrera mais do que uma vez a possibilidade de a minha mãe e o Dominic terem tido um caso, mas contive-me. Não havia maneira de conseguir dizer isso. Estava demasiado próximo da minha própria realidade. E que provas é que eu tinha, afinal? O Dominic a perguntar à minha mãe se alguma vez lhes ia perdoar?

O facto de ter escrito no seu livrinho um parágrafo muito pouco próprio para um monge, sugerindo que o amor erótico era em tudo tão espiritual como o amor divino?

Que Santa Eudoria, que a minha mãe talvez tivesse emulado, era uma prostituta?

Encolhi os ombros.

– Não sei. Mas a penitência é apenas uma parte. Acho que ela acredita que é capaz de obter uma espécie de redenção ao fazer isto.

– Redenção, como? – perguntou a Kat.

Falei-lhes dos dois livros que a minha mãe tinha levado da biblioteca do mosteiro. As histórias de Santa Eudoria, que cortou o dedo e o plantou num campo, e de Sedna,

cujos dez dedos cortados caíram ao mar e se transformaram nas primeiras criaturas marinhas.

Enquanto falava, olhava para o Hugh para ver se ele estava a aceitar o que eu dizia com reservas ou se achava que fazia sentido. Não queria

importar-me com o que ele pensava, mas importava. Queria que ele dissesse: Sim, sim, foste capaz de ver a verdade. Fizeste isso pela tua mãe.

– É o que quero dizer com redenção – disse eu. – Acho que este desmembramento a que ela se tem sujeitado tem a ver com a necessidade de criar qualquer coisa ou de construir um mundo novo, de se reconstruir de uma maneira nova.

Desmembrar e reconstruir. A ideia só nesse momento me ocorreu.

– Interessante – disse o Hugh e, quando eu revirei os olhos, pensando que ele não me estava a levar a sério, ele abanou a cabeça.

– Não, quero dizer que é interessante, mais do que interessante. – Lançou-me um sorriso triste e decepcionado. – Era o que eu costumava dizer, não era, para minimizar o que tu dizias ?

A Kat levantou-se e dirigiu-se ao outro lado da sala onde começou a vasculhar resolutamente na carteira.

– Temos ambos culpa – disse eu.

– Sinto muito – disse ele.

Fiquei sem saber o que dizer. Ele queria que eu desse um passo na sua direcção, que dissesse: Sim, no próximo ano teremos as Folias... Cometi um erro monumental.

Quero voltar para casa. E eu não podia.

Pensei que a nossa vida em comum era incontestável. Era um desses factos não premeditados com que eu vivera todos os dias. Como o sol no seu perpétuo movimento – a nascer e a pôr-se, um autómato. Como as estrelas fixadas na Via Láctea. Quem questiona essas coisas? Existem simplesmente. Pensei que seríamos enterrados juntos.

Lado a lado num bonito cemitério em Atlanta. I os nossos restos mortais cremados ficariam em urnas iguais em casa da Dee até ela encontrar coragem para ir espalhá-los em qualquer lado. Uma vez imaginei-a a carregar as urnas até à ilha de Egret e a atirar punhados de nós para o ar na praia de Boné Yard. Visualizei o vento a transportar-nos num tufão de partículas indistinguíveis – eu e o Hugh a voar até ao céu, regressando juntos à terra. E a Dee a afastar-se com uma parte de nós no cabelo. Que coisa misteriosa e duradoura era essa que me dera uma tão grande certeza de nós durante tanto tempo? Onde estava?

Olhei para as mãos dele. O silêncio era terrível.

Foi ele que lhe pôs fim.

– Se tiveres razão em relação à Nelle, Jessie... e é muito possível que tenhas... então o importante é mesmo relembrar, recordar o passado de uma maneira que lhe permita enfrentá-lo. Por vezes, é extremamente reparador.

Voltou a pousar os papéis de internamento na cadeira vazia.

– Vais assinar?

Quando assinei o meu nome, a Kat enterrou a cabeça nas mãos e não olhou para mim.

O Hugh voltou comigo para a ilha de Egret nessa noite, levando a mala para o antigo quarto do Mike enquanto eu fui direita à casa de banho encher a banheira com água a esquentar. A Kat insistira em passar a noite no hospital, e que eu fosse para casa. No dia seguinte, a minha mãe seria transportada para a unidade psiquiátrica do Hospital Universitário da Carolina do Sul, em Charleston, e o Hugh concordou em estar lá quando eu a registasse e falasse com o psiquiatra. Senti-me grata para com ele.

Meti-me dentro de água, indo até ao fundo, e permaneci o mais quieta possível, tão imóvel que comecei a ouvir o meu coração reverberar através da água. Sustive a respiração e pensei nesses filmes da Segunda Guerra Mundial em que o submarino se esconde no leito do oceano, completamente em silêncio, à excepção do tut, tut do sonar, com toda a tripulação de respiração suspensa, a ver se os Japoneses o ouviam. Era assim que me sentia, como se o meu coração pudesse trair-me.

Talvez para o próximo ano, dissera o Hugh. As palavras provocaram-me uma dor no peito.

As Folias – as "Folias Psiquiátricas", como lhes chamávamos na brincadeira – eram o presente de anos favorito do Hugh. Em certos aspectos, acho que eram para ele o ponto alto do ano.

Certa vez ouvi a Dee a descrever as Folias à Heather:

– Eu e a minha mãe preparamos um espectáculo para o meu pai, estás a ver? Inventamos uma canção sobre o trabalho dele, sobre hipnotizar alguém e não ser capaz de acordar a pessoa, ou sofrer do complexo de Édipo, qualquer coisa assim.

A Heather franziu o nariz.

– A tua família é esquisita.

– Eu sei – disse a Dee, como se fosse um elogio enorme. Subindo à tona, deixei-me estar na banheira com a água a dar-me pelo nariz e senti a angústia de saber que, mesmo estando longe na faculdade este ano, provavelmente a Dee lembrou-se das Folias, mas não me falou nelas quando conversámos, por razões que eu tinha medo de saber. O Hugh falou-lhe de nós, não tinha dúvidas disso. E, no entanto, ela não mencionara nada.

Foi a Dee que iniciou as Folias, embora se possa dizer que se inspirou em mim. Tudo começou quando eu cortei o cabelo num salão em Buckhead. Havia uma taça com bombons Godiva à entrada e, em pé ao lado dela, comecei a mexer no relógio, um Timex barato com uma correia extensível. Era uma coisa que eu fazia às vezes, tirando-o e pondo-o no pulso da mesma forma que há quem enrole o cabelo ou tamborile com um lápis. Mais tarde, quando saí, peguei num bombom e lá estava o meu relógio na taça dos chocolates.

– Não é estranho? – comentei ao jantar, nessa noite, relatando o incidente ao Hugh e à Dee, para fazer conversa, mas o Hugh empertigou-se logo.

– É um lapso freudiano – disse ele.

– O que é isso? – perguntou a Dee, então com apenas treze anos.

– É quando se diz ou faz qualquer coisa sem a consciencializar – explicou o Hugh. – Uma coisa que tem um sentido oculto.

Debruçou-se e eu percebi que ela vinha aí, a horrível piada sobre o lapso freudiano.

– Como quando se diz uma coisa e se quer dizer outra – disse ele.

– Isso tem graça – disse a Dee. – Mas que significado tem a mamã ter tirado assim o relógio?

Ele olhou para mim e eu senti-me momentaneamente como um rato de laboratório. Apontando o garfo na minha direcção, disse: – Queria libertar-se dos grilhões do tempo. É um medo clássico da morte.

– Oh, por favor – disse eu.

– Sabes o que eu penso? – disse a Dee e eu e o Hugh preparámo-nos para uma tirada precoce. – Acho que a mamã deixou simplesmente o relógio na taça dos bombons.

Eu e a Dee rompemos em gargalhadas cúmplices.

Foi assim que tudo começou. O medo da morte tornou-se MDM e arreliávamo-lo sem quartel. Nesse ano, a Dee escreveu uma canção satírica sobre o MDM e convenceu-me a cantar com ela no aniversário dele com a música de "Pop Góes the Weasel" e foi assim que começaram as Folias Psiquiátricas. Ninguém gostava mais delas do que o Hugh.

Por volta do mês de Março, começava a moer-nos a cabeça para lhe revelarmos o tema. No ano passado, a Dee escreveu uma composição com música original, chamada "Inveja do Pénis. O Musical".

Caro Doutor Freud, Enche-nos de felicidade Declarar uma falsidade A sua inveja do pénis. Acha que entre as suas pernas Está a nossa salvação? O seu membro de estimação Tem de ser o nosso anseio? Um pénis? Está a brincar? Dá para uma mulher delirar. Aqui entre nós, a vida A um pénis não está reduzida. Pergunto sem sombra de humor, Alguma vez deu à luz, doutor? Confesse, o que o amofina E que anseia por uma vagina.

Actuámos na sala de estar, grávidas com almofadas do sofá enfiadas debaixo das camisas, com passos e gestos coreografados dignos das Supremes. Uma hora mais tarde, o Hugh ainda se ria. Nesse tempo, eu sentia que estávamos tão ligados que nada quebraria a nossa união.

Agora, na pequena casa de banho, passei o sabonete pelos braços e estudei os azulejos cor-de-rosa na parede. O Mike odiava ter de usar aquela que chamava "a casa de banho de meninas". A pequena janela tinha cortinas de organdi do mesmo tom de rosa, sujas agora ao ponto de parecerem cor de laranja. Pus champô no cabelo, esfreguei a pele.

Quando assinei os papéis de internamento, tive de escrever a data. 17 de Abril. Fez-me pensar no Whit. No primeiro ano, celebramos o nosso aniversário todos os meses no dia dezassete, tinha-lhe eu dito.

Desejava poder telefonar-lhe. Sabia que, apesar de ser domingo, ele estivera na colónia ao princípio da tarde. Imaginei-o a chegar à doca, reparando na canoa vermelha e olhando em volta à minha procura. Interroguei-me se teria esperado um pouco a ver se eu aparecia antes de partir, se se teria sentado na margem, onde me lavara os pés, à escuta do suave ruído da minha pagaia. Talvez à hora das vésperas, quando a regra os tivesse de novo envolvido a todos num silêncio mudo até de manhã, as notícias sobre a Nelle já tivessem corrido a ilha, transpondo o muro

de tijolo do mosteiro. Talvez ele soubesse por que razão eu não tinha ido ter com ele.

Ouvi os passos do Hugh para trás e para a frente no corredor. Quando se deteve, percebi que estava mesmo à porta. Olhei para ver se a tinha trancado apesar de estar certa de que o Hugh nunca entraria sem bater. O antiquado fecho de gancho não estava posto. Esperei. Sustive a respiração. Tut, tut, tut. Por fim afastou-se.

O que é que o teria levado a andar assim de um lado para o outro no corredor?

Quando saí da casa de banho, estava com o roupão de banho azul da minha mãe, o cabelo molhado, penteado para trás e muito liso. Foi quando o ar fresco me bateu na cara que me lembrei. Tinha encostado as minhas telas à cabeceira da cama, ao toucador e no chão do quarto do Mike, aparentemente para serem guardadas, mas a verdade é que lá ia de tempos a tempos olhar para o meu trabalho. Era como estar numa galeria dentro de mim mesma a admirar as profundas e enigmáticas maravilhas. As minhas treze mulheres mergulhadoras, os seus corpos selvagens e sensuais nus e imponentes.

Pensei no Hugh ali a estudá-las, a examinar os objectos rejeitados das vidas delas que eu tinha pintado a flutuar até à superfície. As espátulas de cozinha, as cascas de maçã, as alianças de casamento, os gansos... oh, meu Deus, o beijo dos gansos. Dos nossos gansos.

Paralisada à porta da casa de banho, apercebi-me de que até o esboço a lápis de cor que tinha feito em Fevereiro lá estava, o que escondi durante semanas atrás do quadro do farol por cima da prateleira do fogão de sala. Ele ia ver o meu casal extasiado e entrelaçado, envolto no cabelo excessivamente longo da mulher. Por vezes, quando olhava para o desenho, só era capaz de ver o cabelo dela e lembrava-me da Dee a meter-se comigo, a chamar ao meu atelier nas águas-furtadas a torre da Rapunzel, querendo saber quando é que eu ia começar a relaxar.

O Hugh nunca gostara disso, chegava mesmo a defender-me, por vezes com uma certa brusquidão. "A tua mãe não está fechada numa torre, Dee", dizia. "Pára com isso."

Talvez pensasse que se reflectia negativamente sobre ele ou, talvez, lá no fundo de si mesmo, soubesse que era verdade e sentisse medo.

Nunca nenhum de nós falava no resto da história – como a Rapunzel finalmente soltara o cabelo para o príncipe e escapara.

O Hugh Sullivan era o homem mais astuto à face da Terra. Comecei a sentir uma pressão a avolumar-se-me no peito. Dirigi-me ao quarto do Mike e parei à porta. O quarto estava iluminado por uma luz fraca proveniente de um pequeno candeeiro de mesa com uma lâmpada de baixo consumo.

O Hugh estava de olhos fixos no meu casal subaquático – Amantes no Mar Azul, como eu os tinha intitulado, inspirada pelos Amantes no Céu Vermelho de Chagall. Estava de costas para mim. Tinha as mãos nos bolsos. Virou-se, separando esta noite de todas as outras noites, deixando o seu olhar, magoado e incrédulo, pousar lentamente sobre o meu rosto, e eu senti o ar à nossa volta deflagrar com a coisa terrível que estava prestes a acontecer.

– Quem é ele? –

CAPÍTULO 31

Whit

Ele sentou-se numa cadeira na sala de música, a olhar para o televisor, pousado sobre uma mesa coberta com um velho e vistoso corporal. Passava o princípio da sétima parte de um programa de dois jogos dos Braves na TBS. Tom Glavine tinha acabado de ser eliminado. Whit pegou no lápis e escreveu um pequeno "K" no mapa de pontuação que traçara na última folha do seu diário.

Quando via baseball alguma coisa o deixava fora de si. Exercia sobre ele um efeito melhor do que a meditação. Nunca conseguia meditar mais do que dois minutos sem que as ideias comesçassem a atropelar-se ou sem se tornar tão consciente de si próprio que destruía por completo o objectivo do exercício, mas era capaz de se sentar diante de uma partida em total concentração. Deixava-se absorver pelo jogo, pela estratégia,

pelas complexidades da pontuação – todos os diagramas, símbolos e números.

Nunca teria sido capaz de explicar ao padre Sebastian nem a qualquer outro por que razão constituía para ele um refúgio; sabia simplesmente que, ali sentado, se sentia exonerado. Do mosteiro. De si próprio.

Antes das vésperas, o abade anunciara a última "tragédia" de Nelle, como agora delicadamente se referia às suas amputações, pedindo aos monges que rezassem por ela, querida cozinheira e amiga. Whit, no coro, pusera-se a fixar estoicamente um ponto à sua frente, consciente de Dominic que se virara para olhar para ele.

Nesse momento apercebeu-se que passara a tarde à espera de Jessie na colónia em vão, tendo regressado e encontrado Dominic a andar de um lado para o outro no alpendre de casa. Foi ele que deu a notícia a Whit, incluindo a informação sobre a chegada do marido de Jessie de Atlanta para estar com ela. Transmitira-lhe essa parte com especial cuidado.

Só mais tarde Whit teve a presença de espírito para perguntara Dominic como tomara conhecimento do incidente, tendo descoberto que Hepzibah Postell, a mulher Gullah, fora ao mosteiro e explicara tudo a Dominic. A que propósito é que Hepzibah teria ido contar a Dominic, e logo a ele?

Whit passara as vésperas desejoso de ir para ali e ligar a televisão no programa desportivo para se embrenhar no jogo. Tinha saído disparado da cadeira do coro, como um cavalo de corrida, para poder sintonizar o jogo antes de os outros monges aparecerem em massa para o período de convívio.

Passavam-no inevitavelmente a assistir ao noticiário da noite. Reduzia-se, em grande parte, a ver Tom Brokaw anunciar os mais recentes cortes de Reagan nas despesas sociais. Da última vez que

estivera ali, assistiam a um programa sobre "vestir para ter sucesso", que apresentava fatos de estilistas como Perry Ellis e Calvin Klein, e os monges estavam de tal modo absorvidos no ecrã que ele teve vontade de se levantar e gritar: Mas vocês usam hábitos! O objectivo dos hábitos era exactamente o contrário de vestir para ter sucesso. Era impossível que não compreendessem isso. Levantara-se e saíra da sala. Aos fins-de-semana, o irmão Fabian punha a tocar no gira-discos um dos velhos discos arranhados de 33 rotações do mosteiro, geralmente O Anel do Nibelungo, de Wagner. Subia de tal maneira o volume que o ar estremecia com o baixo.

Nessa noite, quando os monges chegaram e encontraram Whit a monopolizar a televisão, em cujo ecrã se via apenas a análise dos comentadores jogada a jogada, foram queixar-se ao padre Sebastian, que dispunha de jurisdição soberana sobre a sala. Sebastian perscrutara o rosto de Whit antes de mandar os homens acabar com as lamúrias porque não lhes fazia mal nenhum perder as notícias uma vez por outra. Tinham-se ido todos embora para os seus quartos esperar pelas completas, à excepção de Dominic e Sebastian.

Sentiu vontade de se zangar com eles, de usar este episódio como mais um pretexto para partir, mas a visão dos monges a afastarem-se, uns mais aborrecidos do que outros, não era, no fundo, diferente da sua própria arrogante recusa em estar presente quando eles assistiam a Brokaw ou escutavam Siegfried e Brúnnhilde.

De súbito, fez-lhe lembrar a finalidade da coexistência no mosteiro com estes velhos rabugentos – que, algures no planeta, tinha de haver pessoas, unidas por uma irrevogável força interior, que procuravam descobrir uma maneira de viver umas com as outras. Tinha ali chegado com ideias tão idiotas, esperando uma utopia ligeiramente diferente – seres humanos que se amavam uns aos outros, respondendo ao Mal com

o Bem e oferecendo sempre a outra face. Os monges, acabara por descobrir, não eram mais perfeitos do que qualquer outro grupo de pessoas. Tinha-se gradualmente apercebido, com uma espécie de pasmo, de que tinham sido escolhidos para uma experiência oculta mas nobre – ver se as pessoas seriam de facto capazes de viver num genuíno relacionamento, ver se Deus teria talvez cometido um erro ao criar a espécie humana.

Hoje em dia parecia estar constantemente a pensar no que significava estar no mosteiro, fazer parte dele – desta chocante situação. Pensava igualmente em Jessie, no que significava amá-la, fazer parte dela. Também isso era chocante. Em quem não tinha pensado era no marido. Uma pessoa real, um homem que se precipitara para ali para estar com a mulher num momento de crise. Como é que ele se chamava? Fez um esforço para se recordar. Hugh. Sim, Hugh. O nome repetiu-se no seu espírito com o clamor de fundo no estádio, com Skip Caray e a pergunta sobre baseball.

Hugh era o lugar fracturado na consciência de Whit, um lugar que, num gesto de autodefesa, fora cercado por um muro. Mesmo agora, depois de duas grandes jogadas, quando devia ter estado completamente imerso no jogo, Whit não conseguia deixar de pensar no homem. Compreendia como Hugh, a própria realidade dele, tinham estado desde o início alojados dentro de si, transformando-se lentamente num abscesso. A infecção começava a supurar.

Depois da terceira eliminação, toda a gente no estádio se pôs em pé para o intervalo da sétima entrada e ele levantou-se e pousou o diário na cadeira. Pensou no dia em que dissera a Jessie que a amava. Estavam na colónia, deitados no cobertor.

Seremos ao mesmo tempo condenados e salvos, dissera-lhe. E já estava a acontecer.

Fechou os olhos e tentou ouvir a canção que os adeptos entoavam. Tinha-se julgado capaz de esquecer tudo, de acalmar a ansiedade que começara no alpendre com Dominic, mas a única coisa que queria agora era fugir e ir ter com ela. Sentia-se consumido pela necessidade de a tomar nos braços. De reclamá-la uma vez mais. Jessie, pensou.

Mal conseguia ficar quieto.

Do outro lado da sala, Dominic estava sentado numa velha poltrona com o chapéu no regaço. Depois de Whit ter confessado a Dominic, semanas antes, que se apaixonara, não voltaram a falar do assunto. Claro que o velho monge sabia com toda a certeza que era Jessie. Por que outra razão teria chamado Whit à parte para o informar sobre a presença do marido dela na ilha, alojado com ela em casa de Nelle?

Queria concentrar a sua angústia na aflição em que Jessie devia estar por causa da mãe e, no entanto, permanecia em frente à televisão sem conseguir deixar de a imaginar com Hugh. Na cozinha, com um copo de vinho, o abraço reconfortante, os pequenos gracejos para quebrar a agonia – a miríade de formas que Hugh usaria para a consolar. Sentiu-se assustado com a vida de pequenos rituais secretos que deviam ter partilhado em momentos como este, da magnitude de tais coisas.

O homem é o marido dela, disse a si mesmo. Por amor de Deus, ele é o marido dela.

CAPÍTULO 32

Hugh

A mulher, em casa da mãe na ilha, na Carolina do Sul, disse-lhe calmamente o nome do amante.

– Chama-se irmão Thomas.

Por um momento, Hugh fixou as gotas de água do banho que lhe deslizavam pelo pescoço em direcção à abertura do roupão. O seu cabelo, penteado para trás, estava molhado e colado à cabeça. Ele viu-a inspirar bruscamente com a boca aberta e baixar os olhos.

Estavam à entrada do antigo quarto do irmão dela e ele estendeu os braços e encostou-se à ombreira da porta. Observou-a sem sentir qualquer dor, permaneceu protegido e entorpecido nos segundos finais de uma ilusão moribunda, a verdade voando para ele com a velocidade de uma flecha, mas ainda sem o alcançar. Pôde assim olhar para ela uma última vez antes de a ponta o ferir e tudo mudar. Ali em pé, pensou como ela era bela, com as gotas de água a formarem pérolas na sua pele, correndo-lhe entre os seios. Como era bela.

Chama-se irmão Thomas.

Ela dissera-o com honestidade e objectividade, como se estivesse a dizer-lhe o nome do seu dentista.

Então atingiu-o em cheio – a maior dor que jamais sentira em toda a sua vida. Arremessou-o para trás como uma rajada de vento. Continuou agarrado à ombreira da porta, pensando se estaria a ter um ataque de angina. O poder da emoção era esmagador.

Recuou, sentindo uma fúria súbita. Queria desferir um murro na parede. Mas preferiu esperar que ela levantasse novamente os olhos para o seu rosto.

– Irmão Thomas – disse com uma calma dilacerante. – É assim que o tratas quando estás a fodê-lo?

– Hugh – disse ela. O som saiu rouco e quebrado. Tinha um registo de súplica que o enraiveceu ainda mais.

Compreendeu que admitir a chocara; os olhos dela pareciam aturdidos e febris. Avançando a cambalear para ele, estendendo a mão

para lhe agarrar no braço, tinha o ar de um animal escaldado que procurava entender o que lhe tinha acontecido.

Quando a mão dela encontrou o seu braço, ele furtou-se abruptamente ao seu contacto.

– Deixa-me – sibilou entre dentes.

Viu-a recuar para fora do quarto, os lábios movendo-se sem articular palavras e os olhos muito abertos. Bateu com a porta e trancou-a. Ela ficou do lado de fora.

– Hugh, abre a porta. Por favor. Hugh.

O quarto estava praticamente às escuras e ele olhou para a porta, para as sombras que se desenhavam nela, como pedaços de arame e trepadeiras negras. Queria feri-la com o seu silêncio. Mas mais tarde ocorreu-lhe que talvez também tivesse desejado protegê-la das coisas destrutivas que podia ter dito.

Ela continuou a chamá-lo durante um tempo insuportável. Quando finalmente desistiu, vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Sentou-se numa das camas individuais, tentando reprimir o impulso de chorar. Não permitiria que Jessie o ouvisse chorar. Precisava de se dominar. A força da sua fúria começara a amedrontá-lo. Sentia uma necessidade avassaladora de ir ao mosteiro à procura do homem. Queria agarrá-lo pelo pescoço e atirá-lo contra a parede da igreja.

Ficou assim no quarto pequeno e escuro durante horas. De início, foi sacudido por espasmos de angústia, um tremor físico nas pernas. Depois de passarem, conseguiu pensar.

Quando fez a pergunta a Jessie – Quem é ele? – não acreditou sinceramente que houvesse alguém. No fundo, não.

A possibilidade de haver outro homem ocorreu-lhe num flash de intuição ao olhar para as pinturas dela. Sentiu-se chocado com elas, com a sua extraordinária carga erótica, com a profundidade do mergulho da mulher representada. Foi como assistir a uma morte – a morte de Jessie. A sua vida anterior, todas as velhas adaptações e papéis estavam a separar-se e a subir à tona enquanto a mulher descia cada vez mais fundo. Ficou ali confuso, intrigado com o destino final do seu mergulho.

E

depois viu o esboço dos dois amantes abraçados no leito do oceano. Compreendeu instantaneamente. Foi atingido em pleno coração.

O casal no leito do oceano. O lugar a partir do qual não se pode ir mais longe. Quando viu a imagem e a ideia louca o acometeu, estacou por alguns momentos e pensou: Não. Era absurdo pensar que Jessie fosse capaz disso. Absurdo. Sempre confiara nela. Inquestionavelmente.

Mas explicava tanta coisa. A sua atitude pouco comunicativa quase desde que chegara à ilha de Egret. A forma estranha e abrupta como desejou separar-se dele por algum tempo, a sua incapacidade para apresentar uma razão lógica para isso. Já antes de partir de Atlanta ela andava distante, deprimida com a ida de Dee para a universidade, questionando-se a si própria e à sua vida.

E assim ele fizera a pergunta. Tinha-lhe simplesmente saído. Quem é ele?

Ocorreu-lhe que Jessie lhe tinha respondido com honestidade não só porque queria pôr fim à sua traição mas porque queria forçar qualquer coisa a acontecer. Ao consciencializar isto, sentiu uma pontada de pânico no peito. Seria possível que não fosse um romance –passageiro? Ela amaria verdadeiramente esse homem? Levou a mão ao peito, tentando conter a agonizante sensação de traição.

Começou a sentir-se esvaziado. A sentir uma tristeza profunda. Passou a noite a levantar-se e a deitar-se, tentando em vão adormecer, mas acabava sempre às voltas pelo quarto, passando pelas pinturas de Jessie encostadas à outra cama.

Através da pequena janela, viu o céu adquirir uma ténue claridade, transformando-se de negro em cinza, essa aparência de fumo que surge por vezes antes da alvorada, e pela centésima vez olhou para o relógio. Não havia maneira de sair da ilha antes da primeira travessia deferry às nove, mas sabia que, assim que clareasse o suficiente, partiria.

Quando saiu para o corredor, ainda não eram seis horas. Levou a mala para a sala de estar e pousou-a no chão e, em seguida, diri-giu-se ao quarto de Jessie.

Ela tinha a porta fechada e ele abriu-a simplesmente e entrou. Ela estava a dormir da forma como ele a vira dormir durante vinte anos, deitada sobre o lado direito com o cabelo espalhado na almofada e a mão enfiada debaixo da cara. O vidro da janela cobria-se de um tom de prata. A luz do dia começara a infiltrar-se. Ficou ali a observá-la, a estudar os tons de cinza sobre o seu cabelo, a saliva acumulada nos

cantos da sua boca aberta, a respiração suave e arranhada que era quase, mas não chegava a ser, um ressonar, e todas estas coisas lhe deram vontade de se deitar ao lado dela.

Já não tinha a aliança e o anel de noivado no dedo. Encontrou-os numa pregadeira de veludo em cima do toucador, enfiados num alfinete. Tocou-lhes com o dedo, pensando nos gansos da pintura dela, como ela os lançara para a superfície.

Tirou a aliança de ouro do dedo e colocou-a em cima do anel de noivado de diamantes e da aliança de platina que há tanto tempo lhe oferecera.

Nove dias mais tarde, já em casa em Atlanta, continuava a sentir o mesmo desespero que o invadira nessa noite.

Nos últimos vinte minutos, a paciente sentada no seu consultório estivera a falar da morte do seu dachshund, Abercrombie, de dezoito anos, alternando com episódios da vida dele e chorando. Ele tinha-a deixado discorrer sobre o cão porque, nesse dia, era simplesmente mais fácil e de qualquer modo suspeitava que ela não estava a chorar pelo cão mas pelo irmão que tinha falecido três meses antes, ao fim de anos de afastamento, e por quem não derramara uma lágrima.

A mulher tirou o último lenço de papel da caixa ao seu lado e passou-lhe a embalagem vazia como uma criança que precisa que lhe encham o copo. Ele levantou-se da poltrona de couro e retirou mais lenços de papel do armário de ripas por baixo da estante, voltando a sentar-se e esforçando-se por não pensar em Jessie e por se concentrar nas emoções dissociadas da sua paciente.

Desde que regressara que era assim, esta aflitiva incapacidade de se concentrar. Ora ouvia o doente, ora se encontrava de novo no momento em que Jessie anunciara o nome do irmão Thomas.

– Não sei que mais podia ter feito – disse a doente, sentada no sofá com as pernas enfiadas debaixo do corpo. – A artrite do Abercrombie estava a piorar tanto que ele já não conseguia andar e já estava a tomar tantos esteróides. Sinceramente, que mais é que eu podia ter feito?

– Estou certo que procedeu da melhor forma ao mandá-lo abater – disse-lhe Hugh, o que desencadeou outra crise de choro.

Ele observou a cabeça inclinada dela a sacudir-se entre as mãos e censurou-se por estar sentado na sala com ela sem estar presente, por

ouvir tudo o que ela dizia sem nada registrar.

A sua mente divagou e mais uma vez estava diante da pintura que Jessie tinha feito a lápis de cor. O homem era um monge. O facto não era tão chocante como a ideia de Jessie, a sua Jessie, ter uma ligação extraconjugal, mas continuava a atordoá-lo. Ela quisera que ele soubesse; caso contrário, teria simplesmente respondido "Thomas". Não conseguia imaginar por que razão ela acrescentara "irmão", a não ser que escondesse alguma mensagem inconsciente. O quê? Queria que ele tomasse consciência da magnitude daquilo a que este homem teria de renunciar para estar com ela?

Desde o seu regresso, sentia a sua vida continuamente a implodir, o vácuo aumentando de dia para dia. Duas noites antes, sonhara que era um astronauta, preso ao vaivém espacial por uma corda que de súbito rebentara. Caiu simplesmente num abismo de escuridão, vendo a sua aeronave diminuir de tamanho até se tornar num pontinho branco no silêncio.

O seu ódio pelo homem com quem Jessie estava submergia-o em súbitas vagas. Imaginava os dois – o homem a tocá-la em sítios que lhe tinham pertencido exclusivamente a ele, a respirar dentro do cabelo dela. Quantas vezes o teriam feito? Onde? Uma vez acordara alagado em suor, pensando se nesse momento estariam a fazer amor.

Foi degradante descobrir a sua capacidade para a violência e a vingança. Tinha-se familiarizado com ela, como todos os bons psicanalistas, de um modo teórico ao estudar o conceito de Jung sobre a sombra pessoal e colectiva, mas conhecia-a agora como uma realidade viva. Tinha deixado de se visualizar a ir ao mosteiro e a agarrar o homem pelo pescoço, mas não negava que havia momentos em que desejava que o monge asfixiasse e se esvaísse em sangue.

Claro que nunca poria nada disto em prática, mas mesmo o desejo, a necessidade, aniquilava preciosas ideias que alimentara sobre si próprio. Não era especial. Não era privilegiado. A sua bondade, o seu discernimento, não o colocavam num lugar à parte. Era como as outras pessoas, carregando a mesma dose enorme de trevas.

A consciencialização disto devolveu-o à sua própria humanidade. Ocasionalmente, quando era capaz de se encarar como algo mais do que

a dor que sentia, esperava que o seu sofrimento não fosse em vão, que algures dentro de si estivesse a torná-lo dócil e terno.

Apercebeu-se de que a mulher sentada à sua frente estava a explicar os pormenores da morte do cão.

– Ele estava num sofrimento tão atroz... não se podia pegar nele que começava logo a ganir... por isso o veterinário veio dar-lhe a injeção ao carro. O Abercrombie estava deitado no banco de trás e, quando viu o Dr. Yarborough, sabe o que fez?

Hugh abanou a cabeça.

– Olhou para ele e agitou a cauda. Dá para acreditar?

Sim, pensou Hugh. Dá para acreditar.

Quando Jessie lhe ligou naquele domingo a pedir que fosse, ele foi, como o estúpido do cão... a agitar a cauda. Pensou que ia ao encontro de uma reconciliação, que o que quer que a tivesse afectado chegara ao fim.

Não lhe custou ver a que ponto ela mudara. O calvário com Nelle deixara-a exausta e desgastada mas, por detrás, ele pressentiu vitalidade. Havia uma inconfundível independência a afirmar-se, um autodomínio que não existia antes. Viu também como as pinturas dela tinham mudado, explodindo para fora dos limites das suas pequenas caixas, transformando-se em audaciosos excertos do enigmático processo que estava a atravessar.

No passado, muitas facetas de Jessie permaneceram invisíveis aos seus olhos. Ao olhar para ela, na sala de espera do hospital, depois de uma separação tão prolongada, conseguira vê-la de novo.

Quantas vezes nos acontecia isso, pensou – olhar para alguém e não ver o que lá está? Porque é que tinha sido tão difícil olhar para a mulher e compreender o quanto necessitava dela, a forma como a sua vida estava contida na acumulação de momentos partilhados?

Olhou para a mulher à sua frente e procurou por um momento vê-la. Ela estava agora a descrever-lhe o cemitério de animais de estimação.

Tocou na estranha e pequena pulseira no seu pulso.

A última vez que Dee telefonou foi no seu aniversário.

– Quando é que a mamã volta para casa? – perguntara.

Ele fizera uma pausa. Demasiado longa.

– Passa-se qualquer coisa, não passa? Ela está lá há uma eternidade.

– Não te vou mentir, meu amor. Estamos a ter problemas – tinha dito à filha. – Mas não é nada de grave, está bem? Todos os casamentos passam por crises. Nós vamos resolver a nossa.

Cinco dias mais tarde, tinha chegado a pulseira. Ela própria a fizera.

Não sabia o que dizer agora a Dee. Não sabia o que dizer a si próprio.

Olhou para o relógio do consultório, por cima da cabeça da mulher. O fim do dia aterrorizava-o. A noite as pinturas de Jessie perseguiram-no, despertando-o. Sentava-se ao fundo da cama a recordar como as cores se tornavam mais brutais à medida que a mulher descia.

Na noite anterior, desesperado para aliviar a sua angústia, procurara considerar o que Jessie tinha feito, não como marido, mas como psiquiatra. O impulso era absurdo mas o raciocínio analítico tinha-lhe concedido uma ou duas benditas horas de distância do seu tormento. Arejou as suas emoções, conseguiu formar uma certa perspectiva.

Sentia-se grato pela mais pequena mercê.

Fora ao escritório consultar vários livros, leu e tomou notas. Esbarrou repetidamente com a mesma ideia – que não lhe era de todo desconhecida – que, quando uma pessoa estava a precisar de uma mudança de proporções catastróficas, de todo um novo centro na sua personalidade, por exemplo, a sua psicologia induzia uma obsessão, um laço erótico, uma paixão intensa.

Ele sabia-o. Todos os psicanalistas o sabiam. A paixão era o catalisador mais antigo e implacável do mundo. Mas, normalmente, uma pessoa apaixonava-se por qualquer coisa que lhe faltava e que reconhecia na outra pessoa, mas ele não conseguia compreender o que Jessie tinha visto neste homem supostamente espiritual que tão profundamente a cativara.

Ao fim de quase uma hora nessa actividade, metera os apontamentos na gaveta e voltara para a cama. De repente, tudo lhe parecera um chorrilho de disparates abstractos.

Não queria aplicar nada disso a Jessie. Não queria introduzir na equação a clemência da compreensão. As razões dela eram imperdoáveis, por mais poderosas que pudessem ser.

A mulher tinha estado com outro homem. Traíra-o e, mesmo que viesse implorar-lhe perdão, não sabia se alguma vez a aceitaria de volta.

– Dr. Sullivan? – disse a doente.

Tinha transferido a sua atenção dela para a janela, o cotovelo apoiado no braço da poltrona, o queixo no punho, e estava a contemplar a forma da pereira Bradford repleta de flores, contra a vidraça. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

Virando-se para a mulher, sentiu um intenso embaraço. Ela passou-lhe a caixa de lenços de papel que tinha nas mãos e ele tirou um e limpou os olhos, constrangido.

– Peço desculpa – disse. Abanou a cabeça, pasmado consigo mesmo.

– Não, por favor – disse ela, cruzando as mãos junto ao pescoço. – Não peça desculpa. Estou... estou comovida.

Pensou que as lágrimas eram por ela. Pelo dachshund dela. Estava a sorrir-lhe, assombrada perante o seu coração de santo. Ele não sabia como lhe dizer que a sua emoção não tinha nada a ver com ela, que na verdade estava nesse momento a ser o pior psiquiatra possível.

– Todos nos desiludimos uns aos outros.

A mulher arregalou os olhos ao procurar entender o sentido das suas palavras.

– Eu desiludi a minha mulher – acrescentou.

Jessie tinha-o desiludido, sim, horrivelmente, mas ele também a desiludiu. Negligentemente, tinha-a subestimado. Não lhe concedera a pequena indulgência de a deixar encontrar a sua própria identidade.

– Eu desiludi... pessoas – disse a mulher, como se ele estivesse a experimentar uma abordagem inovadora e ela estivesse a participar.

– Refere-se ao seu irmão? – perguntou ele suavemente e ouviu o soluço vir de dentro dela e encher a sala.

CAPÍTULO 33

Trouxe a minha mãe do hospital para casa no dia de Santa Senara, sábado, 30 de Abril, um dia inundado de luz. Ao fim de treze dias no hospital, a minha mãe melhorara o suficiente para ter alta, o que parecia indicar que estava suficientemente medicada para não voltar a ferir-se a si própria. Segundo a enfermeira, ela fora agradável, não tendo demonstrado um comportamento aberrante, mas tinha recusado abrir-se.

– Estas coisas levam tempo – explicou a enfermeira e, a seguir, fez-me uma prelecção levemente paternalista sobre a importância de a minha mãe se deslocar ao hospital todas as semanas para consultar o psiquiatra e de seguir a medicação à risca.

Ao embarcar no ferry, cedo nessa manhã, já decorriam os preparativos para o dia de Santa Senara. Um dos monges estava de gatas, na ponta do cais, a colocar um rectângulo de tapete cor de coral no qual seria pousado o trono da sereia depois da sua sinuosa procissão desde a abadia. Quando eu era pequena, o tapete era invariavelmente vermelho, embora tivesse havido um ano em que apareceu um cor-de-rosa com franjas, com a aparência suspeita de um tapete de banho, o que originou uma pequena polémica.

Tinha sido instalada uma mesa desmontável e a mulher do Shem, Mary Eva, estava a dispor nela caixas de Lágrimas de Sereia, que seriam lançadas ao mar durante a cerimónia.

Atravessando a baía, pensei nas Lágrimas de Sereia que tinha posto em cima da nassa de caranguejos no eremitério do Whit. Já não ia lá desde que a minha mãe dera entrada no hospital, nem tinha visto o Whit – nem uma vez em duas semanas. Mandara-lhe uma mensagem, levada pela Kat, a explicar que ia passar os meus dias no hospital com a minha mãe e que não podia estar com ele durante algum tempo.

Ele não respondeu. Não se dirigiu ao limite do quintal da minha mãe, espreitando por cima do muro de tijolo, nem chamara por mim. Eu estava em casa sozinha todas as noites e ele não apareceu. Talvez suspeitasse que a minha mensagem não contava a história toda. Talvez tivesse detectado a tristeza por detrás das minhas palavras.

Na manhã depois de confessar ao Hugh o meu romance, encontrei a aliança dele na pregadeira, juntamente com a minha, e não havia sinais dele em casa. Precipitei-me para a rua, com o intuito de o apanhar no cais do ferry antes de ele partir da ilha, mas, quando cheguei ao cemitério dos escravos, reconsiderei. Recordei a forma como ele recuou, quase violentamente, quando eu estendi o braço para ele, a raiva na sua voz quando me repeliu. Falara com os dentes cerrados. O seu olhar tinha uma expressão tão dorida e chocada que não o reconheci. Nesse momento, pareceu-me que podia pelo menos poupá-lo a uma visão de mim tão pouco tempo depois. Isso, pelo menos, podia fazer por ele. Foi

então que se abateu sobre mim um sentimento de depressão, como uma fadiga indizível, e sentei-me ao lado dos túmulos, observando uma pomba a esgaravatar na terra e a emitir sons ténues desamparados que me partiram o coração. Era como se alguém, de súbito, me tivesse entregue uma pedra enorme, o peso de todo o sofrimento que eu causara, e dissesse: Toma, agora tens de carregar com ela.

E eu fizera-o. Estes treze dias.

Ainda me custa compreender e muito mais explicar a queda que acompanha a perda necessária, compreender a que ponto é imperativa. Atingiu-me como o anoitecer.

Não era que lamentasse o que tinha feito, que desejasse uma reversão qualquer; não trocaria a forma como o meu amor pelo Whit me deu uma nova vitalidade, um conhecimento de mim própria, a centena de maneiras como me quebrou e engrandeceu. Foi apenas porque vi o seu efeito. Vi-o na dor imortal nos olhos do Hugh, na pulseira que a Dee entrançou para ele, na intolerável cerimónia que as nossas alianças conduziam agora na pregadeira.

Todas as manhãs deixei a ilha e regressei à tardinha. Fiz companhia à minha mãe no que chamavam a sala de convívio. Com a sua televisão, sofás e pessoas estranhas a arrastar os pés, recordou-me o Purgatório de Dante, que li na escola. A única parte da história de que me recordava era a dos habitantes a carregar pedras enormes em redor de uma montanha.

Observei como os medicamentos haviam tornado a minha mãe dócil, observei tudo de um lugar de aridez e dor, voltando sempre ao momento em que o Hugh compreendeu tudo e fez a sua pergunta. Dia após dia, revivia a minha estupefacção por ter respondido sem hesitações, usando o nome de monge do Whit. Como que a realçar as suas credenciais espirituais. Como se, por qualquer razão, elas conferissem nobreza ao que estávamos a fazer.

A minha mãe passou os dias sentada sem energia na cadeira, movendo os dedos pelo cubo de Rubik que eu lhe levava de casa. Pedira-me o dedo com tanta insistência que acabei também por lho levar. Uma noite lavei-o debaixo da torneira, fazendo um esforço enorme para segurar na palma da mão essa parte perdida dela, esfregar as manchas de sangue. Levei-o num frasco de compota, submerso em álcool etílico

para não apodrecer. Pedi autorização para ela o guardar no quarto mas, por uma questão de segurança, escrevi no frasco NÃO DEITAR FORA.

À noite, pelo telefone, ia pondo a Kat e a Hepzibah ao corrente de tudo, aquecia sopa de lata que havia na despensa e escutava o interminável solilóquio de tristeza e culpa que não se calava dentro de mim. Sempre que pensava no Whit, ansiava por estar com ele, mas já não sabia se o meu desejo era ditado pelo amor ou pela simples necessidade de ser confortada.

Apesar disso, ainda não podia permitir-me estar com ele. Parecia perverso fazer amor com ele quando a dor do Hugh era tão recente, a dor de nós os dois. Era sem dúvida irracional, mas sentia que me estava a abster por respeito para com a morte do meu casamento.

A minha mãe pareceu entusiasmada quando saímos do hospital nessa tarde. Dentro do carro de aluguer, baixou a pala e passou um pente pelo cabelo branco e depois deixou-me atónita quando aplicou o seu velho bâton vermelho-vivo. Secou-o com um recibo de gasolina que encontrou no assento. Foi um gesto de tal modo normal que lhe sorri.

– Estás bonita – disse eu, temendo por um momento que ela respondesse limpando os lábios, mas ela retribuiu-me o sorriso.

O ferry estava a abarrotar de turistas; não havia sequer lugares em pé. A minha mãe ia agarrada ao frasco que continha o seu dedo como uma criança que leva para casa um peixinho dourado da loja. Eu embrulhara-o numa toalha de papel presa com um elástico mas, mesmo assim, ainda lhe valeu alguns olhares curiosos dos passageiros.

Ao aproximarmo-nos, vi a linha de barcos camaroeiros já a formar-se do lado sudeste da ilha, ao largo do Atlântico.– E o dia de Santa Senara – disse eu à minha mãe.

– Julgas que não sei? – retorquiu ela bruscamente.

Desde a morte do meu pai que ela não participava nas festas. Como com o Piquenique das Raparigas, tinha-as simplesmente erradicado da sua vida. Mas o facto de ter abolido esta intrigara-me genuinamente. Afinal, Santa Senara era a santa dela.

A Kat estava à nossa espera no cais, a cheirar à loção de lavanda que usava. Sem a Benne. Beijou a minha mãe na face.

Eu não estava a contar com ela.

A minha mãe inspeccionou a doca, as caixas de Lágrimas de Sereia, assim como uma pequena mesa do mosteiro com um frasco de prata em cima – o que era usado todos os anos para aspergir água do mar no trono da sereia. Vi os olhos dela procurarem o tapete cor de coral na ponta do cais. O Max estava deitado nele como se o tapete tivesse sido ali posto especificamente para ele.

Ela olhou para o retalho de carpete com uma espécie de repugnância no rosto e eu imaginei que estava a visualizar o trono da sereia colocado em cima dele.

– Vamos dar uma volta – disse a Kat, pegando no braço da minha mãe. – Tu também, Jessie.

Conduziu rapidamente a minha mãe pelo cais até ao passeio onde eu tinha deixado o carro de golfe. Preparava-me para me sentar ao volante quando vi a Kat seguir em frente com a minha mãe. Pousei a mala dela no assento e segui-as.

Lembro-me de ter tido consciência de um leve e fugaz temor e de o ter ignorado. Não perguntei onde íamos; acho que tive a impressão de que a Kat queria distrair a minha mãe do momento em que ela vira o tapete no cais. Caminhei atrás delas, ao longo da enfiada de lojas, passando pelo minimercado Caw Caw e pela casa de hóspedes Island Dog, ouvindo a Kat bombardear a minha mãe com perguntas inofensivas. O cheiro a camarão frito que chegava do Max's Café era tão intenso que até o ar parecia gorduroso.

Consultei o relógio. Eram cinco da tarde, a luz começava a dissipar-se, as nuvens tingidas de vermelho. O dia adquiria os primeiros tons vermelho-sangue do pôr-do-sol.

As festas começariam às seis, altura em que todos os monges e insulares capazes de andar começavam a afluir à doca atrás do trono da sereia. A frente da procissão, o abade estaria aperaltado com casula e estola, o báculo na mão. E no meio de todo esse alvoroço estaria o Whit.

A Kat deteve-se por baixo do toldo da Mermaid's Tale e abriu a porta com a chave. O letreiro na montra dizia FECHADO. Por absurdo que pareça, nem então me passou pela cabeça que o nosso passeio pudesse ter outra finalidade que não distrair a minha mãe de alguma angustiante lembrança do passado que se tinha apoderado dela mais cedo no cais.

Entrando na loja atrás delas, ouvindo os sons da rua a esbater-se, reparei na Hepzibah, no Shem e no padre Dominic, em pé ao fundo da loja, junto da caixa registradora, com a pintura dos destroços do naufrágio que eu tinha feito aos onze anos – as chamas debaixo de água e todas as felizes criaturas marinhas. O Dominic não trazia hábito nem chapéu, mas um fato com a volta sacerdotal. O Shem, afogueado e com um ar constrangido, estava de braços cruzados sobre o peito robusto, com as mãos enfiadas nas axilas como se alguém o tivesse obrigado a ir ali sob a ameaça de uma arma.

Apercebendo-se deles aparentemente ao mesmo tempo que eu, a minha mãe deteve-se a meio da loja. Imobilizou-se, no meio do imponente ajuntamento de sereias da Kat.

Estavam penduradas sobre ela no tecto, na forma de espanta-espíritos de alumínio, e rodeavam-na de todos os lados numa profusão de estatuetas de porcelana, colares, figuras em sabão, velas e toalhas de praia. Observei-a começar a recuar em passos tímidos.

A Hepzibah correu para ela com uma estranha expressão de determinação e também relutância no rosto, um ar de quem deita ombros a uma tarefa necessária. Cingiu a minha mãe com os dois braços, obrigando-a a parar.

– Vai correr tudo bem, Nelle. Prometo. Vamos só ter uma conversinha, está bem?

Ainda hoje a imagem não me sai da cabeça – a minha mãe dentro do círculo escuro dos braços da Hepzibah sem mexer um músculo, agarrada ao frasco numa imobilidade arrepiante.

Soaram dois estalidos secos e apercebi-me de que a Kat tinha fechado a porta atrás de nós. Nesse momento, virei-me bruscamente para ela.

– Por amor de Deus, que vem a ser isto?

Procurando as minhas mãos, a Kat apertou-as com força.

– Sinto muito, Jessie – disse ela. – Não fui honesta contigo. Sou uma idiota casmurra que tem a mania que sabe tudo e pensou que estava a proceder bem, e afinal acho que só piorei as coisas.

Inclinei ligeiramente a cabeça para trás, estudando a expressão dela. Tinha a aparência do gelo prestes a quebrar. Os seus olhos estavam franzidos, a boca contraída para evitar chorar, e compreendi o que lhe

devia ter custado proferir aquelas palavras. Preparei-me para o que elas escondiam.

– É que... juro-te, nunca pensei que a Nelle estivesse assim tão mal.

– Mas porque é que estamos aqui?

– No dia em que estávamos na sala de espera do hospital, compreendi que, se não tentasse pelo menos pôr tudo às claras, uma destas noites a Nelle ia acabar por se esvaír em sangue até à morte. Se o que ela precisa é de recordar, como tu e o Hugh disseram, então, por Deus, sentemo-nos aqui a recordar.

Senti uma vertigem. Começava lentamente a perceber: a Kat, a Hepzibah, o Dominic, o Shem – todos eles sabiam. Conheciam a razão pela qual a minha mãe se tinha mutilado, a razão pela qual a morte do meu pai tinha também, de algum modo, posto fim à vida dela. Até a razão pela qual o cachimbo dele estava enterrado na gaveta dela e não no oceano. Estas coisas tinham sido como cigarras em hibernação que vivem na terra durante dezassete anos e depois, um dia, quando o ciclo se cumpre, surgem a rastejar à luz do dia.

Olhei de relance para o Dominic, que encarou o meu olhar, levantando os cantos da boca num sorriso doce, tentando tranquilizar-me.

Sabiam há trinta e três anos. Quando eu era menina e pintara os destroços do barco, quando colhera rosas no jardim do mosteiro e as espalhara, como se fossem as cinzas do meu pai, pela ilha. Sempre que eu viera de visita, eles sabiam.

A Hepzibah tinha sentado a minha mãe numa das cadeiras articuláveis junto do balcão. Reparei que o frasco lhe tinha sido tirado e se encontrava entre a caixa registadora e um expositor de pastilhas elásticas sem açúcar. A minha mãe estava sentada com o que me pareceu uma resignação extraordinária.

Nesse dia, a Hepzibah não tinha posto nenhum tipo de turbante mas arranjava o cabelo em trancinhas finas. Fixei-a por um momento enquanto ela passava um dedo ao longo das tranças e com a outra mão dava palmadinhas no braço da minha mãe. Da última vez que tinha estado ali sentada, a Kat, a Hepzibah e a Benne estavam a comer gelado de noz-pecã.

Em pé junto à porta ao lado da Kat, considerei, pela primeira vez, que o que eles estavam a fazer – esse dito recordar, como lhe tinha chamado a Kat – podia não fazer bem à minha mãe. Eu devia ser a última pessoa a pensar nestes termos, depois de tudo o que tinha dito, mas o que aconteceria se a verdade a esmagasse, se a fizesse de novo cair em depressão, refugiar-se na sua concha?

Debrucei-me na direcção da Kat, mantendo a voz baixa.

– Quero que a minha mãe confronte a realidade tanto como qualquer outra pessoa, mas será esta a maneira correcta de o conseguir? Por amor de Deus, ela acabou de sair do hospital.

– Liguei ao Hugh hoje de manhã – disse a Kat.

– Ao Hugh? – Pronunciei o seu nome e senti-o ampliar-se na sala, senti-o sugar o ar.

– Se ele não tivesse concordado, não estava aqui a fazer isto – garantiu-me ela. – Aliás, pareceu considerar que era uma ideia brilhante.

– Ai sim? – Fingi-me surpreendida mas não me custava nada a crer que ele apoiasse uma iniciativa destas: amigos dedicados a juntar-se em volta da minha mãe, a ajudá-la a confrontar aquilo que estava gradualmente a destruí-la.

A Kat disse:

– O Hugh sugeriu que falássemos com ela como amigos, que não a pressionássemos de mais. A coisa tem de sair da boca dela.

A coisa.

– E explicaste-lhe o que era essa "coisa"? – perguntei.

Ela desviou de mim os olhos.

– Conte-lhe tudo.

– Ah, mas a mim não foste capaz de contar? – A minha voz estava carregada de exasperação e raiva. – Precisas de me armar uma emboscada juntamente com a minha mãe?

Ela abanou a cabeça, fazendo esvoaçar as madeixas de cabelo à volta da cara. Ouvi os outros ao fundo da sala a murmurar no silêncio.

– Não te censuro por estares zangada – disse a Kat, recuperando a impertinência. – Eu mereço, pronto. Acho que é ponto assente. Mas faz-me um favor e não chames a isto uma emboscada. Quer queiras ou não acreditar, é por amor à Nelle e por mais nada que estamos a fazer isto. –

Ficou ali a gesticular, pequena e tenaz, e eu não duvidava do amor dela pela minha mãe, não duvidava que tivesse carregado com ela a infelicidade da minha mãe nos últimos trinta e três anos como se, de algum modo, também lhe pertencesse a ela.

– Foste tu que me convenceste que tínhamos de falar sobre isto – protestou ela. – Além disso, a Nelle foi parar ao hospital com outro dedo cortado. Já te teria contado, mas só ontem à noite é que resolvi as coisas na minha cabeça. E até hoje de manhã não sabia se era capaz de ir até ao fim.

Respirei fundo, sentindo-me ceder, irritada por ela ter pedido conselho ao Hugh, mas ao mesmo tempo aliviada.

A Kat começou a acalmar-se.

– O Hugh disse que a Nelle estava agora estável com a medicação e que até o médico dela a considera preparada para enfrentar o passado e aquilo que desencadeou tudo isto.

Então o Hugh tinha-se mantido em contacto com o médico da Nelle, pensei.

Eu e a Kat atravessámos a loja e sentámo-nos – eu ao lado da minha mãe, enquanto o Shem e o Dominic ocupavam as duas últimas cadeiras.

– Eu não sabia de nada disto – disse eu à minha mãe.

– Se ainda não me odeias, hás-de ficar a odiar – respondeu ela.

– Ninguém vai odiar ninguém – disse a Kat. – Sei que trazer-te aqui não foi o acto mais correcto do mundo mas a verdade é que temos de fazer isto.

A minha mãe fitava as mãos, as palmas viradas para cima, em concha, sobre os joelhos.

– Olha, passei por tua casa e trouxe-te o terço – disse a Kat. Levou a mão ao bolso, tirou as contas vermelhas e enfiou-as na mão sã da minha mãe.

Ela fechou os dedos em volta delas.

– O que queres que eu faça?

– Tente simplesmente exprimir por palavras o que aconteceu com o Joe – disse-lhe o Dominic.

Esperámos.

O meu coração começou a bater descontroladamente. Não queria saber. Tinha mais ou menos empurrado toda a gente para isto e agora

sentia-me desfeita só de imaginar o que poderia ser.

Se ainda não me odeias, hás-de ficar a odiar.

A minha mãe virou a cabeça e olhou para mim e foi como olhar através de um alçapão escuro para um mar de mágoa sombria.

– Não te vou odiar – disse eu. – Precisas de falar sobre isso. O que quer que seja.

Percebi que começava a ceder. Todos percebemos. Continuámos ali sentados, evitando o olhar uns dos outros. O silêncio intensificou-se. Lá fora, os celebrantes de Santa Senara que tinham chegado de ferry começavam a encher o passeio à espera do trono da sereia. Vi um aglomerado deles através da montra da loja. Imaginá-los na rua a fazer as coisas normais que as pessoas faziam – ver montras, lamber gelados, pôr os filhos às cavalitas, esses actos ditosos do quotidiano – encheu-me da ânsia que apenas sentimos por essas aparentes insignificâncias quando as perdemos. Queria que tudo voltasse a ser normal. Caminhar com a gloriosa despreocupação reservada às pessoas indiferentes.

– O teu pai estava doente – disse a minha mãe, as palavras cuspidas ali para o meio como o caroço duro e amargo de um fruto que estivesse a comer.

Fez uma pausa e olhou para a porta.

– Nelle – disse o Dominic –, continue. Faz-nos bem a todos. Faça-o por si. E pela Jessie. Faça-o pela nossa bendita Santa Senara.

Imediatamente a sala encheu-se de uma claridade intensa. Era simplesmente o sol a espreitar do céu, batendo contra a janela e iluminando-nos com os seus feixes de luz mas, nesse mágico modo de pensar, parecia que Santa Senara tinha erguido a mão para abençoar as palavras do Dominic, fazendo com que a luz se elevasse e difundisse.

A minha mãe persignou-se.

– Era a mesma doença que o pai dele teve – disse ela. Estava agora decidida; essa determinação tomara forma nos seus olhos. – Chama-se doença de Pick.

Olhou para as tábuas de madeira dura do chão como se o relato lhes fosse dirigido, mas era claro que estava a falar comigo.

– Quando era rapaz, o Joe viu o pai... o teu avô... a ficar senil e a morrer da doença. Mas nesse tempo chamavam-lhe simplesmente demência. Foi só quando a doença foi diagnosticada ao Joe que

compreenderam o tipo de demência de que o pai tinha provavelmente sofrido.

Fechei os olhos. Doença de Pick. Nunca sequer tinha ouvido falar. Senti a vaga de dor a intensificar-se. Vi mentalmente a praia de Boné Yard, os ventos ciclónicos vindos da água desfazendo as dunas, sabendo que a ilha seria moldada em novos contornos.

– Quando nos conhecemos, o Joe falou-me do pai e de como a doença lhe tinha destruído o cérebro. – Falou numa voz hesitante e pesada, cada palavra lançada como um tijolo que estivesse a tentar erguer e colocar na posição correcta. – Mas acho que nunca lhe passou pela cabeça que pudesse sofrer dela; a possibilidade de se transmitir numa família é muito reduzida. Limitava-se a dizer que não havia cura, coisas assim.

Voltou a persignar-se. As lágrimas formavam-se junto às suas pestanas cinzentas.

– Uma vez o pai confundiu-o com um rapaz que tinha conhecido em novo. Aquilo quase matou o Joe. Mais tarde, o pai não conseguia sequer reconhecê-lo. A doença atrofiou-lhe completamente a memória. Era assim que o Joe se referia a ela, dizia que estava a devorar o pai de dentro para fora. Chegou a um ponto em que ele não era capaz de falar direito e a baba escorria-lhe pela boca. Para o fim, a mãe do Joe estava sempre a limpar-lhe o queixo e acabou por lhe pôr uma babete.

Estava debruçada na cadeira, as palavras a atropelarem-se numa torrente turbulenta. Dava ideia de que, ao descobrir uma fenda, a força da história tinha rebentado a comporta.

– No princípio, o Joe dizia que fora sobretudo a personalidade do pai que começara a mudar. Ele fazia coisas muito estranhas. Gritava com as pessoas na rua sem motivo nenhum ou deixava escapar um disparate qualquer pela boca fora. Muitas vezes eram coisas lascivas. Como se tivesse perdido as inibições todas. Mas o que mais ficou gravado na memória do Joe foi o dia em que o pai o atirou ao chão. Quando viu o que tinha feito começou a chorar. "Desculpa, meu menino, desculpa." Como se não soubesse quem ele era. Sempre que se lembrava desse episódio o Joe ia-se abaixo. Acho que foi um alívio quando o pai finalmente morreu. Ele tinha dez anos. E o pai só tinha quarenta e oito.

Os olhos dela pareciam ter encolhido, como amêndoas minúsculas na sua cara. O grande crucifixo na ponta do rosário pendia do seu regaço, baloiçando ligeiramente enquanto ela fazia correr as contas nos seus dedos experientes, como as velhas freiras.

A Hepzibah inclinou-se e deu-lhe uma palmadinha no braço, nas mãos, massajou-lhe a pele, parecendo querer moldá-la e devolver-lhe a forma.

– Anda lá, conta o resto, Nelle.

A minha mãe limpou os olhos.

– Um dia, o Joe veio ter comigo e disse que tinha a certeza de que herdara a doença do pai. Andava no barco e, quando tentou lançar a âncora, não se lembrava onde ela estava nem como formular mentalmente as palavras cabo da âncora. Ficou tão confuso que voltou imediatamente para o cais com medo de se esquecer também onde ele ficava. Ainda vejo a cara dele ao entrar pela porta da cozinha, pálido e amedrontado. Disse-me: "Valha-me Deus, Nelle, tenho a doença." Sabia e acho que eu também sabia. Tinha havido outros indícios... pequenas coisas que ele esquecia e depois andava muito irascível e sem conseguir pensar direito. Uns meses mais tarde, os médicos em Charles-ton confirmaram o que já sabíamos.

Ela não olhou para nós. Transformou o chão, os feixes de luz, os grãos de pó por eles iluminados num pequeno altar e concentrou nele o olhar.

– O teu pai não queria esquecer-se do teu nome – disse ela, e apercebi-me do desespero na sua voz, do som arranhado que produziu na garganta. – Também não queria esquecer-se do nome do Mike, mas era o teu nome, Jessie, que ele acordava a gritar. Às vezes acordava estremunhado a gritar: "Desculpa, minha menina, desculpa!"

– Baloçou o corpo para a frente e para trás e eu soube no meu íntimo que era isso que ela devia fazer quando ele acordava assim: tomá-lo nos braços e embalá-lo.

Era-me insuportável observá-la. A minha memória voou até ao momento em que fui dar com a minha mãe e o meu pai a dançarem na cozinha sem música. Tinham dado um ao outro um amor infinito.

– Disse-lhe um milhar de vezes: "Nunca hás-de esquecer o nome dos teus filhos; eu não te deixo. Deus há-de curar-te." – Tinha

começado a torcer o terço nas mãos.

Cheguei-me à frente e estendi a mão para a tocar. Desejava a minha mãe. Desejava debruçar-me e beijá-la como uma mãe beija um filho magoado. O meu amor por ela era tão confuso.

O terço caiu ao chão. Ela começou a falar com o meu pai como se ele estivesse sentado na sala connosco.

– Não me peças para fazer isso, Joe. Por favor, não me peças. Atravesso a ilha de joelhos se for preciso. Deixo de comer. Durmo no chão, no chão imundo. Hei-de obrigar Deus a ouvir-me. Jesus e Maria. Não me peças para fazer isto. Seria a nossa condenação.

Tinha o rosto afogueado.

A luz no soalho desvanecera-se, como se se tivesse evaporado. A minha mãe fixou a obscuridade que se formava em redor dos nossos pés, a tranquilidade com que as sombras emanavam de debaixo das cadeiras.

A Kat baixou-se e apanhou o terço. Nenhum de nós disse uma palavra. Eu experimentava a sensação indistinta e desorientada de flutuar, de me contorcer no mar como uma enguia. Não compreendia nada. O que é que ela estava a tentar dizer?

Mas estou convencida de que uma parte de mim sabia. Comecei a forçar o ar a entrar-me nos pulmões, como se estivesse a encher uma almofada de algodão que absorveria em breve um golpe impensável.

A minha mãe voltou lentamente o rosto para mim.

– Ele não me dava ouvidos. Sempre que me recusava, ele sorria e dizia: "Nelle, não há problema nenhum. Deus não te vai culpar. Acredita, vais exercer a clemência caridosa de Deus. Deixa-me ficar com a minha dignidade. Deixa-me morrer como preciso de morrer."

Nesse momento compreendi.

Acho que devo ter emitido um som, um gemido. Todos se viraram para olhar para mim. Incluindo a minha mãe. Senti pavor ao encará-la.

– Não devia ter-lhe dado ouvidos – disse a minha mãe. – Porque é que lhe dei ouvidos?

As pálpebras do Dominic abriam-se e fechavam-se e eu só conseguia pensar como pareciam delgadas, duas membranas de um branco azulado.

Permaneci sentada numa espécie de pasmo, a translucidez que surge quando a vida vai tomando forma até endurecer numa conta de uma

perfeição tão cruel que se vê com a maior das clarezas. Tudo subitamente ali – a vida como é na realidade, enorme, medonha, devastadora. Vê-se os enormes vazios que ela abre nas pessoas e os esforços dolorosos que o amor faz para as encher.

A minha mãe tinha começado a soluçar. A sua cabeça descaiu sobre o peito, os seus ombros sacudindo-se ao ritmo do seu choro. Peguei-lhe na mão porque estava ali e tinha de ser pegada. Porque a amava e odiava ao mesmo tempo pelo que tinha feito mas sobretudo porque me condoía dela.

A sua mão pesava como chumbo e estava húmida. Toquei nas veias que se torciam em direcção aos dedos.

– Fizeste a única coisa que podias ter feito – disse eu. Não consegui proferir mais do que esta concessão, esta indulgência.

Não tinha a certeza se ela ia dizer-me de que modo o tinha feito, se me interessava sequer saber.

Comecei a sentir os primeiros sinais de alívio. Olhei para o Dominic a mover silenciosamente os lábios e pensei que era uma oração de graças por ter finalmente terminado a submissão da minha mãe ao passado. Acreditei que, por mais horrível que a verdade fosse, pelo menos estava cá fora. Acreditei que as coisas não podiam piorar.

Foi nisto que me enganei.

A Hepzibah deu à minha mãe um copo de água. Observámo-la solenemente a retomar a compostura e a bebê-la, o som de engolir ampliado no silêncio. Ocorreu-me uma imagem: vasculhar a gaveta do toucador dela e encontrar o cachimbo.

– Não foi o cachimbo que causou o incêndio – disse-lhe eu. – Nunca foi o cachimbo.

– Não – disse ela. A pele do seu rosto tinha uma textura de borracha, com papos que pareciam pequenos balões esvaziados por baixo dos olhos. Mas havia uma expressão no seu olhar – a calma ausente que se sucede à catarse.

– Sabes o que é dedo morto, Jessie? – perguntou a Kat.

Virei-me para ela, espantada.

– O quê? – Fiquei ali sentada, a pensar estupidamente que ela devia estar a referir-se ao dedo da minha mãe no frasco. A sala estava mergulhada num silêncio absoluto.

– Dedo morto – repetiu. Falou numa voz suave, com ternura. – É uma planta. É da família da erva-moira. – Olhou para mim interrogativamente a ver se eu tinha entendido.

– É muito venenosa – acrescentou.

Compreendi instantaneamente – o meu pai tinha morrido devido à ingestão de uma planta tóxica qualquer.

Levantei-me, abanando a cabeça. Como é que uma pessoa revê de súbito imagens e ideias que transportou nas células sanguíneas do corpo durante trinta e três anos ?

Aproximei-me do balcão e apoiei-me na madeira gasta, enterrando a cabeça nas mãos.

– Dedo morto – disse eu, apercebendo-me de que o nome estivera na origem de todas as razões distorcidas da minha mãe para se mutilar.

A Hepzibah veio colocar-se ao meu lado. Tocou-me no ombro.

– Crescia no cemitério dos escravos. Às vezes ainda aparece se eu me descuidar. É um arbusto com folhas aveludadas e flores brancas acinzentadas com a forma de dedos e tem um cheiro pútrido horrível. Já a viste certamente na ilha.

– Não – disse eu, ainda com a cabeça nas mãos, não querendo visualizar a imagem.

– É mais misericordiosa do que outras ervas-moiras. Nos anos quarenta e cinquenta, as pessoas aqui usavam-na para acabar com o sofrimento dos animais de estimação.

O teu pai morreu em paz, Jessie. Adormeceu e não acordou.

Virei-me para a minha mãe, que estava com um ar tranquilo mas esgotado.

– Como é que soubeste o que fazer? Não te julgava uma entendida em plantas.

Ela não respondeu. O que fez foi olhar para a Kat e depois para a Hepzibah.

Elas tinham sido coniventes.

– Vocês ajudaram-na – disse eu olhando para elas à vez.

A Kat olhou para o chão e depois para mim.

– Fizemo-lo porque o teu pai nos pediu. Veio falar connosco... e com o Shem e o Dominic também... a pedir ajuda, tal como pediu à tua mãe. Nós adorávamos o Joe.

Teríamos feito tudo por ele mas nenhum de nós chegou a isto de ânimo leve.

Olhei para o Dominic, confusa. Por que razão o meu pai o faria cúmplice disto? A Kat e a Hepzibah, compreendia. Eram dedicadas à minha mãe e o meu pai sabia a que ponto ela precisaria delas depois. O Shem tinha sido o seu melhor amigo. Mas o Dominic...

Ele leu a minha expressão.

– Anda, vem sentar-te – disse-me o Dominic, esperando que eu chegasse à cadeira e me sentasse. – Um dia, o Joe veio falar comigo e disse que ia morrer, que seria uma morte prolongada e horrível e que não era capaz de passar por isso e muito menos de obrigar a família a fazê-lo. Disse que gostaria de abandonar esta vida sentado no trono da sereia. Queria sentar-se no lugar mais sagrado da ilha, rodeado pela mulher e pelos amigos.

O Dominic não podia ter dito nada no mundo que me tivesse surpreendido mais – ou que parecesse ao mesmo tempo mais natural e mais típico do meu pai.

– O teu pai era um homem encantador – disse ele. – Tinha aquilo que eu chamaria um sentido de humor imaginativo e serviu-se dele, mesmo num momento como aquele.

Disse-me com um sorriso que Deus lhe tinha mandado um dia sereias vivas e verdadeiras ao barco e insistiu que era certamente um sinal de que, quando morresse, devia estar sentado no trono agarrado a elas. Mas acima de tudo o que queria... – o Dominic olhou para a minha mãe. – Queria sentar-se no trono porque tinha de ser um lugar sagrado por causa da Nelle. Em teoria eu devia ser o oficiante... compreendes, presidir à sua morte, dar-lhe a extrema-unção e depois absolver a Nelle e todos nós. Inicialmente disse-lhe que não. Eu era a última esperança dele.

Continuava a tentar reconfigurar a morte do meu pai... alterar as imagens, as emoções que as acompanhavam. Tentei imaginá-lo sentado no trono da sereia, a olhar para o rosto da minha mãe, a cair lentamente num estado de coma. Estaria eu a dormir na minha cama enquanto tudo isto se passava? Ele teria ido ao meu quarto despedir-se de mim? Um fragmento de memória pairou-me no espírito, como um pequeno fruto

verde que nunca amadurecera: eu a abrir os olhos, a vê-lo em pé junto à minha cama.

A menina dançarina que ele tinha descascado para mim ao princípio dessa noite estava a escurecer na minha mesinha-de-cabeceira e eu vi-o estender a mão e tocá-la com os dedos.

– Papá? – A minha voz estava entaramelada de sono.

– Chiu – disse ele. – Está tudo bem.

Ajoelhou-se no chão e, passando-me o braço por baixo do ombro, apertou-me contra o peito, a minha face esmagada contra o pêlo áspero da sua camisa de bombazina.

Cheirava a tabaco de cachimbo e a maçãs.

– Jessie – disse ele. – Minha Menina Dançarina.

Tinha a certeza de ter ouvido o som suave do seu choro. Entoou o meu nome vezes sem conta, docemente ao meu ouvido, antes de me pousar novamente na almofada, devolvendo-me ao mundo indistinto dos meus sonhos.

Sempre soube que estas coisas tinham tido lugar. Em criança, sempre que entoava o meu nome através do pântano deserto, sabia. Mas só agora compreendi que tinham acontecido na noite em que morreu.

Estava agarrada a ambos os lados da cadeira. Tentava manter-me sentada.

– Porque é que mudou de ideias? – perguntei ao Dominic.

– O Joe estava determinado – respondeu. – Não era só encantador mas também astuto. Informou-me que ia suicidar-se quer eu ajudasse quer não, mas que seria muito melhor para a Nelle se eu o fizesse. Compreendi que podia cingir-me aos dogmas e virar as costas ou podia aceitar um acto terrível e inevitável e outorgar-lhe um pouco de misericórdia. Decidi ajudar.

Comecei a dizer o óbvio, que o facto de se terem juntado à volta de uma relíquia sagrada, bem como a absolvição dada pelo Dominic à minha mãe tinham acabado por não a ajudar muito, mas como é que eu sabia? Talvez sem a ajuda dele, a sua sanidade mental se tivesse agravado ainda mais.

– O barco? – perguntei. – Ele ao menos estava no barco?

O Shem, que não abrira a boca desde que nos sentáramos, levantou os olhos avermelhados para mim.

– Estava. Fui eu próprio que o levei para o barco... para aquele velho Chris-Craft dele... e o deitei lá dentro. Estava atracado na minha doca.

O Jes-Sea.

Subitamente ocorreu-me que o Shem se tinha envolvido, não por ser um amigo chegado, mas porque sabia fazer o barco explodir, dar-lhe a aparência de um acidente.

O Shem olhou para a minha mãe como que a perguntar se devia continuar. Durante os últimos minutos, ela tinha estado calada, fechada em si mesma, afundada na cadeira.

– Nelle? – disse o Shem e ela acenou-lhe com a cabeça.

Vi-o tomar fôlego. Ao expirar, o seu queixo tremeu.

– O Joe já tinha enchido o porão de gasolina e imobilizado o leme para o levar direito para a baía. Nessa noite, depois de eu o deitar lá dentro, pus o motor a trabalhar e deixei-o em ponto morto enquanto desligava o cabo da bateria. Depois acelerei-o até quinze quilómetros por hora e desamarrei o cunho do barco. Quando chegou à água mais agitada, o cabo solto começou a saltar de um lado para o outro e lançou uma fagulha. O barco explodiu antes de ter feito duzentos metros.

– Mas para quê ter esse trabalho todo só para dar a aparência de um acidente? É uma loucura.

A minha mãe fulminou-me com os olhos, recuperando a sua combatividade habitual.

– Para o teu pai isso era o mais importante. Foi por ti que ele quis que fosse assim, portanto não te atrevas a dizer que é uma loucura.

Aproximei-me e acocorei-me ao lado da cadeira dela.

Senti-me aliviada por ela ser capaz de se enfurecer, por ainda haver alguma coisa dentro dela.

– O que queres dizer, foi por mim que ele quis que fosse assim?

Ela inclinou a cabeça na direcção da minha e vi os seus olhos marejarem-se novamente de lágrimas.

– Disse que ias sofrer terrivelmente com a morte dele mas que viver com o seu suicídio seria mil vezes pior. Não suportava a ideia de tu pensares que te tinha abandonado.

Abateu-se o silêncio sobre a sala.

Algures nos vestígios mutilados da infância que restavam em mim, sabia que o meu pai fizera aquilo por mim, pela sua Menina Dançarina,

mas não sabia como carregar com esse fardo – a inclemente culpa do seu sacrifício.

Fechei os olhos e ouvi o meu pai a entoar docemente o meu nome ao meu ouvido. A entoar a sua despedida.

Jessie Jessie Jessie.

Enquanto viveu, não se esqueceu do meu nome.

Deixei cair bruscamente a cabeça no regaço da minha mãe e soluzei de dor na sua fina saia de algodão. Senti a bainha áspera da renda da sua combinação contra a minha testa. Tudo isto se destinara a levar a minha mãe a esvaziar todos os recantos escuros dentro de si e a pôr ordem no seu conteúdo, a recordar coisas e talvez, de algum modo, a colar de novo as peças partidas do seu ser. E tinha dado nisto. Em mim, dobrada sobre o regaço dela, a sua mão estropiada pousada na minha cabeça.

Quando saímos para o passeio, a névoa azul–escura do crepúsculo submergia tudo. A procissão do trono da sereia já tinha desfilado pela rua até ao cais. Entrando para o carro de golfe, vi a multidão aglomerada ao longo das grades. Imaginei os barcos camaroeiros a passar ao largo com luzes coloridas entretecidas nas redes levantadas. Imaginei o trono da sereia pousado no seu retalho de tapete cor de coral, banhado por toda aquela luz suave e cintilante, acabado de aspergir e abençoar.

A minha mãe sentou–se ao meu lado no carro de golfe enquanto conduzíamos ao cair da noite sem nos lembrarmos que ela deixara o dedo na loja, em cima do balcão.

CAPÍTULO 34

Em Maio, as marés ocuparam–se a arrastar para longe as ervas mortas do pântano. Estas vogavam através dos canais como uma flotilha permanente de jangadas cor de feno putrefactas. De manhã cedo, quando sabia que estaria sozinha, esgueirava–me até à doca na colónia. Ficava ali com a luz a elevar–se do outro lado do pântano, enchendo as narinas com o odor das ovas e do esperma, observando o grande êxodo flutuante, a forma imaculada e purgante como a natureza se renova.

Depois de ter sabido de que modo o meu pai morrera, a mágoa, de algum modo, dissipou–se. Não sou capaz de o explicar, excepto dizer

que se tira alguma consolação da verdade, por mais angustiante que seja. Chegamos finalmente ao irreduzível e não há nada a fazer senão aceitá-lo. Podemos então, pelo menos, sucumbir à severa clemência da resignação.

A minha mãe parecia aliviada por a verdade ter emergido da sua longa hibernação. Foi-me revelando gradualmente pequenos fragmentos, em geral ao fim da tarde, quando o dia escurecia e desfilava, pardacento, pelas janelas. Disse-me que a Kat e a Hepzibah tinham fervido punhados de folhas e pedaços da raiz da planta, des-fazendo-os numa espécie de puré. O meu pai insistira em beber a infusão por um dos cálices usados na missa. Tenho a certeza de que a sua intenção era ajudar a minha mãe a compreender que a morte é também um sacramento, que havia santidade no sacrifício que estava a fazer, se bem que não tenho dúvidas de que ela nunca o compreendeu.

Não sei se eu própria o compreendi completamente. Não sabia se o meu pai se imiscuía no território de Deus e cortara o fio que pertencia às Parcas... se usurpara aquilo que legitimamente não era seu – o poder aterrador de decidir quando. Ou se apenas usurpara o coração profundo de Deus, oferecendo a sua vida em sacrifício com o único desejo de nos poupar ao sofrimento. Não sabia se tinha sido soberba ou medo ou coragem ou amor ou tudo isso.

À noite, sonhava com baleias que lançavam os seus corpos doentes à praia para morrer de forma intencional. Inicialmente, gri-tava-lhes na minha perplexidade que voltassem para o mar, mas depois limitei-me simplesmente a caminhar pelo meio delas, passando as mãos pelos seus dorsos rugosos, ajudando-as a sucumbir ao mistério que haviam escolhido.

A minha mãe disse que o meu pai segurara no cálice com ambas as mãos e bebera rapidamente. Mais tarde, o Dominic mandara o cálice pelo Shem para ser posto no barco, com medo que o veneno nunca saísse completamente. Disse-me ela que começou a soluçar, enquanto ele bebia, mas que ele continuara a beber até ao fim e depois, olhando para ela, tinha dito: "Não bebi apenas a minha morte, Nelle. Tenta lembrar-te disso por mim. Bebi a minha vida."

O que eu mais desejava era que a minha mãe se tivesse, de algum modo, lembrado disso como ele quis.

A Hepzibah apareceu um dia à porta com o frasco contendo o dedo da minha mãe. Pousou-o sobre um lenço de renda em cima do toucador, entre a estátua de Maria e a fotografia do meu pai no barco. Aos poucos foram surgindo outros objectos em redor – três conchas de vieira, uma velha estrela-do-mar, um corrupio-do-mar. Começou a tomar o aspecto de um pequeno santuário.

Não perguntei o que significava – parecia, não sei porquê, errado intrometer-me – mas senti que ela estava, de um modo obscuro, a oferecer o dedo dela ao oceano, na esperança de que, como os dedos de Sedna, se transformasse noutra coisa qualquer.

Uma noite, enquanto as brisas de Boné Yard transportavam a maresia através das janelas abertas, fui ao quarto da minha mãe desejar-lhe boa-noite. Ela estava sentada ao toucador, de olhos fixos no frasco com o dedo. Passei o dedo pelo polegar dela, tocando a cicatriz do dedo indicador.

– Só queria que me dissesse porque é que achaste que tinhas de fazer isto a ti mesma – disse eu.

Quando ela olhou para mim, os seus olhos estavam mais claros do que alguma vez os vira.

– Em Fevereiro passado – disse ela –, pouco antes da Quarta-Feira de Cinzas, encontrei dedo morto a crescer ao lado da casa, junto da torneira de água. Senti-lhe o cheiro do alpendre. Duas plantas pequenas. No dia seguinte, havia três. Nunca aquilo crescera no quintal desde a morte do Joe e ali estava ela. Não me saía da cabeça, Jessie. Sonhava que as folhas estavam a entrar dentro de casa pelas janelas. Tinha de fazer alguma coisa para as travar. Para travar tudo.

Levantou a mão para o rosto do meu pai na fotografia e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Queria ser perdoada. Desfazer o que tinha feito. Só o queria de volta.

Foi tudo o que ela disse. Tudo o que alguma vez diria.

Queria desfazer o que tinha feito. Queria-o de volta.

Não sei se alguma vez compreenderei. Fosse qual fosse a sua intenção ao plantar o dedo no roseiral e ao enfeitar o frasco com bugigangas marinhas, era mais do que um triste gesto de expiação. Era uma última e desesperada tentativa para comunicar com ele. Julgo que o

que desejava era que ele voltasse a crescer de todos os lugares fracturados e torturados dentro dela, rememorá-lo como ele fora, como ambos haviam sido, antes de tudo acontecer. Queria pôr termo à culpa e à saudade.

Durante esses dias, pintei compulsivamente o meu pai tal como o imaginava sentado, nessa noite, no trono da sereia, tendo acabado de beber a sua morte e a sua vida.

Usando a fotografia no toucador da minha mãe como modelo para o seu rosto, pintei-o de olhos semicerrados, o rosto marcado pelas rugas do tempo, curtido e rijo como uma bota de couro – esse ar de "velho lobo do mar" visível em tantos rostos na ilha. Estava sentado, muito aprumado e imponente, como uma figura da realeza, segurando-se às sereias aladas nos braços do trono e fixando os olhos em mim.

Directamente por baixo do trono, no fundo da tela, como se num reino subterrâneo, pintei uma câmara rectangular, uma sala mágica e secreta. Dentro dela pintei uma menina.

Trabalhava na sala de estar e ocasionalmente no alpendre, relutante em esconder o que estava a fazer da minha mãe, que passava horas sentada a observar com escrupuloso assombro, à medida que a imagem dele ganhava forma, como se observasse o nascimento de um bebé.

Também eu sentia o mesmo mas por razões diferentes. Aquilo de que me apercebi foi que a minha vida tinha sido moldada em torno do meu pai, em torno da sua vida e da sua morte, das cascas de maçã e do cachimbo. Vi-o claramente enquanto ele nascia dos meus pincéis: Joe Dubois, o núcleo oculto e vibrante em torno do qual a minha vida tinha ganho forma.

– Quem é essa na caixa debaixo do trono? – perguntou a minha mãe, espreitando para a pintura por cima do meu ombro.

– Suponho que sou eu – respondi, ligeiramente irritada por ela ter usado o termo "caixa". Não tinha pensado nela exactamente assim mas notei que era verdade. A menina não estava numa sala mágica, numa sala encantadora. Estava numa caixa. A mesma menina que viria a crescer para se exprimir por meio de diminutas caixas artísticas.

Quando terminei o retrato, pendurei-o no meu quarto onde a sua presença se tornou quase icónica na sua capacidade de me comunicar coisas invisíveis. Nunca foi segredo que eu idealizara o meu pai, que

teria feito tudo para lhe agradar – para ser a menina dos seus olhos (para usar o pior e mais óbvio cliché) – mas o que só consegui entender depois de pintar o retrato foi a tristeza de todas essas tentativas. Nunca compreendera os pequenos e impotentes lugares onde me tinham levado. Mas, mais ainda do que isso, nunca me apercebera inteiramente de que o mesmo tinha acontecido com o Hugh. Durante vinte anos adaptara-me a ele sem qualquer ideia real do que era ser senhora de mim mesma. Decidir por mim, por assim dizer.

Sentia-me como se tivesse descoberto a ervilha do conto de fadas escondida debaixo do colchão, o objecto que agitara o sono da princesa durante todas essas noites, que silenciosamente a deixara coberta de nódoas negras.

Sentava-me de pernas cruzadas na cama a contemplar a pintura e a ouvir as minhas cassetes no Walkman, pensando como o Hugh tinha sido um pai perfeito, não apenas para a Dee mas também para mim. Meu Deus, também para mim.

Não era capaz de imaginar como seria se pusesse fim a isso. Se tentasse relacionar-me com mais do que o seu lado paternal. Se o deixasse ser o Hugh. Simplesmente o Hugh.

No Dia da Mãe, a Dee telefonou. Atendi na cozinha, segurando na mão o telefone de parede, encostada ao frigorífico. Inicialmente, a conversa resumiu-se a desejar-me um bom Dia da Mãe e a falar sobre planos para o Verão. Disse-me que não ia frequentar nenhum curso mas que ia a casa para estar com o pai.

À menção do Hugh, fez-se uma pausa e depois a voz dela explodiu, carregada de fúria e incompreensão.

– Porque é que estás a fazer isto?

– A fazer o quê? – Foi uma pergunta estúpida.

– Sabes muito bem o que eu quero dizer – gritou ela. – Deixaste-o. E nem sequer me disseste. – Ouvi-a chorar, ouvi esses horríveis sons abafados à distância.

– Oh, Dee, sinto muito. – Tornou-se numa dessas canções de roda. Sinto muito, sinto muito, sinto muito.

– Porquê? – perguntou, desesperada. – Porquê?

– Não sei como te explicar.

Mentalmente ouvi o Whit no barco nesse dia, as palavras exactas que ele usou. Nunca consegui fazer-lhes compreender que aquilo de que precisava era estar, de algum modo, sozinho comigo mesmo. De um modo espiritual, quero eu dizer. Tinha chamado a essa solidão uma solidão de ser.

– Experimenta.

Não havia muito que pudesse dizer-lhe. Tomei fôlego.

– Suponho que te vai parecer absurdo, mas a minha vida tinha começado a estagnar, como se estivesse atrofiada. Tudo se reduzia aos papéis que eu desempenhava. Adorei representá-los, Dee, sinceramente, mas estavam a esgotar-se e, no fundo, não tinham nada a ver comigo. Compreendes? Senti que tinha de haver outra vida por baixo da que estava a viver, como um rio subterrâneo ou qualquer coisa assim, e que morria se não a procurasse alcançar.

O silêncio dela depois de eu falar foi um alívio para mim. Dei-xei-me escorregar pelo frigorífico até ficar sentada no chão.

Algures nesse passado, eu perdera a solidão de ser que me dizia quem eu era. Todo o mistério de mim mesma. Tinha sido incapaz de usar a terra nos braços e nas pernas, de mergulhar e subir à tona nas minhas próprias profundezas eróticas.

– Já não amas o papá? – perguntou a Dee.

– Claro que amo. Claro que sim. Como é que podia não o amar? – Não sabia por que razão lhe estava a dizer isto. Em que proporção era apaziguamento e em que proporção era verdade.

Eu e o Hugh tínhamos vivido os nossos dias com as melhores intenções, mas a imaginação fora-se escapando da nossa relação. Tínhamo-nos tornado companheiros excepcionalmente funcionais na actividade de construir uma vida. Mesmo na actividade oculta de ser o que o outro precisava: bom pai, boa filha, menina numa caixa. Todos esses fantasmas que se escondem nas fendas de uma relação.

Sentia que tinha procedido bem ao destruir tudo isso. Mas não ao magoar o Hugh; isso haveria de lamentar para sempre.

– Vais passar aí o Verão todo? – perguntou a Dee.

– Não sei – respondi. – Só sei que... – Não sabia se devia dizê-lo, se ela o queria ouvir.

– Que me amas – disse ela, o que era exactamente o que eu ia dizer.

Apareci no mosteiro em meados de Maio. O calor tinha-se abatido de modo característico – de uma vez, um opressivo toldo de lã, montado da noite para o dia sobre a ilha. Não seria desmontado até Outubro.

Ao aproximar-me do Centro de Atendimento, vi uma dúzia de monges sentados no extenso relvado do pátio da abadia a atar tar-rafas. Estavam dispostos de forma ordeira, como peças de xadrez sobre um grande tabuleiro verde, cada um com um monte de fio de algodão no regaço. Detive-me, momentaneamente transportada à minha infância, a esses dias em que os monges fugiam do calor torturante da Casa das Redes para as brisas que sopravam do pântano.

– O ar condicionado abandonou-os – disse uma voz e eu virei-me, dando com o monge calvo que tinha encontrado na loja de recordações no dia em que comprei o livro do Dominic. Ele franziu a testa para mim por detrás dos seus enormes óculos à Jack Benny. Demorei uns momentos a relembrar o seu nome. Padre Sebastian. O sisudo.

O que mantinha a disciplina no mosteiro.

– Não percebo como aguentam o Verão nessas vestes – repliquei.

– É um sacrifício insignificante que fazemos – disse ele. – Hoje em dia, as pessoas já não querem fazer sacrifícios. – A firmeza do seu olhar, sublinhando a palavra "sacrifícios", transmitiu-me uma sensação estranha e, subitamente, pensei no meu pai.

Virei-me para olhar novamente para os monges na relva.

– Anda à procura do irmão Thomas? – perguntou ele.

Rodei nos calcanhares.

– Não, porque é que havia de andar? – Fiquei atónita com a pergunta e tenho a certeza de que a minha expressão o denunciou.

– Não quer realmente que eu responda a isso, pois não? – retorquiu.

Como é que ele podia saber da minha relação com o Whit? Custava-me a crer que o Whit se tivesse aberto com ele. Com o Dominic talvez, mas não com o Sebastian.

– Não – disse eu, quase num sussurro. – Não quero. – Endireitei os ombros e afastei-me em direcção ao claustro e à igreja da abadia.

O vento tinha dispersado pontas cortadas de fio por todo o lado. Era como se as Parcas se tivessem entregue a uma orgia de tesouradas. Um dos monges andava atrás de um pedaço de fio, e quando estava prestes a alcançá-lo, o vento levava-o de novo. Qualquer coisa na cena encheu-

me de mágoa e nostalgia. Comecei a apanhar as pontas de fio enquanto avançava, todos os pequenos pedaços que encontrava pelo caminho, e a metê-los no bolso. Sentia o Sebastian parado no mesmo sítio a olhar para mim.

Não lhe tinha mentido. Não tinha ido falar com o Whit. Tinha ido porque, por mais que tivesse tentado, não consegui resistir ao mórbido fascínio de ver mais uma vez o trono da sereia à luz do que agora sabia sobre a morte do meu pai. Mas também era verdade que tinha ido na manhã em que sabia que o Whit estaria nos jardins da abadia e não na colónia. Lavara o cabelo. Tinha vestido a camisa verde-mar.

Há quase um mês que não o via, desde a hospitalização da minha mãe. A ausência tinha criado uma estranheza, uma incipiente e gratificante distância entre nós que eu não sabia como confrontar. Muito do tempo que passámos separados tinha sido necessário, ditado pelas circunstâncias. Mas o resto – aliás, muito – não. Não encontrava explicação para a parte de mim que continuava afastada dele.

A igreja estava deserta. Regressei ao deambulatório, detendo-me à entrada da pequena capela. O trono da sereia estava sozinho, a janela de clerestório atrás dele filtrando uma luz ténue e recortada. O meu olhar pousou instantaneamente nas sereias dos braços do trono. Os seus verdes, vermelhos e dourados eram as únicas cores brilhantes na sala.

Ao pintar o meu pai, imaginei o trono como maternal... a Pietá, o imenso colo da morte. Visualizei as sereias como parteiras exóticas de cada lado dele, as suas asas evocando imagens de anjos a levá-lo para o céu e as suas caudas de peixe recordando-me psicopompos no mar nocturno a transportá-lo para a mãe escura do oceano.

Imaginei-as a cantar canções arrepiantes e lamurientas, a chorar – não os seixos falsos das caixas na loja da Kat, mas lágrimas verdadeiras. Tinha pensado que, quando visse fisicamente o trono, sucumbiria ao peso de todas estas visões, mas aquilo que senti foi uma leveza extraordinária.

Sentei-me. Encostando a cabeça ao nó celta, deixei as mãos agarrarem-se ao dorso das sereias. A primeira coisa que me ocorreu foi o tempo que eu passara em criança a espalhar pétalas de rosa pela ilha, como se fossem as cinzas do meu pai, e como as amontoara particularmente aqui, no assento do trono da sereia. Interroguei-me se

seria possível que tivesse reconhecido o resíduo que a sua morte tinha deixado, o ambiente de despedida.

Ali sentada, compreendia muito pouco e, contudo, muito mais do que antes. O meu pai tinha morrido aqui mas, de certo modo, eu também. Quando me sentei no trono semanas antes, cedi ao meu amor pelo Whit, abandonando a minha vida anterior. Nesse momento, começara a definhar.

Pressenti que o Whit entrara na capela ainda antes de o ver. Ele chamou o meu nome.

– Jessie.

Estava com o hábito e a cruz.

Quando avançou na minha direcção, levantei-me. Dentro do meu peito o coração começou a martelar.

– Como está a Nelle? – perguntou.

– Muito melhor. Já saiu do hospital.

O seu rosto estava cansado e eu compreendi de um modo que não sei explicar que possuía dentro dele, tal como eu, uma parte afastada.

– Fico muito satisfeito – disse ele.

– Sim, eu também.

Senti o fosso alargar-se e apercebi-me do tom de desapego nas nossas palavras. Ele parecia estar à espera que eu dissesse alguma coisa.

– O padre Sebastian disse-me que querias falar comigo – disse ele, com uma formalidade inconfundível na voz.

A minha boca abriu-se de surpresa.

– Mas não queria. – Apercebendo-me da ideia que estas palavras podiam transmitir, acrescentei: – Isto é, fico muito contente por te ver mas não disse nada disso ao padre Sebastian.

O Whit franziu a testa.

– Há pouco esbarrei com ele e ele deu-me claramente a entender que sabia da nossa relação. Foi perfeitamente claro. – Senti-me constrangida ao dizer "a nossa relação".

– Infelizmente, o Sebastian tem o mau hábito de ler o meu diário.

– Mas isso é indesculpável.

A luz tremeluziu na sala. Recordei como lhe dançava na cara quando ele dormia. Como me tinha lavado os pés na água da ribeira. Não compreendia o lugar enigmático para onde escoava a nossa intimidade.

– Até agora não tinha a certeza se ele o tinha mesmo lido, sabes? – disse ele. – Só desconfiava.

– Quando o Sebastian estava a falar comigo, tive a impressão de que estava de facto a pedir-me que te deixasse em paz... sem o dizer directamente. Só posso imaginar que te tornou a vida num inferno.

– Seria de pensar que sim, mas a verdade é que desde aí tem sido mais benevolente comigo. Como se quisesse que eu agisse da melhor forma. Disse-me que eu devia perguntar a mim mesmo por que razão vim para aqui, o que significa para mim estar aqui escondido com Deus. Acho que se cansou de esperar que eu descobrisse. – Encolheu os ombros. – O Sebastian é um grande defensor de se encarar as coisas de frente.

Hoje em dia as pessoas já não querem fazer sacrifícios. Acho que os princípios devem encerrar em si o seu próprio fim. Olhando para o Whit, compreendi que o fim tinha estado presente na primeira noite em que nos conhecemos, quando ele permanecera de um lado do muro do mosteiro e eu do outro. Os tijolos robustos.

O Whit sabia-o. Percebi pela maneira como ele enfiara as mãos nas mangas do hábito, pela tristeza enraizada nos seus olhos. Vi que ele já tinha feito o sacrifício.

Ficámos ali a olhar um para o outro. Perguntei-me se me teria apaixonado por ele se ele fosse um vendedor de sapatos de Atlanta. Era um pensamento bizarro mas, por qualquer razão, pareceu-me o pensamento mais sensato da minha vida. Duvidava que sim e isso constituía para mim uma desilusão, no sentido em que matava os últimos vestígios de ilusão. Ter-me apaixonado por ele tivera exclusivamente a ver com o facto de ele ser monge, com a sua lealdade ao que estava enterrado no âmago de si mesmo, com a auto-suficiência da sua solidão, esse desejo de ser transformado. O que eu mais amara nele fora a minha própria vitalidade, a sua capacidade para me restituir a mim mesma.

Parecia cruel e surpreendente compreender que a nossa relação nunca pertencera ao mundo, a uma casa verdadeira onde se lavam peúgas e picam cebolas. Pertencia aos confins sombrios da alma.

Tinha chegado ao irredutível e não havia nada a fazer senão aceitar, aprender a aceitar, deitar-me todas as noites e aceitar.

Fechei os olhos e foi o Hugh quem vi. As suas mãos, os pêlos nos seus dedos, os pensos adesivos nos seus polegares. Como tudo isso era real. Normal. Dolorosamente belo. Queria-o de volta. Não como antes, mas novo, completamente novo. Queria o que se sucedia à morte da paixão: um amor imperfeito de pessoas casadas.

O Whit disse:

– Pensei sinceramente que era capaz de ir até ao fim.

– Eu sei. Eu também.

Não queria que ele dissesse mais nada. Queria que a separação fosse silenciosa e rápida.

O Whit acenou com a cabeça. Um aceno profundo e enfático dirigido a algo que eu não conseguia ver nem ouvir.

– Vou sentir saudades tuas – disse ele.

– Sinto muito. – A minha voz quebrou-se. Senti que tinha sido eu a sedutora. Tinha-me sentado nos escolhos como uma das sirenas de Homero e tinha-o atraído. Apesar de ele estar a pôr fim a tudo tanto como eu, senti-me a verdadeira traidora. Senti que traíra as minhas confissões de amor, a minha promessa de aniversários.

– Não quero que lamente nada – disse ele. – É que eu precisava... – estendeu o braço e tocou-me na face, perto do queixo – precisava de te amar.

Podia querer dizer um milhão de coisas mas o que eu queria acreditar era que a sua dor com a morte da mulher entorpecera o seu coração e ter-se apaixonado por mim ressuscitara-o. Queria acreditar que ele devolveria agora o seu coração ao mosteiro. Continuar a fazer as suas incursões à colónia, a acordar com o som das rãs nos carvalhos vergados da ilha, com o aroma do pão do irmão Timothy, a captar estes pequenos fragmentos de Deus que se iam revelando.

– Então é verdade para os dois. Eu também precisava de te amar. – As palavras saíram com uma tal falta de jeito, uma tal inépcia, que senti que devia continuar a explicar, mas ele sorriu-me e aproximou-se de mim.

– Disse-te que seríamos ao mesmo tempo condenados e salvos – disse ele. – Lembras-te?

Tentei retribuir-lhe o sorriso, mas este apenas pairou nos meus lábios um segundo doloroso e depois evaporou-se. Aproximei-me dele.

Abraçámo-nos sem a mais pequena preocupação de que alguém pudesse entrar. Não chorei, não naquele momento. Apertei-o nos braços e senti a maré refluir da ilha no pântano onde tínhamos feito amor.

Senti um lugar interior abrir-se, o lugar secreto onde o guardaria. E quando ele se afastou e eu fiquei ali sozinha, senti a atracção que devem sentir as garças quando a lua surge na luz crepuscular – esse insuportável desejo de ir para casa.

Dirigi-me para a praia de Boné Yard e sentei-me num pedaço de madeira trazido pelo mar que formava um arco sobre a areia. Contemplei o oceano, vendo os barcos camaroeiros em repouso sobre as ondas grandes e verdes. A maré estava a subir e não a descer, o que me pareceu contraditório e irónico. Parecia que tudo devia estar de partida.

Que devia haver extensões infinitas de vazio.

Tinha perdido os dois.

Há muito tempo, no Piquenique das Raparigas, quando a minha mãe, a Kat e a Hepzibah avançaram pelo mar dentro até à cintura, ficava a observá-las praticamente deste mesmo lugar. Comecei a imaginá-las lá longe, a imaginar as suas gargalhadas enquanto atavam os três fios e os lançavam às ondas. Eu e a Benne desejávamos ir com elas e implorámos que nos levassem.

Não, isto é só para nós. Vocês ficam aí.

Quem teria imaginado no que resultariam os nós que elas tinham dado nessa noite?

Descalcei as sandálias e arregacei as calças o mais que pude. Apesar do calor, o mar ainda estava frio do Inverno. Tive de entrar devagar.

Quando a água me dava pelos joelhos, parei e tirei do bolso as pontas de fio que tinha apanhado da relva no mosteiro. Queria fazer um nó que não acabasse. Mas não com outras pessoas. Comigo.

Toda a minha vida, de formas indefiníveis e indeterminadas, procurei completar-me com alguém – primeiro com o meu pai, depois com o Hugh, até com o Whit, e não desejava mais isso. Desejava pertencer a mim mesma.

Fui atando os fios de algodão, pensando, enquanto os apanhava, se alguma parte de mim sabia o que devia ser feito.

Permaneci imóvel, com as ondas a bater-me nas coxas, alongando-se ao fluírem em direcção à praia.

Jessie. Aceito-te, Jessie...

O vento soprava de lado, passando junto aos meus ouvidos, e eu senti a solidão que transportava.

Nos bons e nos maus momentos.

As palavras elevaram-se-me do peito e formularam-se na minha mente.

Para amar e respeitar.

Peguei no fio mais comprido e atei um nó no centro. Contemplei-o por um minuto e depois lancei-o ao oceano aproximadamente à uma hora da tarde do dia 17 de Maio de 1988, e desde então, todos os dias da minha vida, retorno a esse momento insolúvel, com veneração e reverência, como se ele possuísse a importância e a formalidade do matrimónio.

CAPÍTULO 35

No último sábado de Maio, encontrei-me no cais do ferry com a minha mãe, a Kat, a Hepzibah e a Benne, todas alinhadas, junto ao corrimão, a contemplar o mar picado pelo vento na baía. Havia íbis brancos por todo o lado. Observámo-los a voar em círculos sobre a baía.

A minha mala estava junto à prancha de embarque. A Kat tinha aparecido com um cesto de flox púrpura, jasmim da Carolina e flores de oleandro rosa que tencionava lançar quando o ferry se afastasse, como se fosse o Queen Mary. Serviu limonada de uma garrafa-termos em pequenos copos de papel e distribuiu bolachas benne. Tinha decidido que seria uma festa de despedida.

Estando com pouco apetite, dei quase todas as bolachas ao Max.

– Onde vais viver agora? – perguntou a Benne.

Pensei na minha casa enorme e ventosa, no torreão e nos vitrais sobre as portas, no meu atelier nas águas-furtadas. Em casa, quis dizer-lhe, vou viver em casa, mas não tinha a certeza de poder agora reclamá-la.

– Não sei – respondi.

– Podes sempre viver aqui – disse a minha mãe.

Olhei para as bóias de um laranja descolorido na água, a marcar as nassas de caranguejos, e senti o nó torcido, no fundo da minha alma, que me prendia a ela, a este lugar. Por um momento, quase acreditei que podia ficar.

– Eu volto – declarei, rompendo abruptamente a chorar e despoletando uma reacção em cadeia: a Hepzibah, depois a Benne, a minha mãe e finalmente a Kat.

– Vejam só, não tem piada? – disse a Kat, distribuindo guardanapos de papel. – Sempre disse que não há nada como um regimento de mulheres a chorar baba e ranho para animar uma festa.

Aproveitando a oportunidade, desatámos a rir.

Fui a última a entrar no ferry. Fiquei na amurada, como a Kat instruía, para poder assistir ao lançamento das flores. Sucedeu-se uma chuva de oleandro, jasmim e flox durante trinta segundos mas eu recolhi e encerrei muito cuidadosamente a imagem na memória. Ainda consigo fechar os olhos e ver as flores aterrar na água como pequenos verdelhões.

Fiquei ali a observar depois de o cais desaparecer de vista e sabia que, por essa altura, já todas tinham entrado para o carro de golfe da Kat. À medida que a ilha se desvanecia na distância, registei e guardei tudo – a extensão brilhante de água, o opressivo aroma do pântano, o vento a elevar-se em cânticos através da baía – e procurei não pensar no que me esperava.

O Hugh estava a dormir na sua cadeira de couro no escritório, com peúgas pretas coçadas nos calcanhares, um livro aberto sobre o peito – The Portable Jung. Esquecera-se de fechar as cortinas e nas janelas escuras atrás dele fulgurava a luz eléctrica.

Permaneci imóvel, surpreendida com a visão dele, sentindo uma espécie de palpitação no estômago.

O meu voo de Charleston para Atlanta atrasara-se graças a uma tempestade e era tarde, quase meia-noite. Eu não tinha anunciado a minha chegada. Em parte, foi medo puro e cobarde mas também foi a esperança de poder apanhá-lo desprevenido e de, nesses breves instantes, ele esquecer o que eu tinha feito e de o seu coração se encher de tanto amor que dissolvesse todas as razões válidas para me mandar embora. Foi essa a minha esperança tonta e impensada.

Entrei com a chave que mantínhamos escondida debaixo da laje nas traseiras da casa e deixei a mala no vestíbulo ao lado da porta de entrada. Reparando na luz proveniente do escritório, pensei simplesmente que o Hugh se esquecera de a apagar antes de ir para a cama. E ali estava ele.

Durante longos instantes, fiquei ali a ouvir o sopro que ele emitia a dormir – cadenciado, sonoro, carregado da passagem dos anos.

O seu braço estava caído do lado da cadeira. A pequena pulseira que a Dee lhe tinha dado continuava no pulso. Lá fora, ouvia-se trovoadas à distância.

Hugh.

Veio-me à memória uma ocasião, há muito tempo, no ano anterior ao nascimento da Dee. Fomos fazer uma caminhada no Parque Nacional de Pisgah, nas montanhas de Blue Ridge. A certa altura chegámos a uma queda de água. Despenhava-se de uma saliência rochosa, a uma altura de seis ou oito metros, e nós parámos por um momento a observar a água a cair, a forma como cintilava e captava a luz do sol, expelindo centenas de arco-íris minúsculos e iridescentes como um enxame de libélulas.

Despimo-nos, atirámos a roupa para cima de pedras e fetos. Estava quente, no pino de Agosto, e a água ainda conservava a memória da neve. De mãos dadas, avançámos com cuidado sobre pedras musgosas até ficarmos por baixo da saliência rochosa com a água a despenhar-se à nossa frente. A cascata assemelhava-se a uma grande chuvada, o som ensurdecidor. O Hugh prendeu-me o cabelo molhado atrás das orelhas e beijou-me os ombros e os seios. Fizemos amor contra a face do penhasco. Durante semanas senti a vibração da água a bater contra a terra dentro do meu corpo.

Vendo-o agora a dormir, senti vontade de arrastá-lo de novo para esse recanto na falésia. Ter-me-ia contentado em arrastá-lo simplesmente para o recanto normal que tínhamos construído com pequenas ferramentas domésticas durante todos esses anos, mas não sabia como regressar a qualquer um desses lugares. Como transformá-los no mesmo lugar.

Sentia-me espantada com as escolhas que se era obrigado a fazer constantemente, um milhão de vezes por dia – escolher o amor, voltar a

escolhê-lo, como amar e estar apaixonado podiam ser tão diferentes.

Deixando a cabeça descair para o lado, ele mudou de posição. Por vezes penso que foi o meu mergulho no passado que o acordou, que a queda de água transbordou da minha mente e o levou a abrir os olhos.

Olhou para mim ensonado e confuso.

– Estás aqui – disse. Não a mim, compreendi, mas a si mesmo.

Sorri-lhe mas não disse nada, incapaz de produzir qualquer som.

Ele levantou-se. Endireitou os ombros. Acho que não sabia o que sentir, como não sabia o que dizer. Em pé, de peúgas, olhou-me fixamente com uma expressão reservada e inescrutável no rosto. Um carro passou na rua, o motor a acelerar e depois o seu ruído a diminuir.

Quando falou, o seu tom era defensivo e ferido.

– O que estás aqui a fazer?

Agora penso nas dez mil coisas que lhe podia ter dito, se teria feito qualquer diferença ter caído de joelhos e desfiado o rosário de todas as minhas transgressões.

– Trouxe-te... uma coisa – respondi e, levantando a mão como que a indicar-lhe que esperasse, fui buscar o meu porta-moedas ao vestíbulo. Vinha a remexer dentro dele quando voltei. Abrindo o bolso das moedas, tirei a aliança dele. – Deixaste isto na ilha de Egret – disse eu, estendendo-lhe o anel, segurando-o entre o polegar e o indicador da mão direita, levantando a mão esquerda para ele ver que eu também trazia a minha aliança. – Oh, Hugh, quero voltar para casa – disse eu. – Quero estar aqui, contigo.

Ele não se mexeu, não pegou na aliança.

– Sinto muito – disse eu. – Sinto muito por te ter magoado.

Ele continuou imóvel e eu comecei a sentir que estava a estender a aliança por cima de um abismo, que se a largasse ela cairia pela Terra dentro. Mas não podia retirar a mão. Estava a ser sustentada por essa misteriosa qualidade que se manifesta nos gatos quando trepam ao cimo de uma árvore, atingem a ponta do ramo e depois, apercebendo-se com horror do lugar onde estão, se recusam simplesmente a descer. Continuei a estender o anel na direcção dele. Pega nele, por favor, pega nele – esperando com tanta força que a marca do anel me ficou gravada nos dedos.

Ele deu um passo atrás antes de se virar e sair da sala.

Depois de ele se ir embora, pousei a aliança na mesa ao lado da cadeira dele. Coloquei-a debaixo do candeeiro que não fui capaz de apagar.

Dormi no quarto de hóspedes ou, para ser mais exacta, fiquei acordada no quarto de hóspedes. Como expiação, obriguei-me a vê-lo nesse momento em que ele se virou para sair, o seu perfil contra as janelas brilhantes. A intransigência que sentia para comigo manifestara-se no seu rosto, crispando-lhe as feições.

O perdão era muito mais penoso do que o remorso. Não conseguia imaginar a terrível capitulação que seria necessária.

Choveu durante quase toda a noite, a água caindo em grandes bátegas negras e abanando as árvores. Vi a alvorada insinuar-se através das janelas, antes de finalmente adormecer, e acordei pouco depois com o aroma de salsichas e ovos, o odor irresistível do Hugh a cozinhar.

Há coisas que não têm explicação, momentos em que a vida se ordena de formas tão estranhas que conseguimos imaginar todo um vocabulário de sentido dentro delas.

O aroma do pequeno-almoço atingiu-me desse modo.

Tinha sido aí que o nosso casamento se suspendera, nesse dia de Fevereiro – 17 de Fevereiro, Quarta-Feira de Cinzas, o dia das cinzas e dos finais. O Hugh tinha feito o pequeno-almoço, salsichas e ovos. Foi a última coisa antes de eu partir. A bênção.

Desci ao andar de baixo. O Hugh estava diante do fogão, segurando numa espátula. A frigideira crepitava furiosamente. Ele tinha posto dois pratos no balcão do pequeno-almoço.

– Estás com fome? – perguntou.

Não estava mas, conhecendo a sua fé persistente no poder destes pequenos-almoços, indiquei que sim e sorri-lhe, pressentindo o tremor de um novo e silencioso ritmo a querer afirmar-se.

Sentei-me na cadeira ao balcão. Ele serviu-me metade de uma omeleta de legumes para o prato, salsichas e um muffin com manteiga.

– Aí tens – disse.

Fez uma pausa e eu senti-o atrás de mim, a sua respiração entrecortada. Olhei para o prato, com vontade de me virar para trás para olhar para ele mas receosa de estragar tudo o que estava para acontecer.

O momento pareceu ficar suspenso no ar, a girar, deliberado, como um pedaço de vidro erguido contra o sol e rodado lentamente para refractar a luz.

Subitamente ele pousou-me a mão no braço. Permaneci imóvel enquanto ela deslizava lentamente até ao meu ombro e voltava a descer.

– Tive saudades tuas – disse ele, inclinando-se junto do meu ouvido.

Agarrei-lhe na mão quase com ferocidade, puxando-lhe os dedos para a minha cara, tocando-os com os lábios. Um momento depois, ele afastou-os suavemente e pôs a outra metade da omeleta no seu prato.

Sentados na nossa cozinha, comemos. Pelas janelas, vi o mundo alagado, as árvores, a relva e os arbustos, tudo coberto com uma camada prateada de gotas da chuva.

Não haveria nenhuma grande absolvição, apenas um perdão oferecido aos poucos, um gole precioso de cada vez, que brotaria do coração do Hugh e que ele me daria a beber. E seria suficiente.

EPÍLOGO

Quando oferry encosta ao cais na ilha de Egret, o capitão toca a buzina pela segunda vez e eu saio até à amurada. Recordo as flores arremessadas para a água quando o barco se afastou em Maio passado. A triste festazinha de despedida. Parece agora um fragmento de história que começa a desfazer-se em pó e, ao mesmo tempo, dá-me a sensação de que acabei de sair daqui. De que as pétalas ainda estão a flutuar na água.

Estamos em Fevereiro. Os tons dourados dos pântanos inundam toda a ilha. A cor insinua-se em mim como o calor e a luz do sol. A ilha será sempre o ponto fixo do mundo migratório.

No cais, o Max está a ladrar. Penso nas sereias suspensas do tecto da loja da Kat, nas garças a voar sobre o canal de Caw Caw, nas roseiras despidas no jardim do mosteiro. Imagino o trono da sereia sozinho na capela. Toda a ilha vem ao meu encontro e eu experimento um momento em que honestamente não sei se sou capaz de desembarcar.

Fico ali e deixo-o passar, sabendo que vai passar. Tudo passa.

Quando disse ao Hugh que precisava de visitar a minha mãe, de estar aqui na Quarta-Feira de Cinzas, ele respondeu: – Claro. – Um momento depois, acrescentou: – É só a tua mãe que vais visitar?

Não com muita frequência, mas de tempos a tempos a mágoa e a desconfiança toldam-lhe a expressão. O seu rosto fecha-se. E ele desaparece. Mental e fisicamente continua ali, claro, mas o seu coração – o seu espírito, até – viaja até aos confins mais longínquos do nosso casamento e deixa-se ficar. Um ou dois dias mais tarde, regressa.

Vou dar com ele a preparar o pequeno-almoço, a assobiar e a oferecer mais um pouquinho de perdão.

Todos os dias trilhamos passo a passo terreno desconhecido. Eu e o Hugh não reatámos o nosso casamento tal como ele era antes – nunca tinha sido esse o meu desejo, nem o desejo do Hugh; pusemo-lo de parte e começámos um novo. O nosso amor não é o mesmo. Tenho a sensação de que é simultaneamente velho e novo. Parece mais sensato, como uma mulher de idade é mais sensata ao fim de uma longa vida, mas também fresco e tenro, algo que temos de acarinhar e proteger. Em certos aspectos tornámo-nos mais próximos, a dor por que passámos tecendo nós resistentes de intimidade, mas existe também um afastamento, a distância necessária.

Ainda não lhe falei do nó que atei no meu fio naquele dia no mar. Prefiro falar-lhe das sereias. Elas pertencem a si mesmas, disse-lhe uma vez, e ele franziu a testa desse seu modo característico quando pondera alguma coisa da qual não está seguro. Por vezes sei que tem medo do afastamento, da minha independência, desta nova e inabalável lealdade que tenho agora para comigo mesma, mas estou convencida de que há-de acabar por amar esta minha faceta, tal como eu a amo.

Digo-lhe, a sorrir, que foram as sereias que me trouxeram para casa. Refiro-me à água, à lama e ao impulso das marés no meu próprio corpo. A ilha solitária há muito submersa dentro de mim que eu precisava desesperadamente de encontrar. Mas também tento explicar que me trouxeram para casa para ele. Não tenho a certeza de que compreenda, tal como eu não compreendo como pertencer a mim mesma me permite pertencer-lhe mais verdadeiramente. Sei simplesmente que é assim.

– Não, não tenciono vê-lo – disse eu ao Hugh nesse dia. – Podes vir comigo se quiseres. Vamos os dois.

– Não há problemas. Deves ir sozinha – respondeu. – Precisas de voltar e enfrentar a ilha e resolver isso de vez.

Agora, ao pousar os pés na ilha, sinto que estou a preparar-me, sinto a minha necessidade de juntar tudo para poder finalmente abrir mão.

A casa da minha mãe foi pintada de fresco de azul-cobalto. Está resplandecente quando chego, conduzida pela Kat no carro de golfe. Ela cola-se à buzina no pátio da frente e elas aparecem todas no alpendre. A minha mãe, a Hepzibah e a Benne.

Lá dentro, sentada na cadeira da cozinha, olho para elas e vejo como tudo perdura mas como muda igualmente.

A minha mãe conta-me que a Kat a acompanha todos os meses na travessia da baía para ir ao médico, que agora está a tomar muito menos medicamentos. O seu dedo continua no frasco de álcool no toucador. Em Agosto passado, retomou a sua paixão de dar de comer aos monges, trocando a Júlia Child pelo James Beard.

– Os monges têm saudades dos pratos da Júlia – diz-me ela. – Mas hão-de habituar-se.

Quando pergunto à Hepzibah como vai a Grande Visita Guiada Gullah, ela empertiga-se, com o seu vestido estampado africano, e informa-me que figura actualmente em todas as revistas turísticas de Charleston e que, quando chegar o Verão, é muito possível que tenha de a fazer todos os dias.

Quem mais me surpreende é a Kat. Escreveu o seu próprio livrinho para vender juntamente com o do Dominic na Mermaid's Tale. Chama-se O Cão da Ilha, é a lendária história do Max a esperar diariamente o ferry com infalível precisão. Abanando a cabeça de tal forma que o precário penteado se desfaz, anuncia que na próxima semana ela e o Max vão aparecer na televisão, no noticiário.

A Benne acrescenta que o Max está entusiasmado e nada nervoso.

Querem falar das minhas pinturas e eu deixo. Já não me sinto acanhada nessa matéria. A Kat fala com entusiasmo da minha exposição "Mulheres Mergulhadoras" na galeria Phoebe Pember, em Charleston, em Outubro passado. É a ela que a devo. Foi ela que embalou as pinturas todas que eu tinha deixado ficar e as levou à dona da galeria.

– Eu sabia que ela ia querê-las – declarou.

Eu não tinha aparecido na vernissage... ainda não estava preparada para voltar... mas as Egreteiras tinham ido em minha representação. Estou agora a trabalhar numa série de paisagens da ilha. Mas, de tempos a tempos, interrompo e pinto uma das minhas pitorescas sereias para a Kat, só para lhe dar prazer. A última foi uma sereia verdadeira a trabalhar como empregada de balcão na loja da Kat. Está atrás do balcão a vender bugigangas de sereias aos turistas com uma T-shirt que diz "THE MERMAID'S TALE".

Quando a minha mãe pergunta pela Dee, não sei bem o que dizer. A verdade é que a Dee ficou abalada com o que aconteceu entre mim e o Hugh. Houve um breve período no fim do Verão passado em que ela falou em abandonar a escola, em parar um semestre. Acho que só queria estar ao pé de nós, proteger-nos de algum modo, como se tivesse alguma responsabilidade pelo que tinha sucedido. Tivemos de sentá-la à força e de lhe dizer que íamos ficar bem, melhor do que bem, que os nossos problemas não tinham tido nada a ver com ela mas unicamente connosco. Ela acabara por voltar para Vanderbilt, mais séria e mais adulta. Apesar disso, telefonou antes de eu partir a dizer que estava a escrever a canção de aniversário do Hugh: "Se Os Divãs Falassem".

O que digo à minha mãe é que a Dee trocou Inglês por Medicina, que decidiu ser psiquiatra como o pai. A minha mãe quer saber se a decisão da Dee tem alguma coisa a ver com o que ela fez aos dedos.

– Não – respondo. – Acho que tem mais a ver com o que eu fiz. – Rio-me, mas há um fundo de verdade nisso.

Ficamos as cinco a conversar toda a tarde. Até o céu escurecer e os palmitos desenharem sombras na janela.

Quando estão de saída, a Kat chama-me à parte, a um sítio privado no pátio ao lado da Virgem da banheira. Entrega-me um saco de lona castanho-claro que eu instantaneamente reconheço. E o que o Whit transportava no barco, nas suas rondas pela colónia.

– O Dominic levou-o à loja há duas semanas – diz ela. – Pediu-me para to entregar.

Não o abro então mas espero até a minha mãe adormecer e me encontrar sozinha no meu quarto.

Tiro tudo para fora e espalho os objectos sobre a cama. Quatro cascas de maçã castanhas e secas metidas num saco plástico. Uma caixa

amassada de Lágrimas de Sereia.

Penas de garça-branca. A caveira de tartaruga. O cachimbo do meu pai.

Todos os objectos que eu tinha deixado na nassa de caranguejos no eremitério do Whit estão aqui. Durante o último ano, não passou uma semana em que eu não pensasse neles, desejando ter conseguido voltar para os reaver.

A carta do Whit está no fundo do saco.

Querida Jessie,

Devolvo-te as tuas coisas. Guardei-as em minha casa durante todo este tempo, com a intenção de as entregar pessoalmente quando voltasses à ilha. Não queria invadir a tua vida em Atlanta enviando-as pelo correio. Pensei que, quando te sentisses preparada, voltarias para as buscar.

Contudo, não estou aqui para tas dar em pessoa. Vou abandonar o mosteiro no dia 1 de Fevereiro. Professei os votos solenes em Agosto mas, por irónico que pareça, no Natal decidi que afinal não ia ficar.

Quero regressar ao mundo. Compreendo agora que uma grande parte de mim não está aqui escondida com Deus mas a esconder-se. Decidi voltar a correr o risco da vida.

Vim para aqui no desejo de Deus mas, para ser honesto, procurava também uma espécie de imunidade à vida. Ela não existe.

E, claro, é possível que eu descubra que Deus também está lá fora. O Dominic recordou-me que "Deus é aquele cujo centro está em toda aparte e cuja circunferência não está em nenhuma." Vou ver se ele tem razão.

Inicialmente, custou-me muito voltar ao eremitério, relembrar-te lá, compreender que apenas te conheceria como uma recordação ou uma saudade. Mas finalmente sou capaz de lembrar o tempo que passámos juntos sem lamentações. Transportaste-me a um plano mais profundo da vida – como poderia lamentar isso?

Desejo que estejas bem. Peço-te que sejas feliz.

O teu Whit

Sentada na casa azul da minha mãe, choro com a cara nas mãos. Quando acabo de chorar, encerro esse longo ano da minha vida, sabendo

que ficará comigo como a caveira de tartaruga desgastada pelo mar, branca e brilhante.

A última coisa que o Hugh me disse quando parti foi:

– Desta vez voltas, não voltas? – Estava a sorrir, a brincar comigo, querendo aliviar a tensão que ambos sentíamos com o meu regresso à ilha.

Olho na direcção da janela. Quero dizer-lhe: Sim, volto, Hugh. Quando morrer, será a tua cara que vejo a pairar sobre mim, quer em carne e osso, quer na minha memória.

Não sabes? Quem eu quero és tu. O que eu quero é a permanência. A maravilhosa permanência.

NOTA DA AUTORA

A Ilha das Garças é uma obra de ficção. A história, os personagens e o cenário são puramente fruto da minha imaginação.

Imaginei a ilha de Egret como parte desse maravilhoso colar de ilhas-barreira ao longo da costa da Carolina do Sul, mas a ilha não figura em nenhum mapa. Não é um lugar real. E, no entanto, semelhante a ilhas existentes na Carolina do Sul, no que toca à praia, à floresta marítima, aos pântanos de maré, aos estuários, aos canais, às aves e aos animais. Recorri a inúmeros guias sobre história natural e natureza; Tideland Treasure de Todd Ballantine foi especialmente útil. Todas as plantas, árvores e flora mencionadas no livro são reais, embora tenha tomado a liberdade de inventar uma planta fictícia que em retrospectiva serão capazes de identificar.

Explorei numerosas ilhas-barreira na Carolina do Sul mas foi a ilha de Buli – um lugar desabitado e virgem – que esteve frequentemente no meu subconsciente enquanto escrevia. Não só localizei a ilha de Egret geograficamente no ponto em que a ilha de Buli se situa na costa da Carolina do Sul mas usei igualmente o nome da magnífica praia da ilha de Buli: Boné Yard.

Santa Eudoria não é uma santa real da igreja católica, tanto quanto sei, embora eu tenha baseado a sua história em relatos de santos que mutilaram os seus corpos na busca da santidade.

A lenda de Sedna é um conto nativo americano genuíno do povo esquimó, que tem algumas variantes. Ao narrar a história no romance, procurei ser fiel à fonte.

O mosteiro de Santa Senara não existe. Ao escrever sobre ele, recorri a uma lista de obras demasiado longa para enumerar, bem como aos meus anos de estudo sobre a espiritualidade contemplativa e a vida monástica.

A cultura Gullah, a que o romance faz referência, é um legado distinto pertencente aos descendentes afro-americanos de escravos que se radicaram ao longo da costa sudeste. A cultura compreende costumes, gastronomia, arte e língua próprios, alguns dos quais surgem na obra. As frases Gullah que usei fazem parte da língua Gullah ainda falada em

partes da Carolina do Sul. Devo muito ao esplêndido livro *Gullah Cultural Legacies* de Emory S. Campbell.

Este romance teve início num dia de Verão de 2001 quando a minha amiga Cheri Tyree mencionou ter visto um "trono de sereias" numa visita a Inglaterra. Estou-lhe profundamente reconhecida por este comentário fortuito que me levou ao trono que se encontra na igreja de St. Senara, na antiga aldeia de Zennor, na bela e mágica terra da Cornualha. O trono é feito com duas extremidades de um banco do século XV, uma das quais exhibe uma misteriosa sereia lavrada. A talha está associada à imaginária Sereia de Zennor que se apaixonou por um dos coristas da igreja e o atraiu subsequentemente para o mar.

É escassa a informação histórica disponível sobre Santa Senara, a santa que deu o nome à igreja cômica, mas fiquei intrigada com uma lenda que sugere que, antes da sua conversão, Senara era uma princesa celta chamada Asenora.

Armada com estes dois apetitosos fragmentos de inspiração – o trono da sereia histórico e a lenda de Senara e Asenora – comecei a urdir a minha história. Criei um trono da sereia completamente diferente para o romance – diferente em aspecto, em história e na mitologia que o rodeia – embora tenha usado alguns fragmentos do mito da Sereia de Zennor. Estou grata à igreja de St. Senara na Cornualha pois, sem o seu famoso trono, este romance nunca poderia ter sido escrito.

Finalmente, gostaria de manifestar o meu reconhecimento para com dois livros que se tornaram meus companheiros à medida que me fui imergindo no simbolismo, na mitologia, na arte e na história das sereias: *Sirens* de Meri Lao e *Mermaids*, compilado por Eliza-beth Ratisseau.

FIM

SOBRE A AUTORA:

Sue Monk Kidd é uma aclamada romancista e autora de biografias, contando já com vários prémios literários no seu currículo. Dois contos seus foram seleccionados para a colectânea Best American Short Stories. O seu romance de estreia, A Vida Secreta das Abelhas, já publicado pela ASA, foi nomeado para o prestigiado Orange Prize em 2002, bem como para o IMPAC Dublin Literary Award em 2004, tendo vencido também vários prémios nos EUA e vendido 4 milhões de exemplares em todo o mundo.

A Ilha das Garças, o seu segundo romance, foi galardoado em 2005 com o Quill Award para Ficção e nomeado para o IMPAC Dublin Literary Award em 2006.